

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio
Cultural



Dissertação

Visões do Urbano:

a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS

Vanessa da Silva Devantier

Pelotas, 2013

VANESSA DA SILVA DEVANTIER

Visões do Urbano: a Rua XV de Novembro, Pelotas/RS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos

Pelotas, 2013

Banca Examinadora

.....
Prof. Dr. Carlos Alberto Ávila Santos – Orientador

.....
Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira – PPGMP/UFPeI

.....
Profa. Dra. Larissa Patron Chaves – PPGH/UFPeI

*Dedico aos cronistas que se voltaram
para a paisagem da Rua XV e a
compartilharam nas páginas impressas
dos jornais pelotenses.*

Agradecimentos

À minha família, pelo apoio, carinho e incentivo, sempre.

À CAPES, pela bolsa de mestrado, que possibilitou a pesquisa deste trabalho. Igualmente a CAPES pela valiosa oportunidade de estudos em Buenos Aires, entre agosto a outubro de 2012. Ao professor Rodolfo Bertoncello pela atenção e disponibilidade na pesquisa desenvolvida em Buenos Aires.

Ao meu orientador, professor Beto Santos, e aos professores do PPGMP, em especial à Leticia Ferreira, por ensinar, incentivar e apoiar, à Francisca Michelin e Sidney Vieira, pelas importantes contribuições feitas na etapa de qualificação. À Nanci Ribeiro, pela atenção e disponibilidade.

Aos colegas de mestrado, em especial à Amanda, Cibele, Cristiano, Luisa, Magda, Rafaela e Sirlei, pelo convívio enriquecedor.

Ao professor Daniel Botelho, coordenador do Laboratório de Acervo Digital da UCPel, pela disponibilização de pesquisa.

À Vivi, pela atenção e pelas conversas no período de pesquisa na Bibliotheca Pública Pelotense, e à Juliana, Marina (e a Dudinha) e Luisa, amigas a toda prova.

Um agradecimento especial ao pesquisador Néelson Nobre (*in memoriam*), pelas conversas que me aproximaram do tema de pesquisa. Do seu quiosque na Rua XV, ao som de sambas antigos, dava o tom às muitas histórias e memórias de Pelotas – e, em especial, à Rua.

Obrigada.

“Era esta uma das artérias principais da cidade e regurgitava de gente durante o dia todo. Mas, ao aproximar-se o anoitecer, a multidão aumentou, e quando as lâmpadas se acenderam, duas densas e contínuas ondas de passantes desfilavam pela porta. Naquele momento particular do entardecer, eu nunca me encontrara em situação similar e, por isso, o mar tumultuoso de cabeças humanas enchia-me de uma emoção deliciosamente inédita. Desisti finalmente de prestar atenção ao que se passava dentro do hotel e absorvi-me na contemplação da cena exterior”.

Edgar Allan Poe

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo o estudo de uma referência cultural da cidade de Pelotas/RS, a Rua XV de Novembro, em seu trecho central, da Praça Coronel Pedro Osório até a Rua Voluntários da Pátria, através da imprensa periódica local, expressa pelos jornais *A Opinião Pública* e *Diário Popular*, entre os anos de 1920 a 1950. Na época enfocada, esse trecho da via era visto como o principal espaço de comércio, cultura e lazer da cidade de Pelotas/RS. Três pontos foram destacados: o comércio, os passeios e o carnaval, elementos que caracterizam este espaço urbano como um referencial na história e na cultura pelotense. A partir dos periódicos, colunas, notas, crônicas e fotografias são entendidas como visões do urbano, partes consideráveis dos jornais dedicadas à cidade em seu cotidiano, seus problemas e suas transformações. Como via central de Pelotas pelo menos até a primeira metade do século XX, a Rua XV se destacou como enfoque importante para estes diferentes olhares, entendida como a vitrine de uma urbe que se pretendia moderna, culta e progressista.

Palavras-chave: Patrimônio e Memória; Cidade e Imprensa; Rua XV de Novembro.

Abstract

This work aims to study a cultural reference of Pelotas/RS, the 15th of November Street, in their central stretch, Coronel Pedro Osório Square to the Voluntários da Pátria Street, through periodic press, expressed in the newspapers *A Opinião Pública* and *Diário Popular* between the years 1920 to 1950. At the time focused, this stretch of the route was seen as the main area of commerce, culture and leisure in the city of Pelotas/RS. Three points were highlighted: trade, rides and carnival, elements that characterize this urban space as a benchmark of their history and culture. From the journals, columns, notes, chronicles and photographs are understood as visions of urban, considerable parts of newspapers dedicated to the city in their daily lives, their problems and their transformations. As central street of Pelotas at least until the first half of the twentieth century, the 15th of November Street stood out as important focus for these different looks, understood as the window of a city that was intended modern, cultured and progressive.

Key-words: Heritage and Memory; City and Press; The 15th of November Street.

Lista de Figuras

Figura 1. Mapa da cidade de Pelotas, com o primeiro e o segundo loteamentos. Em destaque (modificado pela autora), a Rua XV de Novembro. Ao centro, identificada pela letra “M”, a atual Praça Cel. Pedro Osório.....	31
Figura 2. Postal exibindo os bondes circulando sobre a linha da Rua XV, inaugurada em janeiro de 1916, pela praça central (pictorializado).....	35
Figura 3. A primeira fila vista pelo repórter em Pelotas [legenda original].....	45
Figura 4. Cortejo fúnebre do Cel. Pedro Osório, pela Rua XV (1931).....	50
Figura 5. Altar da Pátria, em frente à Bibliotheca Pública Pelotense (1938).....	50
Figura 6. Um “combustor-trambolho” no passeio da Rua XV.....	57
Figura 7. Montagem com três fotografias, denunciando empecilhos nos passeios da Rua XV.....	57
Figura 8. Flagrantes das duas primeiras sinaleiras de trânsito automáticas, no centro de Pelotas.....	59
Figura 9. O delegado de polícia Miranda Meira sendo entrevistado pelo repórter do Diário Popular.....	60
Figura 10. Aglomeração típica na esquina das ruas XV e Sete de Setembro.....	60
Figura 11. Fachada da casa Moda Elegante, ricamente adornada.....	69
Figura 12. Sala de vendas da casa Moda Elegante.....	69
Figura 13. Publicidade da casa A Jaguareense, veiculada na revista <i>Ilustração Pelotense</i> (1925).....	71
Figura 14. Publicidade da Casa Clark, veiculada na revista <i>Ilustração Pelotense</i> (1923).....	71
Figura 15. Publicidade do Hotel Aliança.....	72
Figura 16. Anúncio da chegada de discos em A Miscellanea.....	72
Figura 17. Postal exibindo a fachada da Casa Philatelica.....	75
Figura 18. Publicidade da casa A Miscellanea.....	75
Figura 19. Publicidade da Confeitaria Gaspar.....	77
Figura 20. Fachada da Confeitaria Gaspar.....	77
Figura 21. Fachada da Confeitaria Nogueira, recebendo uma frente de ferro (sem data).....	78
Figura 22. Seção da lancheria da Confeitaria Nogueira (sem data).....	78
Figura 23. Prédio da Livraria Universal, na esquina das ruas XV e Sete.....	79

Figura 24. Demonstração do Linguafone (aparelho para aprendizado de língua estrangeira) na Livraria do Globo.....	79
Figura 25. Publicidade da Chapelaria Caringi, anteriormente denominada Chapelaria Universal	80
Figura 26. Publicidade da Casa Coufal, veiculada na revista <i>Ilustração Pelotense</i> (1919).....	80
Figura 27. Publicidade da Casa Hercílio.....	81
Figura 28. Publicidade do Bazar Moderno.....	81
Figura 29. Publicidade da casa Levy Franck & Cia.....	81
Figura 30. Publicidade da Casa Levy Franck & Cia.....	81
Figura 31. Fachada do instituto de beleza Casa Borges.....	83
Figura 32. Vista do interior do instituto de beleza Casa Borges.....	83
Figura 33. Anúncio de novas instalações da Alfaiataria Palombo, de Romeu Palombo, exibindo sua fachada.....	84
Figura 34. Publicidade da Alfaiataria Americana, de Rocco Felipe.....	84
Figura 35. Publicidade da Casa Feliz.....	87
Figura 36. Publicidade da cigarraria A Melindrosa, sugerindo sua clientela: eminentemente masculina.....	87
Figura 37. Flagrante da inauguração da sucursal do Café Nacional, no andar térreo do Palácio do Comércio.....	89
Figura 38. Fachada do Café Carpena, antiga sede da Livraria Universal.....	89
Figura 39. Flagrante da construção da sede do Café Lamego, feita pela Sociedade de Construções Gerais Ltda.....	91
Figura 40. Fotografia da fachada do Café Lamego.....	91
Figura 41. Interior da casa de chá Tropical, em sua inauguração.....	93
Figura 42. Anúncio da apresentação de Edú da Gaita, na <i>boite</i> Tropical.....	93
Figura 43. Carro alegórico do C.C. Brilhante, carnaval de 1920.....	97
Figura 44. Carro alegórico do C.C. Diamantinos, carnaval de 1920.....	97
Figura 45. Carro da rainha Iara Vargas, exibido pelo C.C. Fantoques, no carnaval de 1937.....	102
Figura 46. Carro da Rainha Iara Vargas, do C.C. Fantoques, acompanhado pelos foliões, 1937.....	102

Figura 47. Duas fotografias do Concurso de Cordões Carnavalescos, promovido pelo Diário Popular.....	103
Figura 48. Visita do bloco Boi Varzeano à redação do Diário Popular.....	104
Figura 49. Visita do bloco do Tigre à redação do Diário Popular.....	104
Figura 50. Desfile do Bloco do Camelo, carnaval de 1942.....	105
Figura 51. Desfile do Bloco do Camelo, carnaval de 1942.....	105
Figura 52. Bloco dos Acanhados, carnaval da Rua XV nos anos 1940.....	105
Figura 53. Bloco dos Acanhados, carnaval da Rua XV nos anos 1940.....	105
Figura 54. Carnaval apresentado pela E.S. Academia do Samba, em 1954.....	108
Figura 55. No <i>Footing</i> . Maria Célia Pires Reis, Cecília Mendonça de Sousa e Maria Eugenia Farias (década de 1930).....	117
Figura 56. No <i>Footing</i> . Delfina Oliveira Pires Reis e Maria Célia Reis Bordini (1932).....	117
Figura 57. No <i>Footing</i> . Helena Assumpção de Assumpção (1940).....	121
Figura 58. No <i>Footing</i> . Judith A. Assumpção e sua filha Hilda Assumpção (1940).....	121
Figura 59. Rua XV antiga: desde a praça central.....	130
Figura 60. Rua XV antiga: esquina com a Rua Sete de Setembro.....	132
Figura 61. Cartão postal da urbe moderna: Rua XV esquina Rua Mal. Floriano (início do séc. XX).....	133
Figura 62. Cartão postal da urbe moderna: sob os telhados de Pelotas (início do séc. XX).....	135
Figura 63. Edifícios tipicamente comerciais: Bazar Musical.....	136
Figura 64. Edifícios tipicamente comerciais: Relojoaria e Optica de Adolpho Neipp...	138
Figura 65. Paisagens em movimento: primeira quadra da Rua XV.....	139
Figura 66. Paisagens em movimento: a esquina XV com Sete.....	141
Figura 67. Novos aparatos urbanos: Abrigo Público Municipal.....	143
Figura 68. Novos aparatos urbanos: a edificação do primeiro “arranha-céu”.....	145
Figura 69. Avenida de Mayo, Buenos Aires (Argentina).....	151
Figura 70. <i>Calle Florida</i> , Buenos Aires (Argentina).....	151

Sumário

Introdução.....	14
Capítulo I - A Cidade	
1.1 Patrimônio e Cidade.....	21
1.2 O Espaço Urbano de Pelotas.....	31
1.3 A Cidade e a Rua XV na Imprensa Pelotense.....	39
Capítulo II - A Rua XV	
2.1 Os Passeios.....	48
2.2 O Comércio.....	66
2.3 O Carnaval.....	95
Capítulo III – As Visões do Urbano	
3.1 As Crônicas.....	109
3.2 As Fotografias.....	129
3.3 A Literatura.....	148
Considerações Finais.....	160
Referências Bibliográficas.....	163
Anexos.....	171

Lista de Anexos

Anexo 1. Endereços comerciais – Rua XV (entre a Praça Cel. Pedro Osório e a Rua Major Cícero, de acordo com o Diário Popular e A Opinião Pública, 1920-1950.....	172
Anexo 2. Crônicas extraídas do jornal <i>Diário Popular</i>	186
Anexo 3. Crônicas extraídas do jornal <i>A Opinião Pública</i>	195
Anexo 4. Relação dos bens inventariados localizados na rua Quinze de Novembro, conforme Decreto N. 4490 de 27 de fevereiro de 2003, Prefeitura Municipal de Pelotas.....	197

Introdução

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Ítalo Calvino

As ruas, entrecortando as cidades, testemunham a historicidade (sempre em curso) do processo de urbanização. Novas e antigas atividades, a contemporânea e a velha arquitetura dos edifícios, o ir e vir constante dos transeuntes e dos automóveis, o barulho, a comunicação (ou sua ausência), os lugares e os encontros – as ruas são uma espécie de amálgama do passado e o presente das cidades. As artérias principais, ou seja, aquelas vias que ocupam uma centralidade na organização do espaço urbano, podem evidenciar, de forma mais acentuada, as transformações nas formas de viver na cidade, pois são lugares privilegiados de convívio, negócios ou de políticas administrativas.

Com a República instaurada no Brasil a partir de 1889, as cidades tornaram-se o foco das atenções da política republicana. Ao aumento populacional urbano, verificado neste período, crescia a preocupação com a violência, habitação e higiene nas cidades (CARVALHO, 1987, p. 28-35). O controle da população urbana (sobretudo a população marginal) dava-se através dos Códigos de Posturas, não permitindo espaço, em um sentido político, para a participação coletiva; o sentimento de pertença era dado antes pela natureza religiosa ou social das comunidades citadinas (Idem, p. 38).

Privilegiando e segmentando o espaço urbano, as cidades refletiram a política republicana na contraposição daqueles que poderiam usufruir seus melhoramentos materiais e aqueles que ficariam de fora deste processo (MORAES, 1994, p. 55). Seguindo o exemplo de Paris, o centro do Rio de Janeiro, pensado como cartão postal da *Belle Époque*, foi domesticado e reduzido ao poder oligárquico, rapidamente modificado segundo os ideais

burgueses. Conforme Carvalho, o “bota-abaixo” de Pereira Passos reduziu a promiscuidade social no centro da cidade, tendo a população das camadas inferiores de deslocarem-se para os morros adjacentes ou para os subúrbios da área central. Para a larga e moderna Avenida Rio Branco, se transferia o *footing* e o mundo elegante da estreita Rua do Ouvidor. Mostrava-se, através da então capital federal, a imagem de um Brasil renovado – branco, europeizado e civilizado (CARVALHO, 1987, p. 39-41).

Em várias cidades brasileiras, as ruas centrais – os cartões postais das modernas urbes – passaram a ser denominadas com a data máxima da República, XV de Novembro. É o caso, por exemplo, de cidades como Blumenau, Curitiba e Santos. Em São Paulo, na Rua XV de Novembro esteve localizado o centro bancário da cidade, além de elegantes lojas e cafés. Em Pelotas, cidade localizada na região sul do Rio Grande do Sul, a Rua XV de Novembro teve esta mesma centralidade, e por conta disto, foi considerada pela imprensa local como a “alma da cidade”, a mais movimentada, elegante e moderna rua pelotense.

Uma das mais antigas ruas de Pelotas, figurando já no primeiro loteamento (datado de 1815), a sua vocação comercial vem de longa data. Primeiramente a rua denominava-se São Miguel, porém, conforme crônica de Alberto Cunha, ainda que este fosse o nome oficial, a população a alcunhara de Rua dos Canários, pelo fato de que nas poucas residências existentes na via, se instalaram povoadores provenientes das Ilhas Canárias. E com a República, “ao prestígio da data”, passou a se chamar XV de Novembro, a data máxima do novo regime político brasileiro (*Diário Popular*, Pelotas, 13 nov. 1938, p. 3).

Pelotas manteve o traçado original do seu centro urbano, e assim, ao caminhar pela contemporânea Rua XV, é possível perceber a estreiteza de suas quadras de paralelepípedos entre a Avenida Bento Gonçalves e a Praça Coronel Pedro Osório, e que a partir do Mercado Central, em direção ao sul da cidade (até o Canal São Gonçalo), suas quadras alargam-se, e diferentemente do trecho anterior, há mão dupla para a circulação dos automóveis na via¹.

1 A Rua XV segue em direção ao norte da cidade. Até meados da década de 1970, a rua dividia a Praça Júlio de Castilhos (atual Parque D. Antônio Zattera) em duas partes, quando então foram incorporadas em um só espaço (Cf. PARADEDADA, 2003, p. 289).

No conhecido livro “Histórias e tradições da cidade de Pelotas”, do historiador pelotense Mario Magalhães, a Rua XV figura como uma das tradições da cidade. No Terceiro Plano Diretor de Pelotas, do ano de 2008 (Lei Nº. 5.502/2008), o trecho principal da rua (compreendido entre a Praça José Bonifácio e a Praça Cel. Pedro Osório, a praça central)² é caracterizado como Área Especial de Interesse Cultural, pelo fato de apresentar as cinco características consideradas: Históricas, Arquitetônicas, Urbanísticas, Paisagísticas e Práticas Sociais. Os “referenciais culturais” que caracterizam esta Área Especial de Interesse Cultural são os antigos carnavais, os cafés, o *footing* e o importante comércio do local. Em relação à Arquitetura, são poucos os exemplares remanescentes do ecletismo³ no referido trecho central da Rua XV, em que a construção de edifícios comerciais e residenciais mais verticalizados, sobretudo a partir dos anos 1950, modernizou bastante a paisagem deste fragmento urbano.

O trecho central e comercial da rua ficava compreendido entre a praça central e a Rua Voluntários da Pátria (ou seja, três quadras da artéria), em que esteve concentrado o principal comércio da cidade: casas de modas elegantes, relojoarias, alfaiatarias, bazares, cafés, restaurantes e livrarias. Além disso, as vitrines e as calçadas das casas de comércio constituíam o cenário da cidade preferido para os passeios, aos encontros e as caminhadas (para o *footing*, como eram conhecidos os passeios a pé pelas calçadas das cidades, nas primeiras décadas do século passado). O carnaval de rua de Pelotas também estava compreendido por este trajeto, quando realizado na Rua XV.

As crônicas de jornais, as fotografias e a literatura informam, refletem e evidenciam a Rua XV como um lugar privilegiado da urbe moderna e progressista. Esta característica se situa no período aqui estudado, a primeira metade do século XX. Mais especificamente, o recorte temporal feito pela pesquisa nos jornais deu-se entre os anos de 1920 a 1950, entendendo-se que

² Atualmente há um calçadão entre a praça central e a Rua Sete de Setembro.

³ Conforme Santos (2007), o ecletismo historicista mesclou estilemas variados da história da arquitetura, organizados nas caixas murais dos edifícios, vinculado ao ciclo econômico do charque, o que proporcionou o desenvolvimento do núcleo urbano da cidade bem como um estreito contato com construtores, artífices e artistas estrangeiros e a viabilização de importações de materiais construtivos e decorativos, além de novas técnicas de edificação. Conforme o autor, a arquitetura eclética foi predominante até meados da década de 1930 em Pelotas.

neste período podem ser percebidos os usos da Rua XV como um espaço destacado no convívio urbano pelotense. Dessa forma, o recorte temporal não baliza aspectos históricos ou marcos temporais específicos, mas acredita-se que seja assim possível compreender a história e as principais mudanças ocorridas na vida urbana pelotense da primeira metade do século XX. Além disso, os dois jornais pesquisados têm circulação diária ao longo deste recorte temporal, onde se buscou refletir, através desta imprensa local, os usos urbanos da principal via pelotense do período.

O objetivo do trabalho é a análise, a partir de dois jornais locais (de circulação diária), *A Opinião Pública* e *Diário Popular*, entre os anos de 1920 a 1950, das crônicas, colunas, notas⁴ e fotografias sobre a Rua XV⁵, entendidas como visões do urbano. O entendimento principal de “visões do espaço urbano” foi retirado de Pesavento (1998), inserida nos estudos de História Cultural, onde a autora buscou, sobretudo na Literatura, a construção de imagens urbanas, captadas através das transformações pelas quais passou a capital gaúcha, Porto Alegre, em seu processo de modernização entre o final do século XIX e princípios do século XX. Nesse sentido, para o caso de Porto Alegre, a Rua da Praia serviu como uma guia de representação da percepção espacial da “sensação” de modernidade (ou, do desejo de ser metrópole), tal como um “elemento catalisador do imaginário urbano, para o qual convergem as metáforas dos escritores” (PESAVENTO, 1998, p. 320). A Rua da Praia, portanto, ocupando um espaço privilegiado da área central da cidade, é a inspiração orientada para o futuro dos cronistas urbanos.

Diferentemente dos cronistas porto-alegrenses, os cronistas pelotenses certamente não desejavam a metrópole, às vezes, até sentiam certa saudade da pretérita cidade, mas louvaram o progresso urbano com o mesmo entusiasmo, buscando na paisagem urbana, em transformação, suas inspirações. Para Pesavento, as crônicas, alinhadas aos discursos de progresso, encontrados pela autora na documentação oficial da cidade – dos produtores do espaço público – representariam um “outro conjunto de imagens

⁴ A ortografia presente nos textos extraídos dos jornais foi atualizada.

⁵ No caso, crônicas veiculadas em três jornais pelotenses: *A Opinião Pública* (de 1920 a 1950), *Diário Popular* (idem) e *O Elegante* (1928). Fotografias encontradas nos periódicos, no *Álbum* de 1922 e em postais; e dois livros, ambientados em Pelotas: *A Vertigem*, de Salis Goulart (Ed. Globo, 1925) e *Fios Telefônicos*, de Fernando Melo (Ed. UFPel, 1996, escrito em 1948).

e discursos que se articulam em torno da noção de progresso” (PESAVENTO, 1998, p. 318).

As crônicas, por exemplo, são formas literárias sobre a cidade, feitas por variados cronistas, que quase sempre faziam uso de pseudônimos. O levantamento do comércio da Rua XV (endereços, tipologias, proprietários) também foi realizado. As práticas sociais da cidade, as formas de convívio urbano, os passeios (o *footing*) e o carnaval, são elementos que compõem o estudo e que destacam a Rua XV como um enfoque privilegiado desta análise.

Trata-se ainda da tentativa de transformar a Rua XV em uma tradição pelotense (feita, sobretudo, pelo *Diário Popular*), quando sua centralidade passou a ser enfraquecida por não mais corresponder à cidade que se expandia, e uma série de medidas foram tomadas para que a memória deste espaço, privilegiado socialmente, não desaparecesse ante o crescimento e as novas formas de ordenamento da vida nas cidades.

A pesquisa em fontes como os jornais contribui para análise de ideias, opiniões, costumes e o cotidiano citadino, posto que a atividade da imprensa, em sua essência, esteja bastante relacionada com as cidades, no sentido de troca de informações e de uma esfera pública que se estruturou em torno das atividades do Estado e da administração das cidades modernas (HABERMAS, 2003, p. 35). Além disto, em uma pesquisa em jornais devem ser levados em consideração suas fases, posicionamentos ou interesses, pois não são fontes neutras e possuem direcionamentos específicos. Para Loner (1998), os jornais são um dos principais meios para conhecer o cotidiano e costumes (muitos dos quais já extintos) de uma cidade, como é o caso dos jornais diários de Pelotas no período republicano, que mostram “a intimidade e os limites de uma cidade muito menor e mais requintada, como a Pelotas republicana” (LONER, 1998, p. 7).

Além da consulta aos dois periódicos locais (*Diário* e *Opinião*), outras fontes fazem parte, de forma complementar, da análise das visões do urbano: o pequeno jornal *O Elegante*, editado em Pelotas em 1928, e dois romances, ambientados na cidade: *A Vertigem* (1925), de Jorge Salis Goulart, e *Fios Telefônicos* (1948, editado em 1996), de Fernando Melo. As fotografias publicadas da Rua XV, assim como exemplares da publicidade do comércio da via (além de outros acervos como o Laboratório de Acervo Digital da

Universidade Católica de Pelotas e o *Álbum* de 1922), fazem parte da análise fotográfica, dado que se trata de um espaço muito fotografado, onde se buscava destacar nas imagens paisagens da movimentação de transeuntes, dos carros, bondes ou dos melhoramentos urbanos, como uma expressão máxima da urbe (MICHELON, 2004, p. 128). Verificou-se que a partir da metade da década de 1930, as fotografias nos periódicos tornaram-se mais recorrentes, passando a desempenhar um papel de destaque, com as chamadas “reportagens fotográficas”.

Desse modo, o trabalho acadêmico se estruturou da seguinte forma: no primeiro capítulo, intitulado “**A Cidade**”, será feita inicialmente uma discussão cidade e patrimônio, destacando como as cidades tornaram-se objetos principais de políticas patrimoniais, geridas de forma gradativa pelos próprios municípios, em uma descentralização da função do Estado como responsável por tais políticas, além de problematizar conceitos sobre a cidade moderna, espaço, território e urbanização. Faz-se necessário contextualizar historicamente o espaço urbano de Pelotas para o período em estudo. Por fim, a análise da cidade e a rua na imprensa local, a partir de colunas encontradas nos periódicos que trataram especificamente do espaço urbano pelotense, evidenciando a forma como estas notícias são tratadas e como a cidade foi pensada e transformada, ao longo das três décadas abarcadas nesta pesquisa.

O segundo capítulo, “**A Rua XV**”, enfoca propriamente a Rua XV de Novembro em seus “referenciais culturais”. Primeiramente, o Comércio, onde além do levantamento das tipologias, arrolamento dos endereços e proprietários (quando possível sua localização), trata-se da importância desta atividade para a economia do município, bem como sua influência em decisões importantes, como melhoramentos estruturais da via e inclusive da realização do carnaval, em que estava diretamente relacionada. Na sequência, os Passeios e a transformação da rua como a expressão da urbe moderna, palco das sociabilidades, destacando as medidas enunciadas pelos jornais para que a Rua XV permanecesse como a via principal da cidade de Pelotas.

O último enfoque de análise, no item O Carnaval, trata da evolução da festa de rua da cidade, ao longo das três décadas da pesquisa. Até o início dos anos 1920, o carnaval da Rua XV era suntuoso e europeizado, marcado pela influência do carnaval veneziano e pelas disputas dos dois clubes

carnavalescos rivais, Brilhante e Diamantinos. Este tipo de festa deu lugar a um festejo mais simples, ao longo das décadas de 1920 e 1930, onde os inúmeros cordões passaram a ser o símbolo da festa de rua. No início dos anos 1940, como uma tentativa de retomar a animação da festa na Rua XV, o *Diário Popular* promoveu o Carnaval da Bicharada, que nas edições seguintes formou inúmeros blocos burlescos.

No terceiro capítulo, “**As Visões do Urbano**”, inicialmente foi feita uma análise de crônicas específicas sobre a Rua XV, veiculadas nos periódicos consultados, onde sociabilidades e práticas de trocas como o *footing*, proporcionaram a vários cronistas visões de uma cidade progressista e *chic*, assemelhando-se ao que ocorria em grandes centros, como a Rua da Praia, em Porto Alegre. Elogiosas ou mesmo literárias, tais crônicas centram a rua como uma personagem da vida urbana. Na sequência, uma análise de Fotografias da principal artéria, enfocando determinados elementos para o período em estudo, como sua antiguidade, sua condição de cartão postal da urbe moderna, suas casas comerciais, a movimentação de transeuntes ou dos automóveis e os melhoramentos estruturais.

Por último, em A Literatura, são tratados dois livros, ambientados em Pelotas, *A Vertigem* (Jorge Salis Goulart, 1925) e *Fios telefônicos* (Fernando Melo, 1948). Através dos textos destes dois autores, buscou-se complementar a análise das formas escritas sobre o espaço urbano de Pelotas, que ao gerar suas respectivas imagens, revelam visões urbanas de grande valor histórico e cultural.

Talvez seja a Rua XV de Novembro, mais que qualquer outro espaço da cidade de Pelotas, a que proporcionou o maior número de visões urbanas, desde projetos administrativos, fotografias, crônicas e mesmo romances, pelo menos até a primeira metade do século passado. De acordo com Soares (2006, p. 07), a Rua XV fora “la “celebración de la vitalidad urbana”, con la calle emergiendo como el icono fundamental de la vida moderna”. Por isto, esta pesquisa se baseia nessas imagens, entre suas mudanças e permanências, e que, dentre tantas possíveis, certamente construirá também uma visão, de quem anda pela contemporânea Rua XV e se põe a imaginar tantas coisas...

Capítulo I

A Cidade

O calçamento perfeito e o traçado rigoroso das ruas o excitaram pela manhã; à tarde, a delicadeza das fachadas contra o horizonte selvagem da planície o emocionou; quando escureceu, superfícies úmidas espelhadas numa geometria de sombras cambiantes puseram-no a imaginar e conceber tantas coisas que, embora falasse sem parar, não encontrava tempo para descrevê-las.

Vitor Ramil

1.1. Patrimônio e Cidade

A relação entre patrimônio e cidade vem sendo transformada nas últimas décadas, conforme o distanciamento verificado nas políticas patrimoniais da concepção de Nação (no sentido de *herança* comum) para adequar-se às realidades plurais das cidades (LEITE, 2004, p. 46-47). Com isso, as políticas patrimoniais urbanas passam a ser geridas de forma gradativa pelos próprios municípios, em uma descentralização da função do Estado como responsável por tais políticas. Ao patrimônio cultural se conjugam políticas urbanas e turísticas, quando os lugares e as maneiras de viver na cidade são passíveis de serem patrimonializados.

Cresce a demanda para um alargamento do conceito e gerenciamento do patrimônio, com uma abordagem que leve em consideração a complexidade do processo de recepção; problematizar, conhecer, entender este processo plural/social tornou-se indispensável ao discurso oficial destas políticas públicas (FONSECA, 2009, p. 22).

Conforme Poulot, o patrimônio é uma reivindicação pública, com uma designação particular e um específico modo de gestão. “O respeito a essas condições é garantido pelas leis e regulamentos, ou por uma militância dedicada a inscrever nos fatos o princípio de transmissão para o futuro” (POULOT, 2008, p. 28). Para o autor, patrimônio não é história, dado que busque representar uma identidade e valores comuns, o que, se necessário for, pode decorrer no falseamento do discurso histórico (Idem, p. 32).

Prats explica que o entendimento de Patrimônio Cultural diz respeito a algo que é culturalmente selecionado, sendo “todo aquello que socialmente se considera digno de conservación independientemente de su interés utilitário”

(PRATS, 1998, p. 63). Para Poulot, “objetos patrimoniais dependem e se alimentam de convenções discursivas, regras e convenções freqüentemente ligadas a exigências materiais ou técnicas” (POULOT, 2008, p. 40).

Nesse sentido, os Planos Diretores, adotados pelas cidades como forma de organização e controle do espaço urbano, inscrevem uma série de normas para a preservação, conservação e manutenção dos bens patrimoniais urbanos, sendo importantes diretrizes de políticas urbanas e de sua preservação cultural e ambiental.

No contexto da criação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), nos anos 1930, a preocupação ultrapassava a busca do conceito de nação brasileira, para dar conta da complexidade de identidades culturais, diferenças e desigualdades que compunham o país (LEITE, 2004, p. 48). O modelo adotado pelo SPHAN baseava-se na política vigente, centralizada pelo Estado, alterado a partir dos anos 1970 com a descentralização das políticas de patrimonialização (em uma divisão de atribuições dadas à União, estados e cidades), aliada à incapacidade do SPHAN para gerir tais políticas em todo o território nacional (Idem, p. 53).

A partir dos encontros de arquitetos e as cartas de recomendação resultantes (notadamente a Carta de Veneza, 1964, e o Encontro de Quito, 1967), a preservação patrimonial foi sendo associada a uma estratégia de planejamento urbano, aonde “o patrimônio vai sendo incorporado às políticas urbanas e articulado ao desenvolvimento regional e ao incremento do turismo” (LEITE, 2004, p. 54-55). Assim, ainda de acordo com Leite, a mudança verificada a partir dos anos 1970 colocou o patrimônio como recurso ao desenvolvimento das cidades históricas, com uma “orientação voltada para a integração das práticas de preservação com os processos de planejamento e desenvolvimento urbano” (Idem, p. 58-59).

Para Argan (2005), a cidade está além de seu traçado urbano, de seus prédios ou de suas funções públicas e privadas, pois que abrange o cotidiano, o movimento, o pulsar, as decorações internas, os espaços figurativos, as lembranças e os saberes. O conjunto de monumentos presentes na Cidade Antiga atestaria mais que uma memória, posto que seja uma forma presente do passado, “uma história feita espaço ou ambiente concreto da vida”.

Não apenas um resgate, mas a magnificência da vida cotidiana (ARGAN, 2005, p. 43)⁶.

Ideia parecida é desenvolvida por Yory (2002), para o qual o patrimônio cultural é uma forma atualizada do papel organizador que possuía o monumento (objeto-referencial, de cunho *reverencial*) na cidade de outrora, tratando-se, agora, de uma relação “menos “escultórica”, más dinâmica, más cercana a nuestra vida y, por lo mismo, más integrada a ese espacio urbano en el que, por excelencia, nos desplazamos e interactuamos” (YORY, 2002, p. 14). O monumento é um evocador da memória (LE GOFF, 1996, p. 535), que recorda um passado e conforma determinada visão de mundo. Este sentido pedagógico da cidade é trazido pela Revolução Francesa, onde a cidade fora considerada como uma virtude educativa. “Os percursos cerimoniais, projetos de denominação nova das ruas ou planos de jardins que são metáforas da boa ordem cívica pretendem dotar a cidade de um sentido renovado” (LEPETIT, 2001, p. 77).

Espaço e memória, para Lepetit, podem ser analisados de uma mesma forma. Tal como o estudo de Maurice Halbwachs, em *A memória coletiva*, o passado não surge igualmente por inteiro, ele é constantemente reelaborado pelos grupos que o recordam. O espaço é, em sua essência, uma memória, constituída de formas passadas e apropriadas de maneiras distintas pelos grupos em cada época. O pensamento de Maurice Halbwachs apoia a memória coletiva ao espaço, pelo fato deste dar a ideia de estabilidade ao tempo no reencontro do passado no presente (Cf. LEPETIT, 2001, p. 149).

De acordo com Leite, a noção colocada por Bachelard, em que a experiência íntima do passado se inscreve como tradição mais pela localização dos espaços que por datas, vem sendo relativamente superada por uma noção de “espaços de fluxos” (CASTELLS, 1999), deslocando “o sentido das práticas sociais de certas configurações espaço-temporais concretas”, o que implica, conforme o autor, em uma redefinição da noção de lugar. Lugares podem ser entendidos “como demarcações físicas e simbólicas no espaço, cujos usos os

⁶ Conforme Yates, a *Cidade do sol*, de Campanella, corresponde a um tipo de esquema enciclopédico, recorrente na organização do espaço das cidades renascentistas, e que formaria um “sistema de memória universal”. Campanella afirmava que seu modelo poderia ser utilizado para a “memória local” como forma de possuir o conhecimento de tudo, pois que na cidade estariam dispostos os saberes, tal como em um livro (YATES, 2007, p. 367-368).

qualificam e lhes atribuem sentidos de pertencimento, orientando ações sociais e sendo por estas delimitados reflexivamente” (LEITE, 2004, p. 34-35). Conforme Leite, apesar da relação entre identidade e lugar tender a naturalizar as relações entre povo e território, em muitos casos há possibilidade de “compreender as práticas sociais associando-as aos significados construídos e atribuídos aos lugares enquanto suporte prático e simbólico da vida pública cotidiana” (Idem, p. 37).

Para Santos (1996), o espaço é presente, e a natureza do espaço é formada, “de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (SANTOS, 1996, p. 85). Então, o espaço é o resultado de construções sociais, ou de atribuição de formas espaciais constituídas pelas sociedades.

É a sociedade, isto é, o homem, que anima as formas espaciais, atribuindo-lhes um conteúdo, uma vida. Só a vida é passível desse processo infinito que vai do passado ao futuro, só ela tem o poder de tudo transformar amplamente (SANTOS, 1996, p. 88).

A cidade, o espaço urbano, não são palimpsestos. As temporalidades urbanas, a historicidade da cidade, dizem respeito à relação entre sociedade urbana e território, e os usos sociais da cidade não são entendidos por princípios de linearidade temporal e determinismo espacial; a cidade deve ser entendida como cruzamentos (LEPETIT, 2001, p. 140).

A cidade não se dissocia: ao contrário, faz convergirem, num mesmo tempo, os fragmentos de espaço e os hábitos vindos de diversos momentos do passado. Ela cruza a mudança mais difusa e mais contínua dos comportamentos citadinos com os ritmos mais incorporados da evolução de certas formas produzidas (Idem, p. 141).

Conforme Carlos (1994, p. 43), a paisagem urbana é entendida como uma manifestação formal do espaço urbano. Para a autora, a paisagem da cidade atual “guarda momentos diversos do processo de produção espacial, que permite-nos vislumbrar elementos para discussão da evolução da produção espacial, remetendo-nos ao modo pelo qual foi produzida” (Idem). Então, o “instantâneo” que surge aos olhos do pesquisador, aparentemente, “não é estático mas prenehe de movimento, de vida, de uma vida rica que o homem (o indivíduo) mantém dia após dia para se reproduzir como ser humano, membro de uma sociedade e como espécie” (Idem, p. 48).

De acordo com Yory, a relação entre patrimônio e cidade passa pela formulação de um projeto político para adequar a cidade atual ao bem patrimonial (YORY, 2002, p. 14). Para o autor, a cidade contemporânea, com seus traços do passado conservados, deve fluir; cabe à cidade atual saber gerir seus bens herdados. Por isso, para o autor, o conceito de “centro histórico”⁷ se assemelha ao de “monumento”, pois os dois termos indicariam uma “anulación vital”, de um edifício ou de um setor da cidade, normalmente feitos para atender demandas turístico-museográficas na reabilitação destes locais (o que em muitos casos implica em drásticas modificações de hábitos, comportamentos e estilos de vida de habitantes destes lugares “privilegiados”; Idem, p. 16).

Já o autor Henri-Pierre Jeudy possui uma visão bastante crítica quanto às políticas de preservação do patrimônio nas cidades:

Nos centros históricos, os bairros restaurados e as fachadas rebocadas com suas velhas insígnias evocam a cidade perdida, uma cidade mítica da qual não mais encontraremos, olhando ao acaso, os poucos vestígios ainda escondidos, pois foram todos recuperados (JEUDY, 2005, p. 81).

Para Jeudy, a conservação patrimonial das cidades não permitiria uma “intemporalidade”, amálgama do presente com as referências do passado, ao mascarar a distinção visual de signos historicamente determinados, provocando “um entrecruzamento sutil e pouco perceptível das temporalidades urbanas” (JEUDY, 2005, p. 89). As temporalidades urbanas, conforme Lepetit, podem ser verificadas no presente da cidade que condensa seu passado; o passado, para Lepetit, seria como um “presente em movimento” (LEPETIT, 2001, p. 186-187).

A relação entre a cidade e o tempo é analisada por Rocha e Eckert, onde as temporalidades urbanas são resultantes do “tempo social” da cidade, através das “multiplicidades e as singularidades que encerram o vivido humano no interior desse espaço existencial criado pelo homem da civilização” (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 83).

Assim, pode-se redimensionar a cidade como objeto que realiza uma obra temporal, uma vez que seus territórios e lugares prestam-se ao

⁷ Para Argan, o conceito de “centro histórico” é um falso conceito, e o autor questiona as razões pelas quais determinadas partes da cidade são históricas e outras, “não-históricas”; para Argan, a cidade é uma construção histórica total (ARGAN, 2005, p. 260).

enraizamento de uma experiência comunitária de constante reordenação de um viver coletivo (ROCHA; ECKERT, 2005, p. 89).

Para Pesavento, a cidade é fruto de um pensamento, de uma sensibilidade, pensada por seus habitantes para além de sua materialidade.

Las ciudades son, por excelencia, un fenómeno cultural, o sea, están integradas a este principio de atribución de significados al mundo. Las ciudades presuponen la construcción de un *ethos*, acto que implica la atribución de valores para aquello que se llama convencionalmente *urbano*, sea esto apreciado bajo el ángulo del material o del social (PESAVENTO, 2008, s/p).

A presença da cidade é antiga, e o processo que se desencadeia da predominância da vida agrária à totalidade da urbanização (desconsiderando suas descontinuidades), é traçado por Lefebvre em quatro pontos: Cidade política, como organizadora e dominadora da produção agrária; Cidade comercial, com a presença dos mercados, bairros e feiras; Cidade industrial, caracterizada pela extensão da cidade e a invasão dos campos, e o Ponto crítico, onde se verifica a explosão da cidade, cerne de sua problemática atual (LEFEBVRE, 2001, p. 77-78).

A industrialização tornou-se o principal *indutor* das transformações sociais, não lhe escapando a cidade (LEFEBVRE, 2001, p. 13, grifo do autor). O Urbanismo como categoria científica, de reflexão, observação e transformação da cidade no século XIX, fora justamente a crítica ao crescimento acelerado da cidade industrial, no bojo das transformações do espaço urbano, em suas novas funções, meios de transportes e moradias (CHOAY, 2010, p. 4).

As adaptações das cidades medievais europeias buscavam racionalizar o espaço urbano, com suas vias de comunicação e quarteirões de negócios (o projeto realista de Haussmann, em Paris, é um caso exemplar), e evidenciam a importância da impressão visual, de ordem estética, na racionalização espacial, com a precisão de detalhes e a rigidez da cidade progressista (Idem, p. 9). Dessa maneira, o *boulevard* é um “decisivo ponto de partida para a modernização da cidade tradicional” (BERMAN, 1989, p. 145). Conforme Argan, com a industrialização, o sentido da cidade se transformou de um produto artístico para um produto industrial (ARGAN, 2005, p. 43).

Giddens (1991), mesmo que não comungue da análise marxista da história, a qual pressupõe uma visão continuísta, como uma finalidade, explica

que os modos de vida verificados na Modernidade “desvencilharam de *todos* os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes” (grifo do autor). Mudanças estas muito mais transformadoras que outras verificadas em períodos distintos, ainda que se tenha em conta as continuidades entre o tradicional e o moderno (GIDDENS, 1991, p. 14).

O anseio pelo novo, pela mudança, faz do tempo uma experiência fugaz, do novo que se torna velho. O termo “Modernidade”, aliás, foi empregado no século XIX, sobretudo por Charles Baudelaire, ao se referir às experiências estéticas fugazes e passageiras da vida presente (HABERMAS, 2000, p. 14-15). De acordo com Berman, a modernidade para Baudelaire e Dostoiévski se assemelha em um ponto: nos “encontros cotidianos na rua da cidade”, chamados pelo autor de “cenas primordiais modernas” (BERMAN, 1989, p. 217).

Para ambos [Baudelaire e Dostoiévski], também o senso de urgência política se torna a fonte principal de energia, e o encontro pessoal na rua emerge como evento político; a cidade moderna funciona com um meio no qual a vida pessoal e a vida política fluem em conjunto e se fazem uma (BERMAN, 1989, p. 218).

A modernização das cidades modernas tem sua base nas transformações socioeconômicas, político-administrativas e urbanísticas resultantes da industrialização, e a vida e as sociabilidades⁸ nas cidades foram marcadas pela influência dos avanços científicos que se fizeram sentir especialmente nas grandes metrópoles. As sensibilidades são transformadas pelas novas paisagens, proporções e velocidades, frutos das novas tecnologias oriundas da Revolução Técnico-Científica (SEVCENKO, 1998, p. 514- 516).

De acordo com Ariès (1981), o século XIX foi o século da cidade e da civilização urbana. Deve-se levar em conta que, embora o alto crescimento demográfico, a cidade do século XIX não era totalmente diferente daquela do

⁸ Conforme Quiróz (2008, s/p), o termo sociabilidade frequentemente é usado para designar os variados tipos de relações dos homens em sociedade, não propriamente como uma categoria de análise; “la sociabilidad como atributo del hombre en sociedad es una manifestación del hombre en sociedad”. A partir do importante historiador francês da sociabilidade, Maurice Agulhon, Quiróz coloca que a sociabilidade, como um objeto histórico, entende que cada grupo humano, conforme o tempo, o espaço e as hierarquias sociais, possuem formas específicas de análise de suas práticas sociais, onde a noção de sociabilidade é a aptidão do homem em viver em sociedade. O avanço trazido por Agulhon àquela noção de sociabilidade cortesã do século XVIII (e analisada por Norbert Elias) foi em desprender a ideia de civilidade que o termo carregava consigo, ao mostrar que a sociabilidade é qualquer relação humana, na mesma medida da afabilidade e da brutalidade (QUIROZ, 2008, s/p).

século anterior, com pequenos bairros e vielas. Mas, para o autor, um elemento – ou melhor, uma nova sociabilidade – desenvolverá as “*funções essenciais da cidade*”: os cafés. Os cafés são tipicamente urbanos, e representam espaços públicos de convivência, encontros, discursos, de beber e de comer (ARIÈS, 1981, p. 18-19).

Os cafés tornam-se espaços que se abrem para a vida pública, tomando conta da mesma, com seus terraços direcionados às calçadas das ruas, à visão do constante ir e vir dos carros e pedestres. Inicialmente mais aristocráticos que burgueses, os cafés logo se vulgarizaram, presentes nas ruas de diferentes bairros das cidades (Idem, p. 19). Citando Maurice Agulhon, Ariès afirma que a “*civilização do século XIX é uma civilização do café*” (Cf. ARIÈS, 1981, p. 20, grifo do autor).

Esse papel do café deve ser comparado ao da família, à mesma época. A família é um lugar privado e o café, um lugar público. Mas um e outro escapam ao controle da “grande Sociedade”, veículo dos poderes. A família escapa de direito, o café, de fato. São, um e outro, as duas únicas exceções ao sistema moderno de vigilância e de ordem e à sua extensão a todo o espaço social (ARIÈS, 1981, p. 20).

Habermas, ao tratar da gênese das estruturas sociais da esfera pública burguesa⁹, explica que os espaços culturais tornados públicos, como as salas de leituras e os teatros, transformaram a “cultura” em uma mercadoria (HABERMAS, 2003, p. 44). E a cidade não seria apenas o centro vital da economia burguesa (em uma antítese à estrutura político-cultural da sociedade de corte), “ela caracteriza, antes de mais nada, uma primeira esfera pública literária que encontra as suas instituições nos *coffee-houses*, nos *salons* e nas comunidades comensais” (HABERMAS, 2003, p. 45).

A partir da segunda metade do século XX, conforme Ariès, estas sociabilidades públicas vão desmoronando, e desaparece a “função social e socializante” da cidade (ARIÈS, 1981, p. 20). Não existe mais um ponto central, exemplificado pelas sociabilidades do café; há sim divisões: os bairros residenciais dos ricos e dos pobres, as zonas de comércio e escritórios e os bairros industriais. Desaparece a “vida coletiva”, característica da função urbana. “A aglomeração urbana passa a se constituir de pequenas ilhas, casas, escritórios, centros comerciais, isolados por um grande vazio. O espaço intersticial desapareceu” (Idem, p. 21).

⁹ Referindo-se, evidentemente, à sociedade europeia.

Este movimento em direção à privatização da vida pública teve como processo acelerador o automóvel e a televisão. Porém, para Ariès, é resultante de um processo que vinha sendo gestado desde o século XIX, com a burguesia e seus progressos pelo culto da privacidade. Este deslocamento da cidade atestaria a atração da vida familiar voltada à sua própria intimidade.

Dessa forma, haveria um espaço temporal que compreenderia a viva sociabilidade da vida nas cidades: entre o século XIX até a primeira metade do século XX, onde havia um equilíbrio entre “a vida familiar em casa e a vida coletiva no café, no terraço, na rua”, que logo foi “absorvida pela vida privada e pela família” (ARIÈS, 1981, p. 22).

Após 1789, dos levantes revolucionários do século XIX e da Primeira Guerra, a rua pertencia ao povo; na cidade pós-haussmanniana, bem expressa no *urbanismo* de Le Corbusier, nada de rua, nada de povo. A cidade e o ritmo da vida moderna, ante suas contradições sociais e psíquicas, tornam-se espacial e socialmente segmentados. Conforme Berman, este pensamento se enraizou fortemente na organização espacial das cidades, saindo de cena as velhas ruas “caóticas” (mistura de ricos e pobres, de negócios e residências), para os espaços monitoradamente controlados, aos compartimentos separados e ao tráfego organizado, com estacionamentos subterrâneos e atividades de carga e descarga “por trás da cena” (Cf. BERMAN, 1989, p. 162).

Richard Sennett trata como “declínio do homem público” a perda das diferenças, em que outrora possuiu a cidade a atribuição de compartilhá-las. “A cidade é esse estabelecimento humano no qual os estranhos devem provavelmente se encontrar. A geografia pública de uma cidade é a institucionalização da civilidade” (SENNETT, 1998, p. 323-324). Apagadas as estranhezas, se empobrecem percepções, experiências, fatos estabelecidos (Idem, p. 359-360). Cidades atomizadas, com seus domínios, espaços e funções claramente demarcados, ressoam o medo das relações impessoais, e fazem com que as pessoas se “retribalizem”. Para o autor, esta é a tirania da intimidade, a qual retira da cidade seu propósito: ser um instrumento da vida impessoal e molde da diversidade e complexidade das relações pessoais.

A cidade deveria ser mestra nesse modo de agir [com impessoalidade], o fórum no qual se torna significativo unir-se a outras pessoas sem a compulsão de conhecê-las enquanto pessoas. Não creio que este seja um sonho inútil; a cidade serviu como foco

para a vida social ativa, para o conflito e o jogo de interesses, para a experiência das possibilidades humanas, durante a maior parte da história do homem civilizado. Mas hoje em dia essa possibilidade civilizada está adormecida (SENNETT, 1998, p. 414).

Diante deste breve panorama, cabe mais uma vez tratar da relação entre Patrimônio e Cidade, discutida inicialmente, considerando agora esta questão da cidade contemporânea que vai perdendo seus espaços públicos de sociabilidade e suas ruas que ficaram cada vez mais aceleradas e distantes da *flanêrie* (CANEVACCI, 2004, p. 217). O patrimônio cultural, ante estas novas temporalidades urbanas, tende a acompanhar o policentrismo das cidades atuais (LE GOFF, 1998, p. 145), no sentido de uma ampliação do entendimento de patrimônio urbano, abarcando áreas mais extensas (e não apenas prédios e monumentos isolados), bairros, ambiências e traçados urbanos a fim de integrar estes espaços e de potencializar seus valores culturais e ambientais, além de problematizar questões como o imaginário social, as práticas cotidianas e as oralidades.

1.2. O espaço urbano de Pelotas

A Rua XV de Novembro faz parte do primeiro loteamento, executado em Pelotas em 1815, nas terras da sesmaria do capitão-mor Antônio dos Anjos (GUTIERREZ, 1993, p. 169). Esta primeira planta originou dezenove ruas, doze longitudinais e sete transversais, limitada no sentido norte-sul pelas atuais Avenida Bento Gonçalves e rua Gal. Neto, e no sentido leste-oeste pelas atuais ruas Marcílio Dias e Almirante Barroso (MAGALHÃES, 1999, p. 27). O segundo traçado, que data de 1834 (GUTIERREZ, 2004, p. 210), se desenvolveu em direção ao canal São Gonçalo, nas terras da sesmeira Mariana Eufrásia da Silveira, originando mais quinze ruas transversais (Figura 1).

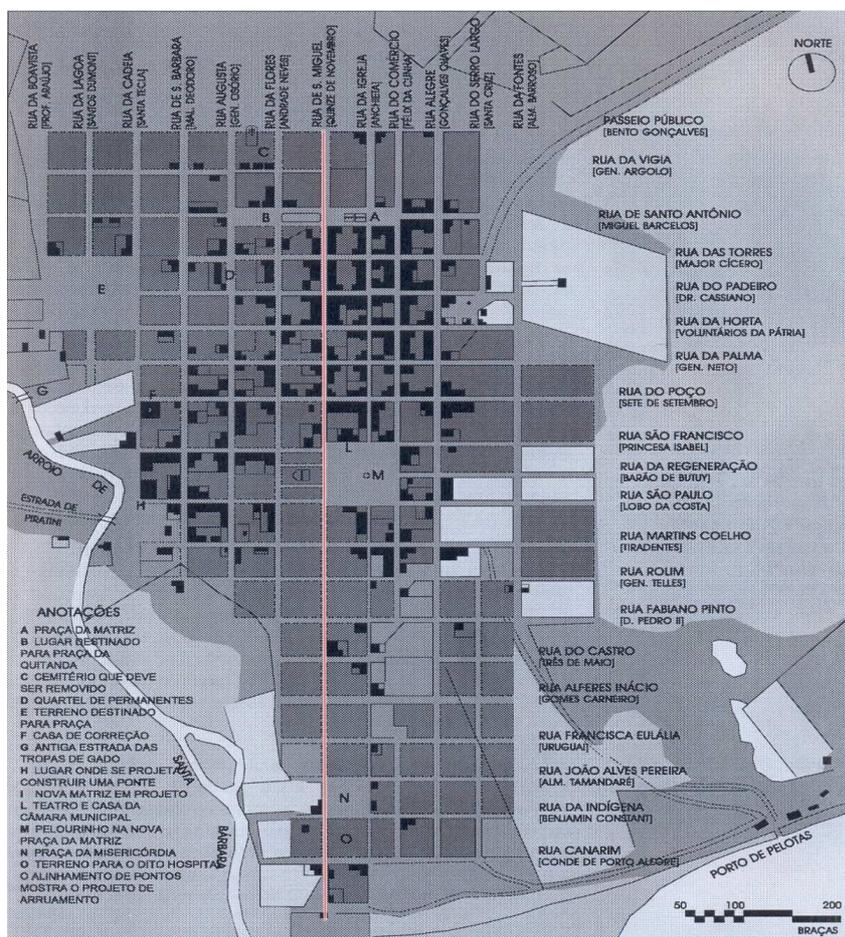


Figura 1. Mapa da cidade de Pelotas, com o primeiro e o segundo loteamentos. Em destaque (modificado pela autora), a Rua XV de Novembro. Ao centro, identificada pela letra "M", a atual Praça Cel. Pedro Osório. Fonte: GUTIERREZ, 2004, p. 211.

Os dois projetos foram executados com "planta em retícula heterogênea com quadrícula" (YUNES, 1995, p. 53), e se conformaram por

meio de ruas paralelas, desenhadas no sentido norte e sul, cortadas por artérias traçadas no sentido leste e oeste. Neste primeiro loteamento, um quarteirão não edificado deu origem à Praça da Igreja Matriz. No segundo, outro quarteirão não construído originou a atual Praça Coronel Pedro Osório¹⁰.

Esses logradouros públicos centrais dos dois loteamentos, que originaram as praças da cidade, são típicos desta forma de organização praticada por portugueses e espanhóis na urbanização dos povoados do Novo Mundo. No entorno do quarteirão central ocupado pela atual Praça Coronel Pedro Osório, inicialmente denominada como Praça da Regeneração, foram erguidos prédios públicos, semi-públicos e privados – as residências das famílias mais abastadas da localidade.

Esteve praticamente centrado em Pelotas o ciclo econômico da produção do charque, durante o século XIX e princípios do século XX, o que representou um importante desenvolvimento econômico baseado nesta atividade escravista. O centro urbano da cidade reflete este apogeu econômico, experimentado pela elite local, a qual transpôs para este espaço composições estéticas e urbanísticas em voga, como o Ecletismo. A expansão da atividade saladeiril fez com que os charqueadores fossem transferindo suas residências para uma determinada distância destes estabelecimentos, devido ao elevado grau de insalubridade que ali se constatava, e dessa forma, o espaço urbano se consolidou em território distanciado das áreas de salga.

Para Gutierrez (2001, p. 79), a atividade sazonal das charqueadas, o elevado plantel de escravos e o significativo número de olarias, se encontram relacionados com o desenvolvimento urbano de Pelotas, na construção de prédios que serviam de residência para os charqueadores e daqueles que serviriam para aluguel de moradias e comércios. Além disso, o trabalho que ia desde a fabricação de tijolos e telhas até a construção e manutenção de prédios ocupava os cativos nos períodos de entressafra nos saladeiros.

A firmação da atividade charqueadora e a prosperidade econômica, a partir de segunda metade do século XIX, possibilitou modernizar o espaço urbano da cidade, quando passaram a ser feitas melhorias estruturais, como a

¹⁰ Cabe lembrar que no momento da execução do primeiro loteamento, Pelotas era uma Freguesia, elevada no dia 07 de julho de 1812 e denominada São Francisco de Paula. Em 1830, foi elevada à condição de Vila e, cinco anos mais tarde, alçada à Cidade, já sob a denominação Pelotas (Cf. MAGALHÃES, 1999, p. 14).

instalação do reservatório de água e dos chafarizes, a pavimentação das principais ruas com paralelepípedos de granito e a organização dos passeios para pedestres, a distribuição de postes da iluminação pública, o ajardinamento dos antigos logradouros públicos transformados em praças, a implantação dos serviços de limpeza e a construção das redes subterrâneas de esgotos (SANTOS, 2007, p. 68; 98; 131; 146).

As cidades de Pelotas e Rio Grande constituíram-se nos dois principais centros comerciais do Rio Grande do Sul, baseados na economia latifundiária, sendo as duas cidades que conseguiram acumular capital suficiente para a implantação das primeiras indústrias da região sul do país¹¹. “No ano de 1920, funcionavam em Pelotas 1.420 casas de comércio, existiam 130 fábricas, 38 curtumes e 89 firmas importadoras. No mesmo ano havia em Rio Grande 85 casas comerciais, 30 fábricas e 19 importadoras” (Idem, p. 59).

Na virada do século XIX para o século XX, as inovações técnicas, tais como a eletricidade, os automóveis, bondes elétricos e o cinema, alteraram substancialmente a paisagem e o cotidiano das cidades, ainda que em muitos casos deva-se considerar que a combinação da modernização e a urbanização não altere de modo definitivo o caráter rural das cidades no Brasil, ou seja, não teria havido uma ruptura evidente com a modernização e o progresso científico (VIOTTI DA COSTA, 1977, *apud* FREHSE, 2005, p. 77).

Conforme Soares (2006), juntamente à indústria do charque de Pelotas formou-se uma “red industrial” que, integrando-se às atividades principais das charqueadas, aproveitavam suas matérias-primas assim como seus “canales de comercialización” (PESAVENTO, 1986, *apud* SOARES, 2006, p. 05). Assim, inúmeras indústrias surgiram atreladas à produção saladeiril, como a Fábrica de Chapéus Pelotense (1880), Companhia Fiação e Tecidos (1908)¹², o ramo de bebidas, como as cervejarias Ritter e Riograndense (fundadas por descendentes de alemães), a Fábrica Lang, que produzia

¹¹ A industrialização brasileira foi tardia, em parte devido a obstáculos como a produção agrária de exportação, o escravismo e dependência externa de mercado. Durante a Primeira Guerra, as barreiras criadas tanto para importação quanto para exportação fizeram com que se incentivasse a produção interna de bens industrializados, consolidada durante o Estado Novo (Cf. MORAES, 1994, p. 24-25).

¹² Conforme Soares (2006, p. 05), “iniciativa de terratenientes productores de charque que – aprovechando la estructura de exportación del producto – utilizaban los mismos navíos para importar algodón. Por esta razón la fábrica, que llegó a tener más de 600 obreros, estaba instalada en la zona del puerto”.

sabonetes, velas e sabões, e o setor alimentício, como o Moinho Pelotense (1925) e os frigoríficos Pelotense e Anglo (SOARES, 2006, p. 05).

La estructura industrial *pelotense* contaba, además, con diversas pequeñas industrias independientes o complementarias de las grandes industrias. También se debe añadir las industrias de materiales de construcción, muy importantes por su relación directa con el proceso de crecimiento urbano que se producía. Esta diversificación industrial permitía que la ciudad de Pelotas fuera considerada uno de los principales centros industriales del sur de Brasil. El mercado consumidor comprendía principalmente la región sur del estado, ya que los ferrocarriles, inaugurados en 1877, favorecían la conexión directa de la ciudad con su hinterland. La “ciudad de consumidores” se convirtió también en una “ciudad de productores”, aunque la aristocracia mantuvo su dominio sobre las estructuras de poder local (SOARES, 2006, p. 05, grifo do autor).

Conforme Soares (2006), uma das principais transformações produzidas pela industrialização foi a instalação de uma infraestrutura urbana, disposta principalmente na área central da cidade. O surgimento de empresas como a Companhia Hydraulica e a Ferro Carril Pelotense (ambas em 1873), o Centro Telephonico Pelotense (1888) e a companhia de energia elétrica *The Riograndense Light & Power* (1912), bem como a incorporação de padrões de construção aos moldes dos grandes centros urbanos (notadamente europeus), com a vinda de engenheiros e arquitetos de várias nacionalidades para atuarem na cidade, incidem também nas formas de vida pública cotidiana, pela incorporação de novos hábitos (Idem, p. 06). Conforme o autor, “la calle “ganó vida” con las nuevas modas de frecuentar los cines, los cafés y las casas de té; o simplemente por la costumbre de caminar” (Ibidem).

De acordo com Michelin (2004, p. 130), a partir da leitura dos documentos da Intendência (dos anos 1914, 1925 e 1928), sabe-se que não houve em Pelotas nenhum plano de reelaboração do espaço urbano, a exemplo das reformas urbanas realizadas em Porto Alegre, baseadas por sua vez na reestruturação feita por Pereira Passos no Rio de Janeiro, com a destruição de pequenas ruas e becos para a abertura de largas avenidas. Contudo, tais ideias de reelaboração do espaço urbano não deixaram de ser enunciadas nestes documentos; “tampouco deixam essas de constar como itens do progresso que se tinha, então, em curso. Estava, na imagem que se fazia da cidade, o rol dos fatores modernizantes” (Idem).

A Rua XV de Novembro sintetizava os ideais de modernidade através de suas construções ecléticas, de seu rico comércio e de sua

movimentação, dos melhoramentos urbanos como a pavimentação com paralelepípedos de pedra, as fiações e os postes da iluminação elétrica, dos telégrafos e dos telefones, os trilhos e os bondes movidos pela eletricidade (Figura 2).

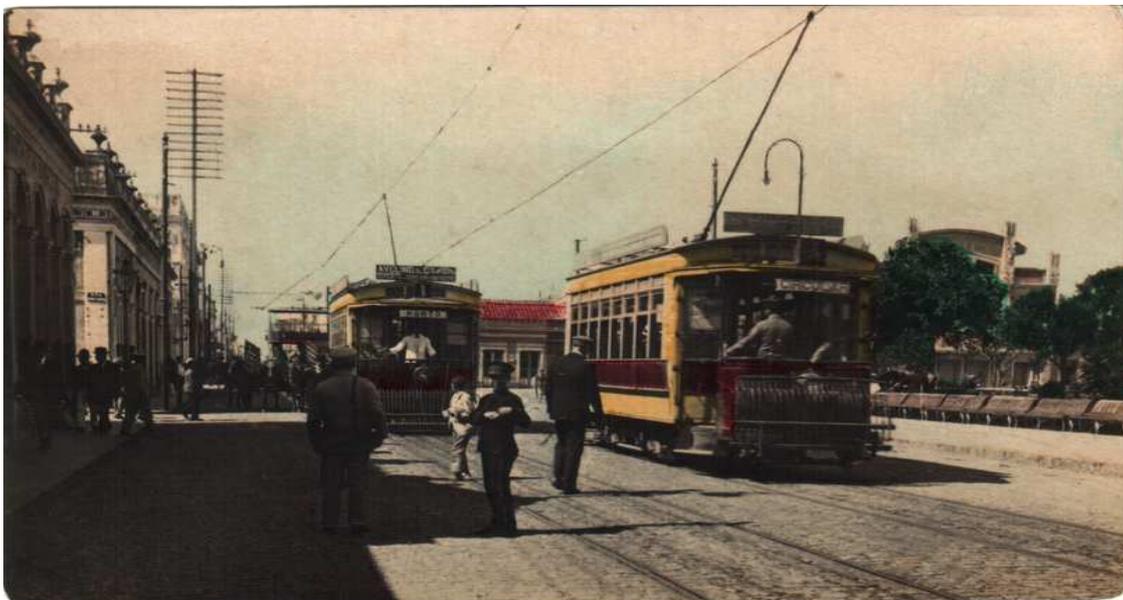


Figura 2. Postal exibindo os bondes circulando sobre a linha da Rua XV, inaugurada em janeiro de 1916, pela praça central (pictorializado). Fonte: LABORATÓRIO DE ACERVO DIGITAL, UCPEL.

De forma gradativa, os serviços dos bondes elétricos foram sendo implementados na cidade, e substituíram os antigos bondes com tração animal. Os materiais e carros necessários para a circulação do novo meio de transporte público foram importados, e foi providenciada a colocação de novos trilhos nas ruas. Em outubro de 1915, a primeira linha de bondes elétricos ligou o centro da cidade ao porto. Três meses depois, a segunda linha foi inaugurada na Rua XV de Novembro. Os bondes elétricos transformaram a paisagem urbana, trouxeram novo ritmo e novos sons à cidade; a moderna Pelotas ia se tornando mais veloz e ruidosa.

No percurso da rua 15 de Novembro estava sendo concluído o calçamento com paralelepípedos de pedra. O “*regozijo*” era justificado pela instalação dos esgotos e da luz elétrica, aos quais se somavam a implantação dos bondes e a nova pavimentação. O trecho apresentava um “*conjunto de confortos*”, “*belleza e movimento*”, na altura de seus “*fôros*” de rua principal da cidade. (SANTOS, 2007, p. 143).

Conforme Ueda (1998, *apud* SOARES, 2006, p. 07), no contexto de modernização de Pelotas, a Rua XV “se convitió en el símbolo de la nueva

modernidad”. Rua muito fotografada, nestes registros buscava-se destacar paisagens da modernidade (como os calçamentos com paralelepípedos de pedras de granito, os postes e as fiações da energia elétrica, do telégrafo e do telefone, os trilhos dos modernos bondes), como uma expressão máxima da urbe (MICHELON, 2004, p. 128). A explicação para a recorrência destas imagens, conforme Michelin, está em sua antiguidade e em sua importância comercial para a cidade.

Justifica-se a recorrência da imagem dessa rua pela razão de sua antiguidade, tendo sido uma das primeiras da freguesia, projetada em 1815 e que, já em meados do século XIX, caracterizava-se pelo comércio mais intenso da cidade. No final do século, era a rua mais movimentada, e as lojas que nela se encontravam, como se pode verificar pelos anúncios dos jornais da época, vendiam artigos especializados, trazidos do estrangeiro ou não, para o público mais abastado do local (MICHELON, 2004, p. 130).

Nesta rua, artéria principal da urbe, os problemas dos locais mais afastados (das vilas e dos bairros com seus cortiços, zonas de prostituição e jogatinas, falta de esgotos, calçamentos ou de instalações hidráulicas) não estavam presentes, posto que a Rua XV servisse como uma vitrine, a “alma” da cidade alcunhada de “Princesa do Sul”, devido às suas tradições culturais “aristocráticas”, reforçadas pela historiografia local. Sobretudo nos anos 1920, o comércio localizado na Rua XV era bastante intenso e diversificado: joalherias, salões de beleza, casas de modas, casas de calçados, pelarias, confeitarias (como as duas conhecidas confeitarias pelotenses, Nogueira e Gaspar), ateliês fotográficos, livrarias (como a tradicional Livraria Universal), cinemas (como o Cine Ponto *Chic*), bazares, restaurantes e hotéis (como o memorável Hotel Aliança, fundado em 1843).

Moura (2006), em seu estudo sobre as vilas proletárias em Pelotas, explica que a hierarquia no espaço urbano se dá até mesmo na orientação das ruas, com o privilégio daquelas orientadas pelo sentido norte-sul àquelas em sentido leste-oeste. As ruas principais da cidade (como a Felix da Cunha, XV de Novembro, Andrade Neves e Gal. Osório), também denominadas longitudinais, possuíam os melhores prédios e as principais casas de comércio, em relação às ruas transversais. Isto porque o escoamento das águas pluviais corre no sentido leste-oeste, “em direção à várzea do Arroio Pepino e do Arroio Santa Bárbara respectivamente”. Conforme a autora, a diferenciação do

espaço não estava colocada em termos de bairros nobres e não nobres, mas em termos de localização de rua e eixo (CRUZ, 1992, *apud* MOURA, 2006, p. 49).

Favorecendo as sociabilidades públicas ligadas à modernidade, as reformas empreendidas pela administração de Otávio Rocha, em Porto Alegre, “modificaram as formas de vivenciar e utilizar o espaço urbano”, sobretudo na área central da cidade, em que novas formas de sociabilidades vão surgindo. A rua dos Andradas, popularmente conhecida como Rua da Praia, era o “coração da vida moderna”, localizada no centro da cidade, na qual se endereçavam “as lojas mais sofisticadas, os melhores cafés, casas de chá, confeitarias, hotéis, restaurantes, cinemas, livrarias, alfaiatarias, modistas, barbeiros, etc.” (MONTEIRO, 1995, p. 125-126).

A organização espacial das cidades modernas reflete de uma maneira geral as preocupações de profissionais ligados às classes dirigentes, tais como engenheiros, sanitaristas ou arquitetos urbanistas, encarregados da transformação da paisagem, os “produtores do espaço” (RONCAYOLO, 1995, *apud* PESAVENTO, 1995a, p. 283). Na ótica progressista, a importância da estética visual na organização do espaço urbano estava enunciada nos Códigos de Construções. Em Pelotas, o primeiro Código de Construções, de 1915, destaca a importância dada à estética cidadina, tendo como umas das exigências a harmonia arquitetônica para as novas construções em relação às já existentes (Cf. DIAS, 2009, p. 76).

O Código de Construções elaborado em 1930, sob a intendência de João Py Crespo, mostra como o discurso oficial trata da organização do espaço urbano, instituindo que as novas construções deveriam ser ordenadas pelos “sentimentos de perfeição crescente” e “instintos de elegância urbana” que a cidade progressista deveria exibir em seu espaço urbano: “São as municipalidades os órgãos conscientes das cidades que disciplinam, sintetizam e orientam as tendências culturais das comunas” (*Diário Popular*, Pelotas, 22 jul. 1930, p. 4). Além disso, a ordenação do espaço da cidade pelo poder político tem um objetivo bastante definido: o controle social.

Monteiro (1995) trata essa questão como uma “política social totalitária”, encetada pela burguesia e elite dirigentes, como legitimadora do seu poder e controle político-social do espaço urbano porto-alegrense, na

“cruzada contra a vadiagem, a mendicância, o jogo, a prostituição, o alcoolismo, a infância abandonada e os cortiços”. A favor dos valores defendidos, no estabelecimento de novos padrões de vida burgueses (trabalho como grandeza moral, higiene pessoal, intimidade do lar), combatiam-se hábitos e locais ditos “incivilizados” a fim de integrar as classes populares à sociedade moderna, para então eliminar ameaças ao poder estabelecido do Partido Republicano Riograndense (MONTEIRO, 1995, p. 81).

Dessa forma, a estruturação oficial do espaço urbano, através da política republicana, deu-se de modo a privilegiar determinados espaços das cidades. As transformações materiais das cidades, evidenciadas nas ruas (automóveis, as novidades elétricas, os objetos de consumo), estavam destinadas às suas elites e aos seus setores médios, os quais “desfrutavam a ampliação das estruturas material, educacional e cultural e que lutavam para erguer a face moderna das cidades” (MORAES, 1994, p. 69).

A Rua XV de Novembro, por exemplo, ao mesmo tempo em que se constituía em um espaço público privilegiado de lazer e comércio pelotense, era simbolicamente construído como uma rua privilegiada em termos sociais. Sendo a relação humana com o espaço uma relação simbólica (LEFEBVRE, 2000, *apud* FREHSE, 2009, p. 15), e retomando Milton Santos, para o qual o espaço é uma construção social, as ruas podem ser denominadas como “espaços públicos”, noção esta socialmente significada como virtualmente de “todos” (FREHSE, 2009, p. 151). Assim, a Rua XV, na condição de via pública, pertencia a todos os pelotenses, mas seus códigos, práticas e sociabilidades definiam (ou tentavam definir) a quem ela pertencia. E a imprensa local refletiu esta construção, no período em que a Rua XV concentrava as sociabilidades públicas tipicamente modernas.

1.3. A Cidade e a Rua XV na Imprensa Pelotense

Na década de 1920, Pelotas contava com vários jornais, alguns de circulação diária. A veiculação de várias folhas concomitantes contribuiu para a profusão de ideias, difusão cultural e o debate político, com a ocorrência de linhas editoriais opositoras no meio cidadão (LONER, 1998, p. 33). Dos jornais diários, o *Diário Popular* e *A Opinião Pública* eram os mais importantes, ambos com sedes na Rua XV de Novembro. Fundado em 1890, o *Diário Popular* foi comprado pelo Partido Republicano Riograndense, sendo o órgão oficial do poder político local, em circulação até os dias atuais. O periódico *A Opinião Pública* surgiu em 1896, como uma dissidência na redação do *Diário Popular*. Em 1944, o *Diário* comprou o *A Opinião Pública*, que circulou até 1962¹³.

O *Diário Popular* publicava notícias condizentes com a administração pública da cidade, representando os interesses da situação (Pelotas foi governada durante a maior parte da República Velha pelo PRR; cf. LONER, 1998, p. 12). Já o *Opinião* caracterizou-se pela inconstância de sua redação, ora opositor, ora a favor de seu concorrente¹⁴. Dessa forma, nos anos 1920, o *Opinião* se opunha ao oficial *Diário*, ao passo que nas décadas de 1930 e 1940 (dentro da abrangência deste estudo), este antagonismo atenuou-se até não mais existir. Com a instabilidade dos anos 1930 e a crise de hegemonia do PRR, vários jornais partidários, entre os quais o *Diário Popular*, foram provisoriamente fechados por medidas policiais, sendo intimados os jornalistas de oposição. Conforme Rüdiger (2003, p. 55-58), a ditadura varguista acelerou o processo de desmantelamento do jornalismo partidário, o qual já vinha perdendo significado no campo social.

Os jornais diários tornaram-se importantes meios de discussão e veiculação dos ideais de uma modernização “civilizatória” verificados nas cidades; Sennett chama atenção para o fato de “cidade” e “civildade” terem uma raiz etimológica comum (SENNETT, 1998, p. 323). Já Le Goff explica que

¹³ Para Rüdiger (2003, p. 90), este fato está relacionado com a maneira pela qual a imprensa do interior reagiu para fazer frente à hegemonia dos jornais porto-alegrenses no mercado gaúcho.

¹⁴ Conforme Loner, o *Opinião* era um espaço aberto àqueles que tinham “dinheiro e um projeto a veicular”, além de permitir uma “renovação e arrejamento [sic] em temas jornalísticos”, e assim, veicular novas ideias para o espaço urbano pelotense (LONER, 1998, p. 14-15).

termos relacionados à cidade “denotam a educação, a cultura, os bons costumes, a elegância: urbanidade vem do latim *urbs*; polidez, da *polis* grega” (LE GOFF, 1998, p. 124).

Celebradas pelas administrações municipais, as melhorias urbanas eram indispensáveis à cidade e seus cidadãos. “O calçamento, em primeiro lugar, era útil, em segundo, embelezava as ruas, mas significava – e isso era de fato importante – o progresso instalado, a civilidade implantada” (MICHELON, 2004, p. 140).

Pesavento chama atenção para a noção de transformação pensada pelo discurso progressista, pela qual mesmo as pequenas mudanças são saudadas como grandes ganhos; a mudança é geralmente vista como ganho, e não perda, na crença de um futuro ideal.

No caso da postura progressista, por vezes os mínimos detalhes de renovação urbana podem ser entusiasticamente saudados como representativos da modernidade desejada. Ou, por outro lado, o não-cumprimento da municipalidade dos serviços essenciais à cidade pode ser denunciado como entrave perturbador de um processo de mudança em curso (PESAVENTO, 1998, p. 318).

De acordo com Radovanovic (2002, p. 10-12), para o caso de Buenos Aires, os jornais e as revistas ilustradas¹⁵ contribuíram para o conhecimento da cidade, na medida em que aproximaram este espaço dos progressos técnicos à reflexão do “avance civilizador” dos países europeus e Estados Unidos, além de que, a partir da análise desses textos, seja possível “verificar la relación existente entre el espacio de la ciudad y los sectores políticos que alentaron su transformación”¹⁶. Deste modo, pode-se inferir que os jornais cumpriram um papel de destaque no conjunto das transformações urbanas verificadas em Buenos Aires entre o final do século XIX e início do século XX.

Ainda de acordo com a autora, além das crônicas, as revistas ilustradas “permitieron acercar las imágenes urbanas del mundo europeo y

¹⁵ A autora trata da imprensa buenairense da década de 1880.

¹⁶ Já a autora Beatriz Sarlo (2010, p. 39-42) trata de um novo tipo de jornalismo que se insere em um contexto de ampliação dos setores sociais do público leitor. Para além dos diários “*señores*”, escritos e lidos pelas classes políticas e letradas (tratados por Elisa Radovanovic nessa pesquisa sobre o processo de modernização de Buenos Aires), surge um tipo de imprensa voltada para os setores médios da população, acrescida pelos significativos contingentes imigratórios verificados na Argentina. Ante as céleres mudanças verificadas na sociedade portenha dos anos 1920 e 1930, este jornalismo tinha um formato de leitura rápido, podendo ser facilmente consumido “na plataforma do bonde ou nos vagões de trem e metrô”, e estava comprometido com as massas populares.

americano como un nuevo objeto de contemplación y de conocimiento”, acrescidos da importância das fotografias registradas em álbuns, estampas e vistas de Buenos Aires, para a recriação da imagem da cidade. Para o caso buenairense, os jornais buscaram nos grandes centros europeus e dos Estados Unidos o modelo a ser seguido para a área urbana da capital argentina, transformada de forma visceral a partir dos anos 1880. De acordo com Sebrelli (2003), foi quando a “*gran aldea*” se transformou em cidade, alterando dessa forma costumes e estilos de vida. No final do século XIX, ocorre o apogeu urbanístico buenairense, sobretudo a partir das reformas do intendente Torcuato de Alvear e da incorporação dos edifícios *art nouveau* da Avenida de Mayo (SEBRELLI, 2003, p. 243)¹⁷.

A imagem de Buenos Aires aparece refletida nos jornais pelotenses consultados como uma referência urbana de modernidade, cosmopolitismo e elegância. Assim, pode-se inferir que os jornais cumpriram um papel de destaque no conjunto dessas transformações cidadinas.

Dentro do período abarcado por esta pesquisa nos dois periódicos pelotenses, *Diário Popular* e *A Opinião Pública* (de 1920 a 1950), há uma recorrência praticamente ininterrupta de colunas que tratavam especificamente da cidade, ou melhor, sobre o espaço urbano central de Pelotas. São interessantes espaços dos jornais, pois que através destas colunas, em grande parte denunciativas, tem-se noticiado os problemas da urbe e a maneira como a cidade estava pensada e desejada, além de significativos relatos de aspectos cotidianos da mesma. A Rua XV, como um espaço privilegiado dentro da organização espacial da cidade, aparece em diversas delas:

Continuam os retoques do calçamento a paralelepípedos da rua 15, para os preparativos das pomposas festas do bicentenário, em 2022. Fora colocada uma lâmpada na Praça, azeitado um dos bondes, o P. branco. As pontes, não havendo tempo de instalá-las, ficariam expostas em suas fábricas. À semelhança do governo do saudoso Ramiro Barcellos e as obras da Barra [do São Gonçalo], o atual governo [de Pedro L. Osório] fincará estacas e considerará inaugurados os trabalhos para todos os efeitos (*A Opinião Pública*, Pelotas, 04 set. 1922, p. 3).

¹⁷ Ao deixar para trás a feição da cidade colonial, Buenos Aires assumia uma nova imagem que podia lembrar cidades como Londres, Paris ou Berlim. De acordo com Carretero (2001), deixava em definitivo no passado “la fea ciudad con honda herencia hispana del siglo XIX para convertirse en una capital internacional al mismo nivel que las más renombradas” CARRETERO, Andrés. *Vida cotidiana en Buenos Aires. Desde la sociedad autoritaria hasta la sociedad de masas (1918-1970)*. Buenos Aires: Ed. Planeta Argentino, 2001, p. 21.

Em grande parte destas colunas, podemos perceber que, embora a cidade estivesse crescendo, os melhoramentos estruturais realizados pela administração pública ainda se limitavam à sua zona central.

Bem pode-se dizer que o progresso de uma cidade avalia-se pela pavimentação de suas ruas, certo é que ao forasteiro, nada mais impressiona, *in primo loco*, do que um bom calçamento. Quem aporta a esta cidade, não saindo da Praça, rua 15, Andrade Neves e Osório, tem infalivelmente uma boa impressão, dada pelo estado de paralelepípedos e início de arborização, mas esse engano d'alma ledado e cego, esvai-se, não devido a fortuna, mas antes ao fato de penetrar noutros bairros (*A Opinião Pública*, Pelotas, 05 mai. 1925, p. 3).

Para os problemas enfrentados pela cidade, a Intendência alegava falta de recursos, dado que o empedramento para a pavimentação das ruas tivesse elevado valor orçamentário, assim como o calçamento e os serviços de bondes para os bairros. Por seu lado, o *Diário* publicava preferencialmente as benfeitorias das administrações, como o aumento da iluminação na Rua XV e na praça central (*Diário Popular*, Pelotas, 17 fev. 1925, p. 3) ou a inauguração dos bondes elétricos (*Diário Popular*, Pelotas, 20 out. 1925, p. 3).

Na década de 1930, as mudanças no cenário político trouxeram novas perspectivas ao jornalismo praticado pelo *Diário Popular*¹⁸. Dessa forma, o periódico passou a publicar colunas denunciando o descaso do poder municipal. Em 1935, sob o título “Pelotas abandonada!”, denunciava que nas ruas o capim crescia de forma assustadora, como um reflexo do abandono por parte da administração, formando quadros desoladores, o que comprometia a “urbs” e sua tradição, impregnada no cognome “Princesa do Sul”, de “formosura moral e material”. Igualmente comprometia a imagem da cidade ao forasteiro, causando a impressão de uma urbe decadente e desprezada (*Diário Popular*, Pelotas, 09 mar. 1935, p. 1).

Cresce nesse período o discurso nos jornais contra a mendicância, a jogatina, a prostituição e o alcoolismo. Conforme Monteiro (1995, p. 138-139), estes discursos estavam de acordo com a busca de legitimação da expulsão de práticas dissonantes à ordem estabelecida, “impondo um novo imaginário e um novo discurso ancorado em um ideal de modernidade elitista e excludente”. A

¹⁸ Em 1935, a Frente Única local escolheu para as próximas eleições municipais o intendente Py Crespo. Porém, tomou posse Silvio Barbedo, escolhido pela forma intervencionista do governo varguista (*Diário Popular*, Pelotas, 05 out. 1935, p. 1).

reforma fiscal, as contribuições sobre o imposto predial, revelam um instrumento de reorganização do espaço urbano, tendo como principal consequência o deslocamento das classes populares para as zonas periféricas da cidade. A preocupação com a estética urbana pode ser entendida como uma prerrogativa veiculada às notícias nos jornais na ideia da cidade como portadora de civilidade, e a Rua XV, na condição de vitrine da urbe, palco das sociabilidades, não poderia ser desatendida pela administração municipal.

A rua 15 de Novembro, no trecho compreendido entre a Praça Coronel Pedro Osório e a rua Voluntários, não só pelo seu movimento de pedestres, como pelo seu amplo comércio e ponto de passeio do nosso mundo elegante, pode ser considerada como a sala de visitas da nossa “urbs”. Só por este motivo é ela digna de ser olhada com atenção pelos nossos poderes públicos, bem como, pelos proprietários dos edifícios nela existentes, sobre quem deve recair a apresentação externa dos mesmos, a fim de que, no seu conjunto, não haja tonalidades fortes de aleijões a enfeia-la aos olhos dos forasteiros que nos visitam. Mas, a nossa 15, está cheia de pequenos senões, que devem ser removidos, a fim de lhe emprestar aquele ar de elegância e distinção de que é merecedora. Por exemplo, nas calçadas do trecho citado, encontram-se inúmeros buracos, onde faltam as respectivas tijoletas, e que, além de causar péssima impressão, dão origem a não poucas quedas (*Diário Popular*, Pelotas, 15 abr. 1936, p. 6).

Em 1938, uma série de colunas intitulada “Estética urbana”, assinadas primeiramente por “L.G.” e depois por “Clóvis”, propunha a remodelação do espaço urbano de Pelotas, no sentido de dotá-lo de uma aparência condizente com o seu crescimento e importância comercial, artística e cultural, o que lhe conferia a posição de segunda principal cidade do estado.

Por isso, ao lado do progresso em geral que a agita, deve-se cuidar, também, da estética citadina, a fim de aformoseada a urbes, poder Pelotas oferecer perspectivas agradáveis à sua população e aos forasteiros que a visitam tornando-a em próximo futuro, um centro de turismo, para isto, nesta coluna, apresentaremos artigos subsequentes modestas ideias ao honrado poder municipal (*A Opinião Pública*, Pelotas, 26 abr. 1938, p. 4).

Nas edições subsequentes, propostas de substituição de prédios do perímetro central, preferencialmente aqueles localizados nas esquinas, foram apresentadas como medida inicial, que deveriam ser substituídos por edifícios de quatro a sete andares. Dessa forma, “em prol de uma cidade monumental, em próximo futuro (...)”, imperava a necessidade da demolição de esquinas estratégicas da “urbs”, para que, ao substituir velhos e baixos edifícios, surgissem alterosos prédios “que se destinem a apartamentos, centros

residenciais, ou sedes de estabelecimentos comerciais, assim como centralização de múltiplos e variados negócios”¹⁹.

Para “Clóvis”, o “progresso de Pelotas, a sua feição monumental, para um próximo futuro [dependia] de imediata substituição desses e outros prédios de esquina, por belos e alterosos edifícios de construção moderna” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 05 mai. 1938, p. 4). Além de prédios modernos e funcionais, “Clóvis” sugeria à administração municipal (no caso, ao prefeito J. de Albuquerque Barros) um projeto de arborização, “aos moldes dos grandes centros do país”. O colunista tinha em conta que muitas ruas da cidade não se prestariam para este projeto de arborização, portanto, deveriam ser escolhidas as artérias cuja largura possibilitasse tal medida (*A Opinião Pública*, Pelotas, 10 jun. 1938, p. 1).

O discurso promissor encontrava-se no bairro Porto, o grande bairro industrial em plena formação. Com fotografias apanhadas pelo repórter fotográfico Ramão Barros, a reportagem do *Diário* ilustrava a transformação da sua paisagem, em que as esparsas residências iam dando lugar, mês a mês, à morfologia de uma cidade, apontando mesmo para a própria transformação desta. A cidade “madura”, que se modernizava e que refletia suas contradições; dessa forma, os dois periódicos representavam Pelotas, sua vida urbana que se transformava e indicava os aspectos da “vida moderna” em um novo pulsar da vida cotidiana.

Cidade já, o antigo aglomerado humano não pode mais ser identificado com as suas formas primitivas, vibrando agora com uma vida intensa e febril, cortada de ponta a ponta por ruas e avenidas, pontilhado de chaminés fumegantes, transformado num quadro de Van Gogh, cheio de agitação, numa demonstração poderosamente fascinante da força do homem. Porém se a modificação nos seus contornos, no seu traçado e no seu aspecto total foi enorme, muito maior o foi a do elemento humano que agora vive em seu interior, organizado em uma sociedade complexa, cheias de altos e baixos, num reflexo do próprio homem que a constitui, plena de problemas e questões que reclama uma solução através dos séculos. Toda ela um

¹⁹ As sugestões de demolições de esquinas que comporiam o novo centro urbano eram: Rua XV com Mercado (onde estava a loja Ao Índio); Mercado com Andrade Neves (no Armazém Caju); Praça Cel. Pedro Osório com Anchieta (onde havia sido o escritório da Cia. de Seguros Pelotense); nas duas esquinas das ruas Andrade Neves e Gal. Neto (nas lojas Samaritana e Ao Paraizo); na Andrade Neves com Sete (nas lojas Bule Monstro e London-Paris); na Rua XV com Sete (na Tabacaria Brasil e no Salão Pelotas); Rua XV com Gal. Neto (na loja Gran Via). Seria feita a construção em Porto Alegre de um grandioso edifício da Cia. de Seguros Sul América; como era grande a arrecadação em Pelotas, o colunista apelava para que se construísse também na cidade um alteroso edifício da Companhia (*A Opinião Pública*, Pelotas, 05 mai. 1938, p. 4).

reflexo da civilização, a cidade madura apresenta em si as vantagens e os defeitos da mesma, a riqueza e a miséria, a fome e a abundância, a beleza indescritível dos seus palacetes lado a lado com a habitação dos miseráveis (*Diário Popular*, Pelotas, 13 ago. 1944, p. 8)²⁰.

Assim, essas colunas refletiam o cotidiano da urbe, os anseios de seus leitores e afora isso, permitiam compreender como algumas novidades ou mudanças eram sentidas, admiradas ou contestadas. E os flagrantes fotográficos, mais comuns a partir da segunda metade da década de 1930, possibilitaram ir além da textualidade das colunas.

Um exemplo são as filas, entendidas como um sintoma maior dos novos tempos. Com a escassez de alimentos e combustíveis verificados (em grande parte devido a Segunda Guerra), havia filas para as cotas de arroz, leite, combustíveis e até mesmo para o pão. Na imagem abaixo (Figura 3), na calçada da Rua XV em frente à Torre Eiffel para a Confeitaria Nogueira, um flagrante da primeira fila vista pelo repórter em Pelotas. “Assim, a nossa cidade, começou a conhecer desde ontem, uma outra face do momento difícil e incerto em que vivemos” (*Diário Popular*, Pelotas, 10 nov. 1946, p. 8).

Pelotas conhece, desde ontem, o que é “fila” – Ontem, de manhã, a nossa reportagem fotográfica colheu o flagrante que ilustra estas notas, quando aproximadamente cem pessoas, formando extensa fila na nossa principal artéria, esperava, paciente, recebendo em cheio o forte sol que se fazia sentir àquela hora, cada um à espera de sua vez, para receber o minguado meio quilo de pão, para levá-lo ao lar (*Diário Popular*, Pelotas, 10 nov. 1946, p. 8).



Figura 3. A primeira fila vista pelo repórter em Pelotas [legenda original].
Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 10 nov. 1946, p. 8.

²⁰ Conforme a reportagem, sobretudo após a instalação do Frigorífico Anglo, com o fluxo de trabalhadores, a transformação da paisagem do bairro Porto foi radicalmente alterada, e de construções desniveladas estavam surgindo edifícios mais ou menos nivelados e organizados.

Referências à agitação, à velocidade, às cobranças e os barulhos da vida moderna (autos e caminhões que às vezes trafegavam com o escape aberto, buzinas estridentes tocadas desnecessariamente), constroem a imagem de uma cidade que está crescendo e deixando para trás antigos ritmos e costumes. Ainda que possam parecer críticas negativas, no fundo elas se voltam para estes fenômenos da vida moderna com certa admiração, perplexidade, sobretudo porque Pelotas também começava a fazer parte dessas mudanças irreversíveis, típicas dos grandes centros urbanos.

Antes, pacata, silenciosa quase, poupava os nervos da gente, que não chegava a sentir qualquer parcela de depressão, motivada por agitação maior. Depois, aos poucos, a cidade foi crescendo, a população foi aumentando e seu movimento adquirindo maior intensidade. A vida começou a ser mais agitada, até atingir a vibração atual, quando os nervos dos que trabalham, intensamente, já afloram em vibrações mais depressivas, por mais exigidos que são. As atividades e responsabilidades aumentam, aumentando proporcionalmente o dispêndio de energias, tornando o indivíduo mais vibrátil, mais irritadiço (*Diário Popular*, Pelotas, 14 fev. 1948, p. 3).

Conforme Lopes, entre o final da década de 1940 e ao longo da década de 1950, Pelotas passou por intensas transformações em seu espaço urbano.

A cidade está em processo de verticalização, com a construção de grandes edifícios e a remodelação das antigas construções no perímetro central. Amplas e largas avenidas estão sendo construídas e outras ampliadas, para facilitar a circulação dos automóveis e das pessoas, instaurando assim um novo ritmo na cidade (LOPES, 2007, p. 24).

Este “novo ritmo na cidade” resultou em novos estilos de vida (em boa parte influenciados pela indústria de consumo norte-americana), e a rua, a partir dos anos 1950, vai cedendo cada vez mais lugar ao trânsito e às novas formas de ordenamento da vida nas cidades. Em Porto Alegre, a partir dos anos 1950, Lewgoy (1991) aponta que sociabilidades vão sendo extintas.

O *footing*, a confeitaria e o café vão cedendo terreno ao contingente humano massificado, variado e complexo que se apropria da região [central], como um novo regime de uso do tempo, de ocupação e movimentação no espaço, num ambiente de diversidade de códigos, fragmentação de papéis e heterogeneidade de experiências sem precedentes na história da cidade (LEWGOY, 1991, p. 11).

Com isto não quer dizer que a rua como espaço de convívio desaparece a partir dos anos 1950; no entanto, estas sociabilidades vão sendo

cada vez mais enfraquecidas, absorvidas por novos e acelerados ritmos. A constante preocupação com o trânsito de veículos e pedestres no trecho central da Rua XV, via que concentrou estas sociabilidades tratadas por Lewgoy, para o caso de Porto Alegre, se relaciona com uma nova concepção de cidade e rua, dinâmica e com mobilidade. Conforme Berman, a cidade corbusiana decretou o fim dos espaços para transeuntes, dos cafés e dos pontos de encontro que retardavam o movimento. Nas grandes metrópoles modernas, a rua seria somente para o tráfego (BERMAN, 1989, p. 161).

No entanto, segundo Lepetit, os grupos humanos mostram mais resistência que a materialidade das cidades (novos prédios, alinhamento de ruas e transformações de praças), de maneira que os modos duram mais que as formas (LEPETIT, 2001, p. 148). Assim, as sociabilidades urbanas não deixam de existir, porém são influenciadas decisivamente por estes novos ritmos urbanos. Aos ideais de urbanismo, proclamados nos jornais, em cujas páginas “formularam-se, discutiram-se e articularam-se projetos de futuro” (LUCA, 2011, p. 120) para as cidades, conjugaram-se nas páginas dos periódicos *Diário Popular* e *A Opinião Pública* discursos de urbanidade e civilidade, condizentes com os ideais de modernidade que encontraram em suas páginas impressas um importante veículo de transmissão para o meio cidadão.

Capítulo II

A Rua XV de Novembro

Amor/ Um bangalô eu vou te dar/ Pra lá contigo só morar/ E o verbo
amar nós conjugar/ Um Ford/ Também por certo vais ganhar/ Pra na
rua 15 passear/ E ao povo todo embasbacar!

A Opinião Pública, carnaval de 1930

2. 1. Os Passeios

Conforme Pesavento (1996), a rua reflete a organização do espaço e da vida da cidade moderna, com a adequação aos novos valores morais, aos critérios de ocupação do solo urbano e novas posturas aos padrões desejados. “Objetos de planos urbanísticos, as ruas expressarão, pela sua diversidade de aparências, a diferenciação social subjacente da nova ordem burguesa” (Idem, p. 39). Conforme a autora, enquanto as principais artérias “ostentavam todas as melhorias urbanas da civilização” para uma grande parte da população, estas melhorias eram classificadas “como um serviço de luxo, só ao alcance dos abastados”. Isto porque a cidade sempre refletiu desigualdades socialmente determinadas. “Em suma, nos caminhos da modernidade, nem todas as ruas eram iguais e a cidade reproduzia, na ocupação do espaço e na atuação da municipalidade, as distorções sociais” (Ibidem, p. 39-40).

Assim porque a cidade é fruto da materialidade construída a partir das relações sociais humanas, e o urbano resulta mesmo destas relações como um processo de produção construído historicamente e conjugado a determinantes econômicos, de ordem industrial e de mercado. Mas o urbano vai além dos modos de produção do espaço, “é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida” (CARLOS, 2007, p. 26-27).

Para o caso de São Paulo, que já nas primeiras décadas do século XX se afigurava como uma grande metrópole, resultante da economia gerada pela produção cafeeira que passava a fazer investimentos no centro urbano paulistano (em expansão tanto em termos econômicos quanto populacionais), Padilha (2001) explica que a este crescimento se somaram novas formas de experimentar a cidade.

O centro era a parte da cidade que mais rapidamente se transformava. Tudo o que havia de novo aparecia naquela região: o Viaduto do Chá, o Teatro Municipal, as requintadas casas comerciais Mappin e Casa Allemã e os luxuosos prédios de bancos. O famoso

triângulo formado pelas ruas São Bento, Direita e XV de Novembro era uma das áreas que mais se modificava e absorvia as inovações da vida urbana. Os elegantes da cidade frequentavam os requintados cafés e restaurantes da região, desfrutando da nova paisagem que o movimento de pessoas, a luz elétrica, os cartazes e luminosos proporcionavam. Um sem-número de lojas, vitrines e cartazes se enfileiravam nas calçadas por onde passavam os pedestres, uns a passeio, outros a negócios. Passar ali era entrar em contato com as últimas novidades que surgiam na cidade, tanto em termos de paisagem urbana, propriamente dita, como em termos de consumo (PADILHA, 2001, p. 20-21).

Ocorre que a preocupação com a área central da cidade decorre da necessidade de não apenas modernizar a aparência, mas também a essência, ou seja, era necessário incutir aos cidadãos um novo modelo de sociedade através da incorporação de novos padrões de consumo, de comportamento, enfim, de uma moral civilizadora que constrói na zona central da urbe um arquétipo para então poder irradiá-lo ao todo.

Nos jornais pelotenses consultados, pode-se perceber que a preocupação com a zona central da urbe muitas vezes é abordada sob um sentido estético, daí a importância de ordená-lo, não podendo ser permitido passeios com tijoletas faltantes, muros partidos, construções abandonadas. Outros aspectos igualmente comprometeriam aquela zona, é o caso da mendicância e do meretrício, que deveriam ser retirados para outros lugares, como os asilos e abrigos no caso dos mendigos, e para lugares distantes do centro da cidade, no caso das meretrizes²¹.

A cidade poderia desempenhar assim seu sentido pedagógico, adotando medidas de civilidade no convívio de seus cidadãos, não apenas nas ruas, mas também no interior dos estabelecimentos comerciais ou casas de espetáculos, como teatros e cinemas. Nesse aspecto, pode-se acrescentar a importância política dos festejos e passeatas que eram comumente realizados, como os desfiles cívicos da Festa da Pátria, nos meses de setembro, os desfiles dos alunos dos colégios Pelotense e Gonzaga (Gato Pelado e Galinha Gorda, respectivamente) ou ainda os desfiles ao Dia da Raça. Estes desfiles

²¹ Em 1930, o *Opinião* apresentava mais uma solução para o meretrício em Pelotas. A medida sugerida na pauta seria a mesma adotada em Porto Alegre, a qual “se afigurava menos violenta e mais consensual com a noção de civilidade e princípios de humanidade”: tratava-se desta prática ter um local específico, ou seja, distante do centro da cidade, em “um bairro convenientemente afastado”, no qual, “aquelas que se entregam ao triste comércio tivessem, ao menos, sua liberdade e pudessem gozar o ar e a luz do dia que a ninguém é dado cercar” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 11 mar. 1930, p. 1).

ocorriam preferencialmente na Rua XV, que ficava repleta, como pode ser percebido nos diversos flagrantes fotográficos exibidos nos jornais.

Na rua costumavam ocorrer também passeatas, das escolas ou dos trabalhadores, assim como cortejos fúnebres de personalidades importantes do município. Em março de 1931, a cidade presenciou talvez o maior cortejo fúnebre de sua história, com a morte do coronel Pedro Osório²². Segundo o *Diário*, cerca de 20 mil pessoas acompanharam a esquife do coronel, que saiu do Paço Municipal e pela Rua XV, seguiu em direção à Catedral e ao cemitério São Francisco de Paula (Figura 4).

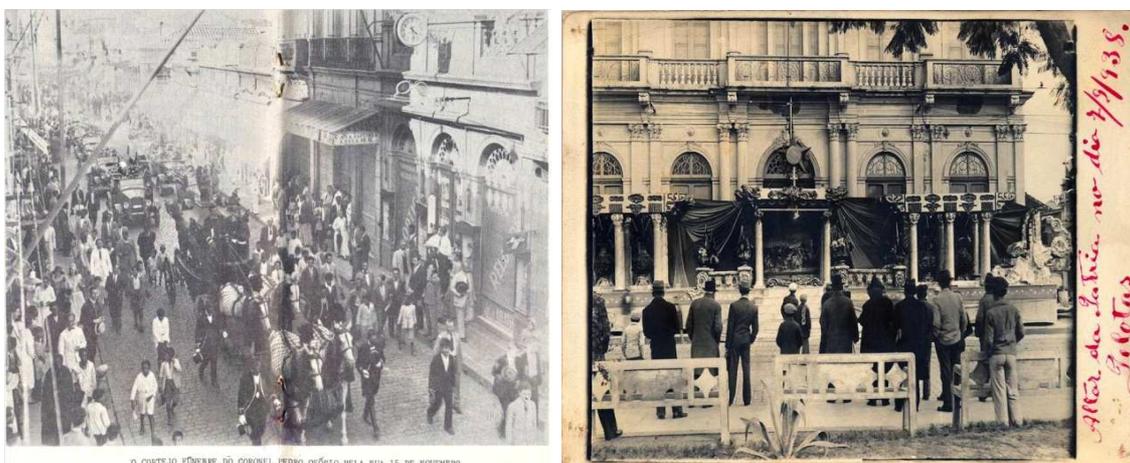


Figura 4. Cortejo fúnebre do Cel. Pedro Osório, pela Rua XV (1931). Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 5. Altar da Pátria, em frente à Bibliotheca Pública Pelotense (1938). Fonte: LABORATÓRIO DE ACERVO DIGITAL, UCPEL.

Conforme a edição do jornal, quase toda dedicada à memória do coronel, um longo cortejo movia-se lentamente pela artéria central, com os seus estabelecimentos fechados e a iluminação coberta de crepe, ao som de marchas fúnebres executadas pelas bandas de música União Democrata, 9º Regimento e 4º Batalhão (*Diário Popular*, Pelotas, 04 mar. 1931, p. 4). Dias

²² Pedro Luis da Rocha Osório (1854-1931) nasceu em Caçapava do Sul. Chegou a Pelotas em 1871, aos 17 anos, empregando-se como caixeiro no comércio local. Em 1875, era caixeiro da Charqueada Boa Vista, de Francisco A. Gomes da Costa, Barão do Arroio Grande. Em poucos anos, Pedro Osório já era sócio da indústria do barão, e com um capital inicial de 18 mil réis, se lançava por conta própria na produção do charque, rapidamente ampliando seus lucros. Importante chefe político local, integrou a Primeira Junta Administrativa de Pelotas, criada para organizar a administração republicana da cidade. Em 1907, fez os primeiros experimentos com o plantio de arroz em sua charqueada do Cascalho, e nos anos seguintes, realizou importantes investimentos na orizicultura, tornando-se um grande exportador. O Cel. Pedro Osório ficou conhecido como o “rei do arroz”, e seu empreendedorismo é apontado como responsável por encerrar o ciclo do charque e iniciar o ciclo do arroz no sul do Brasil. Fonte: <<http://www.vivaucharque.com.br>> Acesso em: 28 nov. 2012.

mais tarde, um decreto alterava o nome da Praça da República para homenagear o “morto maior” com seu nome, que permanece até os dias atuais.

Os desfiles cívicos em homenagem à Semana da Pátria eram realizados na Rua XV, geralmente partindo da praça central e algumas vezes percorrendo também outras ruas centrais, e envolviam principalmente os estudantes. A Figura 5 mostra um altar que foi montado em frente à Bibliotheca Pública, na edição de 1938. Cabe ressaltar que após o Estado Novo, estas comemorações passaram a ser dotadas de um sentimento cívico muito intenso, assim como suas descrições nos periódicos.

Palco de passeatas, de cortejos e desfiles; e a circulação pela Rua XV também foi alvo das atenções por parte da Administração Municipal, em relação ao seu trânsito, de veículos e de pedestres.

Em março de 1929 foi feita a retirada dos trilhos dos bondes da Rua XV (entre a Rua Mal. Floriano e Av. Bento Gonçalves), sendo colocados na Rua Andrade Neves. Desde então, havia muita confusão no ordenamento do trânsito de veículos pela via central. Um ponto conflitante era o estacionamento, ora feito à esquerda, ora à direita da rua. Ocorria que muitos motoristas desrespeitavam as instruções da Inspetoria de Tráfego, mudando o lado do estacionamento para onde havia sombra, embora na contramão (*Diário Popular*, Pelotas, 21 dez. 1929, p. 2). E as soluções apresentadas nos jornais são variadas, como aquela que sugeria o estacionamento alinhado ao longo dos dois lados dos passeios, ou ainda que, até ao meio-dia, os veículos estacionassem à direita, e após este horário, à esquerda, o que representaria “uma notável economia em pinturas e em pneumáticos, evitando o sol na parte da tarde” (*Diário Popular*, Pelotas, 24 mar. 1932, p. 3).

Acontece que o aumento da presença de veículos particulares gerava um problema que para a cidade com suas antigas e estreitas ruas não havia sido pensado. Dessa forma, o trânsito da Rua XV se afigurava em um problema recorrente: era a principal via da cidade, porém, sua estreiteza desafiava a Inspetoria de Trânsito em buscar soluções para aliar o crescimento da urbe sem prejudicar o movimento da Rua XV. Evidente que o problema do trânsito na cidade não estava restrito a esta rua, porém, na imprensa, sobretudo através do *Diário Popular*, é recorrente a busca por soluções para o trânsito da via central.

Outro problema era em relação à permissão de trânsito em uma, ou nas duas direções da rua. Com a permissão do trânsito nos dois sentidos, em janeiro de 1936, haveria certas restrições, como a proibição de trafegarem carroças e caminhões após o meio-dia e veículos não poderiam permanecer por mais de dez minutos estacionados junto aos passeios. Conforme o editorial do *Diário*, à primeira vista tal atitude poderia parecer razoável, porém, tornar-se-ia prejudicial ao comércio da Rua XV e não produziria “os efeitos alvejados pelos que querem o ressurgimento do movimento da nossa principal via”, e que dessa forma, casas comerciais atacadistas não puderam receber e expedir cargas através do Porto e da Estrada de Ferro.

Veículos de repartidores de pão, café, leite, cigarros, gelo etc., alguns dignos de percorrer o Strand de Londres, foram obrigados a permanecer às esquinas das ruas transversais, fazendo os respectivos condutores perderem precioso tempo, além de ouvirem as reclamações dos seus clientes da rua 15 (*Diário Popular*, 26 jan. 1936, p. 8).

Com ironia, o editorial colocava ainda que devido às restrições, os passageiros do Hotel Alliança, chegados pelos trens da tarde, teriam de buscar suas bagagens no dia seguinte. A estreiteza da rua dificultava o livre trânsito nas duas direções, além disso, possibilitava possíveis colisões entre os veículos, que de fato ocorriam com frequência.

Em 1939, as novas ordens de tráfego descontentavam os comerciantes localizados na Rua XV. As determinações da Seção de Trânsito e Acidentes (substituta da Inspetoria do Tráfego)²³ eram as seguintes: no trecho da Rua XV da Rua Gal. Neto até a praça central, agora seria feito em um só sentido. Além disso, o estacionamento neste trecho foi estabelecido da seguinte forma: nas datas pares, carros estacionariam no lado cujas casas possuíam numeração par; em dias ímpares, do lado de casas com numeração ímpar. Pode-se imaginar a confusão e a dificuldade em obedecer tais medidas, que desagradou aos comerciantes, alegando que o tráfego em um só sentido acarretaria um menor movimento, conseqüentemente menor o

²³ Esta mudança de nome certamente está relacionada com o aumento de acidentes de trânsito verificados no centro urbano, em grande medida, um processo de adequação à convivência entre os pedestres e os veículos. Sevckenko (1998), em relação ao elevado número de acidentes envolvendo principalmente transeuntes e automóveis no Rio de Janeiro da Primeira República, explica que se torna uma espécie de segunda natureza para o homem moderno a precaução ante “um trânsito urbano cada vez mais complicado, maciço e acelerado” (SEVCENKO, 1998, p. 550).

desenvolvimento de atividades comerciais, preferindo os motoristas trafegarem em outras ruas de trânsito livre, e assim, “o interesse dos pedestres será desviado também para outras ruas onde a vida será mais intensa e com isso virá a decadência da nossa principal rua e logicamente a de seu comércio” (*Diário Popular*, Pelotas, 18 mai. 1939, p. 8).

A rua 15 de Novembro, a nossa artéria principal, vem, há longo tempo, sendo perseguida por uma série de circunstâncias que tem contribuído para a sua decadência. Entretanto, à custa de ingentes sacrifícios, da solidariedade dos comerciantes aqui estabelecidos e da preferência da população, que ciosa de suas tradições não a abandonou, como jamais a abandonará, a nossa rua principal venceu todos os obstáculos e vem reagindo, vantajosamente, contra a estranha e inexplicável perseguição (Idem).

Além de difundir a ideia da Rua XV como uma tradição, pode-se perceber que o *Diário* também era um importante veículo que partilhava dos interesses dos comerciantes da Rua XV, como atesta a nominata recolhida e divulgada pelo jornal, com cerca de 40 nomes de comerciantes das quadras centrais da via, contrários àquela mudança.

Ainda em 1939, foram noticiadas iniciativas de asfaltamento das ruas do centro da cidade²⁴, e a Rua XV estava cogitada para receber a padronização do calçamento, o que como se sabe, não ocorreu. E a Associação de Proprietários de Imóveis (API) era contrária ao asfaltamento da Rua XV. Em entrevista ao *Diário*, o Sr. Alvaro Maia Reis, vice-presidente daquela entidade, se mostrou contrário à iniciativa do prefeito Albuquerque Barros em asfaltar a principal artéria. A justificativa era a de que se tratava da estética da cidade, matéria com a qual o *Diário* constantemente se ocupava.

Conforme Alvaro Reis, seria “inteiramente desaconselhável o critério de empregar parte da verba destinada ao calçamento e recalçamento das ruas da cidade, numa obra que tem fins somente de embelezamento”. Conforme a matéria, Alvaro Reis não era contrário a estas medidas, apenas achava que o momento não era oportuno. “A rua 15 de Novembro está calçada e com alguns reparos ficará ela bem servida”. Preferia ele o uso das verbas, exíguas, para o

²⁴ O projeto de lei para a padronização e modernização da pavimentação das ruas da cidade, de autoria do vereador José Faustini, propunha que deveria realizar-se um processo de asfaltamento das ruas, a exemplo do surto de modernização por qual passava a cidade de Santa Maria. Além disso, tornaria obrigatório o uso de paralelepípedos, vedando o uso de pedras irregulares (*Diário Popular*, Pelotas, 21 mai. 1948, p. 3).

calçamento de ruas ainda não pavimentadas, o que iria aliviar o trânsito de veículos das vias centrais (*Diário Popular*, Pelotas, 18 mai. 1939, p. 8)²⁵.

Não apenas a regularização do trânsito de veículos ocupou por vários anos as páginas dos jornais, mas também o trânsito de pedestres, e outra vez, as atenções se concentraram na Rua XV. Havia se tornado um hábito dos transeuntes ficarem parados, em meio à calçada ou encostados nas vitrines das lojas, em grupos de conversas. Em 1931, o cronista Joar divulgou uma campanha encetada pelo chefe de polícia da capital, Rio de Janeiro, para solucionar o problema com os “moços bonitos filhos de alcaides, que por não terem medo de irem para o xadrez, ficavam postados nos passeios proferindo pilhérias e até imoralidades às moças desacompanhadas”. A este hábito indecoroso dos insolentes rapazes, Dr. Luzardo propunha que, pegos em flagrante pela primeira vez, uma “liçãozinha de moral”; na segunda vez, convidados a comparecerem na delegacia e ficarem detidos no espaço de 24 horas, a fim de aprenderem a se portar educadamente (*A Opinião Pública*, Pelotas, 18 abr. 1931, p. 4).

Nós aqui, também, possuímos esta praga de moços bonitos, os quais na falta de um passeio largo, na qual possam se postar, encostam-se nas vitrines das casas comerciais e nas portas dos cafés, e como os seus colegas do Rio, dizem graçolas pesadas a toda a moça bonita ou senhora elegante que passe desacompanhada pela nossa principal artéria. Cuidado “gabirus pelotenses”! O nosso subprefeito também pode querer bancar, aqui, o chefe de polícia do Rio, e dar algum desgosto a tão “laboriosa” classe (idem).

A expressão “moço bonito”, usada com recorrência nos jornais, se referia aos jovens, geralmente de famílias ricas, que se divertiam nos pontos centrais da cidade. Acontece que seus divertimentos muitas vezes extrapolavam os limites do bom senso e moralidade que possuíam os redatores das colunas e crônicas dos jornais, sendo constantemente denunciados. A busca pelo ordenamento e o disciplinamento dos transeuntes

²⁵ Previstas no Orçamento Municipal, as taxas de calçamento eram as seguintes: paralelepípedos, 1,5%; faixa de cimento, 2,5%; calçamento irregular, 3,5%; ruas com cordão de pedra e calhe empregada, 4,5%; ruas sem calçamento na zona de água e esgotos, 5%; ruas nas zonas sem água e esgotos, 6% e sobre predial e anexos. Alvaro Reis esperava que o emprego da verba fosse feito em locais com maior necessidade de calçamento. A prioridade de ruas que teriam trechos calçados eram aquelas situadas no perímetro urbano, mas um pouco mais afastadas do núcleo central, tal como as ruas Barroso e Manduca Rodrigues (atual Professor Araújo). Sobre as calçadas das ruas centrais, Alvaro Reis pensava ser solução uma intervenção mais enérgica por parte da Prefeitura em relação aos proprietários de imóveis (idem).

verificada na imprensa deve ser entendida a partir de sua relação conexas com a veiculação de determinados costumes e valores morais, ao tentar adequar seus cidadãos ao processo de construção de uma moderna sociedade, urbana e civilizada. Para que isso ocorresse, “hábitos provincianos” também deveriam ser combatidos, e assim, o trânsito de pedestres igualmente deveria ser disciplinado na área central da cidade.

Pelotas tem se colocado sempre na vanguarda dos movimentos progressistas, tem acompanhado invariavelmente a evolução de todos os setores da atividade e não poucas vezes tem sido a pioneira na adoção de medidas determinadas pelas exigências da vida moderna. Entretanto, contrastando flagrantemente com a fisionomia moderna da “urbs”, existem ainda alguns poucos usos e costumes de sabor acentuadamente provinciano. (...). O quadro que apresenta esse trecho elegante da nossa “Princesa” é deveras decepcionante por ser de um provincianismo autêntico. Ei-lo, palidamente reproduzido: ao longo das paredes, a elas e às vitrinas montadas, as nossas elegantíssimas conterrâneas. No meio da rua, em fila, eretos e bem postos, os jovens pelotenses. E entre uma fila e outra, vencendo mil dificuldades, os que transitam, quebrando a monotonia do quadro evocativo da época da saia-balão. Esse aspecto que nos oferece o trecho principal da nossa artéria máxima aos domingos e dias festivos (*Diário Popular*, Pelotas, 03 jan. 1942, p. 8, cont. p. 6).

Sob o título “Por favor... não pare! A rua foi feita para o trânsito”, a coluna seguia buscando combater hábitos típicos de cidades interioranas, com pouco dinamismo e agitação, que eram verificados em plena artéria central, na tentativa de se aproximar às imagens mais condizentes com as aglomerações aceleradas e anônimas das ruas das grandes urbes, pois, somente assim, os pelotenses igualmente poderiam ser considerados habitantes de uma cidade verdadeiramente dinâmica e vanguardista.

A busca por soluções para o problema da circulação de pedestres se alonga por vários anos, sempre com um sentido de atraso atribuído ao costume dos pelotenses de permanecerem parados, bloqueando as calçadas da zona central, atitude esta considerada como falta de urbanidade.

Vamos fazer o trânsito dirigido dos Pedestres? Pelotas evolui. Evolui lentamente... mas evolui. Entretanto, os pelotenses têm uma mania singular no que diz respeito ao seguir de perto os passos da civilização: são conservadores. A nossa Princesa do Sul está classificada, entre as grandes cidades brasileiras, como terra que é berço de grandes talentos, de suntuosos monumentos que dizem muito bem de seus filhos e terra onde o progresso é acolhido de braços abertos. No meio dessa agitação da época, o pelotense guarda, ainda, tradições que nada mais são de que fatos e ideias do tipo de Pelotas-vida. Dentre essas tradições – que até agora não vimos resposta satisfatória para desculpá-la – encontramos o velho hábito de moços grã-finos e mesmos senhoras e senhorinhas

postarem-se junto à parede de nossa principal quadra, colados como ostras nos recifes (*Diário Popular*, Pelotas, 28 mar. 1943, p. 2).

Para que a Rua XV pudesse permanecer como a rua preferida do “mundo elegante” de Pelotas, fazia-se necessário, conforme campanha encetada pelos dois jornais (sobretudo pelo *Diário Popular*), o alargamento dos passeios da artéria central. Conforme matéria veiculada no *Diário*, a cidade aumentara em termos de construção e população nos últimos 27 anos (desde a época da construção das redes de esgotos), o mesmo não ocorrendo com sua infraestrutura, principalmente em pontos de grande circulação, onde a cidade necessitava de obras de adaptação, em tempos de progresso. Não fosse a iniciativa particular, em magníficas construções, “muitas das quais de notável alterosidade, e casas comerciais que poderiam muitas delas, pelas suas modernas instalações, figurar em qualquer rua central das grandes capitais”, a cidade ainda apresentaria “o mesmo aspecto de há meio século”. A urbanização da cidade, conforme a matéria, era de um “entristecedor arcaísmo”; e o “flagrante atestado de estacionamento” poderia ser vislumbrado principalmente pela Rua XV:

Por ela constatamos que os problemas de urbanização, jamais constituíram objeto de cogitação por parte dos governos do nosso município. Essa rua é, como se sabe, o tradicional centro elegante de Pelotas. A cidade cresceu, progrediu, outras ruas foram sendo preferidas para as grandes instalações comerciais mais amplas, por assim terem nascido, mas a rua 15, estreitinha, com passeios esburacados, cheios de postes de iluminação, atravancada de bicicletas, de automóveis estacionados, de carregadores [cont. p. 4], de toda espécie, não perdeu, entretanto, a preferência do mundo elegante. É ali que as pelotenses, diariamente, passeiam, para deslumbramento dos nossos olhos, a sua beleza e a sua elegância tradicionais. E como contrasta desagradavelmente a beleza majestosa desse quadro com o feio cenário que o emoldura! Mas, com tudo isso, os pelotenses querem a sua rua 15, continuam prestigiando-a e não a trocam por outra para as suas paradas de elegância. Em virtude deste fenômeno, como que por um sentimento contagiante de amor e respeito à tradição, o comércio da nossa principal artéria, esforça-se para que ela se torne mais digna da preferência que lhe dispensa a população. E esse movimento vem se avolumando cada vez mais. Justo, portanto, se nos afigura que o poder público municipal empreste a sua cooperação para o fim almejado. É indispensável o alargamento dos passeios da rua 15 de Novembro (*Diário Popular*, Pelotas, 13 jul. 1939, p. 8, cont. p. 4).

Pedia-se, ao menos como uma medida inicial, o alargamento das quadras principais da Rua XV (entre a praça central e a Rua Voluntários da Pátria). Tinham, então, os passeios 1,50m, sendo insuficiente para o intenso movimento de pedestres que apresentava. A matéria explicava que o padrão

estabelecido pelos “mestres de urbanização” era de 80 centímetros para cada pessoa, o que a Rua XV, portanto, não tinha, e entendidos afirmavam que modernos passeios deveriam ter 2,40m. Sugeria-se o aumento de um metro de cada calçada, e assim, a via carroçável ficaria em 5,50m, o que seria suficiente para o trânsito duplo. Os benefícios dispensavam comentários: principalmente em termos estéticos, e os transeuntes seriam os grandes beneficiários. Outro pedido, enfim, era a retirada dos combustores de luz, alcunhados de “combustores-trambolhos” (Figura 6), porque eram considerados muito grandes para os estreitos passeios, e deveriam ser substituídos por modernos combustores que ocupassem menor espaço.



Figura 6. Um “combustor-trambolho” no passeio da Rua XV. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 13 jul. 1939, p. 8. Figura 7. Montagem com três fotografias, denunciando empecilhos nos passeios da Rua XV. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 13 set. 1939, p. 8.

Dois meses depois, o jornal denunciava que a promessa da Prefeitura em alargar os passeios da Rua XV não havia sido cumprida. Além disso, somava novos problemas: em um flagrante fotográfico (Figura 7), denunciava três problemas comuns nas calçadas da artéria: toldos das casas comerciais, uma bicicleta tombada sobre o meio fio do passeio e um carregador de escada.

Transitar pelas principais quadras da rua 15 de Novembro torna-se cada vez mais tarefa incômoda e difícil. E é lástima que assim seja, pois, essa rua, ou melhor, as suas três quadras mais centrais são, há longos anos, para a nossa terra como que uma vasta vitrine onde as nossas gentis conterrâneas exibem a elegância apurada de seus trajes e o fulgor da sua beleza legendária. O cenário, porém, onde diuturnamente, se realiza essa deslumbrante parada de elegância e de beleza oferece-nos um contraste profundamente chocante. Somente um grande amor à tradição será capaz de justificar a resignação com que as nossas elegantes tolham os martírios que

lhes são proporcionados na nossa principal artéria (*Diário Popular*, Pelotas, 13 set. 1939, p. 8).

O fato é que, para o *Diário*, a principal rua de Pelotas continuava como há meio século, “em franco antagonismo com a ânsia de renovamento e de progresso que se manifesta através da iniciativa particular”, com a edificação de “elegantes e alterosos” edifícios, instalações comerciais “magníficas” e reclames modernos a gás Neon que surgiam na zona central da urbe. Enquanto isso, a Rua XV seguia esburacada, mal iluminada e abandonada. Para completar o cenário de descaso, a reclamação recaía ainda sobre a Seção de Trânsito que permitia toda a sorte de carregadores circularem pela artéria máxima.

Como se não bastassem os obstáculos que acima enumeramos, para dificultar o trânsito na nossa zona elegante, existe, ainda, o fato de transitar por cima das calçadas toda a classe de carregadores, zombando dos agentes da Seção de Trânsito e Acidentes, oferecendo sério perigo às vestes das nossas elegantes e grave ameaça à integridade física, até dos não elegantes. São carregadores de toda a espécie. Uns, conduzindo viandas, outros, latas de tinta, pacotes, ferramentas e até escadas, como se vê em uma das fotografias que ilustram esta nota. Esse é um fato que, além do mais, diz muito mal dos nossos foros de cidade culta e civilizada e recomenda também muito mal o nosso serviço de Trânsito e Acidentes (Idem).

A ideia já colocada aqui da Rua XV se constituir em um espaço privilegiado socialmente é reforçada com essa queixa exposta pelo *Diário*, onde deveria ser proibida, pela Seção de Trânsito e Acidentes, a circulação de trabalhadores pela via que levavam consigo suas ferramentas de trabalho. Como vitrine de uma urbe moderna e civilizada, a Rua XV estava para a circulação do mundo elegante, fazendo-se ainda a devida diferenciação da classe dos “não elegantes”, e que deveria exibir as melhorias dignas de uma cidade progressista. A imprensa assim refletia (e ajudava a construir) estes parâmetros de urbanidade que buscavam qualificar e modernizar o espaço urbano, embora não se deva deixar de lado que os mesmos possuem um caráter marcadamente excludente.

Em novembro de 1940, se providenciavam as obras de alargamento dos passeios da Rua XV no trecho entre a praça central e a Rua Gal. Neto, a cargo da Diretoria de Obras Públicas, e somente eram esperadas as manifestações de interesse dos comerciantes locais. A reportagem d’*Opinião*

adiantava algumas opiniões favoráveis ao melhoramento, tal como de Adolfo Aranaldi, proprietário da Casa Oliveira. Grande entusiasta da causa, para o Sr. Manoel Nogueira (da Confeitaria Nogueira), representava uma velha aspiração. A reportagem fazia ainda elogios ao prefeito Albuquerque Barros, pelos muitos melhoramentos urbanos de sua gestão. Solidários também estavam Raymond Cohen (da Casa Lévy), os proprietários dos cafés Brasil, Comercial, Santos e Cigarraria Pelotense (*A Opinião Pública*, Pelotas, 09 nov. 1940, p. 1). Após serem alargados, pedia-se ainda que sua iluminação também fosse estendida, e assim a principal artéria ficaria “na pontinha” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 22 jan. 1942, p. 4).

Em maio de 1942, foram inauguradas na cidade as duas primeiras sinaleiras de trânsito automáticas (construídas por Humberto Castaman), instaladas em dois pontos de grande fluxo de carros e pedestres, nas esquinas das ruas Mal. Floriano e XV de Novembro, e Mal. Floriano e Andrade Neves. A iniciativa foi do Dr. Galeão Xavier de Castro, em colaboração com “distintos” da cidade. Muitas pessoas e autoridades locais presenciaram o ato de inauguração dos novos aparatos do trânsito (Figura 8).



Figura 8. Flagrantes das duas primeiras sinaleiras de trânsito automáticas, no centro de Pelotas. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 12 mai. 1942, p. 8.

Repercutindo as inovações do trânsito de Pelotas, o colunista Humberto de Assis, que assinava a coluna “Princesa do Sul”, tratou das impressões que as sinaleiras deixaram na população. Àqueles acostumados aos grandes centros souberam apreciar sua grande utilidade e eficiência, obedecendo às suas instruções. Já os descontentes, viram a novidade com má vontade e desprezo, e muitos expressaram seu descontentamento com

expressões do tipo “isto é forte para Pelotas” ou “isto é um absurdo, a gente já não pode andar por onde quer”, referindo-se igualmente à faixa de pedestres (*Diário Popular*, Pelotas 13 mai. 1942, p. 3)²⁶.

Em 1949, após diversas medidas para solucionar o problema de trânsito e estacionamento nas quadras centras da via, fazia-se uma importante alteração: a Rua XV de Novembro agora tinha mão única, da esquina da Rua Mal. Floriano até a Av. Bento Gonçalves, assim como várias quadras de ruas próximas à artéria central. Conforme o *Diário*, era trocado o velho sistema por uma mudança radical de trânsito nas ruas centrais, considerado como uma revolução no tráfego. A justificativa do delegado de polícia Miranda Meira para tal alteração fora a seguinte: “Essa medida foi adotada em virtude de ser a Quinze uma rua muito estreita e de movimento sempre crescente. Assim, permite ela, agora, uma melhor e mais desafogada movimentação” (*Diário Popular*, Pelotas, 16 ago. 1949, p. 8, cont. p. 2).



Figura 9. O delegado de polícia Miranda Meira sendo entrevistado pelo repórter do *Diário Popular*. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 16 ago. 1949, p. 8. Figura 10. Aglomeração típica na esquina das ruas XV e Sete de Setembro. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 16 ago. 1949, p. 8.

As duas imagens, veiculadas com a notícia da mudança do trânsito em Pelotas, mostram o delegado de polícia Miranda Meira sendo entrevistado pelo repórter do *Diário* (Figura 9), evidenciando o uso mais recorrente da

²⁶ A coluna dava voz aos pedestres, que proferiram frases ao colunista do tipo: “isto não dura muito, pois a gente não é cordeiro para ser guiado”. Conforme o colunista, houve muito desrespeito com as novas instruções do tráfego por parte dos pedestres, que se mostraram revoltados e respondiam com estupidez às suas perguntas (*Idem*). De fato, após a instalação das sinaleiras e das faixas de pedestres, foram constatados inúmeros casos de desrespeito por parte de motoristas e pedestres, fazendo com que se questionasse mesmo a utilidade e a finalidade de uma sinaleira no trânsito de Pelotas.

fotografia nas reportagens. A segunda imagem (Figura 10), provavelmente tomada a partir do sobrado da Casa Americana, mostra a aglomeração das esquinas XV e Sete, onde na legenda original lê-se: “A rua Quinze, em sua primeira quadra. Os transeuntes aproveitaram, ontem pela manhã, e lagartearam à vontade, soltos e alegres...”, ou seja, a típica aglomeração em meio aos passeios e em plena via pública estava com os dias contados, pois com as novas orientações do tráfego, esperava-se que a rua central apresentasse maior movimento e mais rapidez para a circulação.

Ao aproximar-se do final da década de 1940, os chamados “mocinhos bonitos” e suas diversões ganham destaque dos redatores dos jornais. Na realidade, importantes mudanças iam ocorrendo na cidade, que se desenvolvia e aumentava em termos populacionais²⁷ a sua área urbana, ou seja, a antiga rua, antes pacata, que dormia cedo, começava a ser invadida por novos ritmos, outros sons, luzes, novos personagens.

Jovens, “notívagos arruaceiros”, boêmios, ganhavam os passeios da Rua XV, e saíam para as ruas para se divertir, beber com amigos, invadindo a madrugada: “Com temperaturas mais agradáveis, muitos notívagos e alcoólatras inveterados perambulavam pelas ruas à noite, perturbando o sossego público com algazarra” (*Diário Popular*, Pelotas, 25 out. 1949, p. 3). Os redatores do *Diário*, que trabalhavam na madrugada (lembrando que as redações do *Diário* e d’*Opinião* se endereçavam na Rua XV), assistiam a tudo, atônitos. A maioria das notas sobre os “moços bonitos” era apresentada na coluna diária “Instantâneos Locais”, do *Diário Popular*.

Outra vez os “mocinhos bonitos”. Os tais “mocinhos bonitos” também estavam presentes em Pelotas; certa noite, após a realização de uma festa de em uma conhecida sociedade, grupos de 10 a 12 rapazes fizeram verdadeira algazarra na rua Quinze, a menos de uma quadra da Delegacia de Polícia. “Os “meninos” transformaram a calma da noite em verdadeira orgia de palavrões e de gritos que só podem ser provocados por um histerismo doentio ou principalmente, pela falta de algumas horas de hospedagem no Primeiro Posto...” (*Diário Popular*, Pelotas, 04 jun. 1948, p. 3).

Os “mocinhos bonitos” continuam incomodando a vida da cidade. À noite, então, eles se unem e abrem o berreiro, provocando um barulho do outro mundo. “Os “mocinhos bonitos”, que desconhecem a Lei de Contravenções, estão sujeitos a cadeia e processo, por cima, e

²⁷ Conforme Lopes (2007, p. 33), Pelotas possuía em 1950 “uma área física de 2.992 Km² e 127.641 habitantes, sendo 78.014 na zona urbana e 49.627 na zona rural. Estes números a situavam como a vigésima cidade brasileira em termos populacionais e a segunda maior cidade do Rio Grande do Sul”.

é isso, justamente, que eles estão precisando. Mal educados, estúpidos e gritões, aí estão eles atrapalhando o sono dos que precisam descansar. Agora, principalmente, com as belas noites tropicais, a turma intensificou o “combate”. Além da gritaria, surge uma porção de obscenidades. Assim, senhores da lei, acabem com esses “modos feios dos mocinhos bonitos...” (*Diário Popular*, Pelotas, 28 jan. 1949, p. 3)

Os boêmios frequentavam os cafés, bares, restaurantes e outros pontos de diversão da zona central, aonde bebiam, encontravam os amigos e após saíam às ruas da cidade. E a Rua XV tinha agora também os seus passeadores noturnos, o que só se tornava possível, evidentemente, pelo aumento da iluminação das ruas. Ou seja, era mais um efeito do progresso urbano.

Os brincalhões. A noite de sábado não estava tão dura, tão fria. Possivelmente havia um rádio despejando música portenha, sem dúvida alguma, um copo de cachaça. Mas talvez fosse mais do que um copo: uma garrafa! A verdade é que os quatro moços esqueceram-se, “avoaram-se”. E saíram aos trambolhões, aos gritos, madrugada cedo... Sim, cedo, pouco mais de meia-noite e eles desenhavam filigranas indivisíveis pela pacata e úmida rua Quinze de Novembro. Era o bando alegre, feliz, sem se importar com o resto, com as consequências da “brincadeira”. Quando chegaram mesmo à zona central, ao coração da cidade, dois deles molharam a calçada. As testemunhas não chegaram a se arrepiar. Um jovem copeiro que havia deixado há pouco a sua tarefa de todas as noites, dizia a um colega: “Quem são eles?”. O outro, irritado, respondia: “É uma cambada, uma canalhada”. Os brincalhões não ouviam. Para que ouvir, se o apito do guarda noturno, àquela hora, deveria andar perdido nalgum beco? E vocês o que eles fizeram depois? Vamos contar. Alisavam a ponta do sapato e desferiam violentos pontapés nas portas sossegadas das gentes sossegadas que só queriam sossegar-se. O Armando Vargas, que é um velho funcionário aqui do jornal, e que assistia quieto a toda a cena, apenas balbuciou: “E durma-se com um barulho desses...” (*Diário Popular*, Pelotas, 26 jul. 1949, p. 3).

As queixas não eram somente dirigidas às algazarras promovidas pelos rapazes nas madrugadas, como também aos excessos de velocidade com que dirigiam seus automóveis e *motorcycles* nas ruas centrais da cidade, às vezes transformando-as em pistas de corridas.

Velocidade... Continuam exibindo uma bravura sem limite os corajosos rapazes do “guidon”, hoje, mais do que nunca, profundamente compenetrados das excelências vertiginosas da velocidade... Razoável é que, nesta época surpreendente, com a perspectiva de próximas viagens interplanetárias da Terra à Lua, os nossos lunáticos terrestres exibem a classe do seu pé, afundando-o no acelerador. A hora é de emoções. Vibram os volantes e vibram os pedestres! Os primeiros tiram “fininho” e os segundos saem de “fininho”... Às vezes, entretanto, há algum pobretão retrógrado que joga uma blasfêmia a um desses peritos da velocidade. Tudo fruto do atraso. Agora, as leis de tráfego não mais existem e a segurança

pública é uma consequência do acaso. Porque, vamos e venhamos, é até engraçado quando alguém salta apressado para cima da calçada... Às vezes acontece atropelar-se algum transeunte, mas a culpa é de quem não sai da frente dos veículos. Afinal, para que se tem olhos e para que servem os ouvidos!... O essencial é correr. O verão aí está, morno, pegajoso. E a velocidade é tão boa, tão fresquinha... (*Diário Popular*, Pelotas, 17 nov. 1948, p. 3).

Com muito humor, a coluna ironiza a atração dos jovens pela velocidade, fazendo uma correlação com a “época surpreendente”, na qual era preciso ser dinâmico para não ficar no passado. A paixão dos jovens eram os carros e a velocidade, desafiando a Seção de Tráfego com suas “baratas voadoras”, e as aceleravam fundo no centro da cidade. “Domingo à tarde, mais ou menos às 16:30 horas, uma barata cinza atingiu a velocidade de decolagem. Quase voava por essa alvoreçada rua Quinze”. E, conforme a coluna, aconteceu o inevitável: a barata colidiu em uma carroça, mas que felizmente, apenas o carro saíra amassado, nada tendo ocorrido com a carroça (*Diário Popular*, Pelotas, 29 mar. 1949, p. 3). Em meio a estas reclamações, uma delas chama atenção: trata-se de um curioso caso envolvendo rapazes que se divertiam na madrugada pela Rua XV, e que, obviamente, foram flagrados pela redação noturna do *Diário*:

Os “respeitosos...”. A penúltima madrugada estava pra eles. Alguns rapazes do sexo intermediário e outros aparentemente “homens”, requebravam-se escandalosamente pela rua Quinze de Novembro. Toda a gente queria dormir mas não podia. Os “bonitinhos”, de gravata engasgada em cores berrantes e em nós afrancesados, cantarolavam, brincavam, gritavam, proferiam barbaridades. Isso assistimos aqui da porta do jornal. Foi então que observamos, momentos depois, um movimento de cavalo xucro. Os rapazes (?) foram “enganados” pela polícia, que os conduziu a uma sala da Delegacia. O nome de todos os “respeitosos” foi anotado. Nós temos, aqui, a relação. Temos para prevenir, porque do contrário, seremos forçados a “botar a boca no mundo...”. Os “moços” que se cuidem: isso fica feio. De resto, mamãe pode ficar zangada e papai se envergonhar... (*Diário Popular*, Pelotas, 16 set. 1949, p. 3).

O que de fato a coluna quis afirmar com a expressão “rapazes do sexo intermediário” fica difícil de assegurar, o mais provável é que os divertidos rapazes imitavam moças, dançando, cantando, gesticulando, em meio à artéria central, o que não agradou nem a redação do jornal nem a polícia, que os conduziu à Delegacia. E a coluna ameaçava: tinha guardada a relação dos nomes dos rapazes que participaram da brincadeira na redação do jornal.

Estes “novos tempos”, assinalados pela imprensa, projetavam a cidade em um espaço de passagem, e não mais de permanências, implicando

aos seus cidadãos a busca pela adequação às novas exigências da vida moderna. A velocidade, celebrada nos automóveis, constrói a projeção de um futuro dominado pela tecnologia, pelas máquinas, pelo movimento do bulício das ruas “*chics*”, e os não movimentos que iam de encontro à ordem e o progresso da civilidade (PESAVENTO, 1998, p. 327-328). Pois que em Pelotas, estas transformações igualmente atingiam uma velocidade incrível, perceptíveis ao andar pelas ruas centrais; nestas narrativas, exemplos das representações feitas pelos jornalistas que olhavam sua cidade, que caminhavam pelas ruas centrais, que colhiam suas percepções.

É fato de evidência notória que cresce de maneira rápida o movimento de Pelotas, cuja vida se dinamiza em proporções agigantadas, modificando sua feição a curtos espaços. Quem remonta a um passado recente da cidade se surpreenderá com o contraste das situações, uma de embaladora calma e outra viva, atuante, rebentando de energia. Pense-se na multiplicação dos automóveis da cidade, hoje em número bastante crescido, e sempre em ascendência, e no movimento das ruas centrais, sempre apinhadas e rumorosas. Esta mudança, tão profunda e pronunciada, reflete-se nos hábitos de cada um, obrigando à disciplina coletiva, para proveito do todo social (*Diário Popular*, Pelotas, 19 jul. 1949, p. 3).

De rua calma e pacata para a busca de adequação ao movimento crescente da área urbana de Pelotas, seja com o alargamento de seus passeios, seja com o aumento da iluminação para a vida noturna, ou ainda na incorporação de novas regras de trânsito, sempre buscando sua beleza e asseio (como a colocação das primeiras coletoras de lixo, instaladas na rua em 1950). Outras iniciativas não foram implementadas, caso do asfaltamento – e assim, a estreita rua guardou seus históricos paralelepípedos, que embora para muitos motoristas seja um inconveniente, hoje é um importante elemento narrativo de sua trajetória.

A partir dos anos 1950, o processo de urbanização das cidades no Brasil toma um ritmo bastante acelerado, assim como sua indústria, que vai adotando um modelo mais autônomo de produção. Torna-se comum a afirmativa, bastante difundida, em identificar o mundo rural como velho, ultrapassado, e o mundo urbano como novo, moderno (LOPES, 2007, p. 26). Isto implicou na incorporação de novos hábitos, de padrões inovadores de comportamento e consumo, resultando ainda em inusitadas formas de viver na cidade, como resume o *Le Dernier Flaneur (O Último Flanêur)* de Edmond Jaloux.

Um homem que passeia não se devia preocupar com os riscos que corre, ou com as regras de uma cidade. Se uma idéia divertida lhe vem à mente, se uma loja curiosa se oferece à sua visão, é natural que, sem ter de afrontar perigos tais como nossos avós nem mesmo puderam supor, ele queira atravessar a via. Ora, hoje ele não pode fazê-lo sem tomar mil precauções, sem interrogar o horizonte, sem pedir conselho à delegacia de polícia, sem se misturar a uma turba aturdida e acotovelada, cujo caminho está traçado de antemão por pedaços de metal brilhante. Se ele tenta juntar os pensamentos fantásticos que lhe ocorrem, e que as visões da rua devem excitar, é ensurdecido pelas buzinas, entontecido pelos alto-falantes... desmoralizado pelos trechos dos diálogos, dos informes políticos e do jazz que se insinuam pelas janelas. Outrora, seus irmãos, os *badauds*, que caminhavam docemente nas calçadas e paravam um pouco em toda parte, davam à vaga humana uma doçura e uma tranquilidade que ela perdeu. Agora, ela é uma torrente, onde somos rolados, acotovelados, empurrados, levados para um lado e para o outro (JALOUX, 1936, *apud* BENJAMIN, 1994, p. 210).

2. 2. O Comércio

Segundo os dois periódicos consultados, o comércio localizado na Rua XV de Novembro era diversificado, mas mantinha um traço que o distinguia do comércio localizado nas demais vias centrais da cidade, posto que em suas três principais quadras predominassem lojas de artigos refinados, importados, especializados em artigos de moda, de tecidos, chapéus ou calçados. Conforme anunciavam os comerciantes na imprensa local, em suas vitrines, ficavam expostas as últimas modas que chegavam diretamente dos grandes centros do Brasil e do estrangeiro.

Mario Magalhães situa entre os anos de 1860 a 1890 o período de maior pujança na economia de Pelotas²⁸, resultante da estruturação do ciclo econômico do charque no município. A riqueza proveniente da atividade dos saladeiros impulsionou o desenvolvimento econômico, tornando Pelotas um importante centro industrial e comercial do Rio Grande do Sul. O próspero momento econômico podia ser percebido pelo refinamento da elite local, ligada ao ciclo do charque, que importou artigos de luxo, encomendou a execução de trabalhos arquitetônicos a artífices europeus, incorporou novos hábitos culturais, como ir ao teatro ou a saraus literários, fundou sociedades recreativas e enviou seus filhos para estudar em grandes centros do país e da Europa.

A estruturação da atividade comercial resulta igualmente desse período econômico²⁹. Conforme Müller (2010), Pelotas buscava se reestruturar após o surto de cólera-morbo verificado em 1855, que além de causar inúmeras mortes, acarretou em uma retração do comércio, situação esta que foi sendo alterada pelo enriquecimento da cidade a partir dos anos 1860, tornando-a atrativa para investimentos nos mais diversos ramos do comércio. “Logo, há aumento de população: o aumento de população importa o de consumidores, o de especuladores nos diferentes ramos de comércio: deve-se

²⁸ Em seu conhecido trabalho *“Opulência e cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas, 1860-1890”*, publicado pela Editora da UFPel e co-editado pela Livraria Mundial, 1993.

²⁹ Conforme Lloyd (1913), em 1873 foi fundada a Associação Comercial de Pelotas. Em 1881, fundado o Clube Comercial, “numa reunião de sessenta e oito comerciantes pertencentes à melhor sociedade pelotense”, inaugurado oficialmente em outubro do mesmo ano, contando já com cerca de duzentos sócios.

concluir que a nossa Pelotas vai em progresso. Deus o conserve!” (*Diário do Rio Grande*, Rio Grande, 04 nov. 1860, p. 1, *apud* MÜLLER, 2010, p. 76).

Entre 1911 e 1912, João Simões Lopes Neto publicou artigos para a *Revista do Primeiro Centenário de Pelotas*³⁰. Em um destes, intitulado “Os decanos da Praça/ Comércio e Indústria”, arrolou mais de 50 estabelecimentos comerciais e industriais de Pelotas, a maioria, fundada a partir da segunda metade do século XIX, e parte destes empreendimentos foram formados através da iniciativa de estrangeiros (sobretudo alemães e franceses), evidenciando que a cidade ia se tornando atrativa para investimentos nos ramos da indústria e comércio³¹ e, além disso, estes dois setores eram bastante diversificados, representados por atividades e ofícios variados.

Ainda no século XIX, alguns viajantes que passaram por Pelotas, como Arsène Isabelle e Conde d’Eu, destacaram o crescimento da cidade, a organização das ruas e das construções, assim como o comércio local. O francês Arsène Isabelle esteve no Rio Grande do Sul no início da década de 1830. Em sua passagem por Pelotas, destacou a organização das ruas da “cidade nascente”, comparando seu ritmo de crescimento com o da capital, Porto Alegre, “para a construção de edifícios importantes e em geral para aquilo que contribui para embelezar a cidade, favorecer o comércio e atrair os estrangeiros” (ISABELLE, 1983, *apud* MÜLLER, 2010, p. 220).

Gastão de Orleans, o Conde d’Eu, em seu livro intitulado *Viagem militar ao Rio Grande do Sul* (agosto a novembro de 1865), na estadia em Pelotas destacou o rico comércio de estribos, localizado na Rua do Comércio (atual Rua Félix da Cunha). Esta rua, projetada no primeiro loteamento de 1815, foi inicialmente destinada a receber as primeiras casas de negócios da então freguesia³², e juntamente com a Rua de São Miguel (atual Rua XV de Novembro), se constituíram nas duas principais vias utilizadas pela população para o comércio, para os passeios, para as sociabilidades.

³⁰ LOPES NETO, João Simões. *Apontamentos referentes à história de Pelotas e de outros dois municípios da zona sul*: São Lourenço e Canguçu (Org. Mario Magalhães). Pelotas: Armazém Literário, 1994, p. 78-88.

³¹ Conforme J. S. Lopes Neto, a partir da estatística municipal de 1910, existiam em Pelotas “188 fábricas, 278 oficinas e 822 casas diversas de negócio, ou seja, 1228 firmas em atividade” (*op. cit.*, p. 78).

³² Cf. MAGALHÃES, Mario O. *Os passeios da cidade antiga*. Guia histórico das ruas de Pelotas. Pelotas: Ed. Armazém Literário, 2000, p. 43.

Especialmente na Rua do Comércio e na Rua de São Miguel vê-se uma fila contínua dessas lojas, onde estão expostos estribos, esporas enormes, peitorais e freio, tudo de prata, ostentando esplendor deslumbrante, que iguala, não digo já o da Rua do Ouro, de Lisboa, mas até o da 'Strada degli Orefici', de Gênova (D'EU, 1936, *apud* MÜLLER, 2010, p. 220).

Conforme Oliveira (2007), o comércio requintado das principais ruas de Recife do início do século XX, se constituiu em um elemento simbolizador de novas práticas de consumo, implicando na educação dos sentidos de seus cidadãos para os novos códigos de consumo exibidos pelo comércio de marcas chiques (notavelmente vindas de Paris), pelo cinema e na frequência aos locais elegantes, como confeitarias e casas de chá, bem como para negar o passado, representado pelo escravismo, pelos engenhos, pela vida familiar ligada ao campo. Assim, compunham um moderno cenário urbano que exigia novos comportamentos e estilos de vida, necessários para se enquadrar aos referenciais subordinados aos signos do capitalismo.

Muitas ruas no cenário republicano em processo de modernização são palcos que dão evasão aos desejos, que provocam inquietações em homens e mulheres na busca de uma postura social mais livre para amar, namorar, casar, passear, viver, comprar (OLIVEIRA, 2007, p. 61).

Sobretudo nas três quadras centrais da Rua XV (da praça central à Rua Voluntários da Pátria), quase todas as construções estavam destinadas às funções comerciais. O comércio situado neste trecho era florescente, variado, e principalmente, requintado. Os anúncios veiculados nos periódicos deixavam transparecer que estava destinado a uma parcela específica da sociedade pelotense, "exigente", "*distincta*", "*chic*". Várias lojas eram especializadas em moda feminina, como a casa de modas de Mathilde Dupuis, uma loja de roupas finas na Rua XV, nº 665³³ (primeiramente denominada "Au Printemps", e após simplesmente Mme. Dupuis). A modista convidava a "distinta freguesia" pelotense a uma visita em sua loja, pois que acabara de receber do Rio e Paris modelos de vestidos e cortes; o que havia "de mais fino e moderno" (*Diário Popular*, Pelotas, 09 out. 1921, p. 2).

A casa Moda Elegante (Figuras 11 e 12), de A. Bonfratello & Cia. (nº 625), anunciou que em 1921 passava a ter vendas a varejo, e convidava as

³³ A numeração a seguir se refere às casas comerciais endereçadas na Rua XV, de acordo com os jornais pesquisados.

“distintas senhoras e senhorinhas” para uma visita sem compromisso (*Diário Popular*, Pelotas, 17 jun. 1921, p. 2). Os grandes centros urbanos, como Paris, Rio de Janeiro ou Buenos Aires, ditavam as tendências modernas, nos costumes, nas soluções urbanísticas e também na moda. A Casa Franceza (nº 719), por exemplo, se propunha a trazer as “últimas novidades parisienses”, como os chapéus recém-chegados de Paris, em exposição na loja. Em outro anúncio, avisava que o Sr. Lambert ia a Paris em junho próximo para escolher o sortimento de verão da Casa (*Diário Popular*, Pelotas, 29 mai. 1923, p. 3). Ze-Zé, de volta da Europa, trazia parte das “belíssimas novidades”, expostas na vitrine da Casa Krahe (nº 639).



Figura11. Fachada da casa Moda Elegante, ricamente adornada. Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p. Figura12. Sala de vendas da casa Moda Elegante. Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p.

Em maio de 1925 foi inaugurada a Casa Jaguareense (nº 575), especializada em lãs, sedas, veludos e astracãs. De três em três dias, novidades seriam expostas em suas vitrines.

Quando fordes ao Rio de Janeiro visitai o Pão de Açúcar; a Buenos Aires, a casa Gath Chaves; a Nova York, a BROODWAY; a Londres, o PALACYO REAL; a Paris, ao LOUVRE; e não deixeis de, em Pelotas, quando passardes pela rua 15 de Novembro, visitar A JAGUARENSE, onde certamente encontrareis o que desejardes (*Diário Popular*, Pelotas, 24 set. 1925, p. 5).

O anúncio acima da Casa Jaguareense evidencia que a tendência de elegância no vestir-se geralmente ecoava o que ocorria nas grandes capitais, e, portanto, um elemento muito usual para a publicidade destas lojas ditas de

luxo³⁴. Outro ponto interessante nesta publicidade é a comparação feita da Rua XV e, por extensão, da Casa Jaguareense, a estes importantes endereços citados. Embora exagerado, a recorrência aos grandes centros de moda que exibiam os anúncios, deixa entrever que neste período, a artéria central expressava para muitos pelotenses a forma como a cidade buscava se inserir em contextos maiores, signo de modernidade por excelência.

As vitrines das lojas estavam para o passeio dos transeuntes, de maneira especial, evidentemente, às mulheres. Eram adornadas e muitas delas inclusive faziam exposições temáticas, com fitas, quadros, bandeiras, juntamente às últimas modas e novidades técnicas. Por exemplo, a casa Moda Elegante, que fazia exposições temáticas em sua vitrine, no dia 14 de julho fez uma exposição alegórica do Brasil e França (*Diário Popular*, 16 jul. 1921, p. 2). Por ocasião das comemorações à data de 20 de Setembro, esta casa montou em sua vitrine uma homenagem ao Rio Grande e à Itália, com as bandeiras do Rio Grande do Sul e do país europeu, arranjadas “em uma artística exposição”, apreciadas pelos transeuntes.

Ali via-se, ladeando um vulto de mulher trajando as cores da bandeira rio-grandense, dois grandes retratos a óleo de Domingos José de Almeida, um dos patriarcas de 35, e de Garibaldi, o glorioso herói dos dois mundos (*Diário Popular*, 22 ago. 1921, p. 3).

No interior do Hotel Alliança³⁵ (nº 666), principalmente, ocorriam diversas mostras feitas por modistas que chegavam a Pelotas com artigos de moda à venda. Através dos jornais, elas convidavam as “distintas senhoras” pelotenses para apreciarem suas últimas novidades. Fany Kahan expunha nos quartos 22 e 23 do Hotel, uma “belíssima exposição de toilettes de inverno, própria para passeios, visitas e soirées, manteaux, roupas brancas e pijamas para senhoras”, e esperava que “as distintas famílias” a honrassem com sua visita (*Diário Popular*, Pelotas, 11 jun. 1920, p. 2). Madame Bories, chegada à cidade em julho de 1921, expunha na sala 25 do Hotel “vestidos, casacos,

³⁴ Em outro anúncio, a Casa Jaguareense mostrava em números seus frequentadores, em um dia: “Visitaram ontem a popular ‘Jaguareense’ 684 pessoas, sendo 538 senhoras, 62 crianças e 84 cavalheiros” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 13 nov. 1925, p. 2).

³⁵ O Hotel Alliança foi um estabelecimento de grande prestígio na cidade, fundado em 1843 por Santiago Pratti e Caetano Gotuzzo (ANJOS, 2000, p. 117).

peles finas, chapéus, meias de seda e muito mais...” (*Diário Popular*, Pelotas, 08 jul. 1921, p. 2)³⁶.



Figura 13. Publicidade da casa A Jaguareense, veiculada na revista *Ilustração Pelotense* (1925). Fonte: MARRONI, 2008, p. 171. Figura 14. Publicidade da Casa Clark, veiculada na revista *Ilustração Pelotense* (1923). Fonte: MARRONI, 2008, p. 60.

Além de exposições de artigos de moda feminina, no interior do Hotel Aliança, também ocorriam exposições de novidades técnicas, como o equipamento de cinema *Pathé-Baby*, que prometia a possibilidade de ter o cinema em casa, projetando filmes através da corrente elétrica (“*Soirées en famille*”). “Instrui crianças, interessa aos grandes”. Exposto no Hotel pelo Sr.

³⁶ Ao longo da década de 1920, muitos nomes de modistas que expunham no interior do Hotel Aliança foram encontrados no *Diário Popular*: Mme. Marie Antoinette, com modas de Paris, sala 24; Madame Durand trazia vestidos de luxo, expostos de três a quatro dias, na sala 10. Mme. Marie Louise chamava as “exmas. famílias de Pelotas” para apreciarem os chapéus, modelos de Paris. Mme. Milagro trazia uma maravilhosa coleção de lindas “toilettes,” próprias para o passeio e “soirée” que expunha no Hotel Aliança, quarto 20. Mme. Annie, da Maison Annie Blanche Soeurs (Paris e Rio de Janeiro), expunha *toilettes* para baile, passeio e praías de banho, em seu apartamento, nº 24. Mme. Pilar Picó, diretora da seção de confecções da Casa Nunes Dias, de Porto Alegre, comunicava “à distinta clientela de Pelotas” que trazia as últimas novidades em vestidos e costumes para senhoras, os últimos modelos recém-chegados, lindíssimos paletós de peles legítimas, Renaus e peles moderníssimas chegadas diretamente de Paris, tecidos de seda, lamés, no quarto 11 do Hotel. A vendedora de Mme. Nadine, “muito conhecida da alta aristocracia carioca e fornecedora das embaixadas”, trazia vestidos e chapéus de Paris. Em seu anúncio, acrescentava: “parle français, hable español”. Alda G. Morales, de Porto Alegre, era representante de um Modelador, “prático, higiênico, saudável e de grandes vantagens para corrigir e evitar a deformação do corpo”. Também ensinava como usá-lo. À venda no Hotel Aliança, quarto 28 (*Diário Popular*, Pelotas, 1920-1928).

Emile Hansé, da direção da Sociedade *Pathé-Baby* (*Diário Popular*, Pelotas, 19 mar. 1924, p. 3). No quarto 15, ocorreria o sorteio de um auto Buick, tipo 1924, quatro travas, pela União dos Sorteios, de Porto Alegre (*Diário Popular*, Pelotas, 24 jul. 1924, p. 3).

Madame Tatiana era representante no Rio Grande do Sul do Parc Royal, grande *magazin* do Rio de Janeiro. Em 1924, expôs vestidos de seda no quarto 25 do Hotel Alliança (*Diário Popular*, Pelotas, 06 jan. 1924, p. 3). Em março, trazia os últimos modelos de inverno do Parc Royal (Idem, 29 abr. 1924, p. 2). Em 1926, chegou novamente à cidade com um lindo sortimento dos últimos modelos de vestidos de baile, teatro e passeio, expostos no quarto 10 (*Diário Popular*, Pelotas, 05 ago. 1926, p. 3). Em 1927, Mme. Tatiana se estabeleceu em Pelotas, com uma casa de modas endereçada na Rua XV, nº 719³⁷. Com a inauguração do Grande Hotel, em 1928, estas exposições foram sendo gradativamente transferidas para o novo estabelecimento hoteleiro da cidade; não era mais o antigo Hotel Alliança o local preferido para estas exposições³⁸.



Figura 15. Publicidade do Hotel Alliança. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p. Figura 16. Anúncio da chegada de discos em A Miscellanea. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 21 abr. 1925, p. 3.

³⁷ Tatiana era de origem russa, e logo após inaugurar sua casa de modas, ocorreu uma tragédia em frente ao estabelecimento: seu ex-marido, Wladimir Inghistoff, veio à cidade em sua busca, após ameaçá-la diversas vezes por meio de cartas. No interior da loja estava apenas Tatiana e seu irmão, Wenceslau Berca Anitchkoff, que também residia em Pelotas. Após ser agredido por Wladimir, Wenceslau sacou um revólver e atirou seis vezes no ex-marido da irmã, matando-o, caso que chocou a todos que passavam perto do local (*A Opinião Pública*, Pelotas, 08 out. 1927, p. 3).

³⁸ Em 1927, o Hotel Alliança foi comprado por Jerônimo Del Grande. Cf. *Diário Popular*, Pelotas, 07 mai. 1927, p. 6

Algumas casas, como o Bazar Moderno (nº 724) (Figura 28), A Miscellanea (nº 615) ou Baptista Lhulier (nº 564), anunciavam uma diversidade de artefatos, como artigos em porcelana, bibelôs, perfumes, miudezas, artigos para a estação balnear (como roupões, toucas de borracha e sombrinhas), balões de borracha e “artigos desconhecidos em Pelotas”, como os passadores para penteados “a la garçonê” e porcelanas japonesas (*Diário Popular*, Pelotas, 24 out. 1926, p. 2). Ou, então, interessantes objetos fabricados em Pelotas, como cabides para chapéus de senhoras e bolsas de borracha “de belíssimo aspecto” (Idem, 20 mar. 1928, p. 3).

Nas datas comemorativas, como Páscoa ou Natal, as vitrines das lojas ficavam repletas de artigos concernentes, além de adornos tematicamente preparados. No período de carnaval, por exemplo, estas casas ostentavam em suas vitrines variadas opções para a diversão dos foliões.

As vitrines da rua 15 de Novembro ostentam sortimento variado de lança-perfume, ao lado de graciosos objetos para fantasias de todos os gostos. A “Casa Baptista Lhulier” apresenta, como de costume, interessante exposição de máscaras e adornos para os folgedos do carnaval, exibindo também a “Casa Philatelica” artigos apreciáveis, entre os quais, bengalas e pandeiros (*Diário Popular*, Pelotas, 13 fev. 1926, p. 4).

O uso das vitrines das lojas para exposições ia além da exibição dos artigos em venda, pois eram também utilizadas para exibir pinturas, objetos curiosos, fotografias ou mesmo taças de campeonatos esportivos³⁹. Além das dependências do Hotel Alliança, muitas modistas utilizavam as montras das casas comerciais da Rua XV para exibirem seus artigos na cidade. Artistas expunham nas vitrines das lojas, é o caso de Miguel Barros⁴⁰, pintor pelotense que fazia uma exposição de quadros pintados em sua estadia na cidade de

³⁹ Na Casa Odeon (localizada em frente ao Cine Ponto Chic), esteve exposto o “Gigante rio-grandense”, atraindo muita atenção do público, que só de entradas, recebeu 1:000\$000 (*Diário Popular*, Pelotas 22 mai. 1921, p. 1). Este “gigante” era Francisco Ângelo Guerreiro, nascido em uma pequena localidade então pertencente a Cruz Alta em 1892, e falecido no Rio de Janeiro por volta de 1925, onde era atração de circo. Portador de acromegalia, o “gigante” tinha mais de dois metros de altura. No Museu Julio de Castilhos, em Porto Alegre, está exposto um par de botas pertencente ao gigante, convertido em uma de suas principais atrações. Cf. NEDEL, Letícia B. Onde o gigante perdeu as botas: memórias em confronto no interior de um museu histórico. *História Oral*, v. 14, n. 1, p. 63-95, jan.-jun. 2011. Disponível em: <www.revista.historiaoral.org.br/> Acesso em: 24 nov. 2012.

⁴⁰ Miguel Barros, o “pintor mulato”, foi um dos fundadores da Frente Negra Pelotense, datada de maio de 1933. Saiu de Pelotas para auxiliar Solano Trindade na Fundação da Frente Negra Pernambucana, em 1934 (*apud* LUNA, 1978). Cf. GOMES, Arilson dos S. Programação do primeiro congresso nacional do negro realizado na cidade de Porto Alegre no ano de 1958. *Ágora*, UNISC, v. 13, n. 2, p. 228-252, jul./dez. 2007.

Jaguarão, nas vitrines da Rua XV (*Diário Popular*, Pelotas, 11 mai. 1933, p. 4). Em uma das montras da Casa Lévy, outro artista pelotense, Adail Bento Costa, exporia seu quadro “Cafusa”, que posteriormente seria doado a Bibliotheca Pública (Idem, 11 abr. 1935, p. 4). João Campilongo, outro pintor pelotense, exporia seus quadros em prédio na esquina das ruas XV e Sete de Setembro (Idem, 19 dez. 1935, p. 4)⁴¹.

A exibição das novidades técnicas nas vitrines das lojas trazia aos transeuntes uma profusão de novas imagens, sons e sensibilidades que agora passavam a integrar o cotidiano da urbe. Muitas casas eram especializadas em artigos que se tornavam indispensáveis à vida cotidiana nas modernas cidades. É o caso do Rádio, que de acordo com Sevcenko (1998), no Brasil começou a ser difundido tardiamente, a partir da década de 1920, enquanto que na Europa já estava presente no contexto da Primeira Guerra.

Para o autor, o Rádio religou “o que a tecnologia havia separado”, referindo-se às formas cada vez mais individuais de viver da modernidade. “Era um modo de remeter a um recôndito familiar das tradições e das memórias um artefato moderno e de efeito arrebatador. Cada um põe naquela voz aliciante o rosto e o corpo dos seus sonhos” (SEVCENKO, 1998, p. 586).

As casas que comercializavam aparelhos radiofônicos também realizavam audições no interior dos estabelecimentos. Em 1925, a Casa Dayton⁴² (nº 623), anuncia a venda dos rádios receptores, para a audição da temporada lírica do Teatro Colón de Buenos Aires e do Municipal do Rio de Janeiro, ou, as *Jazz Bands* e grandes orquestras da Sociedade e Radio Club Brasil (RJ) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 03 jun. 1925, p. 2). A Casa Philatelica (especializada em venda de artigos relacionados à filatelia, nº 672), anuncia os novos aparelhos de rádio ‘Phillips’, que eram ligados diretamente à corrente elétrica, não necessitando mais do custoso uso de baterias (*Diário Popular*, Pelotas, 15 mai. 1928, p. 2).

⁴¹ Em 1941, Luigi Emilio Venturelli convidava a população para uma exposição de mais de cem quadros, para todos os gostos e preços. Telas de célebres artistas italianos (como Morelli, Michetti, Caprili, Tranquilo Cremona, De Corsi, Ugo Cordati, Romulo Cione, Di Angelo, Passini) e de sua autoria, na Rua XV, n. 639, onde fora a cigarraria A Melindrosa, onde, anos antes, houve uma grande exposição de pinturas do prof. A. Shutka (autor de “Bodas Macabras”, premiado na exposição de Saint Louis, EUA), de passagem para Buenos Aires (*Diário Popular*, Pelotas, 10 out. 1931, p. 4; 27 mar. 1941, p. 8).

⁴² Primeiramente sua sede estava localizada na Rua Sete de Setembro; em 1938, foi transferida para a Rua XV.



Figura17. Postal exibindo a fachada da Casa Philatelica. Fonte: LABORATÓRIO DE ACERVO DIGITAL, UCPel. Figura18. Publicidade da casa A Miscellanea. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

Além dos rádios, gramofones, vitrolas e discos eram encontrados no Bazar Musical (nº 658), no Bazar Edison (nº 608), na Casa Lyra (nº 566) e na Casa Wagner (nº 560), as duas últimas, fundadas em 1928⁴³. Na inauguração da Casa Lyra, foram executadas cópias de discos e afamadas vitrolas, emprestando “um aspecto mais animador à nossa movimentada “urbs”, principalmente quando o belo sexo, ao cair da tarde, aflui em bandos encantadores”. Além disso, houve a execução de novidades recentes gravadas pela “Victor” e “Odeon”, que eram “limpidamente transmitidas” por aparelhos portáteis no interior da loja, atraindo numerosos grupos e esgotando rapidamente os estoques das “máquinas falantes” (*Diário Popular*, Pelotas, 22 ago. 1928, p. 3). A Casa Wagner anuncia o novo sortimento de discos chegados da Argentina – “linda coleção de tangos, fox-trots, shimmys, passodoubles, one-steps, etc.” (*Diário Popular*, Pelotas, 18 dez. 1928, p. 2).

O progresso do Rádio em Pelotas, aliás, podia ser verificado através destas casas comerciais, que divulgavam os novos aparelhos e demonstravam os avanços obtidos pelos equipamentos dos quais eram depositárias. Na Casa Philatelica, às 15 horas, ouviu-se com “completa nitidez, comunicações, entre a

⁴³ A Casa Lyra foi fundada em agosto de 1928, de propriedade de R. Lermann & Cia. Em seu interior, igualmente eram executadas programações da Sociedade Rádio Pelotense (fundada em 1925). A Casa Wagner foi inaugurada em setembro de 1928, cujo proprietário era o Sr. Octavio Nunes Wagner (Cf. *Diário Popular*, Pelotas).

estação central de Buenos Aires e as de Paris, Londres, Roma, Madrid, Lisboa e outras importantes da Europa”. As conversações, de caráter particular, causaram a todos uma “assombrosa impressão” pela clareza com que foram ouvidas, “pois que tinha mais nitidez que as conversações por telefone feitas em Pelotas”. Conforme o anúncio, o “determinante fator para clareza foi o ótimo receptor”, achado à venda na depositária Casa Philatelica (*Diário Popular*, Pelotas, 05 abr. 1929, p. 4).

Na zona mais central da urbe, a esquina das ruas XV de Novembro e Sete de Setembro, esteve localizado o Cine Ponto Chic⁴⁴, a “aristocrática sala” fundada em 1912 por Joaquim Figueiredo Passos, proprietário da empresa Ideal Concerto (*Diário Popular*, Pelotas, 1º abr. 1920, p. 1). Contígua à sala de cinema, em janeiro de 1920 foi inaugurada a Casa Xavier, de Pedro Xavier. A confeitaria, “elegantemente montada”, dispunha de “magníficas salas para exmas. famílias”, com “sortimento de doces, especialidades, conservas e toda a classe de bebidas geladas”, e “esmerado serviço de sorvetes, caprichosamente preparados, tudo atendido com presteza e cuidado necessários a uma casa do gênero” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 17 jan. 1920, p. 1)⁴⁵.

As confeitarias Nogueira e Gaspar eram as duas principais casas do ramo localizadas na Rua XV. A Confeitaria Nogueira (nº 559), de João Nogueira, foi fundada em 15 de julho de 1899, e a Confeitaria Gaspar (nº 624), fundada em 1910 por Luiz D. Cunha (a partir de 1927, pertencia a João da Cunha Arantes e Henrique Dias Araújo; cf. *A Opinião Pública*, Pelotas, 16 out. 1928, p. 3). Em 21 de março de 1930, foi fundada a *Bonboneria* Marqueza, de propriedade de João Nogueira. Quatro anos depois, em razão do prestígio alcançado na cidade, ganhou uma sede própria à Rua Andrade Neves, com

⁴⁴ Nesse período, já existiam várias salas de exibição públicas de forma permanente em Pelotas, além daquelas projeções em salões sociais ou nas dependências do Theatro Sete de Abril e da Bibliotheca Pública Pelotense. O Cine Ponto Chic foi o primeiro estabelecido em caráter definitivo, com sessão inaugural ocorrida em 30 de março de 1912. Cf. CUNHA, João Manuel dos S. Cinema (verbete). In: LONER, Beatriz; GILL, Lorena, MAGALHÃES, Mario (Org). *Dicionário de História de Pelotas*. Pelotas: Ed. UFPel, 2010, p. 62.

⁴⁵ Em dezembro do mesmo ano, foram feitas reformas no cinema, “quanto ao conforto e ao embelezamento, que o colocarão, talvez, na vanguarda dos melhores cinemas do nosso Estado”. (*A Opinião Pública*, Pelotas, 09 dez. 1920, p. 3). Além do Ponto Chic, nos anos 1920, os principais cinemas endereçados no centro de Pelotas eram: Coliseu, Popular e Capitólio. Já os teatros, que também realizavam exhibições de filmes, eram: Sete de Abril, Guarany, Apollo e Avenida. Cf. *A Opinião Pública*, Pelotas, década de 1920.

ligação pelos fundos com a Confeitaria Nogueira (*Diário Popular*, Pelotas, 22 mar. 1934, p. 1).

As duas confeitarias costumavam oferecer aos seus clientes artigos finos e importados, “sejam conservas, biscoitos, especiarias, vinhos e produtos de confeitaria”, conforme anúncio da Confeitaria Nogueira (*Diário Popular*, Pelotas, 14 jul. 1921, p. 1). Já a Confeitaria Gaspar, acabara de receber da Holanda “superiores queijos e licores, em exposição” (*Diário Popular*, Pelotas, 23 jan. 1920, p. 1).



Figura 19. Publicidade da Confeitaria Gaspar. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p. Figura 20. Fachada da Confeitaria Gaspar. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 25 jan. 1942, p. 14.

Em 1927, a Confeitaria Nogueira passou por reformas, inauguradas em dezembro deste ano. As transformações iam desde o departamento de fabricações dos doces, agora elegante e higiênico, ao local de atendimento dos clientes, “de acordo com as casas similares nacionais de grandes centros como Rio e São Paulo”. Autoridades locais prestigiaram o ato, sob a gerência de Manoel Marques Moreira (*Diário Popular*, Pelotas, 22 dez. 1927, p. 3). No ano seguinte, foi a vez da Confeitaria Gaspar investir em reformas, criando uma seção de venda de bebidas geladas e chope (*Diário Popular*, Pelotas, 06 jan. 1928, p. 3).

Em maio de 1932, a Confeitaria Gaspar passou a contar com serviços de panificação, e eram famosos seus bolos simbólicos de casamento. Em 1945, foi inaugurado o serviço de Bar da Confeitaria Nogueira, recebendo ampla aceitação dos frequentadores. Conforme nota publicada pelo *Diário*, a cidade possuía estabelecimentos comerciais que poderiam ser perfeitamente comparados àqueles instalados em grandes centros urbanos, os quais proporcionavam aos pelotenses, adquirirem em Pelotas tudo aquilo que só era

possível graças ao espírito progressista dos proprietários dos estabelecimentos comerciais locais (*Diário Popular*, Pelotas, 16 dez. 1945, p. 3).

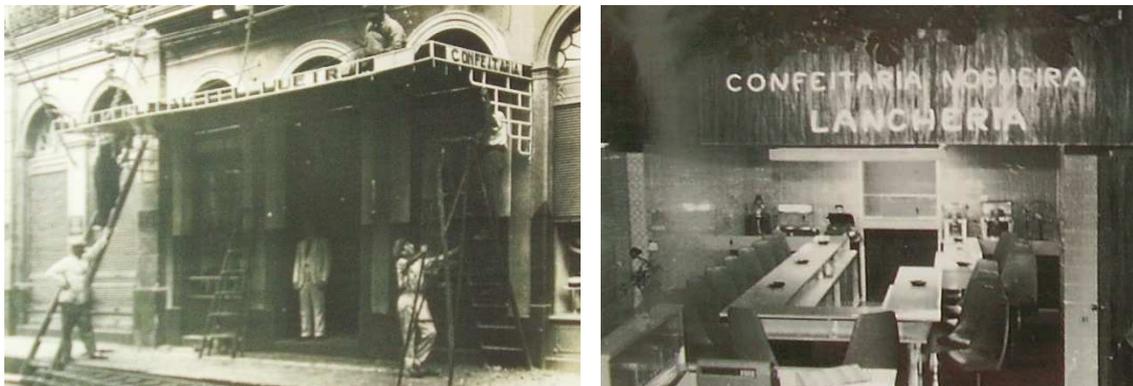


Figura 21. Fachada da Confeitaria Nogueira, recebendo uma frente de ferro (sem data). Fonte: <<http://pelotascultural.blogspot.com.br/2010/06/fachada-da-confeitaria-nogueira.html>> Acesso em: 21 dez. 2012. Figura 22. Seção da lancheria da Confeitaria Nogueira (sem data). Fonte: <<http://pelotascultural.blogspot.com.br/2010/06/fachada-da-confeitaria-nogueira.html>> Acesso em: 21 dez. 2012.

Na década de 1920, se endereçavam nas quadras centrais da Rua XV também as confeitarias Brauner (nº 563), pertencente a Tancredo Braga, especializada em “finos bombons”⁴⁶, e a Confeitaria A Gioconda (nº 563 e 565), famosa por sua fabricação de “gelados”.

Em 1928, o arquiteto Gaspar Scangarelli foi contratado para a construção de marquises de ferro para divisas de casas comerciais de Pelotas, “notadamente da rua 15 de Novembro”. Entre essas casas encontram-se a Casa Procopio (que então se mudava da Rua Gal. Neto para a Rua XV) e A Jaguareense. “Dessa forma, vai o ponto central da cidade se transformando, de acordo com o grande progresso que se vêm notando em Pelotas”. As frentes de ferro, que conjugavam “conforto, luz e ar”, eram fabricadas em Pelotas pela firma Jacobs & Tomberg, “e em nada, ficam devendo aos similares nacionais ou estrangeiros” (*Diário Popular*, Pelotas, 14 abr. 1928, p. 1).

Pode-se afirmar que a Rua XV endereçou a mais famosa livraria pelotense: a Livraria Universal, fundada em 1887 por Carlos e Guilherme Echenique. A partir de 1894, sua seção de varejo passou a funcionar à Rua XV, nº 579, esquina com a Rua Sete de Setembro, e em torno de 1922, a

⁴⁶ Em 1921, os irmãos Brauner, ditos proprietários da Confeitaria, venderam-na para Domingos Moreira, proprietário da Confeitaria Dalila, situada à Rua Mal. Floriano. Reabriria como um anexo de seção de bebidas, gerenciada por Justino de Souza Moreira (Cf. *Diário Popular*, Pelotas, 16 jul. 1921, p. 2).

livraria possuía oficinas na Rua Gal. Neto (posteriormente endereçadas na Rua Gomes Carneiro) e escritórios em endereço contíguo, pela Rua Sete de Setembro. Com uma importante produção editorial, a Livraria Universal foi responsável por editar publicações importantes, caso da obra do escritor regionalista João Simões Lopes Neto, então praticamente desconhecida (MAGALHÃES, 1999, p. 54). Em 1917, a Universal comprou o acervo da Livraria Americana⁴⁷, tornando-se assim a principal empresa do ramo editorial de Pelotas (Cf. *Álbum de Pelotas*, 1922, s/p).

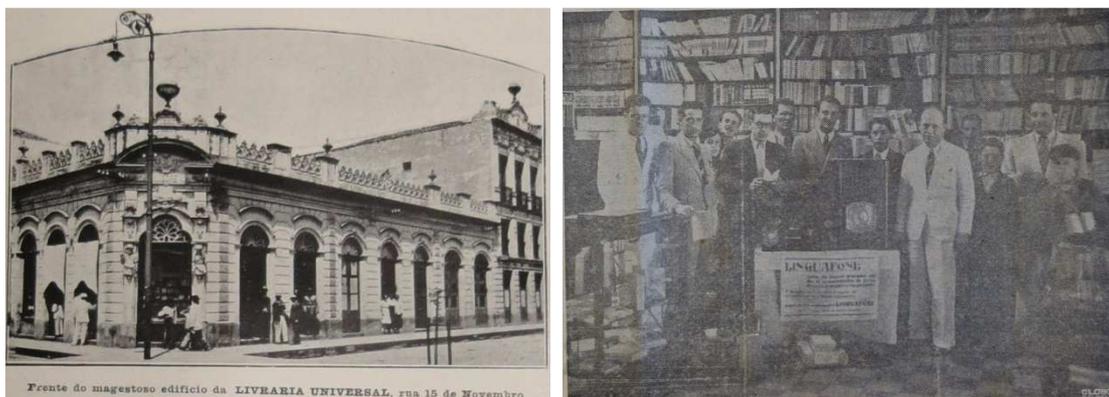


Figura 23. Prédio da Livraria Universal, na esquina das ruas XV e Sete. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p. Figura 24. Demonstração do Linguafone (aparelho para aprendizado de língua estrangeira) na Livraria do Globo. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 12 fev. 1939, p. 8.

A artéria central endereçou também a Livraria do Globo⁴⁸ (que ocupou endereços diferentes na Rua XV), a Livraria Nacional (nº 623), a Livraria Mundial (nº 565/566; em 1950; atualmente, a livraria, ainda em atividade, está localizada ao nº 564) e a Casa do Livro Usado (nº 560A).

Acessórios muito usuais para os passeios e atividades ao ar livre, os chapéus literalmente estavam na cabeça de homens e mulheres, adultos ou crianças. De fato, basta olharmos para fotografias antigas para percebermos que se tratava de um adorno indispensável. Mais que uma proteção contra o

⁴⁷ De propriedade de Pinto & Cia., esteve localizada na Rua XV, nº 655. Em 1921, sua antiga sede passou a abrigar a Casa Buxton, de Buxton, Guilayn e C. Além do ramo da eletricidade, trabalhava com maquinaria e automóveis, importação de artigos para construção e rurais, como cimento, ferro galvanizado, telhas de zinco, tintas preparadas, arames para cerca, liso e farpado, e aos clientes, oferecia o Chá Buxton (*Diário Popular*, Pelotas, 27 fev. 1921, p. 2).

⁴⁸ Fundada na Rua da Praia em Porto Alegre em 1883, por Laudelino Pinheiro Barcellos. Em 1890, como o aumento dos negócios, José Bertaso, então com 12 anos, foi contratado pela livraria, onde permaneceria durante toda sua vida, passando de servente e caixeiro para chefe, gerente e administrador das oficinas tipográficas, tornando-se proprietário em 1918. Cf. TORRESINI, Elisabeth R. *Editores do Globo. Uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: Edusp/Com-Arte/ Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999, p. 55-56.

sol, por exemplo, o chapéu se sofisticava, complementava o vestuário ao rigor da moda vigente, com a introdução de novos materiais em sua fabricação e em uma infinidade de modelos, expostos nas vitrines das lojas pelotenses, com fabricação própria e importação de conhecidas fábricas nacionais e estrangeiras⁴⁹.



Figura 25. Publicidade da Chapelaria Caringi, anteriormente denominada Chapelaria Universal. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 26. Publicidade da Casa Coufal, veiculada na revista *Ilustração Pelotense* (1919). Fonte: MARRONI, 2008, p. 188.

Os calçados também são acessórios que ultrapassam seu uso prático, e as vitrines exibiam os diferentes modelos masculinos e femininos para o encanto dos olhares de homens e mulheres. Os anúncios divulgavam calçados “distintos”, desde aqueles próprios para a patinação aos pretos indicados para o período de Finados. Lojas que comercializavam especificamente calçados na Rua XV eram a Casa Hercílio (nº 556)⁵⁰, de J.R. Fonseca e Cia., a Casa Clark (nº 626; em 1923, foi transferida para o nº 611) (Figura 14), a Casa Carioca (nº 565), a Casa Procópio, que a partir de 1937 passou a ocupar o endereço 565 e a Casa Adams (nº 618).

⁴⁹ A Fábrica de Chapéus Pelotense, fundada em 1880 pelos Srs. Cordeiro e Wiener (e adquirida em 1892 por Carlos G. Rheingantz; Cf. LLOYD, 1913, s/p.), possuiu um depósito de chapéus ao nº 630, onde em 1928 funcionava a Chapelaria Moderna. Outras casas especializadas neste acessório, endereçadas nas quadras centrais da Rua XV, eram a Chapelaria Central (nº 621, de Antonio Caringi), a Casa Bertoli (nº 607), a Chapelaria Caringi (nº 561) e a Casa Coufal (nº 622).

⁵⁰ Em setembro de 1925, a Casa Hercílio foi transferida para a esquina da praça central com a Rua Mal. Floriano, na mesma quadra da Confeitaria Brasil.



Figura 27. Publicidade da Casa Hercílio. Fonte. PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 28. Publicidade do Bazar Moderno. Fonte. PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

Integrantes de um comércio requintado, boa parte das joalherias e relojoarias existentes em Pelotas, no período compreendido por esta pesquisa, estavam endereçadas à Rua XV, ou, pelo menos, as mais conhecidas do ramo. A referência principal contida nos anúncios da Casa Lévy Franck & Cia. (nº 555)⁵¹, que era também uma casa de câmbio, é o luxo e o requinte do artigos em joalheria, relojoaria, metais e artigos para presentes, recebedora das “últimas novidades em sortimento de óculos, pence-nez, vidros de ótica”. A casa era agente da marca francesa Christofle, fabricante de acessórios em prata fina e dos relógios Omega (Figuras 29 e 30) (*Diário Popular*, Pelotas, 09 dez. 1924, p. 3).



Figura 29. Publicidade da casa Levy Franck & Cia., veiculada na revista *Ilustração Pelotense* (1923). Fonte: MARRONI, 2008, p. 184. Figura 30. Publicidade da casa Levy Franck. Fonte: *A Opinião Pública*, Pelotas, 27 mar. 1945, p. 7.

O endereço 616 da Rua XV abrigou pelo menos quatro joalherias ao longo dos 30 anos pesquisados. De 1920 a 1933, endereçava a Joalheria Gros, de propriedade de Julio Gros, representante dos relógios Longines e possuía oficina própria. Entre 1933 a 1940, abrigou a Joalheria Funck, de H. Funck. De

⁵¹ Em 1934, há referências do endereço da Casa Lévy Franck também nos números 553 e 557 (contíguos), o que pode indicar a ampliação do estabelecimento.

1940 a 1945, abrigou a Casa Oliveira, que possuía uma sede na Rua Andrade Neves, e em 1945, ocupado pela Joalheria Aliança (a última referência encontrada). Além destas, na via central também se endereçaram a Relojoaria Hermann Müller (nº 728), inaugurada em 1922, especializada em consertos de relógios (seu proprietário se anunciava diplomado na Suíça). A Relojoaria e Optica de Adolpho Neipp (nº 628) e a Joalheria Azevedo, referenciada nos jornais a partir de 1946, ao nº 575.

Além das casas de modas, que possibilitavam o contato com as últimas novidades em vestimentas chiques e acessórios elegantes, no trecho central da Rua XV se endereçavam também salões (ou institutos) de beleza, tanto para homens quanto para mulheres. Entre estes se citam o Salão do Commercio (nº 723), de João Ferreira de Souza, fundado em 1916, que dispunha de pessoal habilitado e aparelhos para massagens e lavagem de cabelos, o mesmo oferecido no Salão Rohnelt, de Rodolpho Ibaños (nº 621), operados com modernos aparelhos (*Álbum de Pelotas*, 1922, s/p). O Salão de beleza A Moderna, dirigido por Sarah Nobre, que era auxiliada por profissionais vindos do Rio e São Paulo⁵². Em 1934, foi inaugurado o instituto feminino de beleza Boneca Pelotense (nº 558), dirigido por Gloria Abreu. Oferecia serviços de ondulações permanentes Marcel, *Mise-en-plis*, corte, pintura, manicure, pedicure (*Diário Popular*, Pelotas, 28 ago. 1934, p. 5).

O mais afamado de todos, no entanto, foi o instituto de beleza Casa Borges (nº 655, antigo Instituto Sulino), de Arlindo Borges (que era também viajante-técnico da firma Niasi & Cia.). Um “luxuoso” estabelecimento “à altura da elegância dos pelotenses”, a Casa Borges (Figuras 31 e 32) havia passado por reformas e remodelações de suas instalações, “permitindo a ampliação dos serviços técnicos de embelezamento das conterrâneas”. (*Diário Popular*, Pelotas, 03 jun. 1945, p. 4). Fora um grande sucesso da casa a demonstração do novo método de ondulação permanente a frio. “Na vanguarda de tudo o que diz respeito ao maior realce da beleza feminina”, o instituto era motivo de orgulho dos pelotenses, considerado pela imprensa “o melhor e mais bem organizado instituto de beleza do Rio Grande do Sul” (Idem, 23 mar. 1948, p.

⁵² Em uma nota veiculada n’*Opinião*, Sarah Nobre avisava sua distinta clientela que ia ao Rio de Janeiro para adquirir novidades ao seu estabelecimento, como um moderno aparelho que executava em apenas duas horas a ondulação dos cabelos, chamado Galia e recém-chegado de Paris (*A Opinião Pública*, Pelotas, 20 jan. 1928, p. 3).

6). Em 1948, a Casa Borges abriu uma filial à Praça Cel. Pedro Osório, onde anos antes, havia se transferido o instituto Boneca Pelotense (Ibidem, 29 mai. 1948, p. 3)⁵³.



Figura 31. Fachada do instituto de beleza Casa Borges. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 03 jun. 1945, p. 4. Figura 32. Vista do interior do instituto de beleza Casa Borges. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 03 jun. 1945, p. 4.

Um expressivo número de casas de tecidos e alfaiatarias eram encontradas na Rua XV. No início do século XX, as roupas prontas para vestir não eram tão comuns à venda, e os alfaiates eram de suma importância para a confecção do vestuário, como ternos e paletós, amplamente usados pelos homens no meio citadino.

Conforme Sevckenko (1998), para os homens, o investimento na aparência é importante para a legitimação de sua aspiração a posições sociais elevadas, e beleza e elegância são como requisitos para o sucesso na sociedade moderna. Quanto às mulheres, beleza e elegância servem para romper hierarquias e barreiras sociais. No Brasil do início do século XX, a recém-formada elite econômica, não possuindo uma tradição estética que lhe assegurasse certa estabilidade às escolhas de bom gosto (FEIJÃO, 2009), recorria ao que preconizavam as colunas sociais e as revistas mundanas, as “falanges emergentes do gosto, os censores da correção, os ditadores da moda” (SEVCENKO, 1998, p. 537), na busca pelos acessórios imprescindíveis da “recente moda aquisitiva” (Idem, p. 533).

De acordo com Feijão (2009, p. 04), as ousadias no vestir-se ora eram bem vistas, ora execradas, “tudo dependia da posição social de quem se

⁵³ Entre as décadas de 1930 e 1940, foram encontrados diversos salões, sobretudo entre as quadras da praça central até a Rua Gal. Neto: Salão Pelotas, Salão Pará, Salão Stone, Salão Comercial, Salão Plácido e Salão Elegante.

lançava e de sua ligação com os modismos do Velho Continente”. Sempre muito irreverente, o pequeno jornal pelotense *O Elegante* descreve a “discreta e distinta” *toilette* do Sr. Gaston Rassier, adepto do *smartismo*⁵⁴:

Um fenômeno/O homem arco-íris/ A rua 15 de Novembro é, sem dúvida, a grande vitrina das elegâncias desta cidade. Dias atrás, surpreendemos nesta viela “chic” um dos “leões” do “smartismo” local, Sr. Gaston Rassier, ostentando uma esfuziante combinação policrômica de estupefaciente efeito ótico. Trajava o “dandy” sapatos de duas cores, calças “bois de rose”, casaco azul marinho, camisa branca, gravata verde, luvas “marrom”, polainas “bege” e chapéu cinza. Esta discreta e distinta “toilette” estilo portada de tinturaria, valeu-lhe inúmeros e justos elogios que muito sensibilizaram ao “homem arco-íris” (*O Elegante*, Pelotas, 28 ago. 1928, ano 1, n. 3).

O anúncio da Alfaiataria Caprio (nº 631 em 1924; em 1933, estava localizada ao nº 554)⁵⁵ informava que possuía “finos sortimentos – trabalho perfeito, obedecendo aos últimos modelos”: “É onde se vestem os elegantes”, estampando a fotografia do alfaiate Nicolino Caprio (*Diário Popular*, Pelotas, 02 mai. 1924, p. 3). A loja de fazendas Casa Galli & Cia. (nº 566)⁵⁶, possuía fazenda e roupas prontas, para homens e crianças, e a seção de alfaiataria estava a cargo do diretor técnico João Galli.



Figura 33. Anúncio de novas instalações da Alfaiataria Palombo, de Romeu Palombo, exibindo sua fachada. Fonte: *A Opinião Pública*, Pelotas, 27 mar. 1945, p. 7. Figura 34. Publicidade da Alfaiataria Americana, de Rocco Felipe. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p.

O endereço nº 673 abrigou ao menos duas alfaiatarias: a Alfaiataria Elegante, de Caetano Solazzo, e Alfaiataria Americana, de Rocco Felipe.

⁵⁴ Conforme Feijão (2009, p. 03), eram chamados de smartos aqueles que se dedicavam com sucesso a construir sua aparência pessoal, equilibrando os símbolos da modernidade com os símbolos da tradição e distinção social, “atingindo o que era considerado de bom gosto, tanto no vestuário como nos gestos e no comportamento”.

⁵⁵ Na Rua XV, também foi encontrada a Casa Caprio (nº 621, especializada em móveis e tapeçarias), gerenciada por Henrique du Jardin.

⁵⁶ Em 1927, a Casa Galli se transferiu para a Rua Andrade Neves, esquina Tiradentes, e em 1929, voltou para a Rua XV, nº 520 (quase junto a Casa Pery). Cf. *Diário Popular*, Pelotas.

Como pode ser visto no anúncio veiculado no *Álbum* de 1922 (Figura 34), esta alfaiataria esteve endereçada no sobrado da Casa Americana (Rua XV nº 601, esquina da Rua Sete de Setembro, casa especializada em artigos masculinos)⁵⁷, e em 1936, se transferiu para o nº 673. Rocco Felipe, que era maçom, foi chefe da seção de Alfaiataria da Casa Rheingantz, e finalizado o contrato, abriu seu próprio estabelecimento (*Diário Popular*, Pelotas, 10 jan. 1937, p. 3)⁵⁸.

Algumas inaugurações de casas comerciais na Rua XV eram verdadeiros eventos sociais, com a presença de autoridades e personalidades locais e distribuição de doces. Na inauguração da Casa Pratt (nº 673), “conceituado estabelecimento com sede em São Paulo” e especializada na venda das máquinas de escrever Remington, estiveram presentes Jorge Salis Goulart (representando o intendente Augusto Simões Lopes), Nede Lande Xavier, presidente da Associação Comercial, o cônego Mello Lula (representando o bispo diocesano D. Joaquim F. de Mello), Espiridião de Lima Medeiros (juiz da comarca) e representantes da imprensa. Aos presentes foi “servida farta mesa de doces e líquidos”, e “foram apanhadas diversas fotografias do ato”⁵⁹.

Em 1927, na inauguração da nova sede da Casa Alberto (do nº 704 para o 618), que havia se instalado um ano antes, ocorreria uma cerimônia de inauguração com a presença das rainhas do Comércio e dos Estudantes Maria Gomes Pires e Laura Simões Lopes, e uma exposição do *stock* chegado das principais casas exportadoras. A Casa Alberto comercializava variados sortimentos, como “enxovais para noivas, lotes de linho belgas, grande sortimento em artigos para inverno, tecidos de seda para soirées, para noivas, especialmente escolhidas por um dos sócios em recente viagem” (*Diário Popular*, Pelotas, 07 abr. 1926, p. 6; 29 out. 1927, p. 3). Em 1932, na

⁵⁷ A Casa Americana foi fundada em 29/07/1912, por Francisco Rheingantz. Na década de 1920, era administrada por Carlos A. Cuello. (*Diário Popular*, Pelotas, 31 jul. 1928, p. 4).

⁵⁸ Outras alfaiatarias encontradas em anúncios dos jornais nas quadras centrais da Rua XV: Alfaiataria Azevedo, Colosso, Morana, Amazonas, Cordias, Palombo, Vergez, Sicca, Civil e Militar, Moderna e Confiança.

⁵⁹ Rafael Lambertini, da seção da contabilidade da matriz, fez o pronunciamento inaugural da filial, historiando o valor comercial da Casa Pratt. Para o redator da nota, tal inauguração vinha atestar o contínuo progresso de Pelotas (*Diário Popular*, Pelotas, 17 mar. 1926, p. 1).

inauguração da filial de Pelotas da Casa Pfaff (nº 667), de Rudolf Falk, a cerimônia dirigida às “exmas. famílias” de Pelotas foi presidida por Yolanda Pereira⁶⁰. A Casa Pfaff era representante das máquinas de costura Pfaff (*Diário Popular*, Pelotas, 09 abr. 1932, p. 3)⁶¹.

Sobretudo a partir da segunda metade da década de 1920, verificase um crescimento de cafés e cigarrarias (ou tabacarias), localizados no perímetro central da cidade. Citando alguns exemplos, temos: os cafés Ba-Ta-Clan (à Rua Andrade Neves), Central, Colombo (praça central esquina Gal. Vitorino, atual Padre Anchieta), Rosicler (Rua XV, nº 664), o Bar Pelotense (Rua XV esquina praça central) (Cf. *Diário Popular*, Pelotas, 1924-1925) e as cigarrarias e tabacarias Casa Feliz, Macalão, A Melindrosa, Pelotense, Casa Beiro, Brasil, Vera Cruz, Pelotas e Carnaúba, ambas localizadas na Rua XV. Conforme Sevckenko (1998), no início do século XX o cigarro era um novo hábito, presente no espaço urbano primeiramente com uma forte conotação europeia.

Os cigarros ou charutos industrializados, diferentemente do fumo de corda ou fumo de pitar, eram presenças recentes na vida urbana e se distinguiam dos hábitos tradicionais de fumar ou mascar, sobretudo relacionados como o ambiente rural (SEVCENKO, 1998, p. 528).

A publicidade das tabacarias e cigarrarias eram sedutoras quanto ao hábito de fumar; a publicidade de Ba-ta-clan, por exemplo, apenas afirmava, em letras maiúsculas: “FUMEM CIGARROS, Ba-ta-clan”. A marca de cigarros Tell, após vários anúncios enigmáticos (semelhante aos usuais *teasers* da publicidade contemporânea), proclamava: “Cigarros Tell: não contém substâncias nocivas à saúde” (*Diário Popular*, Pelotas, 09 jan. 1929, p. 3). O uso de cigarros ou mesmo de certos entorpecentes, como haxixe e cocaína, era entendido como “vícios elegantes”, próprios das cidades (*Diário Popular*, 12 abr. 1928, p. 2)⁶².

⁶⁰ A pelotense Yolanda Pereira (1910-2001) venceu em 1930 um concurso internacional de beleza, realizado no Rio de Janeiro. Ainda que seu título não seja reconhecido pela organização internacional responsável pelo concurso de misses, para os pelotenses, Yolanda será sempre sua “Miss Universo”.

⁶¹ Em 1936, a filial pelotense recebeu a visita do diretor presidente da G.A. Pfaff, o Sr. Karl Pfaff, oferecendo-lhe um banquete nas dependências do Grande Hotel (*Diário Popular*, Pelotas, 21 abr. 1936, p. 6).

⁶² O Dr. Victor Russomano, que assinava a Coluna Médica, veiculada pelo *Diário*, publicou em janeiro de 1925 um texto intitulado “Os vícios elegantes em Pelotas”, em que denunciava a fabricação, feita inclusive em muitas farmácias da cidade, de substâncias tóxicas, as quais, mantendo um serviço noturno, comercializam aos “clientes infelizes” cocaína ou ampolas de

Em janeiro de 1925, foi inaugurada a cigarraria A Melindrosa (nº 639)⁶³, um grande empório de artigos para fumantes, cujo proprietário era Julio Castillo & Comp. Conforme nota do evento, o público ficou impressionado pelo o que viu. “Harmonia e originalidade das armações, bem como a bizarra disposição das várias seções de artigos, mereceram a geral atenção dos visitantes”. “Pelotas conta com uma *chic* casa de cigarros e loterias” (*Diário Popular*, Pelotas, 08 jan. 1925, p. 2). Além de artigos para fumantes, nestas cigarrarias normalmente funcionavam também loterias e engraxatarias, como a Casa Beiro (nº 609), inaugurada em maio de 1931, que era cigarraria, engraxataria, agente do jornal porto-alegrense *Correio do Povo* e dos envelopes “Mascotte” (*Diário Popular*, Pelotas, 16 mai. 1931, p. 4)⁶⁴.



Figura 35. Publicidade da Casa Feliz. Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p. Figura 36. Publicidade da cigarraria A Melindrosa, sugerindo sua clientela: eminentemente masculina. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 18 abr. 1925, p. 8.

A tabacaria Vera Cruz (nº 606), dirigida pelos Irmãos Clark, era especializada em artigos para fumantes, engraxataria, jornais e loterias. Em

morfina. Além desse “comércio localizado”, havia os vendedores ambulantes, frequentadores de pensões *chics*, onde tais vícios “encontram esplêndida atmosfera...”. Também alertava que bolieiros [condutor de boleia, cocheiro] dos carros que estacionavam nas portas dos cabarés, atuavam como intermediários das vendas. Para o Dr. Russomano, o grave problema dos vícios em tóxicos na cidade não recebia a atenção das autoridades locais (*Diário Popular*, Pelotas, 31 jan. 1925, p. 1).

⁶³ Em julho de 1936, A Melindrosa transferiu sua sede para a Rua XV, nº 579, tradicional endereço que abrigou durante anos a Livraria Universal. Em seguida, inaugurou uma filial na cidade vizinha, Rio Grande, na Casa Borboleta. Cf. *Diário Popular*, Pelotas.

⁶⁴ Em 1928, José Beiro havia comprado a Casa Feliz (cigarraria e venda de bilhetes de loterias). Cf. *A Opinião Pública*, Pelotas, 20 fev. 1928, p. 1.

março de 1930, um leitor d'*Opinião* escreveu uma carta à redação do jornal reclamando da tabacaria, que havia colocado um banco na calçada da Rua XV, o que para o autor da reclamação, autodenominado “Bom Senso”, atrapalhava o trânsito de pedestres pela artéria.

“Sr. Redator. Solicitamos de V.S. uma “chamadinha” pelas colunas d'A Opinião, a respeito de um banco que a Engraxataria Vera Cruz entende colocar a beira da calçada. A rua 15, com seus passeios por natureza estreitos, não permite que se os atravanque ainda mais. Já basta o ajuntamento de desocupados à frente dos cafés e que, sem nenhuma civilidade, interceptar o trânsito dos pedestres. Do vosso bom patrício BOM SENSO (*A Opinião Pública*, Pelotas, 22 mar. 1930, p. 4).

Como a carta de “Bom Senso” indica, nas quadras centrais da via estavam endereçados vários cafés, ponto de encontro de homens e jovens, sobretudo. Conforme Lewgoy (1991), os cafés situados na Rua da Praia em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, tinham a sociabilidade como uma de suas principais funções, pois eram lugares de encontros e discussões políticas e literárias, onde se debatiam ideias e projetos de vida.

(...) era a de ser um dos pólos agenciadores da socialização secundária de indivíduos do sexo masculino de segmentos médios e superiores da cidade, particularmente na fase de início da sua condição de adultos, a qual correspondia, em muitos casos, o ingresso na universidade (LEWGOY, 1991, p. 03).

Em Buenos Aires, de acordo com Carretero (2000)⁶⁵, os cafés, espaços eminentemente masculinos, se estruturaram de forma distinta das confeitarias, as quais, mais amplas, espalhadas por vários setores da cidade, se constituíam em espaços mais convidativos às famílias e mulheres.

Se distinguían por sus mesas con manteles y flores, por las cortinas em las ventanas y los cuadros que adornaban las paredes. A ellos concurrían familias o grupos de mujeres que, al principio, se daban cita para tomar el té com masas, luego con enparedados y más adelante, se reunían para degustar un vermouth” (CARRETERO, 2000, p. 43).

Entre os anos 1930 e 1940 foi possível localizar uma quantidade significativa de casas de cafés no eixo central de Pelotas, e constatar que a maioria estava endereçada em sua artéria principal, a Rua XV de Novembro. Um dos mais conhecidos, o Café Nacional, de propriedade da família Silveira Neto (da Empresa Nacional de Propaganda, fundada em 1914), tinha sua

⁶⁵ CARRETERO, Andrés. *Vida cotidiana en Buenos Aires*. Desde la organización nacional hasta el gobierno de Hipólito Yrigoyen (1864-1918). Buenos Aires: Ed. Planeta Argentino, 2000.

matriz em Porto Alegre e sucursais em Pelotas e nas cidades de Rio Grande, Bagé e Santana do Livramento. Em Pelotas, a quarta sucursal da empresa (e a primeira fora de Porto Alegre) estava situada na Rua XV, nº 577, e a oitava sucursal, na Rua Mal. Floriano, nº 3 (onde esteve a Confeitaria Dalila, transferida para o nº 1 da mesma via, sede anterior da Casa Hercilio), inaugurada em 1935 (*Diário Popular*, Pelotas, 02 mar. 1935, p. 5).

Em março de 1942, logo após a inauguração do Palácio do Comércio, ocorreu a abertura da nova sucursal do Café Nacional, em ampla loja no andar térreo do Palácio, na esquina da XV com Sete de Setembro. Conforme nota da imprensa, o Café Nacional, pioneiro dos cafés-bares, apresentava instalações moderníssimas (Figura 37)⁶⁶.

(...) com paredes revestidas em mármore polido, lâmpadas fluorescentes dispostas com elegância e harmonia de conjunto, mobiliário laqueado em verde-claro, completo serviço de bar para cavalheiros e damas. Tem-se como certo que este será um importante centro social, com características de luxo raras no Rio Grande do Sul, recebendo aceitação imediata dos pelotenses (*Diário Popular*, Pelotas, 07 mar. 1942, p. 4).



Figura 37. Flagrante da inauguração da sucursal do Café Nacional, no andar térreo do Palácio do Comércio. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 07 mar. 1942, p. 4. Figura 38. Fachada do Café Carpena, antiga sede da Livraria Universal. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 03 out. 1942, p. 17.

Em abril de 1937, foi inaugurada em Pelotas uma filial do conhecido Café Santos (nº 626), do Instituto do Café do Estado de São Paulo. Conforme a nota, o café vinha para “embelezar” a urbe, e a cerimônia de inauguração contou com a presença de autoridades civis e militares e representantes do alto comércio e imprensa, presidida por Nicanor Novaes Galvão, inspetor geral do

⁶⁶ Ainda de acordo com a nota, o que chamou a atenção do público que prestigiou a inauguração, foi um aparelho de distribuição de música à preferência dos frequentadores, o *Wurlitzer*.

Instituto. A aposta era que o Café se transformasse em um “dos pontos de atração dos amantes da boa rubiácea”, onde se podia tomar “o verdadeiro “café de café” preparado pelos sistemas mais modernos, tanto de técnica como de higiene”. Esperava-se ainda que as belas instalações, apresentadas pelo café, fizessem desse espaço o ponto preferido das “beldades” locais (*Diário Popular*, Pelotas, 11 abr. 1937, p. 1).

O Café Carpena inaugurou uma casa de degustação denominada Casa do Bom Café, na esquina das ruas XV e Sete, sede anterior da cigarraria A Melindrosa e antes ainda, da tradicional Livraria Universal (Figura 38) (*Diário Popular*, Pelotas, 13 ago. 1944, p. 8). Além do Café Carpena, outras marcas conhecidas de café fabricadas e comercializadas em Pelotas nesse período eram: Café 35, Flor, Regente, Índio e Guarany⁶⁷.

As exigências das construções modernas, verificadas nos grandes centros urbanos, eram igualmente buscadas pelos proprietários de estabelecimentos comerciais da cidade. Em setembro de 1940, Francisco Teles Brasil, proprietário do Café Brasil, comemorava o segundo ano de seu estabelecimento e desejava transformá-lo, retirando a seção de engraxataria e casa lotérica para ser substituída por uma seção de cafezinho expresso junto à seção de tabacaria. À grande concorrência popular, Teles Brasil dotou o local de melhoramentos sanitários, com a colocação de azulejos brancos. Tinha como gerente seu filho, Francisco de Paula Barreto Brasil. O Café Lamego, de Lamego, Irmão e Cia., edificou uma moderna e confortável sede de seu estabelecimento ao nº 558 a partir de 1945, inaugurada em agosto do mesmo ano (Figura 39)⁶⁸.

O luxuoso estabelecimento agora inaugurado, cooperou para o embelezamento da nossa “urbs”, constitui ainda, sem dúvida alguma, mais um passo para o progresso de Pelotas, pela sua localização, instalações ultramodernas e estilo elegante, a nova casa proporcionará um ambiente da mais requintada elegância de ser

⁶⁷ Outros cafés encontrados na Rua XV foram: Café João Pessoa, concorrido principalmente entre os jovens; em 1932 abrigou uma exposição fotográfica de José Maria Landó, de Montevideo, Uruguai. O Café Oliosi, de José Oliosi, o Café Rex, na esquina das ruas XV e Sete, “o ponto mais chic da cidade” e o Café Jóquei Clube, que em 1945 inaugurou uma nova iluminação, emprestando à área central “um aspecto alegre, muito de acordo, aliás, com as finalidades do estabelecimento, cujo fim é de proporcionar aos seus clientes noturnos, momentos de palestra agradável, num ambiente à altura do público seletivo que habitualmente se reúne ali” (*Diário Popular*, Pelotas, 10 jun. 1945, p. 1).

⁶⁸ O Café Lamego era ponto de encontro de políticos. A sede do Partido Social Democrático (PSD), se achava instalada no andar superior do Café.

frequentado pela nossa sociedade. Ambiente agradável, bem aparelhado, adaptado a todos os requisitos exigidos pelos melhores estabelecimentos do gênero (*Diário Popular*, Pelotas, 16 ago. 1945, p. 5).



Figura 39. Flagrante da construção da sede do Café Lamego, feita pela Sociedade de Construções Gerais Ltda. Fonte: *A Opinião Pública*, Pelotas, 03 mar. 1945, p. 6. Figura 40. Fotografia da fachada do Café Lamego. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 16 ago. 1945, p. 5.

Estes cafés eram concorridos pontos de encontros; neles, discutiam-se política, esportes⁶⁹ ou mesmo projetos de futuro para a cidade, que se convertiam em “assuntos de café”. Às vezes, ocorriam calorosas discussões e atritos, inclusive com disparos de armas de fogo. Em 1948, no interior do Café Jôquei Clube (em horário de intenso movimento), ocorreu uma briga entre Rosa, um “destacado agrônomo e membro do diretório local da UDN” (União Democrática Nacional), e o vice-prefeito Adolfo Fetter.

Quando o assunto foi a Assembleia de logo mais à noite, a que Rosa havia censurado por fazer política com assuntos ligados a esta entidade de classe [a Associação Comercial], este levou um soco de Fetter, intervindo rapidamente os amigos em volta. Tratando-se de destacados homens do cenário político e social local, o fato repercutiu e tornou-se assunto obrigatório nas rodas de conversa (*Diário Popular*, Pelotas, 28 jan. 1948, p. 6).

Muito frequentados, várias notas nos jornais sobre mendigos, bilheteiros e vendedores ambulantes às portas destes estabelecimentos, eram denúncias para que as autoridades locais providenciassem medidas para acabar com “tristes cenas” que contrastavam com a paisagem que o

⁶⁹ Como as reuniões para ouvir através do rádio as partidas de *foot-ball*, caso do campeonato de 1935 que sagrou a equipe do 9º R.I. campeão: “Em todos os cafés, bares, confeitarias, todos se reuniram ao redor dos rádios para ouvir a descrição da partida, acompanhá-la em todos os seus detalhes, em que, em Porto Alegre, a briosa equipe do 9º R.I. [depois Grêmio Atlético Farroupilha] disputava com o Grêmio os louros da vitória” (*Diário Popular*, Pelotas, 30 out. 1935, p. 4).

movimento destes cafés emprestava à área central da urbe. O entroncamento das ruas XV de Novembro e Sete de Setembro foi alcunhado como “a esquina dos cafés”. De fato, na década de 1940, somente nesta esquina se encontravam três cafés, Carpena, Rex e Nacional – este, único que resistiu ao tempo, é atualmente o Café Aquário. Dessa forma, a esquina ficava tomada por homens, e várias notas nos jornais denunciavam as palestras nas calçadas que muitas vezes causavam constrangimentos às mulheres que por ali passavam, como denuncia a coluna Instantâneos Locais, de 1950.

Instantâneos Locais/ Os “bonitões”/ Os “bonitões” continuam aí, dando espetáculo gratuito e fornecendo elementos para uma história na boa moda policial. Ontem, por exemplo, quando o sol apareceu esplendente e gracioso, presenciamos uma cena que vale relatar. A mocinha, que possivelmente saía para compras, apressava o passo próximo ao Café Nacional, possivelmente já antevendo que alguma brincadeira de mau gosto pudesse partir de algum “bonitão”. Dito e feito. Mal pisou na calçada e veio um assobio acretinado, seguido de uma exclamação não menos acretinada: “Ela é muito boa”. Tudo teria ficado nisso não fosse um terceiro personagem, o irmão da moça que, num upa, segurou o “coquerant” pela gravata e interrogou: - Quem é que é boa, seu cafajeste? O bonitão se perturbou, tentou um riso muito pálido e disse gaguejando: - A tarde, não é? Ela ficou muito boa com este solzinho... Foi esse o espetáculo. Muito fraco comparando-se com outros que comumente estão ocorrendo e que bailam na música de palavrões imorais que tipos desclassificados lançam às senhorinhas. Qualquer dia – olhem lá – um outro irmão mais brabo aparece. E adeus dentadura... (*Diário Popular*, Pelotas, 02 ago. 1950, p. 3).

Em janeiro de 1947, foi inaugurada a casa de chá e restaurante “Tropical”, localizado no oitavo andar do Palácio do Comércio. O idealizador era Edú, “a maravilha da gaita” (Figura 42), que costumava executar boleros. A casa era também uma *boîte*, e as “noitadas”, animadas e concorridas, com diversas atrações contratadas para embalar os frequentadores, como cantores e casais de dançarinos, algumas inclusive internacionais, como a cantora e dançarina argentina Julieta Kenan, “la reina de la gitaneria” (*Diário Popular*, Pelotas, 08 jun. 1947, p. 4).



Figura 41. Interior da casa de chá Tropical, em sua inauguração. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 08 fev. 1947, p. 2. Figura 42. Anúncio da apresentação de Edú da Gaita, na *boite Tropical*. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 08 fev. 1947, p. 2

A casa movimentou o centro e a noite de Pelotas no final da década de 1940, tamanho o sucesso que logrou entre a população⁷⁰, que apreciava também seus bailes de carnaval.

Instantâneos Locais/ Recebemos o seguinte: Os pelotenses muito têm de que se orgulharem com sua cidade. Pelotas sempre marchou na vanguarda em relação às cidades brasileiras de seu tamanho, sendo que em muitos aspectos nada fica devendo, mesmo, às maiores capitais de nossa terra. Onde, porém, Pelotas cravou uma bandeira bem avançada, foi no que diz respeito à sua vida noturna, deixando para trás capitais com população três ou quatro vezes maior do que a sua. “Boite Tropical” é uma arrojada conquista de Pelotas. Fala bem alto do apurado bom gosto dos pelotenses e assegura que a sua vida elegante está equiparada às dos grandes centros. Isso atesta o renome de que goza esse requisitado centro de diversões, no interior do estado, inclusive na fronteira e até mesmo no Uruguai (*Diário Popular*, Pelotas, 17 abr. 1949, p. 3).

A coluna comenta o sucesso e a fama alcançada pela boate, a qual fazia inveja a muitas capitais, inclusive em Porto Alegre era bem referenciada. Elogia ainda as iniciativas do povo pelotense, em seu amparo moral e material a estes empreendimentos.

A partir da década de 1930, muitas casas de comércio da Rua XV se transferiram para outras ruas do centro da cidade, como Andrade Neves, Mal. Floriano e Sete de Setembro. Um dos motivos foi a ampliação dos ambientes das lojas e o surgimento de grandes magazines. De um lado, a estreita rua central não mais comportava o movimento denso de carros e pedestres. Por outro lado, as outras vias eram bem mais largas e respondiam às novas exigências da cidade que crescia. Em 1935, foi inaugurado o primeiro prédio em altura de Pelotas, o Edifício Gloria, na esquina das ruas Andrade Neves e

⁷⁰ Em 1949, Mario Castilhos é referenciado como proprietário do Bar Tropical (Cf. *Diário Popular*, Pelotas, 03 mar. 1949, p. 3).

Mal. Floriano (*Diário Popular*, Pelotas, 24 nov. 1935, p. 8). Para as amplas instalações, no térreo, se transferia o Bazar da Moda, de Rafael Mazza, antes endereçado na Rua XV (nº 577).

A Casas Pernambucanas (da firma Lundgren, Irmãos Ltda., com sede em Recife e filiais por todo o Brasil), instalada na Rua XV (nº 621) em janeiro de 1931, em julho de 1932 inaugurou uma nova filial à Rua Andrade Neves e, em outubro de 1933, transferiu a filial da Rua XV para a Rua Mal. Floriano. Os grandes magazines, espaçosos e diversificados, começam a ser bastante concorridos nesse período, como atesta o sucesso da grande loja A Principal, em setembro de 1939, “um estabelecimento capaz de honrar qualquer metrópole”. A loja ocupava todo o térreo do edifício Fonseca, na Rua Mal. Floriano, nº 1 (esquina da Praça Cel. Pedro Osório). Conforme nota de inauguração, com fotografias apanhadas pelo fotógrafo Robles, “estava pronta para atender a freguesia mais elegante e distinta” (*Diário Popular*, Pelotas, 03 set. 1939, p. 4).

Esta incursão pelas lojas e vitrines, inaugurações e exposições, passeios e encontros, diversões e estranhamentos que identificaram o comércio da Rua XV de Novembro, certamente não abarca o todo, ou mesmo a relação com a economia do município, como, por exemplo, da crise a partir do início dos anos 1930⁷¹, e que evidentemente, incidiu nestas atividades comerciais, onde se percebeu que muitas casas fecharam, faliram, se transferiram da principal via ou ainda fizeram extensas liquidações de seus estoques. Importou aqui trazer à tona endereços, nomes dos proprietários e os principais comércios que existiram na Rua XV, que em sua condição de artéria central da urbe, afirmam a importância, a riqueza e a diversidade dos mesmos, elementos importantes que integraram sua histórica paisagem.

⁷¹ Na década de 1920, a produção do charque estava em forte declínio, enfraquecendo o poder econômico pelotense. De acordo com Schlee (1993), a zona sul, centrada entre Rio Grande e Pelotas, perdia sua liderança industrial para a região entre Porto Alegre e Caxias do Sul, na serra gaúcha. Em 1931, ocorreu a falência do Banco Pelotense, importante casa bancária fundada em 1906 que chegou a ser um dos estabelecimentos mais fortes e estáveis do país.

2. 3. O Carnaval

O Carnaval é um dos traços mais marcantes da antiga Rua XV; historicamente, há uma relação muito íntima entre o festejo e a rua que lhe serviu de passarela por várias décadas em Pelotas. Não se pretende fazer aqui uma interpretação sociológica do Carnaval, mas antes, enfatizar a festa em sua relação com a Rua XV, objeto desse estudo, destacando ainda o papel da imprensa, notadamente do *Diário Popular*, para a manutenção da tradicional folia desta via pública. Nesse sentido, o próprio órgão de imprensa teria uma contribuição importante para atribuir ao carnaval da Rua XV a condição de uma tradição popular pelotense.

De acordo com Barreto (2003), a folia do Momo em Pelotas passa por três momentos: primeiramente, o Entrudo, tipo de festejo comum à Península Ibérica e trazida pelos colonizadores portugueses, que consistia em brincadeiras e jogos de limões e laranjas de cheiro, e prevaleceu até meados do século XIX⁷²; Carnaval Veneziano ou Grande Carnaval, que representa um refinamento da festa, reflexo do crescimento e da introdução de novos hábitos citadinos, ocorrendo até aproximadamente 1920. E o Pequeno Carnaval ou apenas Carnaval, caracterizado por uma simplificação da festa, que se estende até os dias atuais (BARRETO, 2003, p. 12-13).

Normalmente o curso iniciava na praça central e se estendia, pela Rua XV, até as ruas Voluntários da Pátria ou Dr. Cassiano, às vezes até a Praça José Bonifácio (Catedral). A iluminação do trajeto do curso sempre era acrescida nos períodos de festa, assim como o policiamento. O comércio se voltava para o evento, com a preparação de vitrines temáticas e a venda de artigos específicos, como confetes, serpentinas e lança-perfumes, introduzidos nos festejos no final do século XIX. A concentração acontecia no entorno da praça central (no “redondo”, como era conhecido o espaço do chafariz), e havia agrupamentos também nas ruas Tiradentes e Gal. Telles.

A forma pela qual se organizaram os desfiles dos cursos de carnaval pela Rua XV passou por várias mudanças, perceptíveis através dos trinta anos pesquisados nos dois já referidos jornais pelotenses. A edição de 1920 marcou o último desfile dos Clubes Carnavalescos mais conhecidos da

⁷² De acordo com Müller (2010), os bailes de máscaras, no interior do Teatro Sete de Abril e hotéis, foram sendo preferidos pela elite pelotense ao Entrudo.

cidade, o Diamantinos e o Brilhante⁷³. Os acontecimentos sociais destes clubes, como seus bailes ou a realização da escolha de suas rainhas, eram amplamente noticiados pelos jornais, indicando a importância dada pelos periódicos a estas entidades do carnaval pelotense. Os dois clubes, rivais, desfilavam nos carnavais da Rua XV em clima de disputa, de qual exibia o melhor curso, as melhores fantasias, o carnaval mais animado.

Na edição de 1920 também fora organizado, por uma comissão composta pelos comerciantes José Teixeira Cardoso, José Alves de Carvalho, Rafael Mazza, Pedro Espellet e Francisco Fabião, um curso e uma correspondente batalha de flores, confetes e serpentinas.

“Nunca morrer num dia assim, com um sol assim!”

Parodiando o grande artista da forma [Olavo Bilac], diríamos: nunca morrer numa noite assim, em que as estrelas confundiam sua palpação de luz com a palpação da vida que sorriu no transcurso de muitas horas, envolto no perfume inebriante e impalpável, na policromia pulverizada do “confete” e nos sorrisos das lindas patrícias, cheias de graça. [...] Na rua 15, principal artéria da nossa cidade, manteve-se desde as 20 até a zero hora, uma verdadeira multidão confundida n’uma expansão de alegria expressiva e delirante. Carros e automóveis, de aluguel e particulares, formavam ao longo da praça da República até a esquina da rua Dr. Cassiano um círculo bizarro e de belíssimo aspecto, aumentado com as riquíssimas originárias fantasias, trajadas por distintas senhorinhas. Entre tantas, conseguimos notar as seguintes: Astrólogas, Pescadoras, Noite, Portuguesas, Pierrôs e Pierrettes, Apaches, Borboletas, Odaliscas, Aranha, Japonesas, Egípcias, etc., etc. (*Diário Popular*, Pelotas, 17 fev. 1920, p. 4).

Fica claro que a participação dos comerciantes para a realização dos festejos de carnaval, notadamente daqueles que possuíam negócios à Rua XV, era bastante determinante. Decisões como o aumento da iluminação, o trajeto a ser percorrido pelos cursos ou a organização dos desfiles dos carros, eram negociadas pelos comerciantes com a Intendência Municipal. Para incentivar a participação na festa, os comerciantes distribuíam premiações aos melhores cursos ou aos foliões mais originais. Além disso, desfilavam nos préstitos autos com reclames das casas de comércio, fator de grande importância para a publicidade das mesmas.

⁷³ O Clube Diamantinos, fundado em 1906, foi responsável, conforme Barreto (2003, p. 45-46), por renovar em diferentes momentos o carnaval pelotense, ao introduzir ou mesmo retomar formas de comemoração. O Clube Brilhante foi fundado em 1911, em meio a divergências entre os clubes Diamantinos e Caixeiral, e ao rivalizar com o primeiro, entre os anos de 1912 a 1920, o carnaval pelotense ganharia dois préstitos em disputa pela melhor apresentação, pontuado pela animação e pela rivalidade (Idem, p. 57-58; 63).

Com a impossibilidade de os dois clubes realizarem seus desfiles, declarando falta de recursos, a festa estava comprometida. A imprensa buscava soluções, e conforme nota publicada em *A Opinião Pública*, a participação no carnaval pelotense não deveria mais ser apenas dos clubes (Diamantinos e Brilhante), mas da iniciativa de particulares, para honrar a festa do Momo. Principalmente o comércio – e especialmente da Rua XV – deveria constituir comissões, a exemplo do que ocorria no Rio de Janeiro, para angariar fundos destinados a uma ornamentação e iluminação *feérica* nas fachadas das lojas. “A nossa principal artéria tornar-se-ia, assim, um paraíso e Pelotas ganharia, por maior renome com os seus pomposos carnavais” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 28 jan. 1920, p. 3).

Após as Batalhas, os dois clubes fizeram seu último desfile pela Rua XV, com atraso na saída de seus préstitos. O primeiro a desfilar foi o Diamantinos, que exibiu dez carros alegóricos (Região Polar, Rosa dos Ventos, Paz, Roça de Milho e Periquitos, Carvão Nacional, Zé Povo, Urca e Pão de Açúcar, Colmeia, O Maestro Gigante e Nos Domínios do Satã). Após foi a vez do rival, Brilhante, que colocou na Rua XV sete carros (O Voo para a Vitória, Bombo Colosso, Nossa Homenagem, Colmeia, Palácio de Sião, Inferno Dantesco...) ⁷⁴. Nas imagens abaixo, podem-se ver exemplares dos pomposos carros alegóricos que os clubes exibiam nos carnavais.



Palácio de Sião (Carro da Rainha) C.C. Brilhante



Na região polar (Carro estandarte) C.C. Diamantinos

Figura 43. Carro alegórico do C.C. Brilhante, carnaval de 1920. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 44. Carro alegórico do C.C. Diamantinos, carnaval de 1920. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

As edições seguintes foram marcadas por certo retrocesso na folia de rua, e conforme os jornais, sem o entusiasmo de outrora. A ausência dos

⁷⁴ A nota indica sete carros alegóricos, porém nomeia apenas seis.

clubes carnavalescos foi o que mais ganhou destaque como um ponto negativo da festa, e os bailes no interior dos clubes acabavam por ser mais concorridos. No carnaval de rua, realizavam-se as batalhas de confetes, serpentinas e lança-perfumes, desfilavam mascarados, participavam bandas musicais e coretos nas esquinas⁷⁵. Porém, as notas sobre o carnaval nesse período, nos dois jornais, destacaram que o pomposo carnaval pelotense, conhecido nacionalmente, já era coisa de outras épocas (*Diário Popular*, Pelotas, 05 mar. 1922, p. 4)⁷⁶.

Dessa maneira, o que ganhou cada vez mais destaque, após o término dos desfiles dos carros alegóricos dos clubes no carnaval da Rua XV, foi a folia realizada pelos blocos e cordões carnavalescos⁷⁷. Aos blocos já existentes (como Es...pia Só, Filhos da Lua, Bloco dos Sentenciados, Filhos da Alegria, Miscelânea e Princesa do Sul), se juntavam novos (como Mamãe vem Aí, do jovem Rodolpho Rosenthal, e Chegou a Hora; cf. *Diário Popular*, Pelotas, 15 fev. 1923, p. 3). Estes blocos e cordões, que inicialmente foram julgados pela imprensa como um sinal da decadência do carnaval de rua de Pelotas, serão posteriormente incorporados como representantes da folia⁷⁸.

Juntamente ao curso da Rua XV, desfilavam os cordões, como Depois da Chuva, do Clube Diamantinos, do bloco Miscelânea, Quem Ri de Nós tem Paixão, Amor Perfeito, Bloco dos Tigres e Vamos como se Pode. Havia maiores preocupações com a ordem do desfile destes cordões, em que deveriam desfilarem somente na Rua XV e não eram permitidas as paradas que prejudicariam o curso e o trânsito público (*A Opinião Pública*, Pelotas, 20 fev.

⁷⁵ No carnaval de 1922, uma comissão de comerciantes da Rua XV adquiriu três objetos para as premiações: primeiro e segundo prêmios para os melhores carros ornamentados, e terceiro prêmio para o grupo de senhorinhas mais graciosas e melhor fantasiadas. Fizeram igualmente um contrato com três bandas, assim distribuídas nas lojas de esquina: Torre Eiffel, Casa Americana e Armazém Hermínios (na ordem, Rua XV com as esquinas: praça central, Sete de Setembro e Gal. Neto). Os prêmios se achavam expostos nas vitrines da Torre Eiffel (*A Opinião Pública*, Pelotas, 22 fev. 1922, p. 3).

⁷⁶ Ao contrário da visão elitista da imprensa da época, que vê no surgimento dos cordões uma expressão de decadência em relação ao Carnaval Veneziano, apresentado pelos clubes, Barreto (2003) entende como um período de entressafra, quando uma nova modalidade vai surgindo e paulatinamente, restitui a Pelotas um tipo de festa tipicamente pública (p. 81-82).

⁷⁷ Conforme Barreto (2003, p. 82), entende-se por bloco carnavalesco, assim como os ranchos, “os ajuntamentos sem maior organização, típicos da folia momesca (...)”. Ancorado em Simson (1989), explica que o termo cordões “designa uma reminiscência das congadas, que, em 1830, já participam do Carnaval carioca” (Idem).

⁷⁸ Em 1924, o *Diário* inclusive realizou uma espécie de enquete, onde os leitores deveriam preencher e assinar um cupom respondendo à pergunta “O cordão que mais gosto é” (Idem, 1º mar. 1924, p. 2).

1925, p. 3). Conforme Barreto (2003, p. 85), os cordões “marcam a efetivação de um Carnaval popular e africanizado em Pelotas”, onde destaca os cordões Depois da Chuva (1917), Chove não Molha (1919), Fica Aí para ir Dizendo (1921), formados por negros, e Es...pia Só (1924).

A estreita relação entre o comércio da Rua XV e o carnaval fica evidente na edição da folia de 1925, onde as vitrines das lojas exibiram artigos de carnaval e receberam farta iluminação, distribuíram brindes e contrataram bandas para alegrar a multidão. Para aliviar o calor, sorvetes e gelados estariam ao dispor nas confeitarias Dalila, Gioconda, Gaspar, Xavier, bar do Sete de Abril (portão da Rua XV) e Bar Pelotense, nos cafés Brasil, do Comércio e no popular Ba-Ta-Clan (endereço à Rua Andrade Neves). “Saco vazio não para em pé: manjares leves, empadinhas saborosas e doces finos encontrados em vasta área”. As salas do Restaurant Royal e do popular Bohemia abririam ao principiar da tarde até altas horas da noite. As cervejas, Ritter e Haertel. Lança-perfume e serpentina, encontradas “em profusão”: nos Grandes Armazéns Hermínios, A Miscelanea, Bazar da Moda, Casa Baptista Lhulier, A Jaguareense, Casa Americana, Torre Eiffel, Casa Kosmos, Pharmacia Torres, Mensagerias Pelotas e Aliança, Casa Vieira de Souza (antigo Salão Rohnelt) (*Diário Popular*, Pelotas, 22 fev. 1925, p. 6)⁷⁹.

Em seu estudo, Barreto (2003) também atesta a importância dos interesses dos comerciantes para a realização da festa, assim como o papel de destaque da imprensa em seus ajuizamentos, apoios ou desaprovações ao longo das edições da folia. Conforme o autor, para tratar do carnaval a imprensa assumia um tom literário e humorístico, se aproximando do conteúdo das publicações dos clubes, blocos ou cordões.

Os principais realizadores do Carnaval reconheciam o papel e a importância da imprensa como um elemento imprescindível à difusão da festa. Todos os grupos, por mais ou menos organizados, em seus passeios burlescos, realizados no período pré-carnavalesco ou durante a festa, passavam pela sede dos jornais, quando faziam “emotivos” discursos, singelas homenagens ou, simplesmente, rápidas visitas (BARRETO, 2003, p. 122).

Os blocos vão tornando-se atrativos principais do carnaval da Rua XV, e agremiações vão se assomando a cada edição: Es...pia Só, Fica Ahí,

⁷⁹ Cf. nota publicada no *Diário*, nessa edição os cordões da Rua XV seriam filmados pelo diretor de cinema Harry Kremp, da Atlas Film, coadjuvado pelo fotógrafo Carlos Santos (*Diário Popular*, Pelotas, 03 mar. 1925, p. 3).

Tro-lo-lós, Chove não Molha, Não te Importa, Braço e Braço, Não tem Nada que Saber (*Diário Popular*, Pelotas, 27 fev. 1927, p. 1). Evidente que o carnaval não ocorria apenas na Rua XV, embora essa via fosse “a preferida” para o “teatro das comemorações carnavalescas” (Idem, 21 fev. 1928, p. 1). Na realidade, na medida em que a cidade vai crescendo, são mais recorrentes notícias de festejos em outros locais, como nos bairros (no Areal, por exemplo) assim como na Rua Andrade Neves, mais ampla⁸⁰.

A crise do final da década de 1920 e princípios dos anos 1930 incidiu também sobre o carnaval. Predominaram no período os anúncios dos bailes no interior dos clubes sociais. Em 1933, uma série de notas intituladas “O Carnaval vem aí!... Corso na Quinze”, publicadas pelo *Diário Popular*, objetivava retomar a alegria do carnaval de rua pelotense.

O Carnaval vem aí!... Corso na Quinze/ Uma lembrança

Pelos preparativos e pelo entusiasmo que se nota para os bailes dos nossos clubes carnavalescos e outras associações recreativas, pode-se antecipar o seguinte: – O Carnaval em Pelotas, como vem sucedendo há poucos anos para cá, terá brilho no interior dos salões de danças. É somente isso, afora a presença dos máscaras avulsos nas ruas. Ora, a nossa terra, que conquistara para seus foros de cidade culta e, muito merecidamente de Capital do carnaval no Estado não deve agora, esquecer, ao menos, os imponentes e concorridos corsos à rua Quinze, onde, entre multidões eletrizadas, em interminável fila dupla de autos e carruagens artisticamente ornadas, surgiam os encantos e a infinda graça da Mulher Pelotense, atraindo e seduzindo a todos, pelo luxo e aprimorado gosto no trajar as mais caras e lindas toilettes. E o nosso comércio, então, nem é bom falar. Tudo era vida! Tudo movimentava-se de ponta a ponta da nossa principal artéria. Que perspectivas maravilhosas se descortinavam, na “feérie” e no aroma embriagador do “éter” perfumado! Porque, então, ao menos, neste Carnaval, não tentemos reorganizar o corso? É tarefa das mais simples, dêis que o comércio à rua Quinze, em ação conjunta, promova recordar os áureos dias passados. Aí vai uma lembrança, a título de subsídio: Os autos particulares, conduzindo as nossas encantadoras soberanas carnavalescas e suas não menos sedutoras cortes, e outras exmas. famílias, deveriam transitar pela referida rua, da praça coronel Pedro Osório, voltando pelo largo da Catedral, formando assim, linha dupla. Seria, conveniente, como sucede nos grandes centros, o corso tivesse início às 17hs, para que, assim, o público pudesse apreciar as finas toilettes das rainhas, sem, no entanto, prejudicá-las a comparecerem aos bailes à hora precisa. Tem a palavra os interessados, que, no caso são: os presidentes dos clubes, a

⁸⁰ Na edição de 1928, casas de comércio e entidades culturais das ruas Andrade Neves e XV organizaram corsos, separados em duas filas; na Rua XV, representados por: A Opinião Pública, Hotel Aliança, A Gran Via, Casa Alberto, Livraria Echenique, Casa Franceza, Torre Eiffel e Bibliotheca Pública Pelotense. Na rua Andrade Neves: Pedro Osório e C., Casa Torres e Congresso Português. Ainda assim, o registro do movimento da festa na Rua XV sempre era superior (Idem).

Prefeitura, os comerciantes, etc. “SEU ABOBORA” (*Diário Popular*, Pelotas, 21 fev. 1933, p. 4).

As sugestões veiculadas pelo “Seu Abóbora”, e seguida por várias notas subseqüentes, buscava soluções para o declínio do carnaval da Rua XV. A disputa era pela atenção dos foliões que há várias edições estavam concorrendo aos bailes particulares. A Inspetoria de Trânsito havia emitido um edital para a dilatação do curso, a fim de que se ampliasse também à Rua Andrade Neves até a Av. Bento Gonçalves, pelo fato de que a Rua XV fosse muito estreita. Porém, a opinião veiculada nessas notas entendia que, se de vários anos pra cá não havia sido possível formar duas filas de autos, por falta de entusiasmo e dinheiro por parte dos foliões, com esse aumento o curso da Rua XV estaria fadado ao fracasso.

A sugestão era a de que o curso fosse realizado, ao menos neste ano, somente na Rua Quinze, “em nossa principal urbe”, domingo e dias subseqüentes” (*Diário Popular*, Pelotas, 24 fev. 1933, p. 3).

Ainda que o *Diário* tenha se empenhado para retomar o carnaval da tradicional via, a tarefa não se mostrava fácil. Na realidade, o jornal era portavoz daquela parcela da sociedade que se encontrava descontente com os atuais cursos – ou melhor, com os foliões que começavam a ganhar espaço nesta festa de rua: “pulhas molambos”, com “fantasias empobrecidas”, eram alvos de duras críticas⁸¹: “Muita gente encheu as ruas e muitos pulhas, falhos de espírito e galhofa, tentaram recordar os bons tempos” (*Diário Popular*, Pelotas, 02 mar. 1933, p. 6).

Uma última tentativa para reanimar a festa foi feita por iniciativa dos comerciantes da Rua XV, em razão dos prejuízos alegados com as diminutas vendas de estoques de artigos de carnaval. Auxiliados pelos diretores dos clubes Diamantinos, Brilhante, Atrazados e dos cordões, formularam um pedido de autorização do chefe de polícia do estado para a realização de um curso, em um sábado e domingo, com a presença de mascarados e grupos

⁸¹ A pesquisa de Germano (1999) mostra que no carnaval porto-alegrense, das décadas de 1930 e 1940, ocorre uma apropriação dos segmentos pobres e negros do carnaval de rua de forma mais significativa, além das apropriações feitas pelo Estado Nacional das manifestações populares como definidoras do ser brasileiro “delimitando uma identidade de grupo, urbana e local e, por outro, o carnaval popular torna-se símbolo de nacionalidade (...)” (GERMANO, 1999, p. 11-12).

fantasiados na via pública. Conforme o *Diário*, os corsos se solidarizaram com a causa e, com a permissão dada pelo chefe de polícia, realizaram juntamente com as soberanas dos clubes, o encerramento da “Quinzena Carnavalesca”, que finalmente surtia efeito, e foram disputados e animados os desfiles (*Diário Popular*, Pelotas, 03 mar. 1933, p. 4; 05 mar. 1933, p. 3).

As edições seguintes também não foram marcadas pelo entusiasmo de antes. Em 1937, há uma forte campanha de moralização, estendida também à festa popular, e de acordo com o Informe da delegacia de polícia, haveria um controle ríspido sobre esta edição.

Não serão consentidas fantasias que visem desrespeitar as crenças religiosas e a moral pública, cantigas impróprias bem como a polícia proíbe o jogo de grãos de feijão, café, arroz e outros, abuso esse que, no ano passado, bastante aborrecimentos deu (*Diário Popular*, Pelotas, 05 fev. 1937, p. 8).

Estas restrições receberam o total apoio do *Diário*: “Na manutenção da ordem e repressão aos abusos, a polícia será implacável. As deliberações tomadas, nesse sentido, pelas autoridades, só merecem o aplauso geral” (Idem). Outro destaque nas edições do final da década de 1930 foi o carnaval promovido pelo C.C. Fantoches, considerado responsável por fazer renascer o carnaval de rua pelotense, com um curso animado e original.



Figura 45. Carro da rainha Iara Vargas, exibido pelo C.C. Fantoches, no carnaval de 1937. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 46. Carro da Rainha Iara Vargas, do C.C. Fantoches, acompanhado pelos foliões, 1937. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 16 fev. 1937, p. 8.

Em 1939, em nova tentativa de retomar o carnaval da XV, o *Diário* promoveu um Concurso de Cordões Carnavalescos, que seriam julgados por uma comissão do próprio órgão de imprensa. E obteve grande êxito, atraindo uma multidão para a artéria central. Receberam premiações clubes como Fica

Ahí, Depois da Chuva e Quem ri de Nós, em quesitos como orquestra, conjunto, coro e fantasia (*Diário Popular*, Pelotas, 21 fev. 1939, p. 2).



Figura 47. Duas fotografias do Concurso de Cordões Carnavalescos, promovido pelo *Diário Popular*. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 21 fev. 1939, p. 5.

“Bastante expressivas são essas fotografias para que se possa avaliar do sucesso alcançado por esse certame”, informa a legenda original das imagens acima, veiculadas uma ao lado da outra. Ganha destaque nas imagens a multidão que se aglomera em frente à sede do *Diário Popular*.

Ao longo da década de 1940, o que marcou a festa de rua foi o chamado “Carnaval da Bicharada”, assim denominado porque vários blocos que compunham os cursos recebiam nomes de animais, como Girafa da Cerquinha, Boi Varzeano, Dragão do Pepino, Bloco do Tigre e Bloco do Bode. Abrem espaço para um novo tipo festa, com os Blocos Burlescos.

Em 1941, um aglomerado de pessoas esperava em frente à sede do *Diário*, na Rua XV, pelo “zoo carnavalesco”. O fotógrafo do *Diário*, vestido de urubu e usando a capa da máquina, registrou vários flagrantes. Estes concursos promovidos pelo jornal eram novos estímulos para a promoção do carnaval de rua⁸² (Figuras 48 e 49).

⁸² Conforme o *Diário*, o carnaval de 1941 buscou retomar os carnavais passados, e a festa apresentada pelo cordão “Quem Ri de Nós tem Paixão” trazia reminiscências da tradicional festa da cidade (*Diário Popular*, Pelotas, 23 fev. 1941, p. 5).



Figura 48. Visita do bloco Boi Varzeano à redação do *Diário Popular*. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 23 fev. 1941, p. 5. Figura 49. Visita do bloco Tigre à redação do *Diário Popular*. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 23 fev. 1941, p. 5.

Nas edições subsequentes, há um reavivamento dos cursos na Rua XV, graças ao sucesso conquistado pelos blocos burlescos, que juntamente aos blocos e cordões dos clubes locais, já consagrados, animaram a festa do Momo. Como o próprio *Diário* sentencia, o carnaval pelotense, majestoso e imponente do passado, “conhecido além-fronteiras do Rio Grande do Sul e o segundo melhor do Brasil”, foi dando lugar a um festejo mais popular. Nas duas últimas edições, uma bicharada se espalhou pela cidade, mantendo dessa forma a tradição da festa pelotense, sendo ainda amplamente conhecida em outras cidades, caso do Bloco da Girafa.

Ciente do ressurgimento da festa que já integrava a “fisionomia social” de Pelotas, o jornal explicava que não tinha motivações egoísticas ou visava lucros, mas antes, possuía aspirações desinteressadas e das mais nobres, ao fazer reanimar esta tradição pelotense (*Diário Popular*, Pelotas, 12 fev. 1942, p. 4; 19 fev. 1942, p. 5).

Uma segunda-feira de carnaval como jamais assistida em Pelotas; fizeram a grande festa os blocos: Camelo, Bode, Girafa, Tigre, Dragão do Pepino, Carneiro, Martim Pescador, Biguá, Canguru, King Kong, bem como os blocos Filhos do Luar e Quem Ri de Nós Têm Paixão. O bloco sagrado campeão foi o Canguru (*Diário Popular*, Pelotas, 17 fev. 1942, p. 5).

Nas imagens abaixo (Figuras 50 e 51), duas fotografias do desfile do Bloco do Camelo onde, conforme a legenda, se destaca a multidão que “se comprimiu na quadra do *Diário Popular*” (*Diário Popular*, Pelotas, 19 fev. 1942, p. 5).



Figura 50. Desfile do Bloco do Camelo, carnaval de 1942. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 19 fev. 1942, p. 5. Figura 51. Desfile do Bloco do Camelo, carnaval de 1942. Fonte: *Diário Popular*, Pelotas, 19 fev. 1942, p. 5.

Outro destaque do carnaval da década de 1940 foi o Bloco dos Acanhados, constituído de homens vestidos de mulher que “fariam inveja às representantes do belo sexo”. Os jovens, empregados do comércio, foram a nota expressiva da folia de 1942, que travestidos de mulher, “numa acre crítica à pintura e à moda”, invadiram o centro da cidade durante a manhã do primeiro dia de carnaval. Visitando a redação do jornal, fizeram todos rirem com “faladorias cheias de graça e de inofensivo e irresistível chiste” (*Diário Popular*, Pelotas, 17 fev. 1942, p. 5). O bloco fazia inclusive a escolha de sua soberana, e criavam expectativas ao público para a sua revelação.



Figura 52. Bloco dos Acanhados, carnaval da Rua XV nos anos 1940. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA. Figura 53. Bloco dos Acanhados, carnaval da Rua XV nos anos 1940. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

A edição de 1944 foi considerada como uma das melhores dos últimos anos da festa de rua, com novos e divertidos blocos, como É Preciso

ter Cara (da Cerquinha), Bloco do Camarão (do Laranjal) e Meninas Afobadas, formados por “jovens” que vinham montadas em bicicletas trajando luxuoso vestuário, a coroação da rainha dos Acanhados e inclusive com realização de filmagens dos corsos. O *Diário* convocou os dirigentes de blocos e cordões para a organização, horário e dia da filmagem, em frente ao matutino, bem como para os serviços de fotografia das reportagens (*Diário Popular*, Pelotas, 19 fev. 1944, p. 4)⁸³.

Na parte da tarde, a rua 15 de Novembro permaneceu repleta, vendose, como de costume e de tradição, aquele correr de cadeiras colocadas à beira dos passeios, de onde as famílias assistiam a passagem dos grupos de mascarados. A todo o instante surgia de um e de outro lado da nossa principal artéria os mais interessantes blocos, ora animados pelo som de uma acordeona, ora pelo ronco de uma cuíca ou pelo rufar de um tambor (*Diário Popular*, Pelotas, 13 fev. 1945, p. 6).

O Bloco das Bicharadas sustentou por anos seguidos o sucesso do carnaval de rua da cidade e o número de blocos que surgiam nesse período é impressionante⁸⁴. A partir da segunda metade da década de 1940, este carnaval também vai declinando, a edição de 1948, por exemplo, fora alcunhada de “carnaval de crise”, fazendo alusão ao momento econômico de carestia, de preços elevados dos alimentos, que eram entendidos como motivos para a fraca intensidade da festa, tanto ao carnaval de rua quanto ao carnaval de salão⁸⁵.

Em 1950, uma nota de carnaval veiculada n’*Opinião*, intitulada “Nada que honrasse o Momo no carnaval de 1950 – Onde a alma foliônica que

⁸³ Em 1944, há o registro de uma Escola de Samba, denominada E.S. D. Dorvalina, que colocaria na rua um pomposo carro alegórico, cantando o samba “D. Dorvalina”, de autoria de Paulo Guimarães, organizador da Escola (*Diário Popular*, Pelotas, 20 fev. 1944, p. 6).

⁸⁴ Alguns dos (divertidos) nomes de blocos que fizeram parte da festa: Dromedários, Garotas a Varejo, Ciganas do Cáucaso, Camelo, Dromedário, Galo, Martim Pescador, Pato Donald, Bloco Unido, Elefante, Envergonhados, King Kong, Boi Dedeco, Carecas, Tenho Nojo da tua Cara, Mulher do Dia, Estrela do Sul, Rancho Gaúcho (*Diário Popular*, fev. 1946).

⁸⁵ “Blocos mal vestidos e com tan-tans apareceram na Praça Pedro Osório”, e conforme o jornal isto era, resumidamente, o carnaval deste ano No carnaval de 1948, foram publicadas instruções a serem observadas nos dias de carnaval; em todas, o que estava proibido. Entre as restrições: agrupamentos carnavalescos não poderiam transitar nos passeios nem entrarem em bares e casas comerciais, usar fantasias que atentassem à moral pública, grupos de carnavalescos compostos por maltrapilhos, empunhando latas ou pedaços de madeira, o uso de uniformes e distintivos de entidades oficiais, o uso de máscaras poderia somente ser feito nos dias de carnaval, e ainda o uso do lança-perfume como entorpecente. A mais curiosa das recomendações era a que proibia a venda de bebidas alcoólicas no período da festa, em bailes, hotéis, restaurantes, cafés, botequins e mercadinhos, porém excetuava a maior parte das bebidas: vinho, chope, cerveja, whisky e champagne (*Diário Popular*, Pelotas, 09 fev. 1948, p. 6).

outrora consagrou Pelotas a capital carnavalesca do estado?”, informava que a exceção dos blocos das bicharadas (Camelo, Girafa, Cerquinha), nada mais seria digno de nota nesta edição, vendo-se “apenas sujeira e indecências entre a chusma de pretensas fantasias femininas sem graça nenhuma”.

Até mesmo a chuva atrapalhou a edição da festa de rua neste ano, dispersando o povo aglomerado na estreita rua 15. Pouca atividade nas batalhas de confete e serpentina, o corso, sem carros abertos e decorados. Um caminhão levava até um cachorro a latir, comprimindo o povo nas calçadas; em outro, um casal dançava de forma “nada moral”. A edição fora uma verdadeira borracheira, à exceção de grupos de famílias que queriam realmente se divertir. Em torno da praça Coronel Pedro Osório foram armadas tendas para a venda de doces, lança-perfumes refrescantes e comestíveis. Dessas tendas, as da face da rua 15 apresentavam elegante aspecto, mas o mesmo não aconteceu quanto as que se viam no correr do Grande Hotel e no redondo da praça, estas formando, além de tudo, um escoadouro de água sobre o qual a gente era obrigada a patinhar (*A Opinião Pública*, Pelotas, 22 fev. 1950, p. 8).

A partir dos anos 1950 começaram a surgir as primeiras Escolas de Samba de Pelotas, abrindo espaço para mais um novo tipo de festejos. Com isso não se quer dizer que o carnaval da Rua XV acabou neste período; a Figura 54 apresenta o desfile pela Rua XV da Escola de Samba Academia do Samba, e a legenda indica: sem cordas. O corso na Rua XV continuou até 1980, quando finalmente os foliões abriram alas para um espaço maior que a antiga e estreita via, e o carnaval de rua pelotense passou a ser realizado no prolongamento da Av. Bento Gonçalves⁸⁶.

A folia do Momo na artéria central conviveu com os problemas de ordem econômica da administração municipal, e ainda teve de conviver com um fenômeno natural bem típico da estação: as chuvas. Realizado em fevereiro, período em que há grande precipitação pluvial na cidade, em quase todas as edições a chuva chegava para acompanhar os foliões, que conforme os jornais, afugentava muitos, mas não todos, que iam mesmo sambar sob os paralelepípedos irregulares da Rua XV empunhando guarda-chuvas.

⁸⁶ Informação retirada de:
<<http://www.diariopopular.com.br/site/content/viva-bem/detalhe-2.php?noticia=940>>.
Acesso em: 10 jul. 2012.



Figura 54. Carnaval apresentado pela E.S. Academia do Samba, em 1954. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

A maneira como os corsos mobilizavam a população é algo que impressiona; de fato, historicamente Pelotas tem uma relação muito íntima com o Carnaval. Pode-se afirmar que o *Diário Popular* cumpriu um papel fundamental para que fosse mantida a festa na principal artéria da cidade. Para legitimar esta missão aos seus leitores, apelava para as tradições desta via (e evidentemente, aos comerciantes e às autoridades municipais), e assim, a tradicional artéria conseguia sobrepujar sua principal rival, Andrade Neves, que poderia bem substituí-la, por ser mais ampla. Os tempos de festa na Rua XV, para quem pôde vivê-los, são sempre guardados com carinho e saudades, hoje considerados como uma marca histórica e cultural de Pelotas.

Na atualidade, a cidade vive sérios problemas para a realização de sua festa popular maior, seja pela falta de recursos para as escolas ou a falta de uma estrutura apropriada para a realização dos desfiles. Oxalá estes e outros problemas tenham soluções, e os pelotenses finalmente possam se reencontrar com a alegria trazida pelo Momo todo mês de fevereiro, como encontravam os “bizarros” foliões da Rua XV.

Capítulo III

As Visões do Urbano

Uma rua que toda a população estima é a rua 15 de Novembro. Hoje é a rua elegante da cidade. A Rua da Praia pelotense, a Avenida Rio Branco local, onde se faz o “footing” dominical, onde se iniciam romances, onde mesmo muita coisa acontece. É sem dúvida, a principal artéria da cidade. Sua história tem um sabor longínquo, um gosto distante de coisa que não volta mais, que existe apenas na saudosa lembrança dos que a viram humilde, e nas páginas esquecidas dos livros da cidade.

Diário Popular, janeiro de 1946.

3.1. As Crônicas

As crônicas encontradas em periódicos, mais que informativas, são formas narrativas de um cotidiano da cidade. Para Diogo (2005), assim como os calendários e os relógios, as crônicas à sua maneira marcam, medem e registram “as diversas unidades de tempo nas quais os homens vivem suas experiências individuais e coletivas, auxiliando-os na interpretação do significado dessas experiências históricas”. Conforme a autora, a imprensa, expressa em diários, semanários ou anuários, disciplinou e rotinizou o tempo, através da palavra impressa (DIOGO, 2005, p. 459-460).

O termo “crônica” vem de *chronus*, que significa tempo, daí sua relação com a narrativa de tempos históricos, fatos e acontecimentos, em forma cronológica. De acordo com Berberi (1996), as crônicas também se transformaram com as novas exigências dos tempos modernos. Ainda no século XIX, jornais europeus iniciaram a publicação de colunas denominadas “variedades”, e ao serem veiculadas nos jornais, as crônicas buscaram se adequar ao seu dinamismo, com a veiculação de informações rápidas, acontecimentos sociais, publicidade e assuntos variados.

A modernização dos tempos exigia algo novo e não apenas notícias, contos, poemas e novelas. Em vez do simples registro, o comentário de acontecimentos, que poderiam ou não ser do conhecimento do público, transforma o texto em algo mais. Tal comentário estabelece uma certa intimidade com o leitor, ao mesmo tempo em que trata do cotidiano através de um texto que parte de algo observado (BERBERI, 1996, p. 54).

Conforme Benjamin (1994), a modernização das cidades trouxe consigo o aparato para a *flânerie*⁸⁷ – as calçadas largas de Haussmann, as galerias envidraçadas, os caminhos elegantes e comerciais (BENJAMIN, 1994, p. 34-35). Incidindo ainda nas sensibilidades literárias, um novo sentimento romântico de paisagem se origina e se volta para o cenário urbano; é a cidade o “autêntico chão sagrado da *flânerie*” (BENJAMIN, 1994, p. 191).

No Brasil, as crônicas de Machado de Assis, João do Rio e Lima Barreto, cada qual à sua maneira, ressoaram as mudanças que então se operavam na capital federal, Rio de Janeiro. De acordo com Da Matta (2003), o “processo de civilização” empreendido por Pereira Passos e materializado na Avenida Central, também influenciou a boemia literária carioca, e autores como Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac e José do Patrocínio buscavam se adaptar ao novo perfil literário que se constituía, não havendo mais lugar para o boêmio oitocentista, à margem, desregrado, radical, não condizente com os novos padrões de urbanidade. O boêmio, de flunar livre e descompromissado, torna-se um *dandy*, e ganham destaque os cafés, confeitarias e salões sofisticados da ampla Avenida Central, em detrimento dos becos e botequins. O mundanismo, associado ao dandismo, faz com que uma profusão de cronistas cariocas veiculasse em jornais como o *Gazeta de Notícias*, diversos olhares sobre as mudanças da cidade (DA MATTA, 2003, p. 266-269).

Com efeito, os havia de diversos tipos: o cronista crítico, desconfiado das conseqüências da modernização; o nostálgico, saudosista de tempos passados em que a cidade era menor e as particularidades de cada espaço eram alimentadas e visíveis; finalmente, havia também o cronista entusiasta das transformações, fiel apoiador das reformas urbanas modernizadoras⁸⁸.

De acordo com Da Matta, mundanismo pode ser entendido como um contraposto à vida privada, visível na incorporação de hábitos tipicamente

⁸⁷ Para Baudelaire, o *flâneur* é um observador apaixonado da multidão; para ele, “é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio, no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo (...)” (BAUDELAIRE, 1996, p. 21). João do Rio exprime a *flânerie* como uma arte, um exercício de conhecimento de si e do seu entorno. “Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem” (RIO, 2008, p. 31).

⁸⁸ URIARTE, Urpi M. Cronistas da cidade e cultura urbana em inícios do século XX: os costumbristas de Lima e João do Rio. *Ponto Urbe* (USP), v. 9, p. 2, 2011 (*online*). Disponível em: <<http://www.pontourbe.net/edicao9-artigos/201-cronistas-da-cidade-e-cultura-urbana-em-inicios-do-seculo-xx-os-costumbristas-de-lima-e-joao-do-rio>> Acesso em: 23 dez. 2012.

parisienses (passeios, frequência aos cafés e salões da moda), e seus relatos, expressos em crônicas, formam “um panorama repleto de acontecimentos sociais, fofocas, intrigas, disse-me-disses, de modas” (DA MATTA, 2003, p. 269). Dois cronistas se destacaram por fazer do novo panorama urbano da capital federal um tema central de sua literatura, João do Rio (pseudônimo de Paulo Barreto) e Lima Barreto. Conforme Da Matta, enquanto João do Rio transitava de forma despojada, curiosa, unindo o *flâneur* ao *dandy*, o mesmo não ocorria com Lima Barreto que, ao contrário, criticou e denunciou o isolamento dos subúrbios, mostrando que a nova “civilização”, empreendida na Primeira República, estava apenas para as elites, na divisão que destinava a cidade urbana para os mais favorecidos e a cidade suburbana para os menos favorecidos (DA MATTA, 2003, p. 274).

Para Berberi, a crônica, como produto do seu tempo, exprime a forma como a comunicação passa a circular cada vez mais depressa, e nesse processo, o jornal tem um protagonismo no papel de difusor de informação, cultura, lazer, “num mundo onde uma grande parte da camada letrada da população já não passa sem ele” (BERBERI, 1996, p. 60). Ao tratar de temas cotidianos, com uma linguagem específica, a crônica se singulariza por estabelecer um elo de aproximação com seus leitores.

[...] pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, - sobretudo porque quase sempre utiliza o bom humor. Isto acontece porque não tem pretensões a durar, uma vez que é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa (CANDIDO, 1992, *apud* BERBERI, 1996, p. 60).

As crônicas encontradas no *Diário Popular* e *A Opinião Pública* e aqui tratadas circularam entre o final da década de 1920 e meados da década de 1930. Fizeram parte da Coluna Social de ambos periódicos, denominadas “Vida Social” no *Diário* e “Pelotas Social” no *Opinião*. Já a denominação das seções das crônicas (como Mundanismo, Reportagem Elegante, Écran e Alfinetes), assim como seus cronistas, variou bastante ao longo do período em que circularam. Quase sempre se utilizando de pseudônimos ou abreviaturas, os principais cronistas encontrados foram “V.M.”, Onestaldo, Delta e Joar. Outra fonte para este tipo de crônica encontra-se no pequeno jornal *O Elegante*, que se caracterizou por escritos leves, humorados, tratando

basicamente de assuntos como moral, a mulher, elegâncias e principalmente, notas sociais. Pesavento (1998), ao analisar as crônicas publicadas na revista *Kodak* (Porto Alegre) de princípios dos anos 1910, nota-se bastante semelhança com a linha editorial do pequeno jornal *O Elegante*⁸⁹, assim como das crônicas publicadas nas colunas sociais dos dois jornais:

[A revista *Kodak*] tinha um caráter essencialmente urbano, e seus articulistas, que usavam pseudônimos, escreviam crônicas leves, irônicas, algumas esnobes e fúteis, ora abordando questões mais sérias, ora tratando da vida social da urbe (...). Uma revista, em síntese, voltada para uma população urbana, não-popular, frequentadora dos clubes, dos teatros, dos cinemas e da Rua da Praia. Uma sociedade que se modernizava, mas na qual ainda toda a elite se conhecia e, por isso, o controle social exercido por um comentário do cronista nas páginas da revista [*sic*] deveria ter grande peso! (PESAVENTO, 1998, p. 320).

Diferentemente das colunas que problematizaram a “cidade”, em artigos referentes aos hábitos, aos lugares que deveriam ser combatidos (a maioria direcionadas à Administração Municipal), estas crônicas privilegiavam a vida urbana, permeadas de palavras-chave da modernidade, tais como ‘barulho’, ‘burburinho’, ‘movimento’, que fazem da cidade uma nova forma de experimentação e sensação, no sentido de uma sociedade moderna e civilizada.

A análise da composição narrativa dos cronistas urbanos, feita por Pesavento, destaca o olhar das imagens em transformação da vida moderna, na aproximação da “cidade ideal” da “cidade real”, ou ainda, do olhar que ironiza, adula, desperta dúvidas e futilidades, fazendo “da aparência a essência” (PESAVENTO, 1998, p. 323). Estas crônicas igualmente buscavam colocar a cidade de Porto Alegre em pé de igualdade com os modelos dos grandes centros (como Rio de Janeiro ou Buenos Aires), e nesse sentido, retirar a imagem sulina da barbárie, do rústico. Ou, na Rua da Praia, o lugar para a captação da “alma encantadora” da cidade, lugar de desfiles, de encontros, de fisionomias graciosas e elegantes (Idem, p. 324-325).

Conforme Azevedo (1981), a modernização das cidades e a institucionalização do *footing* marcaram o namoro à antiga, os quais consistiam em passeios a pé de jovens da alta sociedade pelas novas ruas.

⁸⁹ O pequeno jornal *O Elegante*, editado por acadêmicos da Faculdade de Direito, denominava-se como um órgão literário crítico e humorístico, de tiragem semanal, com quatro páginas. No Centro de Obras Valiosas (CEDOV) da Bibliotheca Pública Pelotense encontram-se apenas os números dois a quatro; não se sabe se houveram outros números.

(...) como a Avenida Rio Branco depois da reforma Pereira Passos, passeio também nas praças, nas ruas de comércio chique de modas, das sorveterias, dos cafés ou nos jardins e praças como a Praça do Ferreira, em Fortaleza, a Rua XV de Novembro, em Curitiba, a Rua Chile, em Salvador, a Rua da Praia, em Porto Alegre, o Largo do Palácio, em Florianópolis, bem como a frequência às matinés, ao teatro, às modistas, ao dentista, que *Careta*, a *Revista da Semana*, *Fon-Fon*, *O Malho*, registravam com fotografias (AZEVEDO, 1981, p. 227).

Ocasão para o flerte, para trocas de olhares, gestos e códigos; o *footing* tornou-se alvo principal dos cronistas da cidade. Além disso, representou para as moças uma primeira oportunidade de ver e ser vista, se expondo, ainda que de forma dissimulada, “à conquista pelos rapazes em vista do namoro” (AZEVEDO, 1981, p. 227). De acordo com o autor, não há mistura entre as classes abastadas e as classes pobres nos locais propiciados pelo *footing*: cada qual ao seu lado. Em janeiro e fevereiro de 1930, a coluna “Pelotas Social”, n’*Opinião*, foi denominada como “Mundanismo”, e a partir daí inicia a publicação das crônicas “mundanas” (de publicação irregular, sempre à página quatro), onde variados cronistas se voltavam para as cenas movimentadas dos lugares elegantes de Pelotas, como as sessões do Cine Capitólio, dos encontros nas Confeitarias Dalila e Nogueira e, claro, do *footing* na Rua XV. Caso semelhante ocorre no *Diário Popular*, que a partir de junho de 1930 passa igualmente a publicar dentro das notas sociais as crônicas de “V.M.”, sob o título de Reportagem Elegante.

Em grande parte, os escritos das crônicas de Pelotas tratavam dos olhares de seus cronistas para as jovens que faziam da Rua XV um palco para seus passeios: “Reportagem Elegante/ O desfile... da 15 foi além da expectativa ontem... uma onda delicada... bem feminina inundou os pontos centrais da nossa rua principal...”. Assinadas por “V.M.”, tinham suas atenções voltadas para as pelotenses: “A beleza princesiana espargindo verdadeira... sedução... Morenas... e loiras... empolgaram os olhos do repórter... (V.M)” (*Diário Popular*, Pelotas, 08 jun. 1930, p. 4).

As crônicas de “V.M.” se caracterizam ainda pelo amplo uso de reticências, o que empresta aos seus escritos uma leveza, um certo mistério, um ritmo agradável de quem observa a paisagem da rua com calma e prazer, como um *voyeur* pelo mundo elegante da Rua XV.

Reportagem Elegante/ A rua 15... ontem... ofereceu aos olhos do repórter instantes de prazer... Uma das mais interessantes

criaturinhas que ritmou na hora elegante... M.M... marinheirinha adorável... M.G. num trato cor d'ouro... muito alegre... M.W... muito pensativa... G.M. uma pombinha graciosa... M.A... morena atraente... D.O... I.M... L.O... três moreninhas suaves... I.G. esbelta... será rainha um dia... L.S.S... d'uma gracilidade que encanta... R.S.M.S. cativante no ritmar M.L.A... S.A... loirinhas doutro mundo... G.C... num traje escuro... de efeito agradável como a sua beleza genuína do pampa... Pneusiando... J.M... I.M... M.C... Flora C... princesinhas... princesinhas que fascinam os olhos de nós outros plebeus... (V.M.) (*Diário Popular*, Pelotas, 13 jun. 1930, p. 4).

Os nomes das jovens citadas nesta crônica por “V.M.” são sugeridos pelas suas iniciais, certamente porque, em se tratando de uma cidade do interior, como Pelotas, todos se conheciam (ao menos aqueles pertencentes a estes grupos específicos de jovens); de fato, o cronista sabia o nome de todas as jovens. Além disso, faz parte de um jogo de mistérios (como a troca de bilhetes), comuns aos antigos enamorados. Os encontros são os propiciadores de prováveis inícios de namoros, em que todo um código de olhares, de expressões corporais e gestuais devem ser respeitados, nem tão tímido, nem tão invasivo, sob a pena de ofender o par eleito, o mesmo com os bilhetes, os quais poderiam macular a imagem da pretendida (AZEVEDO, 1981, p. 226-227).

O cronista “V.M.” informava em suas crônicas a programação dos lugares elegantes da cidade, aos quais denominava por horários. Assim, a sessão no Cine Capitólio era a “hora capitoleana”, “hora cinematográfica”; no Teatro Guarany, “hora guaraniana”; as reuniões na Confeitaria Dalila, “hora dalilana” (*Diário Popular*, 13 jun. 1930, p. 4). Anunciava inclusive o horário da missa, “na aristocrática capela N.S. da Conceição, das 9h às 10h”, após, convocava o mundo elegante para o “desfile pela 15 das 11-11:30h”, ao qual V.M. denominava como a “hora elegante/hora mundana” (*Diário Popular*, 06 jul. 1930, p. 4).

Reportagem Elegante/ Belo dia de sol, a movimentação e rodas elegantes estavam numerosas, para os “comentadores da elegância”, ao captarem as “cenas interessantes” que se passavam na Rua 15 – No abrir uma porta pneusiana... mimosos pesinhos... que desafiam os mais sisudos críticos... Numa harmonia esplêndida a rua 15 viveu a sua hora mundana... Na esquina Americana... enquanto o vai-e-vem se prolongava o humorismo atraente M.G... deleitava um bloquinho de estetas... Ritmaram com gracilidade... Enilda G... Flora A... Yáyá M... M.A... Noemia C... Liza N... Lea S... s.m. G.C. Pneusiando Lili P... Rosalia S.F... (*Diário Popular*, Pelotas, 23 ago. 1930, p. 4).

Em setembro de 1930, quando a pelotense Yolanda Pereira foi agraciada com um título internacional de beleza em um concurso realizado no Rio de Janeiro, os cronistas fizeram uma ampla repercussão do grandioso acontecimento social para a cidade. Houve, conforme as crônicas, um grande alvoroço pelas ruas após o recebimento da notícia, e em fevereiro do ano seguinte, um cortejo da “Miss Universo” no centro da cidade⁹⁰. Este acontecimento acentuou ainda mais as crônicas elogiosas da beleza da mulher pelotense; para os cronistas, tinha-se agora um reconhecimento internacional desta “beleza legendária”, razão de orgulho para os comentadores do mundanismo.

O vaivém gracioso das jovens ao fazer o *footing* pela Rua XV, as vitrines das casas de comércio de luxo, a elegância e o movimento urbano, compunham o cenário preferido dos comentadores da elegância, como mostram os exemplos retirados da coluna Reportagem Elegante: “As princesinhas com o dia festivo de ontem... alegraram a nossa rua principal... Foi uma autêntica demonstração de simpatia... do mês da primavera” (*Diário Popular*, Pelotas, 08 set. 1930, p. 4). “Com uma tarde agradável o elemento grácil, coloriu os nossos centros mundanos...” (Idem, 12 mai. 1931, p. 4). “Pela rua muita gente bonita. Dominavam os casacos de pele” (Ibidem, 31 mai. 1931, p. 4).

Vida Social/Reportagem Elegante/ Já as lâmpadas das casas de luxo da rua 15, começam a brilhar, quando uma dessas criaturas de beleza rara, prendeu a minha atenção. Um modelo delicadíssimo, iluminado por uma beleza fascinante. Num ritmo tentador, aquela criatura passou diante de mim, deixando gravado na memória a vontade de tornar a revê-la... assim tão linda... inconfundivelmente linda (*Diário Popular*, Pelotas, 05 mai. 1931, p. 4).

Vida Social/Reportagem Elegante/ Um modelo da pontinha em elegância, estava ontem, admirando as últimas novidades em peles, da luxuosa Casa Europea. Tanta originalidade, tinha essa criaturinha quase sobrenatural que somente a sua presença na hora de movimento mundano, numa casa de elegâncias pelinas, é bastante, para uma reportagem fina. Não é do pago mas é duma linha, que impressiona o próprio indígena (Idem, 07 jun. 1931, p. 4).

Conforme Pesavento (1998, p. 328), as enumerações e descrições de beldades em suas *toilettes* tinha um objetivo claro: o público leitor feminino. Inúmeras crônicas descreviam as vestes das jovens que faziam *footing* (às

⁹⁰ Ainda em 1931, foi inaugurado um Roseiral na praça central em homenagem à Yolanda. Conforme o *Diário*, as fotografias do evento, apanhadas por Ramon Bastos, encontravam-se expostas na vitrine da Casa Krentel (*Diário Popular*, Pelotas, 12 nov. 1931, p. 8).

vezes com seus nomes inteiros, às vezes incompletos), e assim, a vida social dessas moças ficava registrada nestas colunas.

Como um signo de status, estes relatos são fatores de grande importância (praticados nas colunas sociais dos jornais, evidente que de maneira distinta, até os dias atuais). “Todas farfalhavam maravilhosas, nos matizes delicados dos finos vestidos, a alegria nos lábios vermelhos e a doçura melancólica dos poentes estivais nos olhos escuros” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 16 set. 1930, p. 4).

Pelotas Social/Écran/Tarde/ Tarde molhada se sol. Eu queria orar como o vento e molhar-me no sol. Rua XV esplêndida. Um bailado esquisito de cores. No “*footing*” Ida Azevedo, toda de azul, com um cinto de sol; Jenny Olivé, de verde, Cecy Echabe, lilás; Vera Moreira, verde-mar; Ritoca Moreira, bege; Zilda Tavares, de preto; Selma Algayer, de creme; Mariana Fagundes, de azul; Rosinha Russomano, de creme. Simbolizações elegantes da cor. Mas as filhas de Eva preferiam o creme. A tarde de ontem foi creme (Onestaldo) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 25 abr. 1930, p. 4).

Pelotas Social/Écran/ No “*footing*” da manhã, rua XV ofereceu-me um presente de fada: Maria de Lourdes Antunes passou por mim em sua boemia cor de rosa, com uma boina preta sentimental, que mal retinha a cabeleira castanha; Carmen Risco, toda lilás e Maria Risco em branco e “bleu foncé”; Angelina Oliveira em bois-de-rose e azul; Amelia, Aracy e Alda Oliveira gentis, na graça heráldica de seus passos ritmados; Rosalia, em azul pavão. Nesta manhã eu fiz o mundo com um sorriso (*A Opinião Pública*, Pelotas, 26 abr. 1930, p. 4).

Grande parte dos escritos possuem várias expressões no idioma francês, o que, evidentemente, quer acentuar o caráter elegante e requintado das cenas captadas na rua. As crônicas veiculadas no *Opinião*, inicialmente assinadas por Olympio e Onestaldo⁹¹, são marcadas pelo romantismo expresso em declarações a amantes secretas que faziam seus desfiles pela Rua XV, e permeadas de expressões relacionadas com o meio urbano, tais como os barulhos, os ruídos, a agitação da vida moderna. “Na cidade o “bruhaha” da vida agitada. Gritam klaxons, zinem sirenes, a mulher pelotense passa na graça elegante de seus passos musicais” (Onestaldo) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 07 mai. 1930, p. 4).

Mundanismo/Conversa fiada.../ Você ontem chegou, justamente, quando aquela chuva miudinha que ninguém ligou importância e nem mesmo acreditou ser chuva, se foi despeitada... Veio vestida de borboleta enfeitar a rua 15. A alma barulhenta de cigarra maluca que

⁹¹ Às vezes, assinadas por Onestaldo de Pennafort, provavelmente tratando-se de um pseudônimo, para fazer referência ao poeta e tradutor carioca Onestaldo de Pennafort Caldas (1902-1987).

você tem, veio também. No dizer dos teus olhos veio em festa, cantando... trouxeste nos lábios o sorriso mais lindo que a cidade sorriu naquele dia! O teu passo miúdo martelava, apressado, o ladrilho úmido da calçada derramando no ar um ruído de juízo. Passaste por mim contente e feliz! A boca pequenina como uma bandeira rubra desfraldada num sorriso, ia espalhando alegre pelas almas tristes e cansadas. E com os seios a dançar shimmy você desapareceu na multidão. Você, o sol pequenino e loiro que fez maravilhosa uma manhã sombria e deixou no olhar da gente um resto de claridade! (Olympio) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 18 fev. 1930, p. 4).

As imagens a seguir mostram pelotenses fazendo *footing*, porém, a fonte utilizada não especifica os locais aonde isso ocorre, podendo tratar-se ou não da Rua XV; importou aqui ilustrar o que está sendo exposto, já que não foram encontradas nos periódicos pesquisados, imagens diretamente relacionadas com os passeios relatados nas crônicas.



Figura 55. No *Footing*. Maria Célia Pires Reis, Cecília Mendonça de Sousa e Maria Eugenia Farias (década de 1930). Fonte: MONTONE, 2011, p. 105. Figura 56. No *Footing*. Delfina Oliveira Pires Reis e Maria Célia Reis Bordini (1932). Fonte: MONTONE, 2011, p. 119.

As crônicas também se voltavam especificamente para a Rua XV e a transformaram em uma espécie de personagem da vida urbana de Pelotas, ao descrever suas belezas e encantos da mesma forma que descreviam os atributos de uma bela mulher. Conforme Pesavento (1998, p. 318), as vinculações metafóricas apresentadas nas crônicas jornalísticas mostram a cidade como uma figura feminina, e a modernização, seu desabrochar para a vida adulta. “A tarde de sábado, rua XV foi um deslumbramento (...). Domingo. Rua XV é uma canção de beleza” (Onestaldo) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 19

mai. 1930, p. 4). “A tarde diviniza-se num sorriso de amor. Rua XV é um deslumbramento de graça e beleza. Eu passo triste entregue a mim mesmo. Penso em ti” (Onestaldo) (Idem, 22 mai. 1930, p. 4). “Rua XV estremece seus nervos e tem ares de menina e moça”. (Ibidem, 27 mai. 1930, p. 4). “Rua XV tem meneios de uma donzela aristocrática” (Ibidem, 04 jul. 1930, p. 4). “Rua XV tem meneios juvenis. Coleios suaves de uma donzela que o amor deu um tom róseo da face” (Ibidem, 26 ago. 1930, p. 4).

Pelotas Social/Écran/ Na vitrina da vida tu és o “leitmotiv” de minha existência. No “bruhaha” das cidades de hoje, do dinamismo ruidoso, dos klaxons proféticos, das sirenes ensurdecidoras, teu nome é um bálsamo de ternura. Ele vem me encher desse “tohu vohu” da minha alma educada nos ritmos dissolutos. Rua XV é para mim a vitrine da minha cidade aristocrática. Nas horas suaves da manhã, ao despreguiçamento da vida intensa das artérias agitadas, ela tem a carícia tenra das amantes cuidadosas. Nas longas tardes que agonizam carregando nos ombros o “manteau” cinzento do anoitecer, eu vejo no perpassar musicalizado das silhuetas elegantes, o carnaval milagroso da vida... Tu passas também. Em cada mulher eu vejo o símbolo de ti mesma, porque, para mim, tu és a sua simbolização máxima (Onestaldo). (*A Opinião Pública*, Pelotas, 10 mai. 1930, p. 4).

E a Rua XV poderia ser considerada ainda como a alma de Pelotas – ou melhor, seu coração, lugar do pulsar da vida da cidade. Podia inclusive ganhar vida e dialogar com um transeunte que passeia em suas quadras mostrando-lhe seus encantos, porque é o reflexo da beleza de Pelotas, porque resume o que há de bom e o que há de mau nesta cidade, afirma esta crônica dedicada à pelotense Nece, assinada pelo viajante Isaac Melzer, sobre a “rua-vida”, a “rua-coração” de Pelotas:

Rua Quinze/ À Nece, encantadora e inteligente Pelotense/ Pelotas tem alma... Mais que alma ainda – Pelotas tem coração: é a rua quinze. Esta é uma espécie de amiguinha bondosa e sincera, muito camaradinha, que nos pega pela mão sem-cerimônia, e nos segreda com afabilidade: – Olha as belas coisas que possui... Repara o aspecto gentil, a graça infinda das mulheres que por aqui transitam. – Tudo que possuímos de bom e de mau aqui está para conheceres. Eu sou o coração deste organismo... por mim passam os micróbios, mas também o límpido sangue de minha “city”. Nada te escondemos. Se te agradamos, oferece-te viajante amigo, nossa sincera amizade. E eu compreendi a sinceridade de teu coração, oh! Pelotas. Tua amizade cativou-me. Aceitei-a efusivamente, porque ela surge como um reflexo da beleza de teu “coração”... aceitei-a porque o ofereces com a pureza mais franca de teus sentimentos. Poucas são as cidades, como tu Pelotas, que tem uma “rua-vida”, “rua-coração” para mostrar ao recém-chegado o que são, o que possuem e o que serão. Hoje parto, levando em mim funda saudade das longas horas que por ti perambulei. Adeus, pois, oh! Coração-vida desta terra gentil... Adeus rua quinze/ Pelotas, 1º de outubro de 1931/ Isaac Melzer (*Diário Popular*, Pelotas, 13 out. 1931, p. 4).

No pequeno jornal *O Elegante*, que circulou em Pelotas em 1928, as crônicas intituladas “No Footing” são assinadas por “A. Burgos”, e diferentemente dos cronistas que publicavam nas colunas sociais dos jornais, suas crônicas são caracterizadas pelo bom humor, condizente com a linha editorial do jornal, esnobe e cheia de futilidades. Trata-se aqui de uma linguagem mais despojada, jocosa, que se intitulam mesmo de cronistas improvisados, o que parece lembrar aos leitores que se trata de um tipo de publicação direcionada, no caso, aos jovens que poderiam compreender as brincadeiras e gírias que são utilizadas a todo momento pelos autores dos textos.

No Footing/ O frio intenso (4 graus acima de zero!) continua, impiedosamente, tirando o prestígio do elegante passeio da nossa “urbs”. É só frio e mais frio! As nossas gentis patricias, friorentas, com medo do efeito cortante do álgido pampeiro, preferem ficar em casa, sentindo a fofa carícia d’uma confortável *chaise-longe*. Nós, cronistas, improvisados, que nos comprometemos a dar, semanalmente, aos queridos ledores do “O Elegante”, notas circunstanciadas sobre o movimento “pedestre”, vemo-nos, malgrado a nossa boa vontade, quase á míngua do assunto, e, por isso, fazemos um apelo às distintas “habituées” do “footing” para que não mais deixem de emprestar à rua 15 todo o encanto divino de suas graças. Oxalá que este justo pedido seja convenientemente ouvido e que, para a próxima semana, possamos oferecer uma crônica mais extensa, aos bondosos leitores (A. Burgos) (*O Elegante*, Pelotas, 11 ago. 1928, ano 1, n. 2).

Ainda assim, nestas crônicas também estão presentes os elementos mais característicos, como as descrições das beldades em suas *toilettes*. Fazem ainda o uso de termos em língua estrangeira, expressões próprias e de brincadeiras entre o grupo de jovens que se reuniam no centro da cidade para se divertir e também para flertar.

Um dia destes, estando nós colhendo algumas notas na encruzilhada (sem alusão ao Rassier) das ruas 15 e 7 de Setembro, tivemos o grato prazer de receber a “visita” do amigo Villela, o qual, servindo de “raconteur”, começou a anunciar-nos a chegada das elegantes “footinguenses” (o neologismo também é do José). – Nays Coelho... cabelos loiros, encantadores, que são o tormento de “alguém” cujo coração “lá” no “mar tine” de saudades. – Laurinda Pinheiro... possui a graça das falenas; coração jovem e sonhador, que vive acariciando o seu doce “sonho cor de rosa”. – Inah Xavier... maneiras graciosas, semblante sereno – tudo simbolizando a grande bondade que de seu coração se evola. – Lavinia Lorenzoni... elegante, formosa, meio palmo de rosto encantador e meigo; legítima representante da histórica e linda Uruguaiana! – Maria Echenique... pisar leve, grácil, ritmado como um verso de Bilac. A orquestra do “Chico Boia” já estava preludiando a marcha inicial, quando resolvemos pingar o ponto final nesta ligeira crônica (Idem).

Uma coluna intitulada “Ruaquinzadas”, referindo-se, evidentemente, à Rua XV, assinada por “Milkboy”, criava diálogos que aludiam a situações divertidas dos jovens no centro da cidade, em reuniões nos cafés ou do flerte nas ruas. Sempre com muito humor, em forma de diálogos, pois que, conforme o pequeno jornal, tudo que era notável, ocorria na Rua XV.

Ruaquinzadas.../ O “Fla... vio” a sua “linda” noiva no domingo passado? Se vio, não deu a demonstrar, pois, parecia um boneco de “pau... lá” num cantinho do cinema. Seria para evitar complicações?

O Jorge Souza Soares é, sem dúvida, o rapaz mais sisudo que conheço. Há tempos, estávamos os dois na Praça da República, conversando, e lembrei-me de perguntar se ele tinha alguma paixão. Ele disse-me “que... tinha”, porém, não revelaria por quem era. Passados alguns minutos, chega o Miguel Costa e começamos outro assunto. Como o Miguel é um bom violinista, eu, recordando-me do pedido de um amigo, disse: Olha, Miguel! O *fulano* pediu-me que te convidasse para um ensaio, hoje à noite, na casa d’ele. Podes ir? – Não, não posso! A minha “prima” rebentou...

Ouvimos um “Ai!” e olhamos.

– O Jorge tinha desmaiado! (Milkboy) (*O Elegante*, Pelotas, 15 set. 1928, ano 1, n. 4).

As trocas de bilhetinhos, mencionada anteriormente, é descrita por uma das crônicas de A. Burgos, indicando que costumavam ocorrer durante o *footing*, e que, indiscretamente, a crônica reproduziria estas mensagens. Para Azevedo (1981), não eram apenas jogos, uma diversão descomprometida: poderia ser o início de um namoro. O candidato mais prudente e tímido, a fim de segredar seus sentimentos e intenções, se usa dos bilhetinhos, um artifício não tão direto. Conforme o autor, a troca de bilhetes substituiu no Brasil as antigas serenatas, tradição ibérica verificada no período colonial, e dessa forma, entra em conformidade com maneiras mais modernas de viver e se comunicar no meio urbano, além de representar uma “quebra total da reclusão feminina” (AZEVEDO, 1981, p. 230).

No Footing/ (...) Durante o *footing* de sábado p., o jovem Hyppolito Ribeiro – o homem que hoje em dia navega à tona da “corrente antropofágica” encontrou, dentro de uma fina carteira, os “bilhetinhos” anônimos, que o nosso espírito indiscreto traz à luz da publicidade. Prevenimos que o H. só nos entregou os bilhetinhos: quanto à carteira, que era de bom feitio, não sabemos que sorte lhe foi reservada... Quem será capaz de duvidar que o H. não a tenha “comido”, tendo em vista o seu manifesto espírito canibalesco? Eis alguns dos aludidos bilhetinhos:

Maria Pires: Mlle. deve andar muito triste com a partida do jovem acadêmico, não é assim? Tenha fé e resignação. Coelho Neto já disse que “a distancia não separa dois corações que verdadeiramente se amam”.

Thilde Mello: Tenho pena dos corações apaixonados, que vivem de recíprocos engodos... Você sofre, sabemos-lo. Amanhã, no horizonte sombrio de sua vida, há de surgir o sol esperançoso da vitória! O eleito do seu coração é muito simpático, amável, e merece o afeto que lhe dedica.

Edy Tavares: Está sendo muito notada a assiduidade com que o H.R. costuma passar por sua casa. Mlle. não teve mau gosto, pois que o H. é muito simpático e digno de luz mágica de seus olhinhos travessos.

Maria Ferreira: O amor/ É um lenitivo/ Para nossas dores / Mulher sem amores/ É um pássaro cativo. Aceita, Maria, este pobre verso sem métrica e sem estilo, mas que é a síntese de alguma coisa que anelo dizer-te. Como todos os bilhetes encontrados, este último também não trazia assinatura; cremos, porém, que esta “balada nostálgica” seja “larva” do nosso amigo O.M. (A. Burgos) (*O Elegante*, Pelotas, 28 ago. 1928, ano 1, n. 3).



Figura 57. No *Footing*. Helena Assumpção de Assumpção (1940). Fonte: MONTONE, 2011, p. 113. Figura 58. No *Footing*. Judith A. Assumpção e sua filha Hilda Assumpção (1940). Fonte: MONTONE, 2011, p. 113.

Ainda de acordo com Azevedo, “fazendo o *footing*”, as moças tinham oportunidade de escolher seus pares. Rapazes e moças circulam em volta de praças e passeiam nas ruas centrais, em direções opostas, permitindo renovar dessa forma os olhares a cada volta, “sem a necessidade da confrontação direta e persistente que seria embaraçosa para o pudor feminino e para a timidez dos jovens imaturos ou que apenas queriam divertir-se” (AZEVEDO, 1981, p. 229). Ocasão para o *flirt*, apontado nas colunas d’*O Elegante* com um diálogo que sugere uma forma mais “atualizada” de namoro: o flerte do rapaz não era novo, pois já era de alguns “dias”.

Sem comentários.../ O jovem moreno, há pouco chegado a esta cidade, estava parado na rua 15, conversando com um amigo. Aproximava-se dos dois um grupo de belas meninas, quando o B. perguntou:

- “Oh! João. Qual destas pequenas é o teu flirt”?
- “A da beira” – respondeu ele, arrumando a gravata.
- E é flirt antigo?
- Não é novo, já é de alguns “dias”.
- Ah!... (O *Elegante*, Pelotas, 15 set. 1928, ano 1, n. 4).

O cinema servia de inspiração para as crônicas, na frequência às salas de exibição locais, ou em comparações entre as “beldades” com as grandes estrelas da Sétima Arte. N’*Opinião*, uma das colunas que trazia a relação dos filmes em cartaz nos cinemas pelotenses era “Sonora”, assinadas por Gilbert, juntamente com as notas elegantes das sessões: “E, ao fim [da sessão no Capitólio], as beldades alegres e radiantes, pela graça de Laura la Plante, desfilaram pela rua 15, que encheu-se de flores de nosso escol” (...) (A *Opinião Pública*, Pelotas, 02 fev. 1931, p. 4).

É um gozo vê-la.../ (...) No desfile das elegâncias o seu donaire é insuperável. Vimo-la no Capitólio, adorando a arte deliciosa de Greta Garbo. Achamo-la no entretanto inconfundível, como Norma Shearer. É uma mulher inteligente, porque não é bem loira e nem bem morena. Está de acordo com a época mundana em que vivemos. Joga com as cores admiravelmente (Diário *Popular*, Pelotas, 13 jan. 1934, p. 4).

Igualmente inspiradora para os cronistas pelotenses foi a primavera de 1935, pois que neste ano foram encontradas diversas crônicas no *Diário* sobre as “procissões elegantes” da Rua XV, permeadas de expressões que aludiam aos belos dias primaveris. A seção da coluna “Vida Social”, outrora denominada “Reportagem Elegante”, passa a se chamar “A Luneta” (boa parte delas assinadas por “Delta”), a exceção é a crônica reproduzida aqui, que se denominou “Kodak”, tal como o nome da conhecida revista cultural porto-alegrense.

Vida Social/ Kodak/ Linda como a primavera, passaste ali, anteontem. Ali na 15 da elegância, na 15 dos desfiles bonitos, de loiras e morenas, de colombinas formosas. Vinhas bem indiferente ao que te cercava, aos olhares deslumbrados, às atenções que polarizavas. És bela. E porque será que as mais belas são as mais indiferentes? Contigo, a teu lado, uma pequena graciosa, uma esperança, já uma grande promessa. Vestias azul, cor do céu, das coisas altas, que se quer atingir e não se atinge, ficam além de nossa mão. Uma boina, marrom talvez, cobria a tua cabecinha moça, com certeza inteligente, cheia de ideias. E eu te contemplei. Admirado e extasiado. Que linda brasileira! Que pelotense bonita. É fantástica. Mas não, tu não és fantástica. És real, és concreta, existes. Ainda anteontem passavas,

pela nossa 15. E eu repetia comigo: Fantástica! Fantástica! Fantástica! (Paulo) (*Diário Popular*, Pelotas, 1º out. 1935, p. 4).

Conforme o Diário, em 1937, a Nacional Sonofilms faria uma filmagem do movimento da Rua XV, às onze horas, após a saída das missas. Fazia-se um apelo para as senhorinhas e senhoras que fizessem seu tradicional passeio pela artéria central para o momento das filmagens⁹².

Um filme em Pelotas/ A “Nacional Sonofilms” vai filmar, hoje, pelas onze horas, o movimento da rua 15, após a saída das missas. Não necessitamos esclarecer o destaque que terá o filme, nessa parte pois serão cinematografadas as “princesinhas” que enchem de garridice, de vida, a “boite” de Pelotas. E para maior efeito fazemos um apelo às senhorinhas e senhoras que façam a sua passagem pela rua 15 por ocasião da filmagem (*Diário Popular*, Pelotas, 13 jun. 1937, p. 3).

Conforme Luiz Prado Galvão, colaborador do *Diário Popular* para a coluna “Vida Social”, mesmo sendo Pelotas uma “cidade grande”, com bons elementos críveis de boas crônicas (bondes, cafés, clubes, cinemas e mesmo seus pedintes), apenas três ou quatro nomes figuravam nos jornais locais. A razão disto, conforme a coluna, seria pelo fato de não haver pagamentos para estes colaboradores. Caso isso fosse alterado pelos proprietários dos jornais, ter-se-ia decerto “diariamente crônicas femininas e outras do gênero, e muita mocinha romântica existente por aqui passava a comprar jornais, para seu álbum de recortes... Quem não gosta de boas crônicas?” (*Diário Popular*, Pelotas, 15 mar. 1941, p. 4).

O comércio, as vitrines da Rua XV, emolduravam os passeios, o *footing*, ao se tornarem verdadeiras atrações para os frequentadores da “viela chic” de Pelotas, como demonstra a crônica de Onestaldo, que ao percorrer as casas de comércio da Rua XV, traça para seus leitores uma espécie de roteiro, onde o que chama a atenção é a disposição e o bom gosto das caprichadas vitrines, que são muitas, e como estavam iluminadas, propiciavam os passeios à noite, em que eram ainda mais encantadoras – e inspiradoras.

⁹² Várias vistas aéreas foram tomadas no dia anterior, pelos operadores da “Nacional Sonofilms”, que estavam filmando a cidade. Ao descer do avião da Varig, Willian Gerick, diretor técnico de “O grito da mocidade”, concedeu entrevista ao *Diário*, e afirmou estar contente com o trabalho aéreo que acabara de dirigir. Era brasileiro nato, embora muita gente pensasse que fosse americano por sua aparência e por ter vivido 15 anos em Hollywood. Estava juntamente a M.G. Barreto, gerente da Nacional Sonofilms.

Pelotas Social/ Écran/ (...) palmilhavam tentadoras, elegantes, as calçadas primitivas da Rua XV. A noite era um sonho de estrelas. O bom gosto ressaltava nas vitrines caprichosas. STUDIUM INGHEs, um ambiente azul. No jogo dos matizes as silhuetas encantadoras das princesinhas. A CASA HERCILIO, uma rica vitrine, com calçados de todos os feitios, uma policromia de bom gosto. Na CONFEITARIA DALILA as “confitures” [geleias, compotas] sem par, os bonbons finos e um transatlântico em miniatura, da Casa Chr. Stühmann de Hamburgo – Luz, graça, suavidade. CASA JOANNINHA, uma rica exposição de trabalhos manuais, um riquíssimo acolchoado confeccionado na fábrica do sr. Amabilio Rosa da Cunha. PELLARIA EUROPEA, uma rica exposição variada de casacos de peles para senhoras, tudo de bom gosto. BAZAR DA MODA tornou difícil apreciar devido a aglomeração de curiosos embevecidos. CASA RHEINGANTZ, apresentou um lindo mostruário de seus produtos ricamente confeccionados. CASA BAPTISTA LHULLIER uma vitrine cuidadosa, com seus objetos de bazar e para fumantes. CASA AMERICANA, em sua vitrine via-se tudo que era necessário em artigos para homens. BONBONERIA MARQUEZA, uma coleção escolhida de apetitosos bombons. CASA LEVY, uma exposição carinhosa de objetos de luxo, custosos metais, bronzes riquíssimos, alabastros... PELLARIA C. ZUKER, foi uma exposição variadíssima. Causou admiração de todos que a viam. Os mais recentes modelos de Paris, lindas peles “petit gris”, gorros elegantes e vistosos. Uma exposição de sucesso (Onestaldo) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 09 jun. 1930, p. 4).

O uso da energia elétrica potencializou o convívio urbano, ao prolongar a permanência dos habitantes na rua até algumas horas após o anoitecer. Com as ruas e as vitrines das casas de comércio iluminadas, prolongavam-se os passeios; são as luzes da cidade que fazem da noite um lugar povoado de contempladores das luzes artificiais⁹³.

Pelotas Social/ Écran/ Manhã de olhos azuis. E no passeio da rua 15 olhos deslumbram-se ao velas passar com um sorriso nos lábios e a alegria rítmica dos passos mágicos (...). A noite foi um sonho das cidades modernas – Luz e ruído. Harmonia barbaresca da técnica. Sobre as calçadas cosmopolitas meus olhos divagaram nas “vitrines” de luz os mostruários ricos: Casa Rheingantz, Bromberg e Cia., Confeitaria Dalila, Bazar da Moda, Bomboneria Marqueza, Casa Baptista Lhullier, Casa Levy, Casa Clark, Casa Americana, Casa Procopio e etc. (*A Opinião Pública*, Pelotas, 16 jun. 1930, p. 4).

Algumas crônicas possuíam uma estrutura muito semelhante a um conto, se utilizando de personagens, fictícios ou não, para narrarem elementos inseridos no universo cotidiano do restante das crônicas, veiculadas nas colunas sociais. O colaborador L. P. Galvão publicou, em 1939, uma crônica

⁹³ VIRILIO, Paul. *A Máquina de Visão*. Do fotograma à videografia, holografia e infografia (computação eletrônica): a humanidade na “era da lógica paradoxal”. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 25.

que recorda muito a estrutura de um conto, para tratar o cotidiano da jovem Fiji, em seus preparos para os desfiles na Rua XV:

Vida Social/ A Gazua do Amor/ É duma precisão incrível. Todos os dias, das quatro às sete, a rua XV fervilha de gurias bonitas, lindas mesmo; e rapazes, cada um mais elegante. Por isso que a Fiji passa toda a manhã inquieta, à espera dessa horinha gostosa. Nem trabalha direito – começa a pensar nos arranjos de cabelo, das sobancelhas, das unhas... ih! o banho... o vestido que a lavadeira ainda não trouxe! E o ponteiro, tic-taqueando sempre, cada vez mais se aproxima da hora das andorinhas. E chega. Fiji solta um “uf”, deixa o trabalho, sai de pé no fundo. Entra no quarto, revira tudo – lustre nos sapatos... depilações... massagens... banho... roupa nova... penteado... espelho. E Fiji se estaca diante do espelho até convencer-se de que está de fato “um bocado boa”. Depois sai. Enquanto anda, pensa no movimento das pernas, dos braços, para entrar direitinha, na rua XV. E quase perde a cadência sob os olhares curiosos. E fica “gran fina”, todos lhe olham e ela não olha para ninguém – É que ela sabe que não adianta olhar, eles não chegam mesmo. Continua passeando. Avista o que pertence em sonhos. Então se ajeita. Esboça o sorriso treinado no espelho. Olha. Sorri – e nada! Ele nem percebe (ou finge, então). Aí ela fica queimada. Vai jantar e não [sai?] mais de casa. Não vai ao cinema, não toma um cafezinho no Santos (pobre Fiji) e vai dormir com um mundo de “coisas” a cabriolar na cabeça. Depois deixa a tarefa para amanhã e fica mais conformada. – Pois ela sabe que a paciência é a gazua do amor (Luiz Prado Galvão) (*Diário Popular*, Pelotas, 02 dez. 1939, p. 4).

Ou então, um enredo com uma personagem misteriosa, apenas chamada por “Mlle.”, que possui costumes muito modernos, como andar sozinha, frequentar rodas de conversas de rapazes ou preferir títulos literários nem tão tradicionais⁹⁴.

Pelotas Social/ Alfinetes/ Mlle... tem hábitos norte-americanos. Não aprecia a companhia de suas amiguinhas e prefere andar sozinha, de dia ou de noite. E, incontestavelmente, uma figurinha de escol. Frequenta as nossas melhores festas sociais e seu nome está sempre aureolado de uma simpatia sem par, cultiva... Carinhosamente os seus “flirts”. Mlle... conversa desassombradamente com os rapazes, mas sabe, entretanto, “remettre en place” quem ousa transpor os limites das inconveniências. Há dias, Mlle. entrou numa das nossas principais livrarias, correu os olhos pelos figurinos e revistas de modas, folheou algumas das últimas publicações recebidas, e por fim pediu ao

⁹⁴ O autor referido na crônica, o carioca Benjamim Costallat (1897-1961), foi um conhecido escritor e cronista dos anos 1920 e 1930, e sua obra, marcada pela ousadia de sua linguagem. “Seu romance *Mademoiselle Cinema*, considerado pornográfico e escandaloso, acabou recolhido após serem vendidos 60 mil exemplares. Atento e sagaz observador da vida urbana, afeito à polêmica e à controvérsia, tornou-se notável pela refinada ironia com que retratava a sociedade carioca”. POLESEL, Célia R. Benjamim Costallat: jornalismo e literatura na escrita do submundo. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom. Santos: Intercom, 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0828-2.pdf>> Acesso em: 04 jan. 2013.

funcionário que, solícito a atendia, uma obra cujo título deixou o empregado mais do que admirado. Realmente era caso para pasmar!! Mlle. pedira “Guria”, uma das últimas produções de Benjamin Constallat... Como vai longe o tempo da “Bibliotèque Rose” para as “jeunes filles”!! (Joar) (*A Opinião Pública*, Pelotas, 30 mai. 1931, p. 4).

Em um último exemplo, o caso de “S.”, o último boêmio autêntico que possuía Pelotas. Ao atingir 45 anos, a “idade perigosa”, “S.” se encontrava em uma morte iminente: caso fosse regenerado, caso viesse a morrer naturalmente, ou caso decidisse se casar.

A idade perigosa/ Ontem ali na Fruteira, na hora em que toda gente ilude a tristeza para buscar o lenitivo de uma alegria esfuziante, de consequências dispépticas com acompanhamento de cafiaspirina, diziam-se aquele cavalheiro “rafné”, autor do relógio certo da rua Quinze, entre um gole de Whisky e um comentário sobre o barateamento do diploma: “Sabe... ando preocupado com o nosso amigo S... Está na idade perigosa... 45 anos robustos. Acontecerá com ele qualquer cousa de fatal: Ou morrerá, ou regenerar-se-á, ou casará contra alguém. Perderemos, de qualquer forma, o nosso amigo: Morto, ficará para sempre inerte. Regenerado, será defunto legítimo. Casado, um cadáver, com perdão da má palavra... Ando preocupado... E eu também me preocupei ante a perspectiva de perdermos o último boêmio autêntico que Pelotas possui. (...) Choraríamos todos a sua morte natural. Lamentarmos-íamos com a sua regeneração que faria de um homem alegre, um triste. De uma criatura inteligente, um sujeito apático, a deglutir chá das várias ervas... (...) (Fernando Borba) (*Diário Popular*, Pelotas, 08 ago. 1939, p. 3).

Querubim Queiroz e “Matusalém”, dois cronistas que publicavam no *Diário*, faziam de suas crônicas um espaço dedicado ao saudosismo da Pelotas pretérita. Suas memórias constituem-se, dessa maneira, em interessantes relatos para conhecermos aspectos, lugares, hábitos de uma cidade que ao aproximar-se o final da década de 1940 igualmente é contagiada pelas mudanças do período⁹⁵.

As colunas de Querubim Queiroz eram intituladas como “Naquele tempo...”, e nelas, o cronista recorda os “bons tempos” da mocidade, trazendo à memória a Pelotas de mais de 35 anos atrás, o tempo em que vivia na cidade. Recorda o passado dos “elegantes de fraque, cartola e bigodes retorcidos” e “das lindas damas espatilhadas, cujas saias de grandes rodas lambiam os passeios das mulheres lindas que não pintavam a cara nem as

⁹⁵ Nesta pesquisa, foram encontradas várias crônicas sobre Pelotas e a Rua XV, que se constituem em interessantes relatos sobre aspectos da história do município. Estas e outras crônicas que não foram citadas aqui por falta de espaço estão na íntegra nos Anexos 2 e 3.

unhas”. Rememora fatos ocorridos pelos idos de 1905, trazendo à tona uma cidade culta, educada, amante das artes (de quando o cinema ainda não havia se tornado o vício dos dias atuais), dos lugares “chics” dos passeios, como o Jardim Scotto, que ficava no interior da Praça da República, que era gradeada, e dentro havia um ringue de patinação e bar. Os desfiles e as vestimentas distintas e elegantes com chapéus de coco, as bengalas postadas nas esquinas dos cafés da rua Quinze, no Parque Pelotense, os concursos de serenatas; tudo lembrado como algo bom e condizente com as pessoas daquele tempo (*Diário Popular*, 27 jun. 1943, p. 20)⁹⁶.

O outro colunista, Matusalém (claramente tratando-se de um pseudônimo referenciando ao personagem bíblico), assinava a coluna “Passatempo” (com restritas publicações), e também se dirige ao passado com bastante saudosismo, porém, sua visão do presente é bem mais pessimista que a de Querubim. Todo o tempo, Matusalém considera que os pretéritos tempos, de outros costumes, de outros ritmos, mesmo com maiores dificuldades visto não haver as facilidades do mundo moderno, eram bem melhores. As pessoas não eram seduzidas pelos reclames das casas comerciais sempre cheias de novidades; a iluminação, embora “frouxa e apoucada”, com lampiões de azeite e querosene, ao menos nunca falhava; e o comércio também é outro, e o cronista recorda-o ligado aos tempos de uma cidade menor, em que se travava amizade entre os proprietários e os clientes, todos conhecidos, com histórias compartilhadas, em contraste com os grandes magazines que vão surgindo no centro de uma urbe cada vez mais anônima.

(...) Não haviam ainda inventado os cinemas e os “tropicais”... Eram frequentadas as lojas do Januário Amarante, Farol Pelotense, Chico Guimarães, Loja das Famílias, A Fragata, O Guarani, Ao Louvre, A Atalaia, Anjo Barateiro, O Bule Monstro, na época de sua fundação à rua de S. Miguel (15 de Nov.), a Livraria Universal, Joalheria Levy, o armário dos Gouveias (Luva Preta), o dos Estons, o do Luiz Parafita, o do Anacleto Barcelos (não o velho, que quando tinha um só carretel de linha do número procurado, não o vendia, para não ficar sem sortimento) e algumas outras casas que não nos ocorre agora; ofereciam-se cadeiras e dava-se a trela... As moças preferiam ver os transeuntes, às portas, quando não tinham “candidatos” internos... Nos primitivos tempos não havia livrarias; livros escolares e

⁹⁶ Querubim Queiroz faleceu em setembro de 1948. Em sua nota de falecimento, publicada pelo *Diário*, informava-se que Queiroz havia sido diretor-geral da Associação Comercial, subprefeito de Pelotas e colaborava com o *Diário Popular* em interessantes crônicas há pelo menos dez anos (*Diário Popular*, Pelotas, 21 set. 1948, p. 3).

em branco para escritórios, vindos do Rio de Janeiro, compravam-se na Ferragem de José Lopes da Conceição, na rua das Flores (A. Neves) mais ou menos onde é a Livraria Comercial. A seção de livros estava a cargo do empregado Carlos T. Pinto. Fechada a ferragem, por causa do ruidoso processo de fabricação de moeda falsa, no qual estiveram envolvidos diversos personagens, sendo José Lopes o chefe, Carlos Pinto estabeleceu a Livraria Americana, quase defronte (muito mais tarde transferindo-se para a rua 15) (*Diário Popular*, Pelotas, 25 mar. 1947, p. 3).

Estas crônicas compõem interessantes relatos sobre a história de Pelotas e, claro, da história da Rua XV; através delas, pode-se perceber o quanto esta artéria fora o centro de uma sociabilidade urbana, comum nas cidades do período, como é o caso do *footing*. Compondo suas visões urbanas, mirando, flanando pela Rua XV, estes cronistas registraram nas páginas impressas dos jornais um cotidiano urbano, dos passeios, amizades, flertes, em uma literatura específica. E seus nomes e/ou pseudônimos ficam também aqui registrados.

3.2. Fotografias

Assim como as narrativas literárias, as fotografias igualmente são passíveis de serem “lidas”; ao invés de palavras, signos e representações imagéticas narram determinados acontecimentos, lugares, sentimentos, a partir da individualização do olhar daquele que “lê”. As imagens possuem uma linguagem, que independe da escrita mesmo se colocadas como discurso – ou como narrativa. Seja uma série de imagens, ou mesmo apenas uma, os seus elementos, personagens, paisagens, possibilitam compor uma narrativa. Pinheiro (2007), ao analisar o entendimento em Roland Barthes da relação entre imagem e narrativa, explica que esta não está necessariamente atrelada à palavra, pelo fato de possuir variados suportes, e dentre eles, a imagem fotográfica, através de seu potencial narrativo.

Se definirmos texto como uma manifestação expressiva constituída por uma unidade coerente, haveremos de reconhecer que a imagem é regida por um sentido textual próprio, ainda que não explícito (...)⁹⁷.

A imagem teria então uma capacidade que sobressai à palavra escrita, e “sua sedução reside no facto de criar perturbação emotiva e não, necessariamente, cognitiva” (SÉREN, 2002, p. 20). A imagem está como um referencial, ou um “rasto de memória”, em seu potencial icônico. Mas, de acordo com Séren, uma imagem só se torna potencialmente metafórica pela narrativa do olhar, que a individualiza em sua intrínseca alteridade de signos e atribuições alegóricas, posto que a imagem fotográfica, em si, seja essencialmente a suspensão de um acontecer (Idem, p. 49-51).

Aqui se buscou atribuir a determinadas imagens o sentido de visões do urbano, privilegiando, evidentemente, o espaço da Rua XV. A análise fotográfica foi composta por dez fotografias, agrupadas em cinco temas (Rua XV antiga, Cartão postal da urbe moderna, Edifícios tipicamente comerciais, Paisagens em movimento e Novos aparatos urbanos). Retiradas, sobretudo, do *Álbum de Pelotas* de 1922, do projeto Pelotas Memória e da seção de Postais

⁹⁷ PINHEIRO, Lidiane. S. Índices de uma guerra: a narrativa das fotos (de Flávio de Barros) da Campanha de Canudos. *Caligrama* (ECA/USP. Online), v. 3, p. 1-12, 2007. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/caligrama/n_9/pdf/03_pinheiro.pdf> Acesso em: 16 jun. 2011.

do acervo digital da Universidade Católica de Pelotas, único fundo disponível para a pesquisa quando da realização deste trabalho.

O *Álbum de Pelotas* foi editado por Clodomiro Carriconde, para as comemorações do Centenário da Independência, em setembro de 1922⁹⁸. Nele, estão expostas fotografias que buscam retratar a beleza, a cultura e o progresso de Pelotas, exibindo suas melhores construções prediais, seus melhoramentos urbanos, bem como seus progressos científicos e educacionais. Além disso, os principais representantes do comércio e indústria da cidade assomam grande parte do *Álbum*, com inúmeros anúncios de publicidade. O projeto Pelotas Memória foi criado em 1989 pelo pesquisador autodidata Nelson Nobre Magalhães, com o objetivo de resgatar a história de Pelotas, publicando pequenos fascículos com fotografias antigas e informações históricas retiradas principalmente de jornais e revistas pelotenses⁹⁹.

1. Rua XV antiga



Figura 59. Rua XV antiga: desde a praça central. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

⁹⁸ Embora datado como Sete de Setembro de 1922, em 11 de agosto deste ano há uma nota no *Diário Popular* informando que o *Álbum* se encontrava à venda na vitrine da Livraria Universal, pelo preço de 100\$ (*Diário Popular*, Pelotas, 11 ago. 1922, p. 2). Em 07 de setembro do mesmo ano, se encontrava na vitrine da Livraria do Globo, pelo preço de 30\$000 (Idem, 07 set. 1922, p. 5).

⁹⁹ A UCPel vem digitalizando estes materiais, podendo dessa forma ser mantido o quiosque da Rua XV, aonde são entregues aos interessados os fascículos digitalizados do *Pelotas Memória*.

Curiosíssimo flagrante da rua 15 de Novembro, quando era ainda rua São Miguel. À direita, está hoje localizado o prédio do Banco da Província. Observem-se os trilhos de bonde (o saudoso bonde-de-burro, que chegava sempre à hora...). Defronte ao edifício da direita, na tabuleta, lia-se: “Coche”, que era onde se encontravam os tálburis elegantes da época. A placa na esquina marca a “Praça D. Pedro II” (Diário Popular, Pelotas, 27 jan. 1946, p. 12).

A legenda acima foi publicada para esta mesma imagem, juntamente com uma longa crônica sobre a história da Rua XV (Anexo 2). Destaca-se no registro a construção do tipo “rua-corredor”, assim denominada por apresentar edificações alinhadas nas suas duas extremidades, cujos frontispícios foram erguidos nos limites frontais dos lotes de terreno, sem apresentar espaçamentos ou recuos com as casas vizinhas¹⁰⁰.

Na fotografia, do século XIX, ainda não se vê do lado esquerdo da imagem o edifício da casa de tecidos Torre Eiffel (fundada em 1890), portanto, o registro fotográfico é anterior a essa data. Do lado oposto da via, ainda inexistia o prédio do Banco da Província, inaugurado em março de 1928. Deste lado da rua, as construções térreas em fita e peculiares ao estilo arquitetônico luso-brasileiro eram de propriedade de Alberto Rosa, tinham função comercial e eram alugadas pelo proprietário (SANTOS, 2007, p. 241).

A legenda atribuída a esta imagem destaca não apenas a antiguidade da Rua XV, mas implicitamente a sua evolução, flagrantes nos elementos que compunham a paisagem antiga e que são contrapostos com a paisagem contemporânea ao cronista, cujo texto foi escrito em 1946.

Vê-se também na figura o poste de iluminação a gás, que antecedeu aqueles da iluminação pública com a eletricidade, e os trilhos dos bondes, cuja linha tinha origem na praça central e se estendia até a Praça da Matriz. Os bondes, nesta época, eram movidos por tração animal e eram puxados por burros. A pavimentação da rua era ainda com pedras irregulares, anteriores aos calçamentos com paralelepípedos de granito. Salientam-se na foto alguns sobrados, que não eram muito comuns na época, e as características das casas luso-brasileiras que se mantinham nas fachadas dos prédios, como os beirais que arrematavam as coberturas com telhas de capa e canal e as janelas de guilhotina.

¹⁰⁰ Cf. MOURA, Rosa Maria G. *Protomodernismo em Pelotas*. Pelotas: Ed. UFPel, 2005, p. 11.



Figura 60. Rua XV antiga: esquina com a Rua Sete de Setembro. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

A imagem acima retrata a esquina das ruas XV de Novembro e Sete de Setembro, ela foi tomada de um ponto exatamente inverso da foto anterior. Ou seja, registra o mesmo quarteirão da Rua XV visto de um ângulo oposto. Um bonde elétrico adentra no quarteirão, ao fundo da foto; nela o destaque parece ser dado ao Cine Ponto Chic, ao lado esquerdo, com a programação de filmes estampada nos cartazes expostos na calçada. A fotografia ainda exhibe importantes estabelecimentos, como a Livraria Universal, do lado direito e, à frente, a estrutura metálica do toldo de lona que protegia as vitrines da Casa Americana, por onde passam duas mulheres, uma delas segurando uma sombrinha que a protege do sol.

Diferentemente da fotografia anterior, nesta imagem se destacam os equipamentos da energia elétrica: os postes de ferro curvados na parte superior, peculiares ao estilo *art nouveau*, as fiações da eletricidade, do telégrafo e das linhas telefônicas, sustentadas pelos diferentes suportes do poste em primeiro plano. Salientam-se também as platibandas que escondem os telhados e as calhas de escoamento das águas pluviais das construções, as portas e vitrines encimadas por bandeiras com vidros coloridos, o globo e outros ornamentos moldados em estuque sobre a platibanda da Livraria Universal.

2. Cartão postal da urbe moderna



Figura 61. Cartão postal da urbe moderna: Rua XV esquina Rua Mal. Floriano (início do séc. XX). Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p.

Na Figura 61, o prédio destacado no primeiro plano é a casa de tecidos Torre Eiffel, erguido na esquina da praça central. O sobrado de uso misto (hoje demolido), foi projetado pelo construtor italiano José Isella e abrigava, no térreo, a loja Torre Eiffel. O pavimento superior era ocupado pela residência do proprietário, o comerciante Antônio Raimundo de Assumpção. A edificação possuía nove aberturas na fachada voltada para a Rua XV, organizadas em pares, alternavam portas de entrada para a loja e vitrines e três aberturas para a Rua Mal. Floriano, onde também ficava a porta de entrada da parte residencial, na extremidade oposta à esquina (SANTOS, 2007, p. 212).

A imagem evidencia ainda o calçamento com paralelepípedos de granito, originados das jazidas do antigo distrito pelotense do Capão do Leão. Registra o movimento de pedestres masculinos, os homens vestindo ternos escuros ou brancos, as cabeças protegidas do sol por meio dos chapéus coco ou panamá, enquanto que a dama que transita em frente de uma vitrine da Loja

Torre Eiffel veste um vestido claro e se protege com uma sombrinha. Ao fundo, um calhambeque se aproxima do entroncamento da Rua XV com a Sete de Setembro. No primeiro plano, veem-se guardas fardados e com quepes nas duas esquinas, que fiscalizam a circulação dos veículos e transeuntes.

Do outro lado da rua vê-se a Casa Coates¹⁰¹, em edifício que também foi demolido para dar lugar ao prédio do Banco da Província, como foi apontado anteriormente. Certamente é a mesma edificação, porém, há uma diferença entre o que vemos nessa imagem, daquela primeira mais antiga: aqui o telhado não aparece, e há uma platibanda não vazada¹⁰².

Possamai (2008), ao tratar dos temas retratados no conjunto de fotografias encontradas em álbuns de Porto Alegre (editados entre os anos 1920 e 1930), constata que mais da metade destas representam sua área central. Isto corrobora com a ideia da área central como um cartão de visitas da capital gaúcha, “onde estavam localizados os maiores investimentos públicos e privados, seja na implementação das reformas viárias que modificavam sua fisionomia urbana, seja na construção de edificações de altura elevada” (POSSAMAI, 2008, p. 260). De acordo com a autora, ao privilegiar as fotografias do centro urbano da cidade, buscava-se evidenciar seu dinamismo, os elementos que a conformavam.

(...) significava transpor para a totalidade da cidade uma imagem visual de acordo com os padrões de um imaginário que buscava como referentes as ruas, as edificações, as praças, os veículos e, principalmente, o homem no espaço público (Idem, p. 261).

Em seu estudo, Michelin (2004) identificou, nas fotografias de paisagens das ruas, onze elementos para verificar a forma como representaram a modernidade em Pelotas:

¹⁰¹ A Casa Coates, cujo proprietário era Cristóbal Coates (inglês naturalizado uruguaio e radicado em Montevidéu), tinha sua sede em Porto Alegre e filiais no interior, incluindo Pelotas, era especializada em máquinas de escrever e em eletrodomésticos. A sede da Casa Coates de Porto Alegre está relacionada com a criação da Rádio Difusora, de Porto Alegre, graças a Arthur Pizzoli. Este último era natural de Pirassununga (São Paulo), chegou a Pelotas aos 16 anos, onde trabalhou na filial da Coates. Transferindo-se para Porto Alegre em 1927, passou a gerenciar a casa comercial, em crise. Com pioneirismo, aliou o rádio com a publicidade, idealizando e instalando a Rádio Difusora para veicular a publicidade dos artigos vendidos com exclusividade pela Coates, como os transmissores Philco e os refrigeradores Frigidaire. FERRARETTO, Luiz A. *Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais*. Canoas: Ed. da ULBRA, 2002, p. 101-102).

¹⁰² Em 1871, por meio dos Códigos de Posturas, a Câmara de Vereadores de Pelotas proibiu o arremate dos telhados das construções através dos beirais, e definiu como obrigatório o uso das platibandas (SANTOS, 2007, p. 182).

Nas ruas, identificaram-se onze elementos através dos quais se verificou como a representação dessas exibe a modernidade, sendo esses: a presença do bonde, a aplicação dos serviços de energia elétrica, os trilhos e os postes para funcionamento desse meio de transporte, o movimento, o ruído e notória presença humana, pavimentação, calçamento, praças e jardins, e os automóveis (MICHELON, 2004, p. 129).

Na última imagem apresentada, todos estes elementos arrolados por Michelin estão presentes, e sendo assim, além de um cartão postal, tem-se Rua XV de Novembro como um signo de modernidade da época, recebendo da administração pública uma especial atenção enquanto retrato idealizado da urbe moderna e progressista.



Figura 62. Cartão postal da urbe moderna: sob os telhados de Pelotas (início do séc. XX).
Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p.

Como um convite para conhecer a cidade que propõe a publicação, esta é a primeira imagem apresentada pelo *Álbum de Pelotas*. A fotografia, como a legenda informa, foi tomada da torre da Igreja do Redentor, em direção à praça central, pela Rua XV. Nela podemos reconhecer edificações importantes que compunham (e muitas que ainda compõem) o centro da cidade, como o Mercado Central e sua torre, o *Lyceu* (Escola de Agronomia Eliseu Maciel), o Banco Pelotense (mais ao fundo), os edifícios da Administração Municipal e da Bibliotheca Pública Pelotense (com apenas um piso; a pavimentação superior foi construída entre 1911 e 1913), o espaço da praça central, e claro, a Rua XV, ao centro, como o caminho eleito da urbe em

transformação, no qual trafegam um bonde elétrico e outros veículos. Deste ângulo, a cidade é grande, seus limites confundem-se com o horizonte.

3. Edifícios tipicamente comerciais



Figura 63. Edifícios tipicamente comerciais: Bazar Musical. Fonte: ÁLBUM DE PELOTAS, 1922, s/p.

A casa comercial da imagem acima é o Bazar Musical, de propriedade de João Abadie¹⁰³, fundada em 1897. Localizava-se à Rua XV, n. 658, na quadra entre as ruas Gal. Neto e Voluntários da Pátria, em prédio hoje demolido. João Abadie foi o primeiro presidente do Clube Carnavalesco Diamantinos, inclusive fora no interior do Bazar Musical que após dez dias da escolha do presidente, se formou uma comissão para a elaboração do Estatuto do novo clube (PICCOLI, 1993, *apud* BARRETO, 2003, p. 45).

Como o nome do estabelecimento comercial indica, assim como a vitrine flagrada nesta imagem, sua especialidade eram artigos musicais, como

¹⁰³ Em outubro de 1937, uma nota divulgada no *Diário* informa que o proprietário do Bazar Musical era Miguel Rocha (*Diário Popular*, Pelotas, 16 out. 1937, p. 3). Em 1938, a Auxiliadora Predial S.A. funcionava no mesmo endereço do Bazar Musical (Idem, 27 mar. 1938, p. 8).

violões, pianos, pianolas, rolos, notas para pianolas e “cordas para todos os instrumentos”. Além de artigos relacionados à música, o Bazar Musical também anunciava a venda de brinquedos, perfumarias, jornais de modas, o preparado para tingir cabelos *Secret des Andalouses*, além de coroas para túmulos (cf. *Álbum de Pelotas*, 1922, s/p). No interior da loja ocorriam audições de discos, como em janeiro de 1938, em que haveria uma segunda audição das novidades carnavalescas recebidas a cargo de Jazz Chiquinho (*Diário Popular*, Pelotas, 13 jan. 1938, p. 4).

O nome do estabelecimento comercial foi moldado em estuque sobre a platibanda da fachada, e rusticações em forma de diamante ornamentam as laterais do frontispício, decorações peculiares ao ecletismo historicista. As amplas vidraças das vitrines são emolduradas por armação de ferro fundido (ambas signos da modernidade), que à noite eram protegidas por cortinas também metálicas. Esses elementos eram importados, posto que no final do século XIX, quando foi fundada a loja, não existiam no Brasil firmas metalúrgicas. O nome do proprietário e as palavras “Músicas” e “Perfumarias”, que indicam o ramo de negócios da loja, foram pintados sobre os vãos da fachada.

Nas laterais do frontispício e sobre a porta de entrada do prédio foram instalados suportes metálicos e lâmpadas elétricas, que iluminavam a fachada e as vitrines nas primeiras horas das noites, e ampliavam o apelo dos olhares e o desejo dos transeuntes. Estes acessórios são outros símbolos da modernização da cidade alardeados na Rua XV. Interessante salientar, que diferentemente das casas residenciais, as construções de cunho comercial não apresentavam o porão alto que caracteriza o estilo eclético, facilitando a circulação dos clientes e o deslocamento das mercadorias (SANTOS, 2007, p. 212), o que pode ser identificado nas casas comerciais visíveis nas fotografias anteriores.

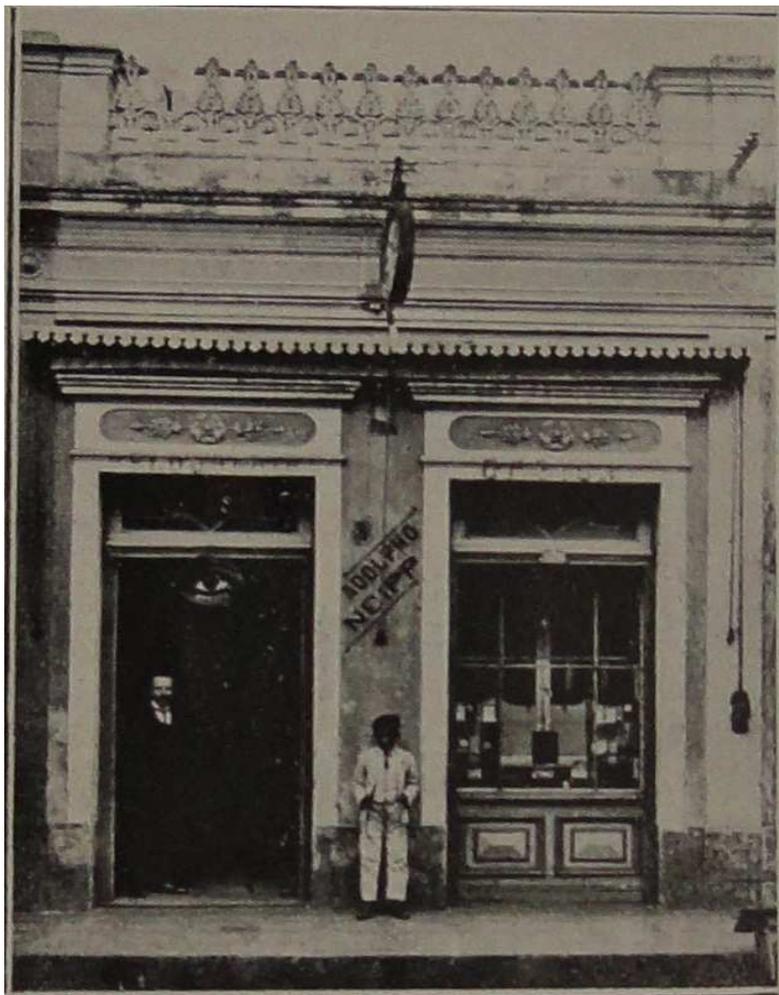


Figura 64. Edifícios tipicamente comerciais: Relojoaria e Optica de Adolpho Neipp. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p.

Este outro exemplo fotográfico de edifício tipicamente residencial também foi retirado de uma peça publicitária do *Álbum* de 1922, e mostra a relojoaria e ótica de Adolpho Neipp, localizado na Rua XV, n. 628, entre as ruas Sete de Setembro e Gal. Neto, em prédio também demolido. Conforme a publicidade veiculada, a casa de Adolpho Neipp era especializada em óculos, binóculos, termômetros e barômetros, além de aviar “qualquer receita dos Srs. oculistas” (cf. *Álbum de Pelotas*, 1922, s/p). Nas cidades brasileiras do início do século XX, era comum o funcionamento de óticas no interior das relojoarias, onde especialistas da visão se aliavam ao comércio que então se estruturava, por conta das reformas urbanas e ainda com a vinda de imigrantes estrangeiros que introduziram e/ou aprimoraram estas práticas no meio cidadão¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Cf. NETO, José Moraes dos S. *História da óptica no Brasil*. São Paulo: Códex, 2005, p. 82-83. O autor salienta ainda que no período republicano, com a estruturação de uma classe

Além da vitrine à exposição no passeio dos pedestres, com o sortimento oferecido pelo estabelecimento do relojoeiro (provavelmente, de origem alemã), havia na fachada da loja um relógio (ao centro do prédio), e que poderia servir para sinalizar tanto aos alfabetizados quanto aos não alfabetizados para o tipo de comércio praticado. Um dos vãos do frontispício foi preenchido com a porta de acesso ao interior da casa de comércio, o outro abriga a vitrine, ambos possuem bandeiras com vidraças. Numa das laterais se destaca o suporte metálico e móvel do toldo de lona que protegia da incidência do sol os artigos expostos na vitrine. O nome do relojoeiro foi pintado entre os vãos e, possivelmente seja o próprio Adolpho Neipp que está retratado junto à porta da ótica, posando para a fotografia que serviria de publicidade para sua casa comercial no *Álbum* de 1922.

4. Paisagens em movimento



Figura 65. Paisagens em movimento: primeira quadra da Rua XV. Fonte: *ÁLBUM DE PELOTAS*, 1922, s/p.

média urbana, a diversificação do comércio, aliada ao aumento da população alfabetizada, a procura por óculos aumentou de forma considerável nas cidades.

Os jornais consultados costumavam tratar como “primeira quadra” o trajeto da Rua XV entre a praça central e a Rua Sete de Setembro. Como já explicado, isto ocorre porque as três quadras centrais da Rua XV começavam na praça central e se estendiam até a Rua Voluntários da Pátria. Na imagem acima, a primeira quadra (que atualmente é o calçadão da Rua XV) repleta de transeuntes, ocupando as calçadas e também o meio da via. A fotografia, retirada do *Álbum* de 1922, integra uma seção da publicação destinada a exibir determinados ângulos do centro de Pelotas.

O que parece ser destacado com esta imagem é justamente o movimento intenso de transeuntes, que está repleta de pessoas que ocupam as calçadas e também o centro da artéria. Há muitas informações no caminho desses pedestres: vitrines de lojas, cartazes pendurados em postes. As transeuntes estão envolvidos nos encontros de amigos, nas trocas afetivas; uns circulam e outros estão parados em grupos. Reforça a ideia da Rua XV como o espaço preferido para estas sociabilidades, como o espaço preferido pelos pelotenses para “o ver e o ser visto”.

Neste flagrante, os homens dominam o espaço público, de modo que precisamos nos esforçar para enxergarmos silhuetas femininas em meio à aglomeração eminentemente masculina. Outro aspecto da imagem que chama atenção é a elegância das vestimentas dos homens, onde a grande maioria está trajada com ternos escuros e gravatas, alguns vestindo ternos claros, e os chapéus panamá se destacam sobre os de tipo coco. Tal aspecto faz parte das regras da etiqueta burguesa para o “portar-se” ou o “vestir-se” publicamente nas modernas cidades.

O prédio da Casa Coates ainda está presente nesta imagem, como também as casas em fita alugadas para o comércio, que conforme já foi salientado, foram depois demolidas e deram lugar ao suntuoso edifício eclético do Banco da Província. São visíveis os paralelepípedos de granito da pavimentação e os trilhos dos bondes, os cartazes publicitários que dividiam com as vitrines a atenção dos passantes.



Figura 66. Paisagens em movimento: a esquina XV com Sete. Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

A fotografia acima foi tomada da esquina das ruas XV e Sete, em direção à praça central. Novamente, a maior parte dos transeuntes são homens, que ocupam boa parte das calçadas. Quando este flagrante foi apanhado, esta famosa esquina já havia mudado muito em relação àquela que é exibida com os cartazes do Cine Ponto *Chic* (Figura 60), que a esta altura, dava lugar ao primeiro arranha-céu da cidade. O edifício da Livraria Universal ainda está presente nesta imagem, porém, em seu interior não se ofertavam mais livros, e sim, os cafezinhos do Café Carpena (a Casa do Bom Café). Na outra esquina, em edifício bastante antigo, a placa com um reclame da *Coca-Cola* anunciava o Café Rex.

Como um ponto de encontro eminentemente masculino, os três cafés reuniam muitos homens na referida esquina, como atesta a imagem, onde podemos vê-los em grupos de conversa, à frente dos estabelecimentos. Para completar esta esquina, a Casa Americana, especializada justamente em artigos de moda masculinos. Mais uma vez, a elegância no trajar dos homens flagrados no “ponto máximo da *urbs*” é evidente. Outro elemento que chama atenção na imagem é o cartaz que era pendurado de um lado a outro sobre a via, um tipo de publicidade bem comum no período (a imagem certamente é da década de 1940).

No lado direito da foto, no meio da quadra, destaca-se o sobrado eclético com três pavimentos pertencente a modista francesa Louise Bidan (SANTOS, 2010, p. 9)¹⁰⁵. O prédio, atualmente demolido, foi erguido pelo construtor de origem italiana Caetano Casaretto, finalizado no ano de 1898. O pavimento térreo era ocupado pela loja *L'Elegance Parisienne* e pelo ateliê de costuras de Mme. Bidan, como a modista era conhecida na cidade. Os outros pavimentos eram utilizados como residência da estrangeira e do casal de filhos que ela possuía.

A fotografia foi realizada na estação de verão, notem-se os ternos claros de muitos dos homens e as mangas curtas das camisas de alguns, como também os vestidos das mulheres, no primeiro plano da foto. Já não mais existem os trilhos dos bondes elétricos, retirados em 1929. A imagem que, seguramente é da década de 1940, não mostra o Café Nacional, já existente nessa data e localizado no pavimento térreo do Palácio do Comércio, que desde muito cedo já era popularmente conhecido como “Café Aquário” (Cf. MELO, 1996, p. 53-54).

Ponto de encontro eminentemente masculino, a esquina e os três cafés reuniam muitos homens em grupos de conversa, à frente dos estabelecimentos. Para completar, na mesma esquina e não visível na fotografia estava situada a Casa Americana, especializada em artigos de moda para homens. Mais uma vez, a elegância no trajar dos transeuntes flagrados no “ponto máximo da *urbs*” é evidente. Outro elemento que chama atenção na imagem é a faixa publicitária pendurada de um lado ao outro da via, um tipo de publicidade bem comum no período.

Nessa esquina, há encontros, há conversas, há um convívio típico do período, e se pensarmos neste espaço nos dias atuais, que ainda conta com a presença do Café Aquário, podemos inferir que esses costumes persistem, certamente como um espaço mais democrático, como em termos de gênero ou de classes sociais, mas ao olharmos para essa imagem, é impossível dissociá-la da contemporânea esquina da Rua XV e Sete, simplesmente porque há coisas que persistem. Esse convívio é prova disto.

¹⁰⁵ SANTOS, Carlos A. Estrangeiras Francesas. In: *Anais do III Simpósio Internacional sobre Gênero, Arte e Memória/SIGAM*. Pelotas: UFPel, 2011, p. 9.

5. Novos aparatos urbanos



Figura 67. Novos aparatos urbanos: Abrigo Público Municipal. Fonte: LABORATÓRIO DE ACERVO DIGITAL, UCPEL.

A imagem acima (datada como 15/09/1939), do Abrigo Público Municipal, foi retirada da coleção de postais que integram o projeto de digitalização de materiais históricos da UCPEL. O fato de a imagem do abrigo servir como motivo de um postal assinala não apenas para a importância do novo aparato para a cidade e seus cidadãos, mas reforça a criação e veiculação de imagens de uma cidade que dispunha de conforto às novas necessidades, típicas das grandes urbes, como é o caso do aumento do fluxo dos transportes públicos¹⁰⁶.

O Abrigo Municipal estava localizado no largo do Mercado Central, pela Rua Urbano Garcia (atual Lobo da Costa), entre a XV de Novembro e a Andrade Neves. Em frente havia o trilho dos bondes (como se pode ver na imagem, com um bonde próximo à esquina da Rua XV), e quando estes deixaram de circular na cidade, o Abrigo Municipal permaneceu ainda por mais

¹⁰⁶ Em agosto de 1939, em uma edição especial do *Diário* (edições estas que normalmente enfatizavam os melhoramentos urbanos), uma montagem de fotografias da cidade (inclusive com duas imagens da Rua XV), mostrava as novas facetas da urbe, e em destaque, uma fotografia do Abrigo Municipal, no largo do Mercado. Cf. *Diário Popular*, Pelotas, 27 ago. 1939, p. 16 (edição especial, com 48p.).

alguns anos, e funcionava como uma espécie de terminal rodoviário¹⁰⁷. Os serviços de “auto-onibus” foram inaugurados em Pelotas em outubro de 1927, explorados pela empresa *Light & Power*. Conforme a imprensa, eles supririam com vantagem os próprios bondes, por serem “luxuosos veículos com lotação para 19 pessoas, cadeiras estofadas, etc.”. Além disso, contribuiriam com aumento da frota para o deslocamento de pedestres, juntamente com os bondes¹⁰⁸.

Destaca-se na imagem a simplificação formal da construção que segue o modernismo estilístico da arquitetura dita moderna, erguida em cimento armado, cuja cobertura plana se sustenta sobre pilares ou pilotis. E as janelas em basculante próprias do período. Esses elementos contrastam com a edificação monumental e eclética da antiga sede do Banco do Brasil, erguida pelo engenheiro porto-alegrense Paulo Gertum, com características formais que lembram os edifícios *haussmannianos* de Paris da *Belle Époque* (SANTOS, 2007, p. 245).

Como havia grande aglomeração no local, “reclamistas” e “camelots de esquina” (porque ficavam nas esquinas, vendendo produtos milagrosos, realizando truques de mágica ou acrobacias circenses) costumavam permanecer neste ponto movimentado, o que não era bem visto por todos, como atesta a nota retirada d’*Opinião*¹⁰⁹. As atividades dos reclamistas e camelôs passaram a ser noticiadas com frequência pelos jornais, e denunciam um novo dinamismo na cidade, com a presença de trabalhadores não regularizados que buscavam seu sustento em meio ao crescente movimento de pessoas a circularem pela área central. Então, o responsável por tudo isto era

¹⁰⁷ A partir da década de 1950, os serviços de bondes foram sendo reduzidos, e a Prefeitura buscava solucionar o problema do transporte público através da contratação de empresas de ônibus, como o contrato feito com a Sociedade de Transportes Urbanos e Rurais (STUR), que substituiria os bondes elétricos. Cf. LOPES, 2007, p. 93.

¹⁰⁸ A viagem inaugural dos ônibus partiu da Intendência e percorreu as ruas XV, Benjamin Constant, Tiradentes, Andrade Neves, Praça da República e Mal. Floriano. Dois deles levaram autoridades locais, entre elas: Cel. Pedro Osório, o intendente Augusto Simões Lopes, o Cel. Guilherme Echenique, Carlos Giacoboni, Arthur Assumpção, Nede Lande Xavier (presidente da Associação Comercial), José Duval, Dr. Fernando Osório, Jorge Salis Goulart (então presidente do *Diário Popular*), entre outras.

¹⁰⁹ Principalmente aos comerciantes localizados. A nota pedia ainda que fosse seguido o exemplo da capital, Porto Alegre, que vinha combatendo este tipo de prática, e que em Pelotas, ao contrário, esses negociantes possuíam licença das autoridades para exercerem seus negócios, o que para o autor da nota deveria ser alterado, para por fim a esta situação. Cf. *Opinião Pública*, Pelotas, 10 nov. 1950, p. 1 (cont. p. 6).

o progresso, como o caso dos *camelots* e carroceiros que faziam uma espécie de “feira alucinada” (mostrada em três flagrantes do fotógrafo Barros) em torno do Mercado, atrapalhando o trânsito:

A explicação é muito simples: o progresso é o culpado. Por dentro e por fora o Mercado não mais atende, como devia, as necessidades de Pelotas. O dono de um daqueles bares, onde à noite esvoaçam pálidas borboletas de vida “fácil” e malandros bebem cachaça, dizia com muita propriedade: “Que coisa engraçada; depois que inventaram os apartamentos tudo nesta vida virou apertamento...” (*A Opinião Pública*, Pelotas, 04 nov. 1950, p. 1; cont. p. 6).

O Abrigo Municipal, hoje demolido, foi um signo da mudança no tipo de transporte que ia se verificando na cidade, priorizando o uso dos ônibus como meio de deslocamento de pessoas no espaço urbano, e recebendo mais investimentos por parte da Administração Municipal, embora sempre com morosidade, denunciada pelos jornais, e aos poucos, deixando no passado o uso dos bondes, considerados ultrapassados, pouco produtivos e vagarosos.



Figura 68. Novos aparatos urbanos: a edificação do primeiro “arranha-céu”.
Fonte: PROJETO PELOTAS MEMÓRIA.

O antigo e o novo convivem nesta imagem. No primeiro plano, antigas construções de composições ecléticas, e ao fundo, o que chama a

atenção é o alto edifício, em construção, de linhas sóbrias da arquitetura moderna, que se difere completamente dos prédios contíguos. A imagem se constitui um tanto verticalizada, o que amplia a diferença entre o tamanho do novo edifício em relação às antigas e acanhadas construções do seu entorno. Em primeiro plano também há uma carruagem, puxada por dois cavalos, e mais ao fundo, automóveis que já dominam a paisagem da rua, que está tranquila, com poucos pedestres. Como indicam as publicidades, vemos a sede da tradicional Confeitaria Gaspar, assim como a Casa Oliveira (em prédio cuja fachada lemos “Joias”), a segunda filial de Pelotas (a primeira ficava na Rua Andrade Neves), era especializada em joias, ótica, cristais e possuía oficina própria (*A Opinião Pública*, Pelotas, 1º out. 1940, p. 2).

Porém, o que mais se destaca, indubitavelmente, é o edifício do Palácio do Comércio, inaugurado em janeiro de 1942, o primeiro “arranha-céu” de Pelotas, com nove andares. Mais que alterar a paisagem do centro urbano pelotense, a construção do moderno edifício trazia novos ares para a cidade, compatíveis ao pensamento de muitos que desejavam que a cidade fosse modernizada, a exemplo do que ocorria em outros centros, como Santa Maria e claro, Porto Alegre. Estes saudavam a verticalização da cidade, aliada às novas necessidades e serviços urbanos, como a construção de edifícios modernos que centralizavam variados negócios, abrigando ao mesmo tempo apartamentos, escritórios, gabinetes, consultórios.

Em 1938, a construção de um “alteroso edifício” na esquina da praça central com a Rua Mal. Floriano (iniciativa do comerciante João Rodrigues da Fonseca, proprietário da Casa Hercílio) era louvada nos jornais, o qual iria “concorrer muito para a estética cidadina”. O edifício, de cimento armado e com três andares, seria construído pela firma Haessler e Woebke Ltda., de Porto Alegre, e composto de amplas salas para escritórios, gabinetes, consultórios, e no térreo, um espaço para loja e armazém (*A Opinião Pública*, Pelotas, 05 jul. 1938, p. 1). A verticalização também influenciou o olhar da imprensa sobre a cidade, veiculando um discurso otimista principalmente às realizações de particulares, visto a dificuldade da realização das obras públicas no município¹¹⁰. Em janeiro de 1945, uma crônica intitulada “A terra que se fez

¹¹⁰ Mostrando em números, Schlee (1993) aponta para a estagnação econômica de Pelotas através da construção civil. Em 1945, enquanto que em Porto Alegre eram 61 os edifícios em

Princesa pela vontade e pelo espírito progressista de seus filhos” resume uma afirmativa muito veiculada que afirmava que o progresso de Pelotas era resultado das iniciativas de pelotenses, e que estava sendo prejudicada por parte do governo estadual. A verticalização permitia ainda lançar novos olhares à “Cidade Princesa”, e nesta crônica, a reportagem fotográfica do *Diário* mostrava do alto do último andar do Palácio do Comércio três aspectos da cidade, destacando, do alcance que o alto prédio proporcionava, suas mudanças, seu crescimento, sua extensão.

E a reportagem do *Diário Popular*, querendo correr os olhos sobre o xadrez das nossas ruas, subiu ao último andar do nosso prédio mais alto, girando sua objetiva para todos os quadrantes da urbs e focando aspectos que assinalam o desdobramento urbanístico da nossa cidade. Muito se tem dito sobre a beleza da nossa terra. Nada, porém, melhor do que vê-la com os nossos olhos e senti-la com a nossa alma. Do alto do Palácio do Comércio o olhar frio da nossa máquina fotográfica se estendeu em vários sentidos, apanhando os instantâneos que ilustram o nosso texto (...). E quando descemos, por um dos elevadores do Palácio do Comércio, para a rua de todos os dias, trazíamos, lá do alto do nosso edifício mais amplo, a certeza de que Pelotas, que no pretérito encontra tantos motivos de orgulho, maiores razões de vaidade encontrará num futuro próximo, em busca do qual se lançam os nossos empreendimentos e as aspirações dos pelotenses (*Diário Popular*, Pelotas, 21 jan. 1945, p. 12).

A incursão por estas imagens buscou aliá-las às narrativas sobre a cidade, encontradas nos jornais pesquisados, e que complementam a possibilidade de tratar o espaço urbano de Pelotas através das visões que lhe foram construídas, partindo da ideia que a fotografia também é passível de ser lida. E evidentemente, enfocando a Rua XV nessa análise, por fazer parte do pressuposto deste trabalho que este espaço ocupou um papel de destaque na criação de imagens que buscaram mostrar, quase sempre de forma positiva e otimista, a cidade de Pelotas da primeira metade do século passado.

altura (com mais de cinco andares), Pelotas edificava seu terceiro prédio (SCHLEE, 1993, p. 138). Entre 1938 a 1945, Pelotas foi governada por três administradores, governos estes caracterizados pela falta de obras públicas (Idem, p. 139). Entre 1930 a 1949, apenas seis edifícios em altura foram erguidos em Pelotas: o Ed. Glória (1935), Palácio do Comércio (1939, inaugurado em 1942), Ed. Caixa Econômica Federal (1943), Ed. Ribas (1945), Ed. APIP (1947) e Ed. Del Grande (1947) (Ibidem, p. 192).

3.3. A Literatura

Nas últimas décadas, o uso de fontes como a Literatura para a pesquisa histórica reflete um afrouxamento da concepção da História como detentora da verdade. Conforme Pesavento (1995b), ainda que a história e a ficção literária sejam divergentes em seus métodos e práticas discursivas – a história comprometida em construir o real a partir de suas evidências e a narrativa literária isenta de comprovações –, o discurso da história e a ficção literária se aproximam na preocupação com a verossimilhança, entendendo que o pressuposto da história seja a construção de uma representação possível do passado, o mesmo com a literatura que, igualmente preocupada com a verossimilhança, não seria, dessa forma, inversão do real, mas uma forma de captá-la, se utilizando de limites mais amplos que os do historiador.

Dando voz ao passado, história e literatura proporcionam a erupção do ontem no hoje. Esta representação daquilo que “já foi” é que permite a leitura do passado pelo presente como um “ter sido”, ao mesmo tempo figurando como o passado e sendo dele distinto. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta (PESAVENTO, 1995b, p. 117).

A vida nas modernas cidades e a imprensa são fatores indissociáveis, pois é justamente no meio urbano que a circulação de livros e jornais, com a presença das editoras, bibliotecas, leitores e escritores, que novas formas de comunicação são expressas, representando também um novo mecanismo de controle social, expresso através da opinião pública que encontra justamente na circulação de livros e jornais nas cidades seus principais “veículos formadores” (TORRESINI, 2007, p. 34-35). No século XIX, a vida urbana se torna objeto de predileção da literatura, e “a cidade se transforma em espaço propiciador de um novo tema literário: ela mesma torna-se uma vitrine que se exhibe, seduzindo quem a atravessa” (NASCIMENTO, 1999, p. 73).

Conforme Berman (1989), a cidade de Petersburgo, na era dos Nicolaus, concentrou os planos de modernização e monumentalização no Projeto Nevski, dotando esta rua, que sempre fora uma das principais vias da cidade, como o símbolo das adaptações russas aos modelos europeus; era esta “a rua mais longa, mais larga, mais bem iluminada e pavimentada”, sem paralelos com as outras artérias contíguas (BERMAN, 1989, p. 186).

Apontando em três pontos, Berman explica que Nevski, um espaço tipicamente moderno, atendia bem aos novos modos de tráfego, rápido e pesado, por ser ampla e bem pavimentada. Nevski serviu também como uma extensa vitrine para os novos objetos de consumo, acessíveis graças aos modernos meios de produção em massa. Além disso, Nevski fora talvez o único espaço de Petersburgo que conseguia reunir todas as classes sociais existentes na cidade, desde milionários proprietários de belos palácios que enfeitavam a rua até os pobres artesãos, prostitutas, desamparados, por conta de um traço marcante de sua finalidade, a sociabilidade.

Por isso, os petersburgueses a amavam “e a mitificaram inesgotavelmente, pois ela lhes abriu, no coração de um país subdesenvolvido, uma vista de todas as promessas deslumbrantes do mundo moderno” (BERMAN, 1989, p. 187).

No conto “*O Projeto Nevski*” (1835), Gogol, ao encaixar sua história e suas personagens ao espaço da Nevski, é apontado por Berman como o responsável por inventar, talvez sem esta pretensão, “um dos principais gêneros da literatura moderna: o romance da rua da cidade, onde ela própria é o herói” (BERMAN, 1989, p. 188). No livro *Ferragus* (editado em 1834)¹¹¹, do escritor francês Honoré de Balzac, a cidade de Paris não é apenas o cenário dos acontecimentos narrados, como também uma das personagens do romance. As ruas e praças de Paris têm qualidades humanas; a cidade, “o mais delicioso dos monstros”, tem vida, pulsante e ruidosa. Sua complexidade está visível nas ruas, algumas se parecendo com más companhias, outras de má reputação, e há lugares onde tudo é novo, belo e reluzente. Mas é preciso se deliciar com Paris, conhecer sua fisionomia, saber de seus becos infindáveis e silenciosos das madrugadas, e aqueles que a conhecem bem, “percebem nela até mesmo uma verruga, um sinal de nascença, o menor rubor” (BALZAC, 2011, p. 28).

João do Rio, em *A Alma Encantadora das Ruas* (publicado em 1908), também percorre as artérias do Rio de Janeiro dando-lhes qualidades

¹¹¹ Ferragus, personagem do primeiro livro da trilogia “A História dos Treze”, é um dos integrantes de uma espécie de seita formada por treze homens, chamada de “Os Devoradores”. O romance integra o grandioso projeto literário de Balzac, *A Comédia Humana*.

humanas, atribuindo-lhes uma essência, para assim dizer da alma da cidade e a de seus moradores.

A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvia à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é – no encanto da vida renovada, no chilrear do passaredo, no embalo nostálgico dos pregões — tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos... (RIO, 2008, p. 30).

Entre 1880 a 1910, Buenos Aires passou por inúmeras transformações, a fim de atribuí-la à imagem de uma cidade moderna e progressista, aos moldes de urbanização europeus. A abertura da Avenida de Mayo, inaugurada em 1894, o principal legado da intendência de Torcuato de Alvear (considerado o Haussmann argentino; cf. RADOVANOVIC, 2002, p. 110; 156), o alargamento das avenidas Corrientes e Córdoba, a abertura das diagonais Sur e Norte e ainda a construção da ampla Avenida 9 de Julio, nas primeiras décadas do século XX¹¹², ao mesmo tempo em que implicaram em grandes demolições de quadras inteiras, incluindo as construções coloniais da cidade, integraram um projeto de Modernidade que por sua vez influenciou ou mesmo alterou o cotidiano de seus habitantes.

O aumento considerável da população durante esse período, por conta da imigração (sobretudo de origem europeia), e as rápidas mudanças pelas quais passou Buenos Aires no início do século XX transformando-a em uma cidade grande, moderna e cosmopolita, fizeram com que a percepção de seus habitantes fosse tomada por novas imagens e sensações até então nunca vistas e experimentadas:

A experiência da velocidade e a experiência da luz molda um novo elenco de imagens e percepções: quem tinha pouco mais de vinte e cinco anos em 1925 podia se lembrar da cidade da virada do século e comprovar as diferenças (SARLO, 2010, p. 37-38).

Este ambiente de *fervor* ensejou ainda a mirada de intelectuais como Jorge Luis Borges, Roberto Arlt, Ricardo Güiraldes, Alfonsina Storni, Victoria Ocampo, Adolfo Bioy Casares, Juan Carlos Onetti, que percorreram suas *calle*s e através da sua literatura evidenciaram o espaço urbano buenairense e construíram importantes visões urbanas, seja para encontrarem-se em meio à

¹¹² Ampla avenida que une o norte ao sul da cidade. Possui 120 metros de largura e 2600 metros de extensão (PAISAGE CULTURAL DE BUENOS AIRES, 2007, p. 80).

multidão desconhecida, seja para celebrar a cidade, seja para maldizê-la. Mas, sobretudo, por vivê-la.



Figura 69. Avenida de Mayo, Buenos Aires (Argentina). Fonte: PAISAGE CULTURAL DE BUENOS AIRES, 2007, p. 160. Figura 70. Calle Florida, Buenos Aires (Argentina). Fonte: PAISAGE CULTURAL DE BUENOS AIRES, 2007, p. 103.

Em Pelotas, dois livros têm como plano de fundo de seus enredos o centro de Pelotas, *A Vertigem*, de Jorge Salis Goulart (1925) e *Fios Telefônicos*, de Fernando Melo (1948, publicado em 1996). Seus personagens transitam por lugares conhecidos da cidade, como nos cafés e confeitarias da Rua XV, frequentam as festas no interior dos clubes sociais ou do salão da Bibliotheca Pública ou ainda as sessões de cinema do Teatro Guarany. Nas duas publicações os protagonistas são jovens, mas se diferem quanto à caracterização que seus autores lhes atribuem em relação às suas trajetórias, seus cotidianos e seus desejos.

Jorge Salis Goulart nasceu em 1899, na cidade de Bagé, e fez sua formação intelectual e profissional em Pelotas. Assumiu a direção do *Diário Popular* em novembro de 1927, e esteve à frente deste órgão na conflituosa situação política no Rio Grande do Sul, com a revolução constitucionalista de 1932, que interrompeu a circulação do *Diário* entre os meses de setembro a dezembro daquele ano. Dirigiu também o jornal pelotense *Diário Liberal*, órgão do Partido Republicano Liberal (apoiador do governo de Getúlio Vargas, fundado em 1932 por Flores da Cunha). Salis Goulart faleceu em 1934, após ir ao Rio de Janeiro em busca de tratamento médico. Sua incursão pela poesia e o romance foi curta, e suas principais publicações foram obras regionalistas, de

cunho histórico e sociológico, como *A Formação do Rio Grande do Sul*, sua principal obra¹¹³.

O referido romance *A Vertigem*, foi publicado pela editora da Livraria do Globo, em Porto Alegre. A história inicia com uma descrição do carnaval na cidade, no movimento dos foliões, no cheiro do éter do lança-perfume, das serpentinas, dos vendedores ambulantes, o que logo remete para uma atmosfera confusa – e vertiginosa – em que Salis Goulart busca inserir a história de seus personagens¹¹⁴.

Refluía [a multidão] para o estreito âmbito da rua 15 de Novembro ou se espalhava em remanso no largo espaçoso da praça da República. Por toda parte a atmosfera se impregnava de um cheiro forte de éter que os lança-perfumes expeliam. E as fitas esguias das serpentinas, em coleios multicores, semelhavam miríades de serpentes flexíveis que se enroscassem pelos colos das mulheres. E aqui, ali, destacando-se do concerto unísono das vozes amassadas numa imensa voz confusa, algum entusiasmo mais eloquente, explodindo num brado áspero, chamava por momentos a atenção dos que perpassavam numa ronda incessante em volta dos canteiros ou pelas calçadas estreitas da rua (SALIS GOULART, 1925, p. 03).

Em meio à multidão de foliões do carnaval da Rua XV, passavam os vendedores ambulantes com toda sorte de objetos e guloseimas, atraindo a atenção principalmente das crianças. “Vendedores de doces, empurrando mesas ambulantes, a feição de pequenos carros, furavam o rumor compacto do povaréu com o silvo estrídulo de buzinas ensurdecedoras” (SALIS GOULART, 1925, p. 03). O romance é perpassado pela visão elitista e conservadora do escritor, por exemplo, ao diferenciar os grupos das jovens operárias do grupo das jovens “elegantes”, descrevendo em um “contraste tocante” as vestimentas e o comportamento dos dois grupos nos festejos de rua. Para o autor, às operárias e seus namorados só lhes era possível desfilar na Rua XV em tempos de carnaval, época de inversão social.

Era interessante o aspecto das operárias, muitas das quais só aparecem na rua 15 em época de carnaval, trazendo fitas de cores espalhafatosas, vestindo roupas novas, fora da moda. Junto delas, namorados, trajando de cassineta ou envergando casacos de pano de dama, balbuciavam futilidades, num riso alvar, em contraste tocante com os grupos elegantes e escolhidos que se aglomeravam pelas portas das lojas, e que eram infinidades de flores humanas,

¹¹³ Cf. MARTINS, Jefferson Teles. *O pensamento histórico e social de Jorge Salis Goulart: uma incursão pelo “campo” intelectual rio-grandense na década de 1920*. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2011.

¹¹⁴ A ortografia da edição do romance foi atualizada.

borrifadas de joias e de sorrisos, arfando os seios entumecidos debaixo da seda das vestes, num desabrochar maravilhoso de delicadeza e de bom gosto (SALIS GOULART, 1925, p. 04-05).

Dentro dos festejos de carnaval da cidade, o autor aborda suas divisões sociais ao narrar a festa dos negros, onde toda a adjetivação do parágrafo sugere barulho e desordem. Salis Goulart infere ainda que um carnaval mais livre, popular, com a presença marcante dos negros, ocorria no interior da Praça da República e na Rua Tiradentes:

Para o centro da praça, onde uma banda executava, ao compasso de chocalhos rechuchados, uma porção de tangos farfalhantes, centenas de descendentes das arengas africanas, recordando talvez os meneios desequilibrados do cateretê, desnalgavam-se em requebros incoordenados, em coleios espasmódicos, num barulho de chiado que soltavam entre os dentes e os lábios, trazendo para o redondo da praça todos os bailados canalhas da rua Tiradentes (p. 05).

Enquanto a festa na Rua XV, Salis Goulart adjetivava de maneira distinta, onde tudo sugere ordem, beleza, ostentação, como os desfiles das Rainhas dos clubes, convertidos em uma das atrações principais do carnaval, que arrastavam “multidões apaixonadas” (SALIS GOULART, 1925, p. 07). Ao descrever o carnaval na cidade, esta pouco conhecida obra de Salis Goulart se transforma em um testemunho da festa da Rua XV.

Como o perpassar coleante de uma longa serpente, movimentando os anéis de sua estrutura, o curso não cessava a sua passagem lenta, abraçando a rua 15 numa cadeia ondulante de caras risonhas e cabeleiras salpicadas de grandes laços de fita (SALIS GOULART, 1925, p. 09).

A personagem central do romance é a bela Marina, que conheceu Alfredo em meio às trocas de olhares e de lança-perfumes do carnaval. Marina era casada com Heitor, um casamento infeliz que já durava dez anos. Traída, entediada, cuidando de um filho que era apenas de seu marido, Marina buscava mudança de ares, libertar-se da rasa planície que era sua alma, e que se repetia todos os dias como a linha única das platibandas das casas antigas de Pelotas. A amiga Estela, que adorava ir ao cinema, aconselhava Marina a se envolver amorosamente com alguém. O título do livro remete justamente a esta situação em que Marina se encontrara após conhecer Alfredo, na vertigem do abismo que o olhar do jovem prenunciava.

Os vertiginosos ritmos norte-americanos que dominavam na quermesse do salão da Bibliotheca Pública, Salis Goulart, carregado de uma visão moralista, desaprovava. Caracterizando de forma pejorativa as danças e

ritmos em voga nos anos 1920, o autor os classifica como uma expressão da cultura ocidental decadente e etnicamente inferior – caso do *Shimmy*, que alcançando grande popularidade até entre as elites brasileiras, para o conservador autor, ia desmoralizando e desnacionalizando lares, desvirtuando costumes e consciências: “Uma dança farfalhante, misto de candomblé barbaresco, rodopiado por milungos e cabranazes em tremuras epilépticas, e da barulheira dos pirotécnicos “halls” dançantes de Nova York (...)” (SALIS GOULART, 1925, p. 34)¹¹⁵.

Os jovens personagens, Alfredo, Carlos e Luís, costumam se encontrar para ver a movimentação da saída de uma sessão no Ponto *Chic* ou se reunir nos cafés da Rua XV para discutir política. Conforme o romance, o principal ponto de encontro dos rapazes para se encontrarem e discutirem política era o Café Nacional, onde se acaloravam discussões acerca do momento político do Rio Grande do Sul, proveniente da Revolução de 1923¹¹⁶.

O “Café Nacional”, que nos últimos tempos se tornara um verdadeiro formigueiro de boatos e de sussurro partidários, se agitava agora num arrastar de cadeiras, num murmúrio de xícaras que se abandonam, indicando movimento de atenção para a conversa próxima (SALIS GOULART, 1925, p. 31).

Tais discussões eram abrandadas entre os rapazes quando da passagem de uma bela mulher. Ao desfile na calçada fronteira de Estela e Marina, saindo do Ponto *Chic*, o assunto mudara instantaneamente: os jovens falavam agora de amor. O rico comércio de joias da Casa Lévy fazia as mulheres sonharem com suas especialidades, como Salis Goulart sugere através da vaidosa personagem Marina:

Esperava o marido. Dissera este que lhe traria um colar precioso. E o seu espírito de vaidosa já sorria no íntimo, vendo-se admirada pelos olhares percucientes dos elegantes da rua 15 e a inveja mal contida das freguesas insofridas do “Levy” (SALIS GOULART, 1925, p. 58).

¹¹⁵ Uma crítica parecida foi encontrada em uma coluna veiculada pelo *Diário*, intitulada “Extravagâncias e audácias das danças modernas”, direcionada a danças como o *charleston black-bottom*. Consideradas extravagantes e audaciosas, “nada aristocráticas”, tais danças eram contrárias às danças de outrora. Para o autor da coluna, representavam o “tempo da vertigem, do dinamismo das criações cerebrais”, implicando em novos costumes que por sua vez, significavam a perda da rigidez dos mesmos (*Diário Popular*, Pelotas, 06 fev. 1931, p. 1).

¹¹⁶ Em uma nota de fechamento da obra, Salis Goulart esclarece que as calorosas discussões políticas dos fregueses do Café Nacional, entre partidários e não partidários do borgismo (relativo ao governo de Borges de Medeiros), mencionadas no capítulo IV, não refletiam sua opinião pessoal, apenas refletiam o ambiente político proveniente da Revolução de 1923.

A história é trágica para a protagonista Marina, que pagou um alto preço perante uma sociedade conservadora ao tentar buscar sua felicidade fora do casamento. A fim de fugir da tentação de se entregar a Alfredo e trair o marido (e conseqüentemente ficar mal afamada pela sociedade), decide ir para a capital, Porto Alegre, onde tinha uma irmã. Alfredo também vai, e cercando Marina, consegue que a jovem se entregue a ele. Porém, Marina será enganada novamente: com pretexto de encontrar um tio, Alfredo vai para Curitiba e de lá não pretende voltar tão cedo, esquecido já de seu namorico. Luís, que se tornara confidente de Marina, decide contar-lhe tudo para se aproximar da apaixonante jovem.

Para vingar-se de Alfredo, Marina planeja entregar-se ao seu amigo, Luís; como testemunha, usaria seu próprio marido. Manda bilhetes aos dois, e após, os três se encontram no Clube de Regatas, às margens do São Gonçalo. Com um chicote em punho, o marido traído ia vingar-se, mas Luís sacou um revólver e atirou cinco vezes contra Heitor. Uma multidão de curiosos logo se formou; no dia seguinte, os jornais se esgotavam com a notícia estampando os principais clichês. Desmoralizada, a “messalina”, como ficara conhecida entre a sociedade, entregara-se ao vício da cocaína, e cabendo-lhe apenas escolher entre a prostituição e a mancebia, optava por viver ao lado de Alfredo. No julgamento, Luís foi absolvido, pois se entendeu que fora vítima de uma mulher voluptuosa e devassa. Após uma séria enfermidade que acometeu Alfredo, Marina descobre ser verdadeiramente amada. Os dois então, levados pelo belo dia que despontava no horizonte da cidade, decidem esquecer o passado e permanecerem juntos, pelo amor que os unia.

Conforme os organizadores da edição de *Fios Telefônicos*, Adão Monquelat e Klécio Santos, Fernando Melo nasceu em Pelotas em 1922, filho de um fazendeiro de Dom Pedrito. Fernando Melo foi escritor, poeta, pintor, jornalista. Por intermédio do metalúrgico Abílio Fernandes filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), tendo por isto vivido na clandestinidade e se refugiado no Uruguai. Morreu em Caxias do Sul no ano de 1949, aos 27 anos, e as circunstâncias de sua morte são obscuras; aparentemente, fora baleado pela polícia. À exceção de poemas publicados em jornais nos quais foi colaborador, ou de um livro póstumo, *Deixemos as Rosas para Amanhã* (publicado por *Cadernos do Horizonte*, do PCB), boa parte de sua obra

continua inédita¹¹⁷. Esta novela, de 1948¹¹⁸, ambientada em Pelotas, é povoada de personagens simples e de cotidianos comuns, que caminham pelos cafés, ruas e praças da cidade.

Aqui de cima, podeis ver como são retas e planas as ruas da pequena cidade. Aquela ruazinha estreita, no centro, é a rua 15 de Novembro, onde se faz o *futing* e onde estão localizados os Cafés sempre cheios e barulhentos (MELO, 1996, p. 13).

Os ideais socialistas do autor transparecem a todo o momento. A miséria está escondida nos bairros; estes estão afastados do centro, onde há jardins bem tratados e uma torre em miniatura do Arco do Triunfo. Diferentemente da abordagem de Salis Goulart, Fernando Melo denuncia a desigualdade social na cidade com um senso mais crítico e denunciativo.

Parte do povo se orgulha de pequenas coisas: da beleza quieta da cidade, de suas praças, das mulheres lindas que passeiam em suas ruas (Pelotas já forneceu uma Miss Universo, Iolanda Pereira), do Jockey Club, das Exposições agrícolas-pastoris... Mas, na esquina do Mazza, em pleno centro da cidade, está um mendigo de mão estendida. É que em Pelotas também há miséria (MELO, 1996, p. 13-14).

A história tem vários personagens que se comunicam a todo o momento por ligações telefônicas, assim como as telefonistas Elisa e Adélia, que invejam Laura por ser viajada e por poder comprar vestidos caros para ir aos bailes do Clube Comercial. Já os rapazes, que faziam dos cafés seus pontos de encontro, viviam criticando em altos brados o governo getulista. Mário, um dos jovens, censurava a atitude partidária de seus amigos, com frases do tipo: “Isso não é comunista, coisa nenhuma!”, “Tu já reparaste que a polícia não dá bola pra vocês? Vocês são comunistas de café. E a burguesia não se incomoda com isso” (MELO, 1996, p. 31).

No Capitólio ou no Guarany, formavam-se filas para as sessões de cinema, “um dos poucos divertimentos da cidade”. Ricardo, um dos personagens, ironiza: “Aqui, podemos escolher entre ir ao cinema, ir ao cinema pela segunda vez e ir ao cinema pela terceira vez...” (MELO, 1996, p. 33). Ponto de encontro dos jovens eram também as calçadas da Rua XV, onde costumavam ficar parados, em conversas ou para olhar o passeio das jovens,

¹¹⁷ No *Diário*, foi encontrado um conto de Fernando Melo, intitulado “Pedro mais zero igual a zero”. *Diário Popular*, Pelotas, 03 out. 1943, p. 3.

¹¹⁸ Embora esta novela seja de 1948, sua trama parece se desenrolar no ano de 1944, haja vista os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial que os personagens acompanham pelos noticiários do rádio.

ou ainda para frequentarem os cafés e as confeitarias endereçadas nessa via, como o Café Santos (onde Lauro manda chamar por telefone Ricardo para noticiar-lhe que cometerá suicídio, naquela noite) e a Confeitaria Nogueira.

A frente da Confeitaria Nogueira estava iluminada. Alguns rapazes estavam parados, de costas para as vitrines, vendo o movimento. Alfredo convidou pra elas comerem um doce e entraram. Depois de comerem os doces, enquanto cumprimentavam as amiguinhas, retiraram-se. Lina ouviu um dos rapazes dizer-lhe, quase num cochicho:

- Beleza! Mas não olhou e rumaram para o teatro, apressados (MELO, 1996, p. 36).

Os divertimentos, os flertes, os passeios e o movimento da Rua XV estão muito presentes no caminho dos personagens: é pela via central que se encontram, que passeiam ao sair do trabalho, que discutem política e observam o movimento das jovens que fazem o tradicional *footing*.

Saíram. Agora o movimento na rua 15 era maior. As moças iam e vinham nas calçadas estreitas, enquanto os rapazes estavam parados no meio da rua, namorando e discutindo. Na esquina do Palácio do Comércio tinha pouca gente, apesar de não estar ventando. Ali era a “Esquina dos Ventos Uivantes” e a rapaziada gostava de parar para ver o vestido das moças levantar quando ventava. Agora, começava um nevoeiro que vinha descendo, de vagar, enchendo as ruas (MELO, 1996, p. 53).

Lugar de convivência dos jovens personagens, que recebia apelidos destes frequentadores: a esquina das ruas XV e Sete, sempre tão movimentada, era alcunhada de a “Esquina dos Ventos Uivantes”, e o Café Nacional, situado na mesma esquina, no andar térreo do saliente prédio do Palácio do Comércio, já tinha igualmente a essa altura seu apelido: “Aquário”, e a explicação para tal deve realmente ser por causa de suas amplas vidraças, como sugere Melo.

O Café Nacional, com suas largas vidraças, exibia uma ruidosa freguesia lá dentro, onde o ar morno e uma eletrola berrava um samba. Os garçons, com as bandeijas nas mãos e o guardanapo dobrado sobre o braço esquerdo, estavam atarefados e iam e vinham por entre as mesas.

- E se a gente tomasse um conhaque no “Aquário” – propôs Ricardo.
- Maurício e Júlio concordaram com o companheiro e entraram. A eletrola tocava um tango:

“Uno busca lleno de esperanza...” (MELO, 1996, p. 53-54).

Para além do desenrolar da trama dos personagens, nesta novela, Melo expressa seus sentimentos diante daquilo que lhe afligia, seu desejo de melhorar o mundo cheio de injustiças em que vivia, de fazer a diferença, mas expressa também suas limitações, um certo pessimismo em efetivamente ver

essas mudanças. Enquanto conflitos decisivos da Segunda Guerra Mundial ocorriam na Europa, o personagem Júlio encontrava-se em Pelotas, sem poder fazer nada.

Júlio chupou o cigarro e deixou escapar a fumaça lentamente. Pelotas! Estava em Pelotas, enquanto se abria a Segunda Frente na Europa. Um novo mundo ia surgir. Hitler ruiria por terra, com todo o seu poderoso e “magnífico” Reich! Ele em Pelotas! Fim do mundo! O mundo tem dois bilhões de seres, quantos saberiam que existe uma cidadezinha no Rio Grande do Sul, Brasil, chamada Pelotas? (MELO, 1996, p. 92).

Os personagens de Melo não se restringem aos tradicionais pontos de encontros da cidade, como a Rua XV, e menciona pontos de diversão localizados às margens do centro da cidade, como *snookers* e pensões. Caso da “Pensão da Noca”, em que o personagem Lauro, ao sair de um cabaré, passa em frente e ouve a voz triste de uma mulher a cantar um tango. Cita ainda um *snooker*, chamado “Bataclan”. Mas o principal deles é o Balalaika, citado por Melo como um lugar para dançar, onde tocavam tangos e os frequentadores, muitos deles alcoolizados, dançavam sob a penumbra do local¹¹⁹.

A constituição dos personagens de Fernando Melo muitas vezes é construída de modo a contrastarem entre si, ou seja, enquanto alguns estão envolvidos com política (boa parte deles são comunistas que tem de se reunir às escondidas) e com os problemas sociais, outros apenas almejam status social. Por exemplo, o idealismo do personagem Mário contrasta com o fútil personagem Juca, que ao contrário do idealista Mário não se interessava por assuntos políticos, e achava estupidez morrer pelos outros. Juca, tal qual um *bon vivant*, não dispensava aqueles programas considerados chiques.

Para ele [Juca], viver significa fazer aquilo que ele considerava prazer: - não perder por cousa nenhuma do mundo os bailes do Diamantinos ou do Caixeiral, ou do Comercial, frequentar a “Sociedade”, assistir os saraus da “Sociedade de Cultura Artística”, entrevistar figurões ou garotas de Companhias de Revista, quando vinham a Pelotas, Tomar um chop em boa “companhia” no recanto discreto da Confeitaria Nogueira, ir ao Prado aos domingos de tarde, assistir os casamentos das filhas ou filhos das famílias tradicionais (MELO, 1996, p. 133).

¹¹⁹ Provavelmente, Melo esteja fazendo referência ao Bar Balalaika, localizado na Rua Marechal Deodoro quase esquina com a Rua Marechal Floriano, o “maior e mais luxuoso grill-room de Pelotas”. Cf. *A Opinião Pública*, Pelotas, 02 jan. 1942, p. 2.

Aqui também a Rua XV foi uma protagonista, não exatamente uma personagem – como o fizeram Balzac ou João do Rio com suas ruas parisienses e cariocas, respectivamente –, mas através destes dois livros, evidencia-se mais uma vez que a artéria central ocupou um espaço relevante na vida urbana de Pelotas, como o trajeto preferido para os passeios, para os flertes, aos encontros, para ver e ser visto.

Certamente, cada qual à sua maneira, estes dois testemunhos literários¹²⁰ se constituem em importantes visões urbanas, que ao escolherem como cenário a cidade de Pelotas, da primeira metade do século passado, para o desenrolar de suas tramas, contribuem para que conheçamos a cidade que estes dois autores construíram, a partir de suas visões de mundo. Retomando Pesavento (1995b), que considera a preocupação com a verossimilhança uma realidade tanto da história quanto da literatura, estas visões refletem a visão que cada autor construiu ao se voltar para Pelotas, tendo-se em vista, evidentemente, suas liberdades de criação artística, porém, é certo que estão ancoradas na forma de como cada autor via a cidade e a sociedade nas quais estavam inseridos, e dessa forma, suas preocupações com a realidade que lhes cercava está contida nas páginas de seus escritos, na constituição dos personagens, na cidade que lhes serve de plano de fundo.

¹²⁰ Em 2008, foi publicada pela Cosac Naify a ficção literária do cantor e compositor pelotense Vitor Ramil, ambientada na úmida Satolep (anagrama da palavra Pelotas), que dá título ao livro. Nela, conhecidos personagens e lugares da cidade se entrecruzam em um mesmo espaço temporal. O personagem principal, o fotógrafo Selbor (outro anagrama, desta vez com o sobrenome do fotógrafo Robles, que possuía um estúdio na Rua XV), retorna a Satolep, cidade que havia deixado para trás há muitos anos. Neste reencontro, Selbor se encontra não apenas com seu passado, mas também com a cidade e seus personagens, que dialogam com o fotógrafo enquanto ele se acha envolvido em decifrar o enigma contido em uma fotografia.

Considerações Finais

As ruas são plenas de historicidade, e estudá-las é uma oportunidade de entender a história urbana ao perscrutar a memória da cidade e a cidade na memória (Oliveira, 2007). Partindo inicialmente do que estipula o III Plano Diretor de Pelotas (2008), em seu Artigo 76, em que o trecho central da Rua XV de Novembro (entre as praças Coronel Pedro Osório e José Bonifácio) é entendido como Área Especial de Interesse Cultural, este estudo objetivou compreender os pressupostos que atribuem a este trajeto da área central de Pelotas tal condição.

Segundo este texto, o trecho central da rua possui referenciais culturais que por sua vez, são identificados como propiciadores de práticas sociais. Tais elementos apresentados pelo tradicional percurso são as caminhadas (o *footing*), o comércio, o carnaval, os cafés, confeitarias e cinemas, propiciadores de encontros, convívios e passeios. Conforme o Artigo, esta característica se mantém ainda nos dias atuais, potencializada com a presença do calçadão da Rua XV entre a Rua Sete de Setembro e a Praça Coronel Pedro Osório.

A noção de referência cultural propõe ultrapassar o entendimento do patrimônio como algo estático, preso a algum momento histórico, percebendo a constituição do bem patrimonial como algo dinâmico, que dialoga com o presente e o futuro do que lhe cerca (Fonseca, 2009).

Ao buscar a histórica Rua XV de Novembro em seus referenciais, pode-se inferir que estes elementos não devam ser entendidos como uma realidade presa ao passado, ao contrário, possibilitam perceber suas correspondências com o presente, como algo vivo. Relacionam-se à dinâmica da cidade, ao seu crescimento, às suas mudanças, e dessa forma, não deixam definitivamente para trás certas permanências do pretérito. A "esquina dos cafés", hoje carinhosamente alcunhada por muitos como a "esquina 22", referência ao resultado da soma dos números Quinze e Sete, é certamente sua prova mais representativa. Nela, o Café Aquário, "refrão urbano de vidro e de

luz”, como chamou Vitor Ramil, é um dos traços mais fortes das sociabilidades da cidade contemporânea. Como se buscou evidenciar neste trabalho, fora justamente a Rua XV (a “artéria central” de Pelotas, como lhe alcunhou a imprensa periódica local), a protagonista deste convívio urbano.

Os olhares lançados pelos periódicos para a área central de Pelotas foram, sem dúvida, o mote desta pesquisa. As colunas, as notas, as crônicas e as fotografias foram entendidas partindo do pressuposto de se constituírem em visões urbanas. Ao se voltarem para o espaço urbano de Pelotas, notadamente de sua via principal, construíram narrativas importantes de seu cotidiano, de seus problemas e de suas transformações, e dessa forma, compuseram elementos para a ideia de uma urbe moderna, culta e progressista.

O Primeiro Capítulo inicialmente tratou da Cidade como categoria de estudos, privilegiando entendê-la em sua dimensão patrimonial, onde o espaço e os elementos que compõem sua paisagem atestam sua historicidade, que por sua vez, são passíveis de serem patrimonializados. O espaço urbano pelotense foi enunciado, sobretudo, através das iniciativas de modernização ocorridas entre o final do século XIX e início do século XX, as quais incidiram em transformações da paisagem bem como na incorporação de novos hábitos. Tratou-se ainda da relação entre a cidade e a imprensa, a fim de situar no contexto citadino os dois jornais diários pesquisados e destacá-los como importantes difusores de ideais de urbanidade e civilidade, proclamados pela cidade moderna.

No Segundo Capítulo, apresentou-se um estudo da Rua XV de Novembro em seus “referenciais”: nos passeios, onde uma série de medidas para o trânsito de veículos e pedestres pela artéria central refletiram alterações do tempo e da forma de viver a cidade. Buscou-se enfocar o comércio como agente integrante de um espaço de convívio da cidade, nos passeios pelas vitrines, na apreciação das últimas novidades e na frequência aos pontos de encontros que representaram os cafés e as confeitarias. E no carnaval, delimitado pelo recorte temporal da pesquisa nos periódicos, destacou-se sua importância para a cidade, bem como a relação com o comércio local e as iniciativas de reavivamento da folia de rua, tomadas pelo *Diário Popular*.

No Terceiro e último Capítulo, três pontos enfocaram as narrativas urbanas: as crônicas, extraídas das colunas sociais dos periódicos, se voltaram

para o movimento da Rua XV ao sabor da “época mundana”. Uma análise de dez fotografias tentou construir uma narrativa da artéria central, evocando importantes elementos presentes em sua paisagem. Por último, dois exemplares literários que desenrolaram suas tramas neste cenário urbano pelotense, encerram a busca das imagens da cidade geradas a partir das formas escritas.

A Rua XV de “bizarros” foliões nos meses de fevereiro, de beldades a desfilarem suas finas *toilettes* para a inspiração de cronistas, de paisagens captadas por literatos, da estreiteza e do trânsito difícil, dos cafés, das rodas de conversas, das calorosas discussões. “Nessa rua 15 de Novembro onde nos cafés perambulam poetas, parnasianistas, cubistas, surrealistas, marianistas, etc., etc.” (*Diário Popular*, janeiro de 1946). O espaço das novidades nas vitrines, assim como dos mendigos, bilheteiros, das diferenças sociais. A Rua XV que, sem dúvida, ainda guarda em seu caminho de paralelepípedos correspondências com esse passado vislumbrado nas páginas impressas dos jornais diários. Nas mesmas quadras onde as pessoas teimam em palestrar pelas calçadas; onde chamam a atenção as vitrines das lojas; onde o *Diário Popular* ainda busca a imortalidade do seu carnaval, ao promover nos últimos anos concursos de conjuntos vocais.

Hoje, ao caminhar por esta antiga via, porque passei a vê-la de outra forma enxergo coisas que antes não sentia, pois, de forma sincera, ao projetar esta pesquisa em 2010, em meio a tantas dúvidas e incertezas, não imaginava o quão representativa se afigurou para a história urbana de Pelotas. E que encantos e que prazeres passear por esta rua nestes últimos dois anos, ora hoje, ora nas décadas de 20, 30, 40. Em percalços da paisagem também, mas, sobretudo, em bonitas descobertas.

“... que os azuis, amarelos, verdes e rosas das fachadas ganhariam a ambiguidade profunda da memória, que a mica dos cimentos-penteados refletiria todos os sóis até o último pedaço de parede, que as pedras do calçamento organizariam jardins durante a invasão incontrolável dos banhados, que os telhados desabados contariam histórias interiores e as madeiras carcomidas descreveriam este nosso tempo com o refinamento e a credibilidade das antigas escrituras” (RAMIL, 2008, p. 275).

Fontes consultadas

Acervo Bibliotheca Pública Pelotense, seção jornais

Diário Popular (1920-1950)

Elegante, O (1928)

Opinião Pública, A (1920-1950)

Núcleo de Documentação Histórica – NDH/UFPeI

CARRICONDE, Clodomiro C. *Álbum de Pelotas 1922*. Pelotas.

Laboratório de Acervo Digital, Universidade Católica de Pelotas

Projeto Pelotas Memória

Seção de Postais

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Liciane; BASTOS, Michele. A experiência da cidade de Pelotas no processo de preservação patrimonial. **Revista CPC**, São Paulo, v.1, n.2, p.96-118, maio/out. 2006. Disponível em:

<<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n2/a07n2.pdf>> Acesso em: 20 jul. 2011.

ANDRADE, Adênia S. As faces culturais de uma rua: Aracaju – 1920 a 1940. **Horizontes**, v. 26, n.1, p. 53-61, jan/jun. 2008. Disponível em:

<http://www.saofrancisco.edu.br/itatiba/mestrado/educacao/uploadAddress/Horizontes_26_1_05%5B10992%5D.pdf> Acesso em: 17 jun. 2011.

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX**. Pelotas: Ed. UFPel, 2000.

ARENDDT, Hannah. **Entre Passado e Futuro**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2009.

ARGAN, Giulio. **História da Arte como História da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ARIÈS, Philippe. A família e a cidade. In: VELHO, Gilberto; FIGUEIRA, Sérvulo A. (org). **Família, Psicologia e Sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

AZEVEDO, Thales de. Namoro à antiga: tradição e mudança. In: VELHO, Gilberto; FIGUEIRA, Sérvulo A. (org). **Família, psicologia e sociedade**. Rio de Janeiro: Campus, 1981.

BACHELARD, Gaston. **A Poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BALZAC, Honoré de. **Ferragus**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

BARRETO, Álvaro. **Dias de Folia**. O carnaval pelotense de 1890 a 1937. Pelotas: Educat, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III**. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.

BERBERI, Elizabete. **Impressões**: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Dissertação (Mestrado em História). Curitiba: UFPR, 1996.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. Ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARLOS, Ana Fani A. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **A cidade**. O homem e a cidade. A cidade e o cidadão. De quem é o solo urbano? São Paulo: Ed. Contexto, 2007.

CARPINTERO, Antonio Carlos C. **Momento de ruptura**. As transformações no centro de Campinas na década dos cinquenta. Campinas: CMU/Unicamp, 1996.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**. O Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTRO, Maria Helena S. **O literário como sedução**. A publicidade na Revista do Globo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

CHARLE, Christophe. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balanço crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, Flávio (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CHAVES, Rita Miréle. **Arquitetura Moderna em Pelotas – aspectos de uma particularidade**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CHOAY, Françoise. **Urbanismo**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2010.

CUNEGATTO, Thais. **Etnografia na Rua da Praia**: um estudo antropológico sobre cotidiano, memória e formas de sociabilidade no centro urbano porto-alegrense. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Porto Alegre: UFRGS, 2009.

DA MATTA, Carmen. Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. **Revista Rio de Janeiro**, n. 10, maio-ago. 2003. Disponível em: <http://www.forumrio.uerj.br/documentos/revista_10/10-Carmen.pdf> Acesso em: 23 dez. 2012.

DIAS, Renato D. **Um olhar jurídico-multidisciplinar sobre a preservação do patrimônio cultural edificado na cidade de Pelotas**. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: UFPel, 2009.

DIOGO, Marcia Cezar. O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro. *In*: CHALOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso (orgs.). **História em cousas miúdas**. Capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

FEIJÃO, Rosane. Smartismo: elegância masculina e modernidade no início do século XX no Rio de Janeiro. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, **Intercom**, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1242-1.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2012.

FONSECA, Maria Cecília L. **O Patrimônio em Processo**. Trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso** (aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970). São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREHSE, Fraya. **O tempo das ruas na São Paulo de fins do Império**. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. Usos da rua. *In*: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (org.). **Plural de Cidade**: novos léxicos urbanos. Coimbra: Edições Almedina, 2009, v. 1, p. 151-170.

GERMANO, Iris Graciela. **Rio Grande do Sul, Brasil e Etiópia**: os negros e o carnaval de rua de Porto Alegre nas décadas de 1930 e 40. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: UFRGS, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: Ed. UNESP, 1991.

GOMES, Angela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. *In*: NOVAIS, Fernando; SCHWARCZ, Lilia M. (org.). **História da vida privada no Brasil**, v. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GOULART, Jorge Salis. **A Vertigem**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1925.

GULLAR, Ferreira. **Cidades Inventadas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

GUTIERREZ, Ester. **Negros, charqueadas e olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 1993.

_____. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas: Ed. UFPel, 2004.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JEUDY, Henry-Pierre. **Espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A cidade**. Os cantos e os antros. Campinas, 1850-1900. São Paulo: Edusp/Ed. da Unicamp, 2008.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Ed. Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

_____. **Por amor às cidades**. Conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos da cidade**: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

LEPETIT, Bernard. **Por uma nova história urbana**. São Paulo: Edusp, 2001.

LEWGOY, Bernardo. Os cafés na vida urbana de Porto Alegre (1920-1940): as transformações em um espaço de sociabilidade masculino. *In*: LEAL, Ondina Fachel (Org.). **Cadernos do PPGAS/UFRGS**. Cultura e identidade masculina. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1991, v. 7. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/11836/7014>> Acesso em: 14 mar. 2012.

LISPECTOR, Clarice. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1998.

LLOYD, Reginald. **Impressões do Brasil no século vinte**: sua história, seu povo, comércio, indústrias e recursos. (Ed. por Joaquim Eulalio/RJ). Londres: Lloyd's greater britain publishing company, 1913. Edição digitalizada por *Novo Milênio*. Disponível em: <<http://www.novomilenio.inf.br/santos/h0300g00.htm>> Acesso em: 12 nov. 2012.

LONER, Beatriz A. Jornais pelotenses diários na República Velha. **Ecos Revista**, v.2, n.1, Pelotas: Educat, abril 1998, p.5-34.

LOPES, André Luís B. **A modernização do espaço urbano em Pelotas e a Companhia Telefônica Melhoramento e Resistência (1947-1957)**. Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2007.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla B. (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Ed. Contexto, 2011.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Arte e comunicação. Lisboa: Edições 70, s.d.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História e tradições da cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário, 1999.

MARRONI, Fabiane Villela. **Pelotas (re)vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). São Paulo: PUCSP, 2008.

MATTEDI, Paulo Roberto. **Uma leitura da construção da paisagem da rua 15 de novembro, Blumenau-SC**. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade). Florianópolis: UFSC, 2009.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. *In*: **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Sér. v.13. n.1. p. 133-174. jan-jun. 2005.

MELO, Fernando. **Os fios telefônicos**. Pelotas: Ed. UFPel, 1996.

MICHELON, Francisca F. A cidade como cenário do moderno: representações do progresso nas ruas de Pelotas (1913-1930). **Biblos**, Rio Grande, 16: 125-143, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/index.php/biblos/article/viewFile/417/101>> Acesso em: 24 nov. 2011.

_____.; SCHWONKE, Raquel S. **Retratos de uma Cidade**. Pelotas: Ed. UFPel, 2008.

MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**. A construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTONE, Annelise C. **Representações da vida feminina em um acervo de imagens fotográficas do Museu da Baronesa, Pelotas/RS: 1880 a 1950.** Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: UFPel, 2011.

MORAES, José Geraldo V. **Cidade e cultura urbana na Primeira República.** São Paulo: Editora Atual, 1994.

MOURA, Rosa Maria Garcia R. **Habitação popular em Pelotas (1880-1950):** entre políticas públicas e investimentos privados. Tese (Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2006.

MÜLLER, Dalila. **Feliz a população que tantas diversões e comodidades goza:** espaços de sociabilidade em Pelotas (1840-1870). Tese (Doutorado em História). São Leopoldo: Unisinos, 2010.

NASCIMENTO, Luciana M. Belo Horizonte: a cidade de papel. **Em Tese.** Belo Horizonte, v. 3, p. 67-75, dez. 1999.

OLIVEIRA, Iranilson B. Temp(l)os de consumo: memórias, territorialidades e cultura histórica nas ruas recifenses dos anos 20 (século XX). **Saeculum** Revista de História. João Pessoa, jan/jun/ 2007, n. 16. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum16_dos05_oliveira.pdf> Acesso em: 20 nov. 2012.

PADILHA, Marcia. **A cidade como espetáculo:** publicidade e vida urbana na São Paulo dos anos 20. São Paulo: Annablume, 2001.

PAISAGE CULTURAL DE BUENOS AIRES: el río, la pampa, la barranca y la inmigración. Buenos Aires: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, 2007.

PARADEDA, Maria Regina. **Arquitetura da paisagem e modernidade:** um estudo sobre representações e memória das praças de Pelotas (1860-1930). Dissertação (Mestrado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2003.

PESAVENTO, Sandra J. **RS: a economia e o poder nos anos 30.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

_____. Muito além do espaço. Por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995a, p. 279-290.

_____. Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (séculos XIX e XX). *In: Revista Anos 90*, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995b, p. 115-127.

_____. (coord.). **O espetáculo da rua.** Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

_____. **O imaginário da cidade.** Visões literárias do urbano. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

_____. Espacios, palabras, sensibilidades, **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, Coloquios, 2008 [En línea]. Puesto en línea el 01 enero 2008. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/15092>> Acesso em: 24 nov. 2011.

POE, Edgar Allan. O homem da multidão. In: _____. **Histórias Extraordinárias** (seleção, tradução e apresentação de José Paulo Paes). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POSSAMAI, Zita R. Fotografia, história e vistas urbanas. **História**, São Paulo, 27 (2): 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/his/v27n2/a12v27n2.pdf>> Acesso em: 14 mar. 2012.

POULOT, Dominique. Um ecossistema do patrimônio. In: CARVALHO, Cláudia S. Rodrigues (et. al.) (org.). **Um olhar contemporâneo sobre a preservação do patrimônio cultural material**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y Sociedad**, n. 27, Madrid, 1998, p. 63-76.

QUIRÓZ, Pilar González B. La sociabilidad y la historia política. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos, BAC** - Biblioteca de Autores del Centro, 2008 [En línea]. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/24082>> Acesso em: 14 mar. 2012.

RADOVANOVIC, Elisa. **Buenos Aires ciudad moderna (1880-1910)**. Buenos Aires: Ediciones Turísticas de Mario Banchik, 2002.

RAMIL, Vitor. **Satolep**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas** (org. de Raúl Antelo). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ROCHA, Ana Luiza C.; ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2005.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SANTOS, Carlos Alberto. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil (1870-1931)**. Tese (Doutorado em Arquitetura). Salvador: UFB, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SARLO, Beatriz. **Modernidade Periférica**. Buenos Aires 1920 e 1930. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre: UFRGS, 1993.

SEBRELI, Juan José. **Buenos Aires, vida cotidiana y alienación** (seguido de Buenos Aires, ciudad en crisis). Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público.** As tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÉREN, Maria do Carmo. **Metáforas do sentir fotográfico.** Porto: Centro Português de Fotografia/Ministério da Cultura, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. *In:* _____ (org.). **História da vida privada no Brasil 3.** República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOARES, Paulo Roberto R. La construcción social de la forma urbana: la ciudad de Pelotas (Brasil) en la transición de los siglos XIX y XX. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales.** Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2006, vol. X, núm. 218 (40). Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-218-40.htm>> Acesso em: 24 ago. 2011.

TANNO, Janete L. A rua como espaço de socialização e lazer. São Paulo (1920-1945). **Patrimônio e Memória.** UNESP – FCLAs – CEDAP, v. 5, n.1, p. 72-88 - out. 2009. Disponível em:

TORRESINI, Elizabeth R. **História e Literatura** (ensaios). Porto Alegre: Litteralis, 2007.

YATES, Frances. **A arte da memória.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

YORY, Carlos Mario. **Del monumento a la ciudad.** El fin de la idea de monumento en el nuevo orden espacio-temporal de la ciudad. Bogotá: Centro Editorial Javeriano, 2002.

YUNES, Gilberto S. **Cidades reticuladas:** a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). São Paulo: FAU-USP, 1995.

Anexos

ANEXO 1

Endereços comerciais¹²¹ – Rua XV (entre a Praça Cel. Pedro Osório e Rua Major Cícero)¹²², de acordo com o *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, 1920-1950.

Quadra da Praça Central a Rua Sete de Setembro (550 – 600)

Nº. 553

1934: Casa Lévy

Nº. 554

1931: Wigg Brothers Escritórios (Cias. Francesas de Navegação)

1933: Alfaiataria Caprio

1934: Agência Comercial Air France, correio aéreo

Nº. 555

1921: Casa Lévy Franck e C.

Nº. 556

1920: Casa Hercílio

1930: Escritório do advogado Bruno Lima, sede da Associação Comercial.

1931: Sede do Rotary Club

1935: Primeira sede social da ABCCC, compartilhada com a Associação Rural de Pelotas (até 1959, quando muda para a Rua Anchieta).

1945: Sede da Sociedade Agrícola de Pelotas

1947: Sede da Sociedade Avícola do Rio Grande do Sul

1949: Cooperativa Triticola do Litoral Ltda.

Nº. 557

1934: Casa Levy

Nº. 558

1920: Casa Cosmos

1926: Pellaria Europea

1930: Casa C. Zuker

1934: A Boneca Pelotense – Instituto Feminino de Beleza

1944: Casa Pilot

1945: Café Lamego

1945: Sede central do Partido Social Democrático (altos do Café Lamego)

¹²¹ Conforme anúncios veiculados nos jornais *Diário Popular* e *A Opinião Pública*, bem como os anúncios comerciais publicados no *Album de Pelotas*, 1922. A data ao lado, portanto, não corresponde necessariamente ao ano de inauguração, apenas indica que foi encontrada no referido ano, a primeira referência à casa de comércio.

¹²² Praça Pedro Osório (Rua Mal. Floriano Peixoto), Rua Sete de Setembro, Rua General Neto, Rua Voluntários da Pátria, Rua Dr. Cassiano e Rua Major Cícero, nas proximidades dos fundos da Catedral (Praça José Bonifácio).

Nº. 559

1920: Confeitaria Nogueira

Nº. 560

1928: Casa Wagner

1929: Yurgel e Cia.

1934: Empresa Pelotense de Publicidade Ltda.

1935: Agência Panair do Brasil S.A. – correios e passageiros

1936: Estúdio Inghes (n. 560 A)

1937: Agência Geral (revistaria)

1940: Casa do Livro Usado (n. 560 A)

1943: Também laboratório de análises clínicas Alves da Silva

1950: **560 B**: Agência de Assuntos Gerais

Nº. 561

1920: Casa Caringi, chapelaria.Vva. N.Caringi (fundada em 1896)

Nº. 562

1920: Casa Krentel

Nº. 563

1920: Confeitaria Brauner

1921: Confeitaria A Gioconda

1932: A Fruteira – casa de frutas

Nº. 564

1920: Casa Baptista Lhulier

1934: Julio Alternach, agente Auxiliadora Predial S.A.

Nº. 565

1920: Casa Carioca

1921: Confeitaria A Gioconda

1926: Casa Franceza

1937: Casa Procopio

1950: **565/6**: Livraria Mundial

Nº. 566

1925: Casa Galli & Cia.

1927: A Moderna – instituto de beleza

1928: Casa Lyra

1931: Fotografia Moderna

1937: Sul América Capitalização

1947: **566 A**: T. Elias (agente do vermute Marumbi)

1950: **566 A**: Agência de Assuntos Gerais

Nº. 568

1920: Engraxataria Pelotense (anúncio de venda)

1920: Pelotense casa de frutas

1936: Cigarraria Pelotense

Nº. 569

1920: O Viajante (fundada em 1919)
1929: Anúncio de aluguel de quatro sacadas para o carnaval
1939: Auxiliadora Predial S.A.
1944: Casa Krentel – Seção Veterinária
1948: Casa Krentel – Casa Sport

Nº. 570

1939: Club de Xadrez Pelotense
1950: Tabacaria Carnaúba

Nº. 571

1920: Fábrica de roupas Francisco Carvalho e C.
1925: Escritório dos engenheiros Tellini & Soares
1926: Anúncio de aluguel de duas salas – primeiro andar
1928: Raul de Lima Sants (Representante Motors Union)
1929: Palácio Bidan – aluguel de salas
1937: Escritório do advogado Romeu B. Carvalho (II andar)
1937: Consultório dos dentistas Julieta e Sylvio Correa

Nº. 573

1920: Fordsen (exposição de automóveis)
1922: Livraria do Globo

Nº. 574

1923: Café Nacional
1937: Tabacaria Brasil
1937: Salão Pelotas
1942: Salão Stone

Nº. 575

1920: Casa Vieira
1925: A Jaguareense
1930: Casa Gloria
1932: Casa de Frutas e Bar A Imperatriz
1937: Transportes Varig
1945: Salão Pará
1946: Joalheria Azevedo

Nº. 576 e 579

1938: Café Nacional

Nº. 577

1924: Bazar da Moda, de Raphael Mazza

Nº. 579

1920: Livraria Universal
1936: A Melindrosa

Nº. 577 e 579

1944: Casa do Bom Café

Quadra da Sete de Setembro a Rua General Neto (601-650)**Nº. 601**

1922: Casa Americana

Nº. 602

1908: Cinema Ponto Chic

1927: Affonso Vargas, negociador de selos

1942: Café Nacional (Café Aquário)

Nº. 603

1937: Casa Victor (vitrolas)

Nº. 604

1932: Dr. Ribeiro Jor (cirurgião-dentista) – sobrado

1938: 604 A: Anúncio de aluguel por José Ingues.

1943: Escritório Técnico Comercial

Nº. 606

1921: Cinema Ponto Chic, Casa Xavier

1928: Cinema Ponto Chic, Casa de Modas A Imperial

1928: Casa A Gaúcha

1928: Anúncio de aluguel de duas salas (sobrado)

1930: Tabacaria Vera Cruz

1943: Salão Comercial

Nº. 607

1924: Casa Bertoli

Nº. 608

1920: Bazar Edison

Nº. 609

1928: Agente de autos Miguel Mozillo

1931: Casa Beiro

Nº. 610

1931: Consultório do dentista Aurelio de Carvalho

1937: Salão Placido

Nº. 611

1923: Casa Clark

1925: Solon P. Lopes – Gabinete Dentário

1926: Manoel Barcellos Gomes – dentista

1928: Alfaiataria Azevedo (altos da Casa Clark)

1930: Anúncio de aluguel de sobrado

1930: Dr. Acquaviva – cirurgião-dentista

1931: Escriptorio Comercial – cobranças e advocacia

Nº. 612

1922: Restaurante Antoninho
1932: Agência geral – Loteria do Estado do RS
1940: Agência Moderna
1943: Alfaiataria Colosso

Nº. 613

1920: A Bohemia (filial Garage Fonseca, também restaurante desde +-1915)
1937: O Salão Elegante

Nº. 614

1925: Angel J. Altizor – gabinete dentário
1928: Djalma Requião – cirurgião dentista
1931: Clínica Dentaria Nocturna
1932: Plano Previdência (1º andar)
1937: Foto Robles

Nº. 615-617

1920: Casa Miscelanea

Nº. 615

1938: Bar Sport
1940: Casa Record

Nº. 616

1920: Relógios – Longines – Julio Gros
1933: Joalheria Funck
1940: Casa Oliveira
1945: Joalheria Aliança

Nº. 617

1937: Depósito Jacob Brod Filho – Cia. Swift do Brasil S.A.
1940: **617 A:** G. Garcelon – Agente das geladeiras Electrolux
1941: Dr. Franklin Olivé Leite (diretor do sanatório Henrique Roxo)
1941: Também: endereçamento do eng. Júlio Delanoy
1945: Clínica odontológica, Dr. Ervin Todt, sala 4
1945: **617 A:** Mozzillo (casacos de couro)

Nº. 618

1926: Exposição de móveis Irmãos Fulgitini
1927: Casa Alberto
1930: Casa Rio – matriz
1930: Casa Adams
1937: Restaurante Bianchi
1944: Móveis Canuso

Nº. 619

1925: Clínica dentária, Drs. Francisco Tochtrop e Cristiano Boehmer.
1927: Clínica dentária, Dr. Francisco Tochtrop

Nº. 620

1920: Pharmacia Barboza
1926: D.G. Moreira & Cia.
1930: Pellaria Europea

Nº. 621

1920: Salão Ronhelt
1925: Casa Vieira de Souza
1925: Chapelaria Central
1926: Ao Novo Mundo
1928: Casa Caprio
1931: Casas Pernambucanas
1935: Restaurante Gago
1937: Restaurante Aymoré
1938: Atlantic Refining Company of Brasil
1946: Wigg e Cia. Ltda.

Nº. 622

1920: Casa Coufal

Nº. 623

1924: Livraria Nacional
1938: Casa Dayton
1942: Casa Phillips
1946: Administradora Predial e Comercial Ltda.

Nº. 624

1920: Confeitaria Gaspar

Nº. 625

1921: Moda Elegante, A. Bonfratello & Cia.
1929: A Joanninha atelier de bordados
1934: Camisaria Paris-Londres
1945: Alfaiataria Morana

N.º. 626

1920: Casa Clark
1923: Casa das Meias
1926: A Internacional
1933: Exposição de Tapetes de Arraiolos
1937: Café Santos
1950: Varejo Caruccio e Cia. Ltda.

Nº. 627

1949: Mario Sagebin (agente de romances)

Nº. 628

1922: Relojoaria e Optica, Adolpho Neipp

Nº. 629

1920: Casa Amaro
1920: Casa A Moda
1928: Casa Mignon
1929: A Fruteira, Casa de Frutas

Nº. 630

1920: Alfaiataria Amazonas; Livraria do Globo
1923: Depósito da Fábrica de Chapeos Pelotense
1928: Chapelaria Moderna
1930: Pellaria Alaska
1934: Bolsa Filatelica
1946: Bazar de Variedades

Nº. 631

1924: Alfaiataria Caprio
1941: Anúncio de venda de Casa de Modas
1945: Casa Pacheco

Nº. 632

1920: Mensageria Pelotas
1920: Garage Gonçalves
1950: Tabacaria Pelotas

Nº. 633

1937: Anúncio de aluguel de sobrado

Nº. 634

1930: Gran Via

Nº. 637

1925: Casa de modas Mme. Carrier
1931: A Melindrosa
1937: Metrotone – agentes H.G. Albrecht e Cia.

Nº. 639

1920: Casa Krahe
1925: A Melindrosa
1944: Sede (provisória) do Banco da Indústria e Comércio do Sul S.A.
1947: Escritório Caruccio e Cia. Ltda.

Quadra da Rua General Neto a Rua Voluntários da Pátria (651-700)**Nº. 651**

1920: Aos Grandes Armazéns Hermínios

Nº. 652

1926: Escritório Zambrano
1942: Pelotas Bureau, direção de José Inácio Amaral Filho
1943: Claro Pires (negociante)

Nº. 653

1942: Escritório do advogado Alcindo Simões

Nº. 654

1926: Alfaiataria Azevedo

1928: Casa Procopio

1944: Alfaiataria Cordias

Nº. 655

1927: **Nº. 655b**: Mensageria Borboleta

1937: Salão Pará

1943: 655 A: Instituto Princesa do Sul

1945: Salão Borges

Nº. 657

Anterior a 1921: Livraria Americana

1921: Casa Buxton

1933: Sorteios Brasil

1936: Vispora Imperial

1939: Casa do Agricultor

Nº. 658

1922: Bazar Musical

Nº. 659

1926: Mensageria Aliança

1945: Alfaiataria Palombo

Nº. 660

1928: Anúncio de venda de sobrado

Nº. 662

1921: Cigarraria Macalão

1928: A. D. Vieira (depositário da fábrica de móveis finos Lamas, RJ)

1931: Escola Technico Profissional

1934: Casa Minten

1935: Azevedo, Bento e Cia. – materiais construtivos

1937: Instituto Biológico de São Paulo

Nº. 663

1940: Escritório do advogado Clodoveu B. Pires

Nº. 664

1928: Café Rosicler

1933: Prédio contíguo ao Hotel Aliança – Exposições

Nº. 665

1920: Mme. Mathilde Dupuis

1946: Sede da UDN

Nº. 666

1920: Hotel Aliança

1928: Também consultório do dentista Dr. Ribeiro Jr.

Nº. 667

1920: Leite, Nunes & Irmão. Lâmpadas Edison, machinas Underwood.

1922: D.G. Moreira & Comp.

1924: Farias e Kramer (precisa-se estofadores e marceneiros)

1928: Casa Patzer (também na Andrade Neves)

1932: Filial da Casa Pfaff

Nº. 668

1920: Viúva Behrensdorf e Cia.

1933: Exposição Permanente dos Produtos Pelotenses

1939: Casa dos Móveis

Nº. 669

1920: Viúva Behrensdorf e Cia.

1922: A Pérola, Emilio Cohen

Nº. 670, 672

1920: Seção de Obras do Diário Popular

1939: 670 A – 'Igema'

Nº. 671

1920: Fábrica de roupas

Nº. 672

1924: Casa Philatelica

1947: 672 A: Sociedade Geral de Construções Ltda.

Nº. 673

1920: Alfaiataria Elegante

1931: Seção Continental

1936: Alfaiataria Americana

Nº. 674

1920: Vidraçaria Vieira Souza

Nº. 675

1913: Alfaiataria Elegância

1920: Companhia Singer

1945: Fábrica Aurora

Quadra da Rua Voluntários da Pátria a Rua Dr. Cassiano (701-750)**Nº. 701**

1925: Prédio comercial e/ou residencial (aluguel)

1926: A Princeza (também o Escritório João Zavagna)

1929: Schmiemann & Straatmann (agentes dos Motores Deutz)
 1935: Casa dos Pneus
 1938: Redação e gerência - *A Opinião Pública*
 1946: Moderna – tapeçaria e colchoaria
 1948: Casa de Leilões
 1950: Bar Cruz de Malta

Nº. 702

1929: Cia. Telephonica Rio Grandense

Nº. 702b

1926: Alfaiataria Casa Alberto

Nº. 703

1920: Redação e gerência - *A Opinião Pública*
 1935: Gervini e Luiz – Balas Brasil
 1935: Sede da Frente Única, Partido Republicano
 1939: Sorveteria Paulista (anúncio de aluguel)
 1947: Sede da Agremiação Pelotense de Esportes

Nº. 704

1920: Agente de seguros Oswaldo Fernandes da Cunha
 1926: Escritório Espellet (Viúva Espellet desde 1920)
 1926: Casa Alberto
 1931: Grêmio da Sociedade Republicana (sede)
 1942: Escritório do advogado Henrique Biasino
 1943: Associação dos Proprietários (...)

Nº. 705

1931: Casa Ptaff
 1933: Bazar de Novidades
 1937: Alfaiataria Vergez
 1947: Firma Jayme Pinto da Silva e Cia.

Nº. 707

1931: Casa Sanitária
 1937: Redação do jornal *A Opinião Pública*

Nº. 708

1925: J.L. Meira (representante da firma Viúva Gustavo Hugo)
 1925: Móveis de Vime
 1926: anúncio de aluguel/ venda (mudança para Gal. Vitorino)
 1929: Fernandes e Cia. (venda de equipamentos elétricos)
 1932: Ao Preço Fixo – fábrica de móveis de vime e junco
 1940: Penteados (anúncio)

Nº. 709

1928: Alfaiataria Sicca
 1947: **709 A:** Tinturaria Rex

Nº. 710

1920: Casa residencial

Nº. 711

1924: Alfaiataria Civil e Militar

1925: Bojunga & Cia.

1930: Sede Social da Associação Philatelica

Nº. 713

1922: Bojunga & Cia.

1925: Bojunga & Cia. (711 e 713)

1926: Aluguel de Garagem

1936: Gomes e Irmão (cintas, fundas)

1942: Sindicato dos Odontologistas

1945: Casa Rex

Nº. 714

1922: Loja de Ourives

1942: Loja Diogo (anúncio de leilão da casa de ourives)

1948: Casa Padilha

Nº. 715

1922: Mascarenhas e Filho

1950: Agência Internacional

1950: Damac Ltda.

Nº. 716

1926: Schramm & Cia.

1931: D'Elia & Cia.

1940: Armazém Mourisca

1940: Alfaiataria Moderna

1942: Paulo Etchebeste (representante do gasogênio)

Nº. 717

1948: Instituto Educacional Dr. Jorge Salis Goulart

Nº. 718

1926: Papelaria A Gaúcha

1928: Morales & Loréa Ltd. (revendedores da geladeira Kelvinator)

1928: Casa Dayton

1944: Cia. Nacional de Seguros Ipiranga

Nº. 719

1921: Casa residencial (leilão)

1922: Casa Franceza

1926: Anúncio do endereço da papelaria A Gaúcha

1926: Seção de varejo Sociedade Commercial Manufactora Pelotense Ltda.

1927: Loja Mme. Tatiana

1948: Sede da Comissão Municipal de Preços

Nº. 720

1920: Pharmacia Rolim
 1937: Cia. de Seguros Aliança da Bahia – representante C. G. Giacoboni
 1945: Sede do Diário Popular

Nº. 721

1914: Casa Feliz

Nº. 722

1920: Anúncio de leilão – prédio do *Diário Popular*
 1925: Kaloderma

Nº. 723

1922: Salão do Commercio
 1932: Tinturaria e Lavanderia Chinez
 1935: Seção veterinária dos Labs. Raul Leite (Rio)
 1937: A Therezinha – casa de bordados
 1950: Poliartes

Nº. 724

1922: Bazar Moderno
 1937: Bazar Modelo (em leilão)
 1937: Escritório de Curt Rheingantz
 1939: Anúncio de aluguel de grande armazém

Nº. 725

1926: Venda de materiais de aço

Nº. 726

1924: residência do tradutor Carlos Gotuzzo Giacoboni
 1939: Cia. Aliança da Bahia (agente Giacoboni)
 1942: Escritório da Auto-Aviação Princesa do Sul

Nº. 728

1922: Pharmacia Moderna
 1922: Relojoaria Hermann Müller
 1930: Taco de Ouro – comida a domicílio
 1939: Casa de Leilões Ildefonso Badia

Nº. 732

1931: Anúncio de venda da casa de frutas A Gaúcha
 1935: Casa de jogos de azar
 1939: Restaurante do sr. Primitivo Pereira

Quadra da Rua Dr. Cassiano a Rua Major Cícero (751-800)**Nº. 751**

1923: Paris Club
 1926: anúncio de venda de armazém de secos e molhados
 1943: Antônio Arantes (secos e molhados)

Nº. 752

1920: Leilão de secos e molhados

Nº. 753

Antes de 1920: Escola de Quiliandro Osório da Rocha (meninos)

1926: Carvalho Cunha (vendedor do lança-perfume Pierrot)

1935: Livraria do Globo

Nº. 756

1920: Casa Gomes

1922: Mme. Gáby

1923: Casa para aluguel

1928: Casa Castagano

Nº. 757

1925: Prédio da Liga Operária (leiloadada)

Nº. 759

1927: Anúncio de venda de casa residencial

1934: Agente Leonel M. Calheiros – Ag. Seguros Alliança Rio Grandense

Nº. 762

1931: Pharmacia Moderna

Nº. 764

1920: Consultório do Dr. Salvador Baheira

1932: Dr. Edison Fagundes – Homeopatia

1950: Escritório do eng. Agrônomo Luiz Pires Reis

Nº. 766

1922: Pensão Pelotas

1931: Aluguel para pensão

1931: Villa Bom Jesus (escritório de vendas de terrenos)

1948: Escritório do advogado A.C. Corrêa da Cunha

Nº. 767

1922: Residência do Dr. Arthur Abreu

1929: Anúncio de leilão de todos os móveis do prédio

Nº. 769

1922: Residência Herminia Coelho (corte e confecções)

Nº. 771

1925: Escritório leilões, João M. Sanjurjo

Nº. 773

1930: Alfaiataria Confiança

1939: Sociedade Pelot. Cirurgiões Dentistas

Nº. 775

1925: Agência de leilões Euclides Lança

Nº. 782

1922: Agência de leilão, Gontran Torres (J.L. Sattamini, Porto Alegre)

1925: C. Silveira & Cia. – Machinas de Meias

1932: Fábrica Lamas – Massas Alimentícias

Nº. 783

1922: Armazém Ao Moreira

ANEXO 2

Crônicas extraídas do *Diário Popular*

Diário Popular, Pelotas, 23 de agosto de 1933, p. 6

Reclame do Café Carpena

“Progresso de Pelotas”

Uma rápida digressão por algumas das atividades sociais de Pelotas no passado e no presente nos dá ideia do progresso da nossa cidade.

Aos bondes de burrinho do tempo do Barradas e de D. Ramião, e que acabaram numa noite trágica com a queima dos últimos desses veículos na praça pública, e aos incômodos carros de praça, de tração animal, de que restam poucos exemplares, que aí transitam raramente, como que envergonhados da época de atraso que representam, sucederam os modernos e confortáveis carros da Força e Luz e os elegantes e rumorosos automóveis, que enchem todas as nossas ruas e avenidas.

Às pesadas carretas e diligências (que só eram no nome) que faziam a condução de cargas e passageiros para a campanha, em demoradas viagens, sucedeu o rápido transporte pela via férrea, por velozes caminhões e ônibus e ate por esses admiráveis pássaros metálicos que são os ultra céleres aviões.

À bruxuleante iluminação a querosene e a gás carbônico das priscas eras e dos tempos poucos distantes, sucedeu a atual iluminação elétrica, cujo brilho e beleza culminam no deslumbramento da luz das lâmpadas “up to date” da nossa principal rua e que são a expressão do dinamismo de um espírito progressista.

Ao uso das indigestas e azedas misturas de chicória, favas, milho, feijão, etc., pomposamente denominados café – à exceção, entre poucos outros, do grão que tornava o saudoso Machado de Abreu –, “caro, mas bom”, conforme o anúncio (1\$600 o kilo!), sucederam os cafés hodiernos, café de café, no geral, entre os quais tem a primazia a todos os respeitos, o magnifico café Carpena, puríssimo, saboroso e sumamente nutritivo, cujo aparecimento marca uma etapa na marcha do progresso de Pelotas! Usai-o, pois! (A.M)

Diário Popular, Pelotas, 08 de fevereiro de 1934, p. 3

Reclame do calicida Callolina Franz

Bom conselho

NA RUA 15:

- Arre, senhor!
- Oh! Queira desculpar, não foi de proposito!
- Ora, desculpas... Como se elas fossem suficientes para fazer cessar a dôr no calo que o senhor maltratou.
- Com efeito, o senhor é intratável. É bem verdade que fui “assaz” desastrado, mas desculpei-me logo, competindo ao senhor, agora, conformar-se, exceto se quiser ir às de cabo. Aliás, o senhor é único culpado.
- Eu o culpado! ...Hem’essa! ...

- Naturalmente, pois, dá-se ao luxo de ter calos em uma época em que todo o mundo os extirpa com o famoso calicida “CALLOLINA FRANZ”, considerado hoje o “cabrion” dos calos.

Use-o e depois me agradecerá o conselho.

- Na verdade, o senhor deve ter razão, pois, já me falaram com grande entusiasmo desse “calicida”, como um preparado sem rival na extirpação de calos de qualquer natureza. Vou imediatamente a farmácia comprar um tubo de “Callolina Franz”. Obrigado, senhor, e desculpe o meu primitivo arrebatamento. Adeus.

Diário Popular, Pelotas, 19 de janeiro de 1935, p. 4

Vida Social

Apesar de um grande numero das “boas” (como diz a gíria) terem rumado para as vivendas de veraneio ou para o aconchego das ondas marulhosas do mar, a nossa rua 15 continua repleta de mulheres belas.

Temos, agora, o ensejo de constatar, como certas mulheres monopolizam a simpatia, quase geral, nas rodas elegantes. A ausência delas permitiu que pudéssemos ver quantas outras belezas femininas existem em nossa cidade, mas sem essa auréola do comentário mundano (V. M.)

Diário Popular, Pelotas, 27 de agosto de 1935, p. 4

Vida Social

Domingo...

Pelotas amanheceu “sorrindo”, toda a cidade amanheceu em “flor”, e as beldades, saíram à rua aos bandos, porque estava um dia, mesmo, de amor...

Domingo a cidade viveu numa manhã de esplendor. Vestiu o seu mais lindo “toilette” de inverno. Tinha o ar uma doce luminosidade, e tudo pareça tocado de beleza imaterial das coisas. Nessa atmosfera, a cidade era um cromo de festas. Rutilava como um escrínio de pedras preciosas. Parecia a caixa de joias do mago Cantarelli, deixada aberta para deslumbrar. A manhã tomou conta da cidade, como se lhe tivesse dado de beber um vinho generoso, ou lhe arrebatasse os sentidos em sonho povoador de imagens.

Não devia estar em si de tão bela. Deslumbrado, fui ver o desfile das elegâncias da cidade, no seu habitual circuito de todos os dias formosos, como soube ser, o de domingo, a que já se obrigou a ronda graciosa das “princesinhas”.

(...) “comprimia-se uma multidão. Jovens elegantes. A “jeunesse doré” pelotense, à vida do belo”.

Apenas a “bela” do cronista não estava na procissão. Crônica assinada por D.J. Aime.

Diário Popular, Pelotas, 05 de setembro de 1935, p. 4

Vida Social

A Luneta

Dia de calor! Calor que a uns desagrada e a outros dá prazer. Dia quente o de anteontem, como prenuncio dos que se avizinham num convite às nossas beldades, para os passeios à tarde e à noite, alegrando a rua 15 e

engalanando o coração perfumado de Pelotas, a Praça Coronel Pedro Osório, que desafia com a elegância dos seus jardins e com a policromia das suas flores as suas irmãs, por esse Brasil afora, na conquista da supremacia.

Lugares “aristocráticos”, como o Guarani e o evento filantrópico da Rádio Cultura, “Pão dos Pobres”, por senhoras da sociedade. Coluna social assinada por “Delta”.

Diário Popular, Pelotas, 05 de agosto de 1937, p. 4

Vida Social

Cidade-Princesa

Pelotas, bonita e faceira, tem recebido do instinto galante dos homens as adesões mais lisonjeiras à sua vaidade de mulher, – cidade-princesa, cidade-vitrina, cidade-biscuit, cidade-sorriso, cidade-jardim.

É difícil a gente encontrar uma expressão nova para fazer, também o seu elogio à sua figura de mulher singularmente insinuante. E mesmo porque só há um elogio que lhe fica bem, – cidade-princesa. Ela traz, em si, uma herança nobre e inconfundível. Sente-se, espontaneamente, em suas ruas, as suas casas, em suas praças, diante às suas figuras humanas, e sobretudo devido a esse “ar” peculiarmente seu.

Se Pelotas possuísse um bom senso de gosto moderno tão acentuado, a cidade seria, certamente, uma paisagem de parques, fossos, ameias e torreões.

A alegoria de Pelotas, teria, forçosamente, de ser uma linda princesa (como esses que vem na gravura dos romances antigos) repousada à beira de um rio, com os olhos perdidos, romanticamente, na distância.

É que Pelotas, a despeito de ser uma princesa elegante e moderna, não pode furtar-se ao devaneio de sonhar com os tempos que passaram. Há uma história particularmente grata nos seus dias felizes que se foram. Naquele tempo, ela espaiava o seu donaire gentil pelos salões cheios de iluminuras, povoados de cabeças senhoris e compassos de valsas e minuetos.

Os tempos passam. Pelotas, vive. Continua. Nas suas veias corre o sangue azul que fica a encantadora e excepcional. Assim é que Pelotas, para os que a assistem neste momento de sua história dá a impressão de alguém que “possui” um passado. É como se ainda pairasse no ar a poeira doirada de coisas que o tempo diluiu na distância. E ela recorda-o. Nele a história estampou os seus brasões e as suas armas. Nele ela se afirmou para o seu destino. Mas, a sua glória propriamente, ela sabe-o, está fora dos limites do seu passado. Está além do seu presente. Gerações de homens passarão. O calendário do século mudará as suas datas e as suas épocas. Ela trocará os vestidos. De enfeites. De maneiras, ao gosto de cada era nova. E será ela mesma. Jovem. Fina. Espiritual. Romântica. Inteligente. Graciosa. Elegante. Culta. Distinta.

As cidades, como as pessoas, têm uma fisionomia. Um encanto. Uma índole. Uma cultura. Um grau de educação. Um modo de vestir. Uma alma. E um sexo. Pelotas tem fisionomia alegre e atraente, animada por um tique gracioso de faceirice e orgulho. Sorri. Faz “footing”. É afável e discreta. Fala francês. Declama versos. Estuda canto. É formada em direito, farmácia e odontologia. Lê e estuda os bons livros de literatura e da ciência moderna, desde Freud a Whitman, Keyserling, à Zweig, Dostoiévski, Thomas Mann, Carrél e Ludwig. Dá

recepção. Usa cartão de visitas. Vai aos domingos à missa, por devoção. Não gosta de comícios, prefere sessões solenes, onde escuta a arenga dos oradores eloquentes comodamente sentada, e faz, ao mesmo tempo, um pouco de elegância. Organiza vesperais e saraus dançantes. Quanto ao modo de vestir, orienta o seu gosto pelas tendências da cidade que todo mundo sabe o nome de cór – Hollywood. É mulher de sexo. E possui a sua mania, aliás, requintadamente “snob”, – viajar...

Quase lá do outro lado do Brasil, Pelotas tem a sua irmã tropical enfeitada de coqueiros e de velas brancas, – Fortaleza, “a loura desposada do sol”.

Fisionomicamente, elas se parecem tanto que a primeira vez que conheci Pelotas cheguei a esfregar os olhos para verificar realmente onde estava. É pena que o original criador desta surpresa dos pampas tenha se esquecido do mar-verde-esmeralda, dos coqueiros e dos morros.

(Elyezér de Menezes)

Diário Popular, Pelotas, 06 de novembro de 1938, p. 3

Lá e Cá (F.B.)

Alguém de má vontade inventou por aí que o povo pelotense é um povo pedante. Muita gente, porque não conheceu de perto a cidade e o seu povo, acreditou. Os que passam por aqui, formam um juízo muito diverso. Diversíssimo. Cidade eminentemente democrata, sim. Isso é que ela é. Tão democrata que nem senta bem o título de Princesa do Sul, porque Pelotas não usa coroa cravejada de pedras raras. É simples. Saia azul e blusa esporte. Na melhor das repúblicas. De mão estendida: – Faça o favor...

– Não tenha cerimônia... Está em sua casa...

– Bom dia, Pelotas, bom dia. Bem, obrigado...

Diário Popular, Pelotas, 27 de junho de 1943, p. 20

Naquele tempo... (crônica de Querubim Queiroz)

O cronista recorda os “bons tempos” da mocidade, trazendo à memória a Pelotas de mais de 35 anos atrás, o tempo em que vive na cidade.

Recorda o passado dos “elegantes de fraque, cartola e bigodes retorcidos, das lindas damas espatilhadas, cujas saias de grandes rodas lambiam os passeios das mulheres lindas que não pintavam a cara nem as unhas”. Rememora fatos ocorridos pelos idos de 1905, trazendo uma cidade culta, educada, amante das artes (de quando o cinema ainda não havia se tornado o vício dos dias atuais), dos lugares “chics” dos passeios, como o Jardim Scotto, o qual ficava no interior da Praça da República que era gradeada e pagava-se para entrar, e dentro tinha um ringue de patinação e bar. Os desfiles distintos e elegantes com chapéus de coco, as bengalas postadas nas esquinas dos cafés da rua Quinze, o Parque Pelotense, os concursos de serenatas; tudo rememorado como algo bom e condizente com as pessoas daquele tempo.

Diário Popular, Pelotas, 21 de janeiro de 1945, p. 12

A terra que se fez Princesa pela vontade e pelo espírito progressista de seus filhos

Pedro Moacir, o trovador retórico dos Pampas, visitando Pelotas disse, de uma feita, que o traçado geométrico de nossas ruas formava um xadrez perfeito.

Podemos dizer que é neste xadrez, sobretudo, que se equacionam os lances do encantamento da nossa terra – que com tanto acerto, há tanto tempo, recebeu a alcunha de Princesa destas plagas do sul.

Do plano médio de suas construções, Pelotas levantou um braço para o céu: o majestoso edifício do Palácio do Comércio.

E a reportagem do DIÁRIO POPULAR, querendo correr os olhos sobre o xadrez das nossas ruas, subiu ao último andar do nosso prédio mais alto, girando sua objetiva para todos os quadrantes da urbs e focando aspectos que assinalam o desdobramento urbanístico da nossa cidade. Muito se tem dito sobre a beleza da nossa terra. Nada, porém, melhor do que vê-la com os nossos olhos e senti-la com a nossa alma. Do alto do Palácio do Comércio o olhar frio da nossa máquina fotográfica se estendeu em vários sentidos, apanhando os instantâneos que ilustram o nosso texto.

Lá longe, para as bandas do sul, muito além das águas verdes do São Gonçalo e da vegetação rasteira de suas margens, na penumbra da tarde, a vizinha cidade de Rio Grande, geograficamente perto de nós e acompanhando, conosco, o mesmo ritmo de progresso, dava-nos a certeza de que Pelotas, com sua economia, suas tradições e sua cultura, não é um termo solto no mapa do nosso estado, mas sim uma continuação, um ponto numa linha de pontos.

Para o oeste, o Fragata, abrindo o coração comercial de Pelotas às correntes que vem dos municípios vizinhos e por cujas regiões correm as linhas férreas que nos levam para as zonas meridionais das fronteiras gaúchas.

Ao norte, numa linha sinuosa, a faixa de cimento das Três Vendas, pela qual desfilam as caravanas coloniais, trazendo em suas carroças rústicas grande parte da riqueza do nosso município. É o bairro pelo qual Pelotas mais se dilata. É a zona comercial por excelência da cidade. É o futuro...

Enfim, no leste, o passado... A tradicional região onde se plantaram os primeiros marcos da nossa vida urbana. Os “potreiros”, cortados pela Estrada de Tropas e derramando-se pelo Areal, que presentemente se pretende denominar de “Domingos José de Almeida”, como uma homenagem ao grande industrial e ao ministro da República de Piratini. Foi ali que, num dia bastante remoto, se começou a construir o progresso econômico da nossa terra natal. Da sombra dos galpões das velhas Charqueadas saíram as grandes fortunas particulares, os grandes empreendimentos, o irrestrito apoio do então incipiente capitalismo pelotense a todas as causas da cultura – o que foi sempre firmando o prestígio da nossa gente na comunhão rio-grandense.

E agora, correndo os olhos velozmente pelos quatro pontos cardeais do território urbano, numa visão de continuidade, nós encontramos, sobre o solo cheio de tradições, as grandes chaminés industriais e os vastos armazéns do comércio local.

Estamos atravessando momentos de dificuldade, que nos obrigam muitas vezes a um estatismo que contrasta com o muito que temos a realizar. Mas dentro do pequeno círculo das nossas possibilidades, limitado ainda mais pela ocasião, tudo procuramos fazer para que a marcha característica da nossa evolução não venha a sofrer solução alguma descontinuidade. Não queremos estacionar no meio do caminho. É neste sentido que se tem conjugado todas as forças vivas do município.

E quando descemos, por um dos elevadores do Palácio do Comércio, para a rua de todos os dias, trazíamos, lá do alto do nosso edifício mais amplo, a certeza de que Pelotas, que no pretérito encontra tantos motivos de orgulho, maiores razões de vaidade encontrará num futuro próximo, em busca do qual se lançam os nossos empreendimentos e as aspirações dos pelotenses.

Diário Popular, Pelotas, 27 de janeiro de 1946, p. 12

Pelotas provinciana e Pelotas evoluída, através das transformações da rua 15 No tempo das “polcas” – Pelourinho e força – A Saga de Cassapi – “Cólica” – Poetas, tipos populares – Evolução.

A antiga foto que ilustra o texto tem a seguinte legenda: *Curiosíssimo flagrante da rua 15 de Novembro, quando era ainda rua São Miguel. À direita, está hoje localizado o prédio do Banco da Província. Observem-se os trilhos de bonde (o saudoso bonde-de-burro, que chegava sempre à hora...). Defronte ao edifício da direita, na tabuleta, lia-se: “Coche”, que era onde se encontravam os tálburis elegantes da época. A placa na esquina marca a “Praça D. Pedro II”.*

Essas ruas de Pelotas, algumas bem prosaicas, hoje, contam histórias perdidas no passado, que são as histórias saborosas das épocas caídas definitivamente no pó da ampulheta legendária.

Uma rua que toda a população estima é a rua 15 de Novembro. Hoje é a rua elegante da cidade. A Rua da Praia pelotense, a Avenida Rio Branco local, onde se faz o “footing” dominical, onde se iniciam romances, onde mesmo muita coisa acontece. É sem dúvida, a principal artéria da cidade. Sua história tem um sabor longínquo, um gosto distante de coisa que não volta mais, que existe apenas na saudosa lembrança dos que a viram humilde, e nas páginas esquecidas dos livros da cidade.

A Rua dos Canários

Sim, primeiro chamou-se a Rua dos Canários, e faz muitos anos. Certamente naquele tempo também deveria existir o “footing” tímido, desses que a gente conhece através dos romances antigos, com lenços caídos no chão e outros costumes galantes da época. Mas os galãs de antanho (naquele tempo chamava-se – os de “polcas”), ao passearem pela rua dos Canários, não olhavam bucolicamente para o chafariz da Praça Coronel Pedro Osório. Em seu lugar, numa praça recém-arborizada, veriam apenas a silhueta sombria do Pelourinho. Talvez que num desses domingos a população acorresse em peso, como era costume, para assistir ao espancamento aviltante, com açoites de algum celerado condenado da Justiça. E se o crime fosse dos que não deixam dúvidas, gastavam as botinas de biqueira lustrosa, e os sapatinhos “Maria Antonieta”, para descerem a Rua dos Canários até a zona norte da Matriz (onde hoje se localiza a Praça Júlio de Castilhos), a fim de assistirem ao enforcamento do criminoso. Veriam a branca bandeira da Misericórdia, a catadura sinistra do carrasco, o rufe-rufe das tropas legais.

Foram em 1850 e 1857 os dois últimos enforcamentos, os quais tiveram lugar defronte ao cemitério antigo, quase no fim da rua 15 de Novembro, proximidades da Luz.

Medo na Rua de São Miguel

Quando a rua dos Canários passou a chamar-se de São Miguel, houve um ano em que ninguém queria sair à rua. Havia o medo espreitando cada face, e nesse ano não houve nem “footing”, nem corridas de comerciantes e letrados,

por sua artéria máter. 1855 foi o ano em que irrompeu a cólera em Pelotas, cuja mortalidade atingiu 6% da população uma minguada população de 6000 pessoas.

Primeira saga dos esgotos

Um dia Pelotas entendeu que “já era gente”... O italiano Cassapi meteu-se numa bonita aventura, e resolveu, com o auxílio de brocas e de máquinas de sua propriedade, iniciar as sondagens para a localização de água e instalação de esgotos em Pelotas. A grave Assembleia Provincial auxiliou-o monetariamente. Debalde, porém, Cassapi procurou localizar um terreno que se apropriasse, e a rua 15 de Novembro, entre as quadras da Argolo e a Praça Júlio de Castilhos, foi o lugar onde o italiano abandonou sua aparelhagem, retirando-se melancolicamente para o esquecimento de seus projetos avançados.

Pelotas que se civilizava aboliu com o pelourinho, do qual, ainda em 1872 podiam-se ver as marcas, no lugar onde está o atual Chafariz. Fins do “monumento erguido ao martírio”, na circunspecta expressão de Fernando Osório.

Poetas, jornais, tipos populares

Nessa rua 15 de Novembro onde nos cafés perambulam poetas, parnasianistas, cubistas, surrealistas, marianistas, etc., etc., Lobo da Costa também um dia, sentado num banco discreto de uma casa-de-chá, escreveu de improviso:

Ergue a frente, minha terra
Veste o manto do pelourinho

Como simulas a aurora
No seu carro do infinito!

Traz-lhe o passado uma história
Traz-lhe uma bíblia sem fim
As letras são bagas doiro
As folhas são de jasmim...

E hoje, com os jornaleiros gritando o nome dos jornais locais, nada se assemelha ao tempo em que na rua 15, virgem do alarido dos jornaleiros, lançou-se o primeiro brado infantil, anunciando “O Pelotense”. Foi este o primeiro jornal feito em Pelotas, cuja duração efêmera foi de 7 de novembro de 1851 até 21 de março de 1855, sendo seu proprietário Candido Augusto de Melo. “O Noticiador”, substituiu-o em 1854, editado por Luís José de Campos. Pelotas sempre teve seus tipos populares, na atualidade o mais celebrado foi o “Lalau”, que já parece ter substituído no recém-aparecido “Cantor de Vicente Celestino, Chico Alves, e assobiador emérito, Papão”. Há muitos atrás teve também os seus que eram o encanto da rapaziada da época, quando, na rua 15 de Novembro, divertiam-se com as piadas dos “zezis”. Dentre os mais célebres citamos: Caburé e sua infatigável progenitora, Maria do Gato, “Deus te livre”, Johnes, Dominginhos. Todos estes têm uma história particular, que se liga com a história da rua 15, onde foram populares.

Dominginhos, natural do Congo, tipo meio-quilo, casou-se na Bahia, e vindo escravo para Pelotas, aqui consorciou-se segunda vez. Dançava, cantava, era trovador, passava o dia comendo rapaduras. Viveu apenas 107 anos...

Maria do Gato, segundo Fernando Osório, era como o “Fiel” de Guerra Junqueiro. Os mais celebrados, entretanto, foram Caburé e sua genitora. A rapaziada dizia:

Caburé peito de ganso
Na vida não tem descanso

E podia contar que vinham pedradas, palavrões, correrias.

Johnes, na pitoresca definição de Osório era “uma conserva humana de aguardente”. Tadinho, filósofo, tinha uma frase predileta: “minha anja meu coração”. E mais, Joca, Velho Carneiro e Boiota, discursador, com pinta de poeta, porém, malandro até não poder mais.

Depois de seu mergulho no passado, o repórter viu-se de súbito na moderna rua 15 de Novembro, distanciado do tempo de todas essas imagens que evocou. Quase que instintivamente entrou num café, pensando que entrava na Livraria Americana, onde iria adquirir as últimas novidades de romance português...

Diário Popular, Pelotas, 25 de março de 1947, p. 3

Coluna Passatempo, assinada por “Matusalém”

Coisas de Pelotas... Ontem e Hoje

É verdade – a lei de compensações existe... A vida de ontem era simples, áspera e triste, se quiserem, mas era farta, saudável, edificante... As famílias andavam a pé, ou em carretinha, mas compravam somente as utilidades de que careciam, boas e baratas; não iam atrás de reclames pelo rádio ou por letreiros luminosos... Os caixeiros secundavam os patrões, eram amáveis e solícitos, levavam amostras nas casas, gabavam as qualidades de suas mercancias... As últimas novidades, recém-chegadas, eram mostradas, examinadas e apreciadas convenientemente... Tornavam-se eles estimados das famílias, com as quais faziam boas relações, alguns até arranjavam namoricos promissores... o que era uma compensação da vida sujeita e presa que levavam, dormindo sobre os balcões, para começarem a faina bem cedo, terminando-a só depois das nove da noite, tendo saída nos domingos somente às tardes... Era dura a vida, mas disciplinada. Lutava-se, trabalhava-se de verdade, mas os que tinham fortaleza de ânimo venciam... Os caixeiros procuravam abrir caminho na vida, faziam-se patrões... As moças, tornavam-se donas de casa e mães de família... Estas gostavam de fazer ponto de reunião, à noite, pelas lojas, para distrações e bate-papos, aproveitando então os namorados para verem as namoradas...

Não haviam ainda inventado os cinemas e os “tropicais”... Eram frequentadas as lojas do Januário Amarante, Farol Pelotense, Chico Guimarães, Loja das Famílias, A Fragata, O Guarani, Ao Louvre, A Atalaia, Anjo Barateiro, O Bule Monstro, na época de sua fundação à rua de S. Miguel (15 de Nov.), a Livraria Universal, Joalheria Levy, o armarinho dos Gouveias (Luva Preta), o dos Estons, o do Luiz Parafita, o do Anacleto Barcelos (não o velho, que quando tinha um só carretel de linha do número procurado, não o vendia, para não ficar

sem sortimento) e algumas outras casas que não nos ocorre agora; ofereciam-se cadeiras e dava-se a trela... As moças preferiam ver os transeuntes, às portas, quando não tinham “candidatos” internos... Nos primitivos tempos não havia livrarias; livros escolares e em branco para escritórios, vindos do Rio de Janeiro, compravam-se na Ferragem de José Lopes da Conceição, na rua das Flores (A. Neves) mais ou menos onde é a Livraria Comercial. A seção de livros estava a cargo do empregado Carlos T. Pinto. Fechada a ferragem, por causa do ruidoso processo de fabricação de moeda falsa, no qual estiveram envolvidos diversos personagens, sendo José Lopes o chefe, Carlos Pinto estabeleceu a Livraria Americana, quase defronte (muito mais tarde transferindo-se para a rua 15). Foi advogado de José Lopes, o conselheiro Francisco Brusque, que em paga recebeu o terreno à rua Augusta (G. Osório), onde morava, em uma chácara, metida para dentro, com jardim para frente, o dito José Lopes e companhia. Aí foi edificado o atual palacete da família Brusque. As cédulas falsificadas eram de CEM MIL RÉIS, das antigas, grande formato. O sino da nossa catedral foi proveniente de promessa feita para o feliz êxito da empresa fracassada, que algumas vítimas arrastou...

* *

A iluminação era precária, frouxa e apoucada, mas era certa, não falhava. Nas ruas, lampiõezinhos a azeite ou a querosene, os acendedores com escadinha no ombro; no Teatro Sete de Abril, a cargo do velho Faria Pinto (Marquês de Loulé) os lampiões limpos e abastecidos diariamente, embora por vezes esfumarassem o ambiente, iluminavam sofrivelmente a casa, não impedindo que ali se apreciassem lindas zarzuelas – Anel de Ferro, Relâmpago, Juramento, Madgyares, Filha do Regimento, Tempestade; magníficas companhias líricas, cantando Trovador, Traviata, Aida, Ernani, Rigoletto, Guarany, Fausto, Barbeiro de Sevilha, Ballo in maschera; interessantes óperas cômicas – Viúva Alegre, Sonho de Valsa, Casta Suzana, Eva, Princesa dos Dólares, Bal-Tabarin, etc.; boas companhias dramáticas – João Caetano, Furtado, Coelho, Lucinda e Lucília Simões, Adelina e Aura Abranches, Dias Braga; Braga Junior (operetas em português; chistosas Revistas – Gran-Via, Bilontra, Bendengó e etc.; grandes notabilidades artísticas, como Salvini, Dangremont, Cumberti, Galli-Cursi e tantas outras, isso pelos amáveis preços de 3, 4 e 5 mil réis!... Sinal dos tempos...

ANEXO 3

Crônicas extraídas do jornal *A Opinião Pública*

***A Opinião Pública*, Pelotas, 23 de maio de 1930, p. 4**

Pelotas Social

Écran

À tardezinha, a Praça da República tinha encantamentos. Os pardais entoavam canções primitivas. A tarde era um presente do sol.

À Rua XV, Zazá Loureiro passou linda ante meus olhos. Auzenda Pinheiro, num vistoso vestido azul, todo enfeitado de “renard”; Suelly Chapon, toda vestida de verde, foram um bálsamo para meus olhos tristes. Marina Xavier, insinuante, soberba, vinha trajando um lindo casaco marrom. Branca Rotta parecia ter o sol nascendo no veludo ondulado de seus cabelos. Na “Pellaria Europea”, Edy Tavares, muito vivaz, experimentava umas “mantas”. Selma e Maria Luiza Algayer, elegantes, tentadoras, escolhiam finíssimas peles. Gilda Marinho, de marrom, trazia um lindo “renard” branco. Mary Conceição, elegante, morena, via-se no silencio profundo de seus olhos, uma palavra de amor...

Rosinha e Laura Souza Soares, duas silhuetas maravilhosas; Odette e Mosa Cabeda, duas flores, dois sonhos.

No fundo macio de um “forsome” [foursome: dois pares, quarteto] aristocrático, Maria Costa, branca, de jaspe, parecia uma princesinha que sempre foi amada. Déa Maciel, gentil, meiga, elegante, tinha um sorriso feliz nos lábios.

E eu sorri tão tristemente. (Onestaldo)

***A Opinião Pública*, Pelotas, 30 de maio de 1930, p. 4**

Pelotas Social

Elegâncias...

Pelas ruas, lindezas que passam. Mulheres... Como tudo é formoso!

Na Confeitaria Nogueira, adoçam inda mais os seus sorrisos, pequenas encantadoras... Lucy Amaral Bordini, acompanhada da sra. Alice kramer Amaral. Depois, Vera Nogueira com a sra. Olga Nogueira.

Um auto que desliza distrai-me a atenção e deixo a Confeitaria. (Dagoberto)

***A Opinião Pública*, Pelotas, 31 de maio de 1930, p. 4**

Pelotas Social

Elegâncias...

Novo dia de verão o de ontem. Abafadiço. Atmosfera pesada. Prenúncios de uma chuva iminente. Tudo convidava à vida ao ar livre. E encheram-se as ruas de graciosas silhuetas. (Dagoberto)

***A Opinião Pública*, Pelotas, 26 de junho de 1930, p. 4**

Pelotas Social

Écran

Rua XV estremecia na beleza da tarde.

Elas passavam espirituais, formosas, encantando meus olhos tristes. Só a ti não vejo. Só o teu corpo divino não deslumbra os meus olhos.

A Opinião Pública, Pelotas, 04 de julho de 1930, p. 4

Pelotas Social

Écran

Rua XV tem meneios de uma donzela aristocrática: Noemia Coelho da Costa, nuns passos macios, palmilha, de leve, as calçadas primitivas. (...).

Hora cor de rosa, um sol de ouro e sangue. Tem-se a visão morna do poente.

Mas, junto a mim, na rua XV faz frio. Dora Oliveira, Maurendina Feijó e Luiza Oliveira, sorriem cor de rosa na tarde cor de rosa... (Onestaldo)

A Opinião Pública, Pelotas, 27 de abril de 1931, p. 4

Pelotas Social

Alfinetes (Joar)

Sábado... na imensa vitrine da vida que é a nossa rua 15... animadas pela mão do todo-poderoso, agitam-se as encantadoras bonecas de minha terra.

Tarde maravilhosa de um “mezzo” Outono.

As silhuetas elegantes de nossas conterrâneas eram gemas de raro valor, a rutilarem no tesouro da nossa Princesa do Sul.

Tic. Tic. Tac. meu pequenino relógio de pulso vai cantando a música doida das horas. Tic. Tic. Toc. os saltinhos Luís XV de seus mignos sapatinhos vão cantando alegres, nos mosaicos das calçadas.

Ilumina-se a grande vitrine pequeninos flocos de luz, começam a espiar para dentro das sombras espessas do crepúsculo.

Aos poucos como que acompanhando a agonia da tarde, vai morrendo também o “footing”. Encontro-me novamente a sós e insensivelmente recordo os versos d’aquela antiga canção napolitana:

“La note é bella, la luna vá spuntare”.

A Opinião Pública, Pelotas, 09 de maio de 1931, p. 4

Pelotas Social

Alfinetes (Joar)

Hoje, na rua 15, no dizer de um caro amigo, o “footing” ia de vento em popa. Descansando num dos muitos bancos da praça Cel. Pedro Osório, Mlle... tinha abandonado o “trottoir” e gozava a suavidade triste daquela hora crepuscular, em que o céu ostentava uma monótona nuance “grisaille”.

– Ele – passou e olhou-a com certa insistência. Mlle... mirou-o de cima para baixo, com um visível expressão de pouco caso!!

– O “dandy”, depois de ter feito mais alguns passos, voltou e olhou-a de novo, com a mesma insistência.

Mlle... então, amuadíssimos encarou-o, e sem mais nem menos, pôs a língua pequenina toda de fora, gesto este acompanhado de uma expressiva careta.

– Ele – não perdeu o aprumo, e disse-lhe referindo-se a cor avermelhada da língua de Mlle...

– Goiabada assim, não se encontra em “praça”!!

A noite vinha descendo mansa e silenciosa, perturbada, apenas, pelos gritos estrídulos dos pequenos vendedores de jornais...

ANEXO 4

Relação dos bens inventariados localizados na rua Quinze de Novembro, conforme Decreto N. 4490 de 27 de fevereiro de 2003, Prefeitura Municipal de Pelotas.

Fonte: DIAS, Renato Duro. **Um olhar jurídico-jurídico-multidisciplinar sobre a preservação do patrimônio cultural edificado na cidade de Pelotas.** Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural). Pelotas: UFPel, 2009 (p. 267-269).

Matrícula	Endereço	ZPPC
1. 208992.0	Rua Quinze de Novembro, 137	ZPPC 4 - Sítio da Caieira
2. 205612.7	Rua Quinze de Novembro, 152	ZPPC 4 - Sítio da Caieira
3. 205610.0	Rua Quinze de Novembro, 158	ZPPC 4 - Sítio da Caieira
4. 205636.4	Rua Quinze de Novembro, 171	ZPPC 4 - Sítio da Caieira
5. 205674.7	Rua Quinze de Novembro, 207	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
6. 205673.9	Rua Quinze de Novembro, 209	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
7. 205672.0	Rua Quinze de Novembro, 213	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
8. 202801.8	Rua Quinze de Novembro, 220	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
9. 202803.4	Rua Quinze de Novembro, 226	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
10. 202804.2	Rua Quinze de Novembro, 228	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
11. 202805.0	Rua Quinze de Novembro, 230	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
12. 202822.0	Rua Quinze de Novembro, 256	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
13. 202824.7	Rua Quinze de Novembro, 260	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
14. 202825.5	Rua Quinze de Novembro, 262	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
15. 205695.0	Rua Quinze de Novembro, 263	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
16. 203049.7	Rua Quinze de Novembro, 301	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
17. 203048.9	Rua Quinze de Novembro, 303	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
18. 203046.2	Rua Quinze de Novembro, 307	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
19. 203010.1	Rua Quinze de Novembro, 351	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
20. 203011.0	Rua Quinze de Novembro, 353	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
21. 202884.0	Rua Quinze de Novembro, 356	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
22. 202885.9	Rua Quinze de Novembro, 358	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
23. 202886.7	Rua Quinze de Novembro, 360	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
24. 203023.3	Rua Quinze de Novembro, 381	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
25. 202983.9	Rua Quinze de Novembro, 401	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
26. 202982.0	Rua Quinze de Novembro, 403	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
27. 202977.4	Rua Quinze de Novembro, 413	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
28. 202975.8	Rua Quinze de Novembro, 417	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
29. 202974.0	Rua Quinze de Novembro, 419/101	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
30. 202973.1	Rua Quinze de Novembro, 421	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
31. 201407.6	Rua Quinze de Novembro, 451	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
32. 201408.4	Rua Quinze de Novembro, 455	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
33. 201409.2	Rua Quinze de Novembro, 457	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
34. 201414.9	Rua Quinze de Novembro, 465	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
35. 201371.1	Rua Quinze de Novembro, 466	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
36. 201416.5	Rua Quinze de Novembro, 471	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
37. 201374.6	Rua Quinze de Novembro, 472	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
38. 201308.8	Rua Quinze de Novembro, 504	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
39. 201357.6	Rua Quinze de Novembro, 505	ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento

40. 201314.2 Rua Quinze de Novembro, 514 ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
41. 200093.8 Rua Quinze de Novembro, 559 ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
42. 200156.0 Rua Quinze de Novembro, 560 ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
43. 200575.1 Rua Quinze de Novembro, 618 ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
44. 200574.3 Rua Quinze de Novembro, 620 ZPPC 2 - Sítio do 2º Loteamento
45. 200906.4 Rua Quinze de Novembro, 660 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
46. 200904.8 Rua Quinze de Novembro, 664/A ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
47. 200905.6 Rua Quinze de Novembro, 664 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
48. 200825.4 Rua Quinze de Novembro, 665 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
49. 200900.5 Rua Quinze de Novembro, 668 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
50. 200829.7 Rua Quinze de Novembro, 669/101 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
51. 200901.3 Rua Quinze de Novembro, 670 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
52. 200830.0 Rua Quinze de Novembro, 671 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
53. 200831.9 Rua Quinze de Novembro, 673 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
54. 200986.2 Rua Quinze de Novembro, 701 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
55. 201030.5 Rua Quinze de Novembro, 702 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
56. 201028.3 Rua Quinze de Novembro, 704 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
57. 201027.5 Rua Quinze de Novembro, 708 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
58. 201026.7 Rua Quinze de Novembro, 710 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
59. 201023.2 Rua Quinze de Novembro, 716 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
60. 200994.3 Rua Quinze de Novembro, 719 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
61. 201020.8 Rua Quinze de Novembro, 726 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
62. 201016.0 Rua Quinze de Novembro, 730 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
63. 201015.1 Rua Quinze de Novembro, 732 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
64. 202077.7 Rua Quinze de Novembro, 751 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
65. 202076.9 Rua Quinze de Novembro, 753 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
66. 202075.0 Rua Quinze de Novembro, 755 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
67. 202087.4 Rua Quinze de Novembro, 756 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
68. 202090.4 Rua Quinze de Novembro, 760 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
69. 202091.2 Rua Quinze de Novembro, 762 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
70. 202068.8 Rua Quinze de Novembro, 769 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
71. 202096.3 Rua Quinze de Novembro, 776 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
72. 202300.8 Rua Quinze de Novembro, 806 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
73. 202246.0 Rua Quinze de Novembro, 813 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
74. 202247.8 Rua Quinze de Novembro, 815 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
75. 202305.9 Rua Quinze de Novembro, 816 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
76. 202306.7 Rua Quinze de Novembro, 820 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
77. 203716.5 Rua Quinze de Novembro, 855 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
78. 203715.7 Rua Quinze de Novembro, 857 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
79. 203710.6 Rua Quinze de Novembro, 869 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
80. 203709.2 Rua Quinze de Novembro, 871 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
81. 203708.4 Rua Quinze de Novembro, 873 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
82. 203892.7 Rua Quinze de Novembro, 902 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
83. 203904.4 Rua Quinze de Novembro, 903 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
84. 203891.9 Rua Quinze de Novembro, 904 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
85. 203890.0 Rua Quinze de Novembro, 906 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
86. 203906.0 Rua Quinze de Novembro, 907 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
87. 203889.7 Rua Quinze de Novembro, 908 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
88. 203888.9 Rua Quinze de Novembro, 910 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
89. 203885.4 Rua Quinze de Novembro, 914 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
90. 203910.9 Rua Quinze de Novembro, 915 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
91. 203884.6 Rua Quinze de Novembro, 916 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
92. 203880.3 Rua Quinze de Novembro, 924 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento
93. 203877.3 Rua Quinze de Novembro, 930 ZPPC 1 - Sítio do 1º Loteamento